

A romantic scene in a grand ballroom. A man in a black tuxedo with a white shirt and bow tie is embracing a woman from behind. The woman is wearing a dark, backless gown with a red sash and has her head tilted back. They are in the center of the frame. The background is an ornate, gilded ballroom with a large red curtain on the left and intricate carvings on the ceiling and walls. The lighting is warm and dramatic.

EMMA V. LEECH

UMA LEVE INDISCRICÃO

PATIFES E CAVALHEIROS ~ LIVRO 12

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

[O Duque Coríntio](#)

[Capítulo 1](#)

[Sobre Mim!](#)

[Outras obras de Emma V. Leech](#)

[Audiobooks \(títulos disponíveis apenas em inglês\).](#)

[Agradecimentos](#)

[Desafiando um Duque](#)

[Ousando Ser Indecente](#)

[Acertando as Contas com o Diabo](#)

[O Lorde Indomável](#)

[A Chave para Erebus](#)

[O Príncipe Sombrio](#)

[Quer mais Emma?](#)

Uma Leve Indiscrição

Por Emma V. Leech

Uma Leve Indiscrição

Por Emma V. Leech

Publicado por: Emma V. Leech.
Arte da capa por: Victoria Cooper
Título original: *A Slight Indiscretion*
Tradução: Inês Vanmuysen
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Direitos autorais (c) Emma V. Leech 2018
ASIN Noº.: B0D9HVL66W
ISBN No : 978-2-487015-31-9

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), locais, edifícios e produtos é inferida..

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

[O Duque Coríntio](#)

[Capítulo 1](#)

[Sobre Mim!](#)

[Outras obras de Emma V. Leech](#)

[Audiobooks \(títulos disponíveis apenas em inglês\)](#)

[Agradecimentos](#)

[Desafiando um Duque](#)

[Ousando Ser Indecente](#)

[Acertando as Contas com o Diabo](#)

[O Lorde Indomável](#)

[A Chave para Erebus](#)

[O Príncipe Sombrio](#)

[Quer mais Emma?](#)

Capítulo 1

"No qual conhecemos os protagonistas, cada um sonhando com personagens totalmente diferentes."

Cheyne Walk, Chelsea. 1819.



Era março, e uma noite fria e úmida condensava as janelas da elegante casa em Cheyne Walk. Às quatro da manhã, parecia que todas as almas em Chelsea estavam adormecidas, tamanha era a quietude. No entanto, no número dezesseis, algumas criaturas resistentes ainda permaneciam acordadas, apesar de uma noite agradável de convívio social, vinho, música e discussão animada. Em recantos isolados, conversas sonolentas e filosóficas ainda eram audíveis, mas, mesmo ali, o som de respirações suaves e ocasionais roncos era tudo o que perturbava a escuridão.

A Srta. Selina Darling, cujo pai era dono do número dezesseis, olhava ao redor do lugar com um suspiro. Tinha sido uma festa maravilhosa. As sempre populares festas de Bertie Darling geralmente eram, mas esta tinha sido especialmente divertida. Limpar tudo depois não era tão divertido, mas não se podia ter uma coisa sem a outra.

Com um sorriso afetuoso, ela olhou para os sofás idênticos em sua elegante sala de estar. De um lado, Kit Kendall estava esparramado. Ele era um poeta promissor de crescente renome, embora parecesse devasso e um tanto dissoluto quando visto desse ângulo. Seus olhos estavam fechados e Selina admirava a extensão de seus longos cílios escuros contra sua pele pálida. Um homem bonito para os padrões de qualquer um. Ao lado dele, o pintor Jack Mills roncava, com os braços servindo de travesseiro para sua cabeça.

Ele passou a maior parte da noite discutindo com Kit sobre a verdadeira natureza da arte e tentando persuadi-lo a posar para ele.

No sofá oposto, havia mais três artistas. Rupert Drake estava com a boca aberta e a cabeça no colo de sua irmã, Lizzie. Ela formava uma bela imagem em repouso, com seus cabelos escuros derramando-se sobre o veludo azul do sofá. Ao lado dela, e com os pés de Rupert no colo, Erasmus Ponsonby era um dos poucos ainda acordados, com o nariz enterrado em um livro. Alto e ruivo, de talvez trinta e cinco anos, com a tez avermelhada de um homem que gostava do ar livre – ele era um gigante escocês bonito e amigável. Ele olhou para cima e abriu um sorriso cansado para Selina.

— Que festa fabulosa, querida — disse ele, largando o livro e alongando as longas pernas. Erasmus era um homem grande e Selina reprimiu o nervosismo ao ver ele e os irmãos Drake no elegante sofá. Parecia improvável que as pernas finas do móvel fossem capazes de suportar o peso de Erasmus. — Seu pai se divertiu?

Selina deu um bufo. — Ele desapareceu por volta da meia-noite, então, acho que podemos supor que sim — respondeu ela, com o tom seco. Ela se curvou e pegou uma linda sapatilha de cetim verde, olhando ao redor para procurar pelo seu par, mas sem sucesso. Quem estava vestida de verde? Ela não se lembrava agora. Tantas damas glamourosas haviam passado pela casa na noite de ontem.

— Dasher ainda está aqui?

Selina estendeu a mão para pegar uma vela e se ajoelhou, esticando o pescoço para olhar embaixo de primeiro um sofá e depois do outro. — Não — disse ela, com a voz um pouco abafada. Ela suspirou quando nenhuma sapatilha foi encontrada e sentou-se direito. — Ela foi embora há mais ou menos uma hora.

— E deixou Kit aqui? — perguntou Erasmus, com um tom de voz pensativo.

Ela sorriu para ele e ficou de pé. — Isso nunca vai acontecer como você deseja, Ras, querido. Eles gostam muito um do outro, mas Kit está procurando por seu amor verdadeiro, e não tenho

certeza se Dolly irá criar raízes de vez. Não importa o quanto você deseje que ela o faça.

Erasmus suspirou e Selina lançou-lhe um olhar de simpatia. O homem tinha um coração romântico e queria ver todos felizes com seus pares. Ele nunca perdia uma oportunidade de bancar o casamenteiro.

— E você, linda Luna? — perguntou ele, chamando-a pelo apelido carinhoso dado por seupai, cujo significado é Lua. — Nenhum príncipe encantado roubou o seu coração esta noite?

— Infelizmente, não — respondeu ela, balançando a cabeça ao se levantar. — Temo que as minhas exigências sejam demasiado numerosas e complexas para serem cumpridas. Estou resignada a ser uma dama escandalosa com uma série de jovens amantes bonitos em meu nome. Parece que se adequa suficientemente bem à Sra. Dashton.

Ela disse as palavras com uma risada, mas Erasmus conhecia-a suficientemente bem para saber que não era o que ela realmente desejava, embora parecesse ser um destino cada vez mais próximo. Homens eram tão decepcionantes.

Erasmus se inclinou para frente, intrigado, e Selina recriminou-se por dizer aquilo. Ele sempre apresentava homens elegíveis para ela, como era de se esperar. — O que você quer, então? — perguntou ele. — Quais são as características desse epítome de masculinidade?

Ela bufou e foi sentar-se no braço do sofá ao lado dele, mas depois achou melhor não. Em vez disso, ela se inclinou em direção à mesinha de centro e empurrou para um lado uma dúzia de taças de vinho vazias, acomodando-se ali. — Deixe-me ver — disse ela, marcando cada item em seus dedos. Se Erasmus estava determinado a bancar o casamenteiro – e certamente não havia como impedi-lo de fazer isso – era melhor que ele tivesse algo em que se basear. — Ele precisaria ter a mente aberta e não restringir de forma alguma a minha liberdade. Eu não suportaria me casar com um homem que ditasse para sempre quem eu veria e para onde eu poderia ir.

— Naturalmente — respondeu Erasmus, recostando-se em seu assento e assentindo. — Então, talvez um homem criativo que encoraje o seu amor pelas artes.

— Talvez — disse ela, considerando a ideia com uma carranca. — Não é importante para mim que ele tenha fortuna, embora não me atraia a ideia de estar sem um tostão furado, mas ele também deve ser leal e confiável. Nada de pintor ou poeta irresponsável, por mais romântico que seja. Não quero morrer de fome em um sótão abandonado. Sem querer ofender.

— Não me ofendeu — disse Erasmus, embora seus lábios tenham se contraído um pouco.

Selina assentiu e continuou com sua lista: — Eu quero alguém que também seja um bom amigo e companheiro, não apenas um amante. Não alguém que gastará todo o nosso dinheiro em tintas e telas sem pensar nos meus sentimentos ou se trancar durante meses enquanto comunga com a sua musa. Ele também deve ser totalmente fiel — acrescentou, com a voz severa, enquanto as grossas sobrancelhas loiras de Erasmus se juntavam. — Isso *não* é negociável.

— Verdade, querida.

— Eu quero alguém que seja forte, mas que possa ser doce. Inteligente e seguro de si mesmo, com uma veia romântica, é claro. Um homem que possa curvar-se, adaptar-se e desfrutar do inesperado, mas que estará sempre presente quando eu precisar dele. Ele deve amar a arte e a poesia, ler e divertir-se, oh, e ser um bom pai para os nossos filhos. O tipo de homem que se abaixe no chão e brinque com eles sem temer parecer um tolo.

— Um verdadeiro epítome de masculinidade — disse Erasmus, com o tom pensativo.

Selina soltou um suspiro. — Eu sei disso — respondeu ela. — Não é à toa que tenho vinte e seis anos e ainda não me casei, sabe.

Ela lançou-lhe um sorriso irônico e ele estendeu a mão para ela. Selina pegou-a e ele deu um suave beijo em seus dedos.

— Vou pensar no assunto, linda Luna. Ele deve existir em algum lugar. Não descansarei até ver você feliz. Para mim, amar e ser amado é o único objetivo na vida de uma pessoa.

— Seu grande manteiga derretida — disse ela, expressando afeto pelo homem.

Ele não negou tal fato e apenas apertou os dedos dela. — Vá para a cama, querida. Esqueça a arrumação. A bagunça ainda estará aqui pela manhã.

— É isso que me preocupa. — Selina deu-lhe um sorriso triste e ele riu, emitindo um som grave e caloroso que fez o sorriso dela se ampliar ainda mais.

— Eu vou ajudá-la, e Lizzie e Rupert também. Ajudaremos você a expulsar essas criaturas inúteis neste cruel amanhecer, eu prometo.

— E quem expulsará você? — perguntou ela, levantando as sobrancelhas para ele, com um tom de voz divertido.

— Oh — respondeu Erasmus, pressionando uma mão teatral sobre o peito como se tivesse sido atingido por uma flecha. — Isso doeu, querida.

— Criatura ridícula — disse ela, rindo de seus dramas. — Muito bem, vou para a cama. Embora eu não tenha a menor ideia de quem ou do que possa estar espreitando a casa agora. Parece haver corpos por todo o lado.

— Tranque a porta — disse Erasmus, assentindo. Ele não estava brincando desta vez e Selina se inclinou para beijar sua testa.

— Pode deixar. Boa noite, Ras.

— Boa noite, querida. Bons sonhos.

Castle Hadley, Dorset.

Lorde Fitzwilliam Lancaster, o quinto Marquês de Henshaw, olhou-se no espelho com um ar crítico. Não era a vaidade que o fazia inspecionar o próprio reflexo, mas sim, a necessidade de garantir que tinha feito o melhor que podia. Seu cabelo era escuro e espesso; mas

o marquês não exibia o estilo devasso *à la Brutus*. Simplicidade, asseio e sobriedade, esses eram os ideais de um homem que era avesso à ostentação. Usar um colete chamativo ou amarrar sua gravata de alguma maneira complexa era um anátema para Will, que preferia ser discreto a ser notado.

— Isso será tudo, Button, obrigado — disse ele, convencido de que não poderia fazer mais melhorias em relação à sua pessoa.

— Muito bem, milorde.

Button curvou-se, o movimento um tanto artrítico, e deixou seu patrão sozinho. Will suspeitava que o ar úmido, após uma noite de forte chuva, estava fazendo a artrite do sujeito se manifestar. Não que Button fosse admitir que tinha artrite. O clima frio e úmido da primavera, combinado com o número vertiginoso de degraus em Hadley Castle, em Dorset, seria um desafio até para um homem muito mais jovem que ele.

Will sabia que devia levantar a questão de sua aposentadoria, mas Button dava-lhe uma sensação de segurança. O homem tinha sido valete de seu pai por muitas décadas, e, embora apenas a serviço de Will por alguns meses, ele parecia saber muito sobre os assuntos relacionados a um marquês e muitas vezes acalmava as dúvidas de Will com uma palavra tranquilizadora de segurança.

Ele sempre fazia isso com tamanha sutileza que nunca soava como um conselho. Um criado jamais ousaria dar opiniões ao seu patrão, é claro, mas Button o fazia, de maneira indireta. Will não era nem arrogante nem estúpido a ponto de não perceber o que estava acontecendo, pelo contrário, ele era grato.

Nos últimos meses, ele havia enfrentado um turbilhão emocional, o que o deixou sentindo-se mais velho, mais grisalho e consideravelmente menos confiante do que antes.

Tudo começou com a morte inesperada de seu irmão mais velho Hugh, o Conde de Dreighton. Hugh tinha apenas quarenta e dois anos, mas seus anos de excessos o deixaram gordo e corado. Apesar do conselho de seu médico para seguir uma dieta mais moderada e evitar excessos, ele não fez nada disso. Ele continuou a comer e

beber como se cada refeição fosse sua última... até que acabou sendo.

Sua morte chocou profundamente Will. Não que tenham sido amigos. Hugh era um valentão arrogante e sempre foi filho e herdeiro de seu pai, enquanto ele e seu irmão mais novo, Ben, eram apenas peças sobressalentes. Enquanto o pai deles mimava Hugh em todos os sentidos, ele os ignorava.

Ben distinguia-se por ser o mais escandaloso possível. Antes de seu recente casamento, ele era conhecido por ser um mulherengo e libertino de primeira ordem, dando, finalmente, orgulho ao seu pai, pois o velho marquês jurava que ele tinha a quem puxar.

Por outro lado, Will instintivamente temia a notoriedade. Só de pensar nas pessoas falando sobre ele por qualquer motivo que fosse já era suficiente para fazê-lo suar, com uma sensação doentia revolvendo suas entranhas.

Assim, quando jovem, havia se empenhado em conquistar o respeito de seu pai sendo o filho sensato e aprendendo tudo o que podia sobre o funcionamento das propriedades. Seu pai e seus irmãos podiam gastar dinheiro como se não houvesse amanhã, mas Will planejava e economizava. Ele seguia as regras da sociedade, nunca se desviando dos princípios que definiam um cavalheiro como tal.

Apesar disso, tudo o que ele ganhou foi a falta de interesse de seu pai – que o considerava maçante – e o desprezo de seu irmão mais velho. Ele e Ben sempre se entenderam, embora soubesse que seu irmão mais novo ainda o considerava um moralista.

Talvez ele estivesse certo.

Dessa forma, quando Hugh morreu, por alguns breves dias, Will foi o Conde de Dreighton. Logo em seguida, seu pai, que havia ficado acamado por anos, seguiu seu herdeiro para o túmulo, tornando Will, o Marquês de Henshaw.

Desde que se lembrava, Will cobiçava ambos os títulos. Ao contrário de muitos que admitiriam o mesmo, não era para lhe dar

poder ou superioridade para que ele pudesse se impor sobre aqueles que não eram seus iguais. Ele simplesmente queria fazer o trabalho como deveria ser feito e como sabia que precisava ser feito.

Na sua opinião, era um trabalho sério: uma responsabilidade que deveria ser encarada como um fardo.

Se fosse um fardo, era um que tanto seu pai quanto seu irmão mais velho haviam evitado a vida inteira. No entanto, milhares de pessoas dependiam da boa-administração de suas numerosas e vastas propriedades, e ele sentia o peso de suas vidas em suas mãos. Portanto, ele seria tudo o que um homem de sua posição deveria ser. Honestidade e integridade seriam a base sobre a qual ele construiria seu legado. Não haveria cantoras de ópera, dançarinas, jogos de azar, devassidão ou dissipação. O nome da família perderia sua notoriedade. As histórias escandalosas com as quais seus irmãos e seu pai alimentavam os boatos seriam enterradas sob o peso de sua reputação como um homem de força moral e honra inabalável.

Era seu destino restaurar o brilho a um nome há muitos anos maculado, e ele não permitiria que nada o desviasse desse caminho.

Era tardezinha quando a carruagem do irmão mais novo de Will chegou a Hadley Castle. Lorde Ben Lancaster saltou da carruagem dando um sorriso a Will antes de se virar para ajudar sua esposa a descer.

Dinah era uma criatura glamourosa, bonita demais para a paz de espírito de qualquer homem, na opinião de Will, embora ele a respeitasse. No começo, ele ficara horrorizado ao saber do casamento de Ben com uma mulher que não fazia parte de uma família ilustre e estava longe de ser bem-vista pela alta sociedade.

Seus ânimos se exaltaram ainda mais quando seu irmão mais novo se tornou ainda mais infame ao abrir, dentre todas as coisas, uma casa de jogos!

O conhecimento do fato causou muitas noites sem dormir a Will. Isso ia de encontro com as suas intenções para o futuro, mas as

mortes de seu pai e irmão mais velho ainda estavam frescas em sua memória e a vida de Ben era dele para ser vivida da maneira que quisesse. Will chegou a essa conclusão após dias de angustiante busca interior e porque realmente gostava de Ben, fora que sabia que o excluir de sua vida seria algo que ele nunca poderia fazer. Além disso, como parte do homem honesto e de princípios que esperava ser, ele deveria liderar pelo exemplo em vez de censurar os outros por comportamentos que não podia controlar.

Will cumprimentou seus convidados com genuíno prazer. Ele não via Ben desde os funerais de Hugh e de seu pai, e ansiava por um momento mais descontraído para conhecer melhor um homem com quem mal havia convivido nos últimos anos.

— Dinah, você está radiante como sempre — disse Will, sorrindo. As palavras também não eram bajulação. Seu irmão lhe havia confidenciado que Dinah estava grávida, e a mulher parecia radiante por causa disso. Era óbvio que os dois não poderiam estar mais felizes e Will suprimiu uma pontada surpreendente de inveja. Ultimamente, ele vinha pensando muito em encontrar uma esposa, e ver a felicidade evidente de Ben e Dinah apenas o deixava ainda mais nervoso.

— É bom vê-lo, Will — disse Ben, apertando sua mão com entusiasmo. — Devo chamá-lo de Henshaw agora?

Will bufou e revirou os olhos. — Como se você fosse fazê-lo, mesmo que eu o exigisse — retrucou ele, enquanto Ben lhe dava um tapinha nas costas e ria.

— Bem, eu sei que você é um defensor das regras, meu irmão.

Ben piscou o olho e Will balançou a cabeça. Ele não cairia na provocação de Ben, havia esperado ansiosamente para vê-lo. Além disso, ele era maduro o suficiente para não se incomodar com as brincadeiras de seu irmão. Uma imagem de si mesmo como o chefe benevolente de uma família grande e feliz preencheu sua mente por um momento e agradou-o tanto que ele abriu um sorriso caloroso para Ben e sua esposa.

— Estou tão feliz que vocês dois vieram. Quero que saibam que são sempre bem-vindos aqui, sempre que quiserem vir.

Ben fez uma pausa e respondeu com um sorriso igualmente caloroso. — Obrigado, Will. Isso significa muito para nós.

Tomado por uma sensação de imenso bem-estar, Will conduziu-os ao enorme e extenso edifício que era Hadley Castle.

Capítulo 2

"No qual o destino (e o seu irmão) conspiram contra o nosso herói."



— Ah, fala sério, Will. Pare de ser tão maçante.

Ben encheu o copo de Will e depois o seu enquanto relaxavam perto da lareira crepitante. Apesar do fogo queimar seus rostos, o ambiente permanecia frio. Esse era o problema do castelo, por mais que Will o adorasse, os meses de verão eram os únicos em que se sentia relaxado.

Dinah já havia se retirado, apesar de ainda ser cedo, alegando que seu estado delicado exigia repouso. Will suspeitava que não fosse nada disso, pois seus olhos tinham um aspecto vivaz e adorável, mas, mesmo assim, ele ficou grato.

Ele estava gostando de conversar com Ben, os dois a sós, até que o homem começou a azucriná-lo.

— Eu não sou nada disso — disse Will, um tanto irritado pelas palavras. — Você sabe que eu não suporto festas.

Ben lançou-lhe um olhar fulminante que fez Will se sentir tão velho quanto Matusalém.

— Eu saio, como você bem sabe — disse ele, perguntando-se por que sentia a necessidade absurda de se defender. — Eu não preciso de uma ama para me forçar a frequentar a sociedade.

— Quando? — Ben cruzou os braços, com diversão nos olhos. — Quando foi a última vez que você saiu?

Will hesitou. — Estive de luto — respondeu ele, com dignidade.

Seu irmão mais novo bufou e revirou os olhos. — Muito bem, isso cobre seis meses, mas quando foi a última vez que você foi a

uma festa ou evento antes disso?

Will abriu a boca e depois fechou-a novamente. — Isso não importa. Já tenho contato social suficiente para o meu gosto, mas agradeço mesmo assim.

— Oh, por favor, Will — disse Ben, cheio de frustração. — Pelo amor de Deus. Uma pessoa se torna uma chata de galocha quando só trabalha e esquece de se divertir. Além disso, agora que você é Lorde Henshaw, tem o título a considerar. Precisa de um herdeiro.

— Você parece estar cumprindo esse quesito adequadamente — disse Will, seu tom seco enquanto balançava o copo de um lado para o outro nas mãos.

Ben riu, lançando-lhe um sorriso presunçoso e Will suspirou com a visão. Ben sempre teve o dom de conquistar a simpatia das pessoas. Encantador e divertido, ele era... agradável de se estar por perto. Para falar a verdade, Will invejava o seu dom. Hugh sempre sentiu uma inveja amarga de Ben, e essa era uma das várias razões pelas quais seu irmão mais velho o detestava.

— Diga-me a verdade — disse Ben, com um ar confiante que deixou Will nervoso.

Ele não gostava de compartilhar confidências e suspeitava que Ben perguntaria sobre assuntos pessoais que Will não queria discutir.

— Você está pensando em se casar, não? Já está velho demais para isso, irmão.

Will se irritou, indignado. — Tenho trinta e dois anos! Ainda não estou senil.

— O tempo passa, meu velho. Olhe só para Hugh. — Ben deu de ombros e sorriu para ele.

Com uma carranca, Will se virou e recusou-se a responder àquilo, encarando o fogo. As palavras de Ben martelavam em sua mente. Ele precisava se casar e precisava de um herdeiro. A morte de Hugh o fez refletir sobre sua própria mortalidade e tudo o que desejava alcançar antes de partir deste mundo.

Não se tratava apenas das propriedades ou de seu legado; ele desejava ter filhos, um filho que buscasse sua orientação e o significado de ser um homem. Will tinha total intenção de ser um bom exemplo e dedicar ao garoto cada momento de seu tempo. Isso valia em dobro para qualquer segundo ou terceiro filho ou filha. Não haveria favoritismo no seu mundo. Seus filhos saberiam que eram amados e valorizados em igual medida.

Will se sobressaltou e olhou para cima quando Ben estalou os dedos. — Pelo amor de Deus, Will, é apenas uma festa, não há necessidade de ficar tão sério. Até parece que vai para a força.

Com um suspiro de resignação, Will lançou um olhar carrancudo em sua direção. — Oh, muito bem. Não terei um momento de paz enquanto não concordar. Sim, Ben, eu irei com você nessa maldita festa!

— Excelente — respondeu Ben. Ele se recostou e então levou o conhaque aos lábios, observando Will por cima da borda do copo enquanto um brilho de divertimento dançava em seus olhos. — Não foi tão difícil, foi?

Will suspirou.

Selina olhou ao redor do salão com um suspiro de desespero e xingou mentalmente seu pai. Ela nunca deveria ter permitido que ele a persuadissem a ir a esta festa.

Eles haviam saído de Londres para Dorset com o objetivo de passar a semana na bela Belvedere House. Era uma parte gloriosa do país, a casa era uma bela mansão do século XV, e os convidados pareciam ser a nata da sociedade.

Selina só queria ir para casa.

O convite para ambos tinha vindo de Lorde Thomas Tindall, o Conde de Stanthorpe. Lorde Tindall, ou Tommy como era conhecido em seu círculo íntimo, tinha uma certa predileção por ela. Ele nunca tomou atitude alguma a respeito, sabendo, como ambos sabiam, que

nunca poderia se casar com alguém de sua posição. A mãe dele o mataria.

Ele era um homem gentil e tinha dificuldades de dizer não. Seu pai ainda nutria esperanças de que o conde desafiasse sua autoridade mãe e o resto de sua família intimidadora e pedisse sua mão, a despeito de tudo.

Selina não esperava nada disso.

Lorde Tindall era um homem bom e gentil. Ele parecia mais um querubim, com um monte de cachos loiros e um rosto que sempre parecia prestes a rir. Ele também era rico e bonito e... não despertava nada nela.

Selina suspirou mais uma vez. Se ela tivesse um pingote de bom senso, faria charme e o incentivaria até que ele se apaixonasse por ela de tal forma que até mesmo sua temida mãe não pudesse impedir. Pelo menos, assim, ela teria segurança, algo que não podia afirmar ter no momento. Seu pai andava inquieto há dias. Ela suspeitava que as perdas que ele tivera nas corridas na semana passada tinham sido bem maiores do que ele havia deixado transparecer, e ele estava tentando encontrar o momento certo para lhe contar.

Ela preferia que ele fosse direto ao ponto e revelasse logo o pior. Era melhor enfrentar logo a situação do que sofrer com mais um instante desta interminável noite.

Era como ela sabia que seria.

Seu pai, coitado, estava alheio a tudo. Por ser homem, sua notoriedade não o incomodava. Para Selina, era diferente. Sendo filha de um filho mais novo desonrado e de uma atriz, Selina havia decidido, ainda jovem, aceitar sua situação. Eles nunca a aceitariam na alta sociedade, e ela mesma não tinha interesse em fazer parte dela. Em vez disso, ela se deleitava com a liberdade de sua situação. As infames festas de seu pai haviam trazido todos os tipos de pessoas interessantes para o seu círculo. Selina podia conversar sobre vida e morte, arte e uma variedade de assuntos fascinantes com atores, artistas, escritores e cortesãos, e ninguém a consideraria

sincera demais ou desinibida. Aqui, no entanto... ela suprimiu um arrepio de ansiedade e se perguntou quanto tempo levaria até que ela pudesse ir embora.

Em meio à multidão, ela avistou cachos dourados. *Essa não.* Ela se virou, planejando uma retirada rápida, e foi de encontro a uma figura imponente.

O copo de orchata que ela segurava derramou e respingou sobre um colete de seda azul, que era elegante e discreto.

— Oh, meu Deus — gritou ela, mortificada, quando um muxoxo irritado de aborrecimento chegou aos seus ouvidos. Santo Deus, será que esta noite tinha como piorar?

Selina levantou o olhar... e ergueu-o mais um pouco, deparando-se com os olhos azuis frios de um homem com uma presença intimidadora.

— Peço perdão. — Ela engoliu em seco, as bochechas ardendo de vergonha sob o peso de um olhar que poderia ter congelado as profundezas do inferno para onde ele desejava claramente que ela fosse.

— Não se preocupe — disse uma voz alegre, ao lado do homem carrancudo.

Seus olhos ousaram desviar do olhar furioso e se voltaram para a voz mais amigável. O homem que tinha falado só podia ser o irmão do diabo possesso, pois havia uma óbvia semelhança. Ambos tinham a mesma estatura, largura e olhos azuis. Os olhos daquele que tinha falado, porém, brilhavam com calor e riso.

Seu irmão, por outro lado...

— Eu sou Lancaster — disse o alegre sujeito, apresentando-se, ao passo em que Selina se deu conta de que já o conhecia. Lorde Lancaster costumava ser convidado para as festas de seu pai, embora ela nunca tivesse falado com ele. Ele gesticulou para o homem ao seu lado, que estava enxugando seu colete com um lenço branco imaculado. — E este é o meu irmão, o Marquês de Henshaw.

Selina desejava nada mais do que encolher-se e desaparecer. Não bastava ter jogado sua bebida em cima de um dos grandes nomes da alta sociedade inglesa.

Ah, não...

Ela tinha que escolher logo um *marquês*.

— Espere um minuto. Eu conheço você — disse Lancaster, com compreensão iluminando seus olhos.

Ah, maldição.

— Você é filha de Darling Bertie [1].

Selina estremeceu. A alcinha de seu pai foi o último prego em seu caixão, se o olhar de repulsa que o marquês lançou em sua direção servia de indicativo.

— Minha nossa, você era apenas uma garotinha na última vez que eu te vi — continuou o homem, aparentemente alheio ao fato de seu irmão querer encerrar essa conversa e ficar o mais longe possível dela. — Você é a cópia da sua mãe, sabia?

A contragosto, Selina se animou. Ela adorava falar da mãe. Ouvir as pessoas lembrarem dela e de seu grande talento como atriz era sempre um prazer.

— Já me falaram a mesma coisa — respondeu ela, tentando simular um sorriso.

— Lembra-se, Will? — perguntou ele, voltando-se para a figura muda ao seu lado. — Nós dois a vimos. Jane Sissens, ela interpretou Lady Teazle em *A Escola do Escândalo*.

O marquês franziu a testa ao olhar para o próprio colete, que claramente não tinha salvação, e guardou o lenço molhado.

— Acredito que sim — disse ele, com uma voz desinteressada. Ele olhou para ela e Selina suprimiu o súbito desejo de fazer uma reverência. — Se nos der licença, Senhorita...?

— Darling — forneceu Selina.

— Srta. Darling — disse ele, fazendo-lhe uma reverência formal e muito rígida antes de se virar e arrastar o irmão com ele.

Lorde Lancaster lançou-lhe um olhar apologético antes de o seguir. Selina deu uma profunda inspiração. Graças a Deus essa provação havia acabado.

Aproveitando a oportunidade para se esconder, ela avistou um canto tranquilo do salão, atrás de um vaso com uma palmeira. Enquanto se recostava na parede, Selina permitiu que seus nervos se acalmassem um pouco. Assim que recuperasse o fôlego, encontraria o pai e exigiria que partissem. Ela não suportava mais um momento sequer dessa tortura entre criaturas pomposas como o maldito marquês, que a fazia sentir-se completamente deslocada e indesejada.

Com pesar, ela percebeu que tinha permitido que o homem a fizesse se sentir assim. Ele não era nada além de um homem, independentemente de seu título imponente. Quem era ele para fazê-la sentir-se insignificante? Quem eram, afinal, essas pessoas? Selina descobriu que estava bastante zangada e se sentiu um pouco melhor por isso.

— Você não precisava ser tão grosseiro!

Selina ficou horrorizada ao perceber que os irmãos haviam voltado para o salão e agora estavam do outro lado da palmeira. Com o coração disparando, ela rezou para que não demorassem, ou ela ficaria a noite toda presa naquele cantinho sombrio.

— Não fui grosseiro — respondeu o marquês, parecendo irritado.
— Eu disse a ela para não se preocupar.

— Não, não disse — exclamou Lorde Lancaster. — *Eu* disse! E estávamos tendo uma conversa interessante antes de você decidir ignorá-la totalmente. O que diabos deu em você?

— Céus, Ben — respondeu o homem, com a voz ríspida e impaciente agora. — Ela é filha de Darling Bertie e de uma atriz. Sem dúvida, você já ouviu falar do círculo hedonista com o qual ela se envolve? Você me arrastou até aqui sob o pretexto de tentar

encontrar uma esposa para mim. Eu não queria estar aqui, mas, se isso for necessário para encontrar uma mulher adequada, certamente você não espera que eu ature a companhia de alguém que eu jamais consideraria desposar, tal como a Sra. Dashton que podemos ver no outro lado do salão.

Houve um silêncio tenso antes que seu irmão respondesse. — Eu não esperava que você a pedisse em casamento, mas alguns momentos de conversa civilizada com uma jovem interessante e adorável certamente não deveriam ter que ser *aturados*. Meu Deus, Will. O que diria Dinah se o ouvisse falar assim, ou acha a mesma coisa da minha mulher?

“Eu sempre soube que você era um arrogante, mas...

Ela teve a impressão de que Lorde Lancaster rapidamente fechou a boca antes de dizer algo de que pudesse se arrepender.

— Você estava certo. Isso foi um erro — disse ele, com sua voz calma agora. — Você tem a minha palavra de que eu nunca vou forçá-lo a se socializar novamente.

— Ben, espere...

O tom era de remorso na voz do marquês quando Selina espiou através das folhas da palmeira e viu Lorde Lancaster se afastar, rígido de fúria. Bem, lá se vai um bom homem, ela pensou com pesar. Pena que era casado. Ela lembrou-se então que houve um grande escândalo por causa disso, pois ele se casou com alguém muito abaixo dele. Ele então piorou ainda mais a situação abrindo uma casa de jogos de sucesso com sua esposa. Meu Deus, isso devia ser difícil de engolir para seu irmão moralista.

O moralista em questão ainda estava de pé ao lado da palmeira. Seus ombros largos estavam tensos e suas mãos entrelaçadas atrás das costas. Selina prendeu a respiração, rezando para que ele se afastasse e, depois do que pareceu uma eternidade, ele o fez.

Ela escapou, na esperança de ir atrás de seu pai, mas depois de uma busca exaustiva pela enorme mansão, não o encontrou em lugar algum. Com uma careta, Selina percebeu que devia ter se deparado

com uma companhia disposta a passar a noite com ele e não seria visto novamente. O desejo de deixar a atmosfera sufocante da festa e os acontecimentos perturbadores da noite tornou-se irresistível. Assim, quando viu a Sra. Dashton sozinha por um momento, enquanto o seu acompanhante ia lhe buscar uma bebida, ela agarrou a oportunidade.

— Dolly! — gritou ela, correndo em direção à Sra. Dashton e agarrando-se ao seu braço. — Dolly, você tem que me ajudar.

— Selina, querida! — exclamou Dolly, com seus lindos olhos cheios de preocupação. — Qual é o problema?

— Oh, nada demais — disse ela, não querendo preocupar a mulher. — Mas não posso suportar outro momento entre essas pessoas horríveis. Como você consegue aguentar isso?

Dolly riu, um som caloroso de diversão genuína. Ela ainda era a mulher mais bonita naquele lugar, apesar de estar na casa dos quarenta anos. Ela também era a mais escandalosa, tendo feito sua fortuna como amante de muitos homens ricos que a presenteavam com regalos e dinheiro em troca de sua companhia. Hoje em dia, ela era tão rica que não precisava mais de proteção e escolhia seus próprios amantes dentre todos os homens mais bonitos, muitas vezes muitos anos mais jovem. A maior parte da alta sociedade não teria convidado Dolly para tal reunião, nem Selina e seu pai, para falar a verdade, mas Lorde Tindall tinha uma mente mais aberta do que a maioria.

— Como eu aguento isso? — repetiu Dolly, com um sorriso insinuando-se em seus lábios. — Não dando a mínima, querida menina. As mulheres são invejosas, e a maioria dos homens aqui já me cortejou em algum momento. Eu sei do meu valor agora e não preciso da opinião deles para me sentir validada. Sou o que sou. Fiz o que tinha de fazer para sobreviver em um mundo cruel... e cá estou eu. — Ela deu de ombros, seu rosto se suavizou enquanto olhava para Selina com compaixão. — É diferente para você, minha doce menina. O escândalo não é culpa sua, e eles não deveriam julgá-la

assim, mas o farão. Tem de aprender a aguentar, embora eu saiba que é difícil.

— É — concordou Selina, olhando para o copo vazio que ainda carregava. Suas luvas estavam molhadas, meladas de orchata, e ela desejava ter a confiança de Dolly. Ela pensava estar imune a opiniões como as do marquês, mas parecia que essas pessoas ainda tinham o poder de magoá-la.

— Você também não deveria estar falando comigo, Selina — acrescentou Dolly, abaixando a voz. — Não vai ajudar sua situação. Agora, diga-me o que precisa.

Selina olhou para ela, com lágrimas escorrendo em seus olhos enquanto respirava fundo. — Eu quero ir para casa. Agora. Neste exato minuto, mas o meu pai desapareceu e...

Dolly revirou os olhos. — Claro que ele desapareceu. Muito bem. Vá buscar as suas coisas. Vou mandar prepararem minha carruagem para levá-la de volta a Londres. Mas vai ter que viajar sozinha, ouviu?

— Eu não me importo — disse Selina, determinada agora. — Eu posso fazer isso. Eu simplesmente não posso fazer *isto*. — Ela acenou com a mão para gesticular para o salão ao redor. — Por favor, peça desculpas a Lorde Tindall em meu nome. Diga-lhe que eu... eu...

— Vou pensar em algo — disse Dolly, estendendo a mão para apertar os seus dedos. — Agora, vá.

Selina soltou um suspiro de alívio e saiu correndo do salão o mais rápido que pôde.

Capítulo 3

"No qual os nossos protagonistas enfrentam uma noite de confrontos e transtornos."



Will vagava pela mansão com os pensamentos confusos. Uma mistura de culpa e indignação fervilhava dentro dele, e ele não sabia qual dessas emoções deveria confessar que sentia. Ele lamentava ter aborrecido Ben. Não tinha sido sua intenção, mas raramente era. De alguma forma, ele sempre parecia estar fora de sintonia com seu irmão mais novo e frequentemente o irritava. Ben o considerava rígido demais, antiquado. Um moralista.

Ele franziu a testa, perguntando-se por que Ben desaprovava todas as coisas que a sociedade parecia valorizar tanto. A percepção de que talvez não pudesse agradar tanto a seu irmão quanto aos pontos de vista da sociedade era algo que o perturbava. Ele não queria ter que escolher.

Will olhou para cima ao perceber que havia subido as escadas e agora estava em um amplo corredor. Ambos os lados estavam iluminados com velas em candelabros e adornados com pinturas. Ele estudou cada quadro, sentindo sua tensão diminuir um pouco enquanto se perdia nas obras. Havia uma pintura particularmente intrigante. Todas as outras eram belas paisagens ou retratos, enquanto essa retratava um ferreiro em ação.

Era estranho ver uma cena tão prosaica em uma tela tão grande. A imagem não havia sido romantizada, ao contrário da tendência atual para esse tipo de retrato. O homem parecia cansado e suado, com a forja em que trabalhava quente e esfumaçada pela fornalha. Era uma cena que Will reconhecia do cotidiano, e ele se perguntava por que um assunto tão comum e rotineiro era tratado de uma

maneira que os grandes mestres poderiam ter tratado um tema religioso ou algo de maior importância, como uma batalha.

Ele estava tão absorto e intrigado que não ouviu os passos suaves no outro extremo do corredor, até se deterem.

Will virou-se e a sua tensão voltou com força quando se viu sozinho no corredor com a jovem que havia ignorado mais cedo naquela noite; a mesma mulher que causou a discussão entre ele e o seu irmão. Ele ficou paralisado, ciente de que não havia mais ninguém por perto.

— Por favor, não se incomode, milorde — disse a jovem, com o tom tão arrogante quanto o de uma duquesa. — Não tenho intenção de fazer você aturar a companhia de uma criatura tão promíscua como eu, nem o envolver em uma situação comprometedora. Prometo-lhe que, embora eu seja apenas filha de Darling Bertie com uma atriz, prefiro caminhar sobre brasas chamejantes a ser sua esposa.

Will fitou-a boquiaberto, dividido entre horror e raiva. Meu Deus, de alguma forma a mulher havia ouvido as suas palavras. Tudo o que ele tinha dito sobre ela foi jogado de volta na cara dele. Sua raiva se dissipou um pouco quando ele percebeu que o desafio e a raiva em sua expressão não se igualavam a de seus olhos. Eles estavam cheios de lágrimas e ameaça, e ele sentiu uma súbita onda de culpa ao imaginar como suas palavras teriam soado para ela.

Ela balançou a cabeça, com seus cachos loiros dançando com fúria à medida que ela se afastava dele.

— Espere — disse ele, pela segunda vez naquela noite. Desta vez, porém, ele foi ouvido e ela hesitou. — Fui abominavelmente grosseiro. Se ouviu mesmo a nossa conversa, sabe que o meu irmão já me repreendeu por isso. Peço desculpa, Srta. Darling.

Ela bufou, olhando para ele com desprezo. — Por favor, não faça isso — disse ela, suas palavras duras e zangadas. — Um pedido de desculpas só é aceitável se for sincero, o que não é o seu caso. Você acredita que sou muito inferior a você, uma criatura indigna de sua atenção, e eu acredito que sua visão não tenha mudado nem um

pouco. A única razão pela qual pede desculpa agora é para amenizar a sua própria culpa por ter sido ouvido. Não, não aceito as suas desculpas. Boa noite, Lorde Henshaw.

Will respirou fundo, assustado com a veemência de sua raiva. Nunca, em toda a sua vida, uma mulher falou com ele de tal maneira. *Que criatura terrível!* Ele se rebaixou para se desculpar por tê-la ofendido e...

Ele observou enquanto ela marchava pelo corredor em direção ao seu quarto e batia a porta com força. Suas palavras voltaram a sua mente, ressoando em seus ouvidos. *A única razão pela qual pede desculpa agora é para amenizar a sua própria culpa por ter sido ouvido.* Com um leve desconforto, Will teve que admitir que poderia haver verdade em sua acusação.

Se ela não o tivesse ouvido, ele nunca teria admitido estar errado, embora agora as palavras de Ben também ecoassem em sua mente. O que ele teria dito se a esposa de Ben o tivesse ouvido? Ele havia acolhido Dinah, apesar de sua origem e situação, porque ela fazia Ben feliz. O fato de que ele não teria feito o mesmo por qualquer outro motivo era uma verdade que ele tinha que admitir.

Ele sabia, sem sombra de dúvida, que a sociedade com a qual se relacionava aplaudiria suas ações e opiniões. O homem que ele esperava ser, o modelo de decoro, teria agido como ele fez, embora talvez com um pouco mais de elegância. Com um rosnado de frustração, Will virou-se abruptamente, agradecido por haver uma lua cheia naquela noite. Lorde Tindall o convidara para passar a noite, assim como muitos dos convidados, mas ele queria voltar para casa e ficar sozinho com seus pensamentos. Como conciliar seu dever com seu afeto pelo irmão, ou como lidar com pessoas como a Srta. Darling, era algo que ele não sabia como resolver. Precisava de uma mente clara e do silêncio de seu próprio lar.

Ele pegaria emprestado um cavalo de Lorde Tindall e seguiria seu caminho, deixando sua carruagem para Ben e Dinah. Will só esperava que Ben ainda estivesse disposto a falar com ele na manhã seguinte.

Selina estava sentada no escuro da carruagem e cerrava os dentes. Ela não iria chorar.

Seu estômago estava revirando. Já estava claro para ela que o cocheiro havia bebido, mas tinha estado desesperada para sair de lá. Se reclamasse, duvidava que conseguisse convencer outro a levá-la para casa. Com uma repetição incessante, seus pensamentos continuavam voltando ao confronto com o marquês.

Meu Deus! O que diabos a possuía? O homem teve a graça de se desculpar, e ela jogou as palavras de volta na cara dele. Não que ela achasse que estivesse errada – um homem não muda opiniões desse tipo em poucos minutos – mas, mesmo assim.

Ela pressionou as mãos contra o rosto para aliviar o rubor escarlate da vergonha. Seria típico dela se o horrível homem revidasse sua grosseria. Ele era rico e poderoso e poderia arruinar a pouca respeitabilidade que ainda conservava com um simples comentário casual.

Sua respiração acelerou, e sua imaginação correu solta ao considerar a facilidade com que ele poderia destruir sua vida.

Um estrondo ensurdecedor soou do lado de fora da carruagem, e Selina levou um susto. Oh, que maravilha. A conclusão de um dia perfeito. Ela soltou uma risada amarga ao ver um clarão branco e irregular atravessar o céu noturno. O trovão que se seguiu parecia que havia estourado diretamente acima dela, de tão alto que seus ouvidos zumbiram com o estrondo.

O próximo som que ouviu foi o grito dos cavalos, e a carruagem balançou.

— Maldição! — xingou Will, enquanto ventava cada vez mais.

Era praticamente impossível enxergar a estrada, pois as nuvens espessas surgiram do nada e cobriram a lua. Ele podia perceber agora que uma tempestade violenta era iminente. Não havia sinal disso quando ele saiu, apenas um céu noturno claro. Mas agora, a

tempestade estava se aproximando. Ele hesitou por um momento. Já estava a meio caminho entre Castle Hadley e a casa de Lorde Tindall, então, não valia a pena voltar. Se piorasse muito, ele teria que procurar abrigo, mas, por ora, seguiria em frente.

— Calma, Eclipse — murmurou ele, tentando acalmar o grande cavalo preto que estava inquieto e agitado.

O primeiro clarão de relâmpago rasgou o céu, iluminando a paisagem ao redor com fantasmagórica luz branca. Incentivando seu relutante cavalo, ele avançou, escolhendo seu caminho sob a luz brilhante de cada relâmpago e confiando na visão do cavalo melhor que a sua na escuridão.

Dez minutos depois, os céus se abriram. Will xingou, mas o palavrão foi abafado pelo som do vento que soprava forte e o trovão ribombou novamente. Outro relâmpago iluminou a estrada à frente e ele parou ao vislumbrar uma carruagem tombada. Algum infeliz havia se acidentado naquela terrível noite.

Instigando seu cavalo a seguir, Will apressou-se para a cena e desmontou, amarrando Eclipse à carruagem e esperando que o animal não entrasse em pânico.

Uma rápida olhada revelou que o interior da carruagem estava vazio, então ele foi para a parte da frente. Na estrada, o cocheiro estava deitado, com o pescoço torcido em um ângulo estranho. O pobre coitado não podia mais ser ajudado, isso era certo. Um cavalo havia se soltado das rédeas e estava fora de vista, o outro, no entanto, choramingava de um jeito que tocou o coração de Will. O pobre animal estava com dor. Virando-se e olhando através da chuva que agora caía torrencialmente, ele conseguiu distinguir uma pequena figura encolhida ao lado do animal ferido. Ao se aproximar correndo, ele percebeu consternado que era a Srta. Darling.

— Bom Deus, você está ferida? — exigiu saber ele, chocado com a visão dela.

A chuva colava seu cabelo loiro ao rosto, seu adorável rosto quase espectral diante do brilho dos relâmpagos. Ela balançou a cabeça, embora ele pudesse ver que ela estava chorando.

— Sua perna está quebrada — disse ela, com a voz carregada de tristeza enquanto voltava sua atenção para o cavalo. Ela estava ajoelhada na lama ao lado da cabeça do animal, acariciando-o para mantê-lo calmo. Embora ela tremesse muito, parecia indiferente à chuva que a encharcava. Will examinou-o e empalideceu ao ver o estado da perna do cavalo. Não havia nada que alguém pudesse fazer pelo animal.

— Afaste-se, Srta. Darling. Sinto muito, mas eu preciso acabar com o sofrimento do pobre animal.

Ela olhou para ele e ele percebeu que nunca esqueceria o horror em seus lindos olhos.

— Oh, não! Tem certeza? Talvez...?

Will se abaixou e colocou as mãos nos ombros dela. — Sinto muito, mas ela está sofrendo muita dor e não há como consertar aquela perna. Desta forma, é mais compassivo.

A Srta. Darling emitiu um som de choque, olhando para ele como se quisesse se certificar de que ele estava dizendo a verdade. Após um momento, ela assentiu brevemente e Will a ajudou a se levantar. Ele a conduziu de volta para Eclipse.

— Fique aqui — disse ele, sobre o barulho da tempestade que rugia ao redor deles. — Não vou demorar.

Will foi até a carruagem e rezou para que o cocheiro mantivesse uma pistola por segurança, já que ele próprio não tinha nenhuma. Com alívio, viu que suas esperanças estavam bem fundamentadas. Com uma expressão sombria, ele puxou a pistola que estava debaixo do assento despedaçado e voltou para o cavalo ferido.

Selina se encostou no enorme cavalo negro do marquês, acariciando seu focinho macio enquanto ele empurrava-a com a cabeça. Ele relinchou, querendo mais atenção, tão desconfortável quanto ela com os eventos da noite.

Ambos estremeceram com o som do tiro, um som chocante mesmo contra o barulho da tempestade. Selina escondeu o rosto na

crina do cavalo e soluçou. O terror do acidente, a descoberta do corpo fraturado do cocheiro e depois o pobre cavalo... Ela sentia tanto frio, a exaustão pesava sobre seus ossos como chumbo. Com um esforço conjunto, percebeu que o marquês voltaria a qualquer momento e se recusou a deixar que ele acreditasse que ela era uma mulher histérica. Só Deus sabia que ele não precisava de mais evidências para somar ao seu caráter já manchado. Dentre todos os homens que poderiam encontrá-la em uma noite dessas...!

Selina se perguntou se tinha sido muito má em alguma vida passada. Ela tinha um amigo místico, que estava certo de que Selina era uma alma antiga ou algum tipo de besteira dessas. Talvez ela estivesse pagando por pecados passados? Pelo menos ele não poderia dizer que ela havia chorado, pois estava encharcada até os ossos.

— Não podemos seguir viagem.

Selina levantou a cabeça ao ouvir suas palavras quando o marquês reapareceu, gritando por cima do barulho da tempestade.

— Não há outra opção — disse ele, parecendo tão horrorizado com a ideia quanto ela. — Precisamos procurar abrigo.

Selina sentiu sua respiração falhar com a ideia. Bom Deus. De todos os homens com os quais ela poderia se abrigar durante uma tempestade. Talvez seu amigo místico estivesse certo. Ela deve ter sido Herodes ou Calígula, Nero talvez? Estava sendo punida por algo.

— Venha.

Sem nem ao menos um "*com a sua permissão*", um par de mãos fortes a agarrou pela cintura e colocou-a em cima do cavalo. Com um grito abafado de indignação, Selina agarrou a crina do animal para não cair da sela escorregadia. — Acho que há uma velha cabana de lenhador a cerca de um quilômetro daqui — gritou o marquês por cima da tempestade. — Precisamos encontrá-la

Selina não disse nada. Não importava o que ela dissesse. Ele havia assumido o comando e não ouviria sua opinião. Homens como ele nunca ouviam e não era como se ele estivesse pedindo sua

opinião, embora ela tivesse que admitir que não conseguia ver o que mais poderiam fazer. Qualquer forma de escaparem da chuva e do frio parecia uma excelente ideia no momento. Ela nunca havia sentido tanto frio em toda a sua vida.

Eles levaram uma hora para encontrar o maldito abrigo. O marquês apressou-a para dentro da cabana escura e mofada enquanto cuidava de seu cavalo. Com uma consternação silenciosa, Selina olhou ao redor da moradia rudimentar. Outro clarão de raio brilhou através da única janela, dando-lhe um vislumbre de uma lareira enegrecida, duas cadeiras instáveis e algo que se assemelhava a uma cama estreita e irregular no canto mais distante.

A lareira aumentou um pouco suas esperanças e ela se apressou a atravessar o cômodo, passando a mão pelo mantel e suspirando aliviada ao encontrar uma pederneira.

Quando o marquês reapareceu, ela havia conseguido acender um pequeno fogo, alimentando-o com gravetos empilhados ao lado da lareira. Ela ficou radiante ao ver que ele carregava um monte de lenha.

— Muito bem — disse ele, com um tom aprovador ao ver o frágil fogo consumindo os gravetos. — Eu esperava que fôssemos precisar disso.

Selina se repreendeu por sentir uma onda de prazer com suas palavras. Ele era um brutamontes rude e autoritário que a considerava uma moçoila insignificante. Ela não precisava nem queria sua boa opinião.

Ele deixou a pilha de lenha ao seu lado e começou a vasculhar a cabana.

— Há tocos de vela aqui — disse ele, movendo-se em direção ao fogo para acender algumas e colocá-las sobre o mantel. Ele continuou sua investigação. — Há cobertores na cama — disse ele, embora não parecesse muito animado desta vez. — Você está tremendo. Estão um pouco mofados, infelizmente, mas não há muita escolha. — Sua voz carregava um tom resignado. — É melhor tirar essas roupas molhadas antes que você pegue uma pneumonia.

Selina olhou para ele e segurou sua peliça em volta do pescoço como se ele fosse rasgar suas roupas. — Nem pensar!

— Você está encharcada até os ossos, Srta. Darling — disse ele, com um tom ríspido agora. — Não vou forçá-la, mas se você acha que passar as próximas horas congelando por baixo dessas roupas molhadas em uma noite como esta é bom para sua saúde, então, por favor, fique à vontade. Quanto a mim, pretendo me secar.

Selina ofegou, e ele lhe lançou um olhar indiferente. — Asseguro-lhe, não tenho segundas intenções a respeito de sua pessoa, Srta. Darling. Acho que já deixamos isso claro.

Selina soltou um resmungo de repulsa enquanto pegava um tronco para colocar no fogo. — Não fizemos nada disso — retrucou ela, observando as faíscas subirem pela chaminé. — Você apenas disse que eu não era apropriada para o casamento. Sei muito bem o que homens da sua laia querem dizer com isso.

— Srta. Darling! — disse ele, com palavras frias e pronunciadas de forma abrupta. — Você não sabe nada sobre mim, então, vou deixar isso para lá. Basta dizer que não sou o tipo de homem que sai por aí arruinando jovens mulheres, independentemente de sua posição.

Ela se virou para encará-lo, estreitando os olhos. — Mas, aos seus olhos, eu já estou arruinada.

Sua mandíbula se contraiu enquanto outro clarão de relâmpago iluminava o cômodo. Sob a luz branca, os traços duros de seu rosto pareciam ainda mais severos. Com as sobancelhas espessas e escuras franzidas sobre os olhos que ela sabia serem de um azul brilhante, e maçãs do rosto altas e angulares, ela teve que admitir que ele era um diabo atraente.

— Nunca disse isso — respondeu ele, virando-se para tirar a jaqueta encharcada. Ele lutou com o material que grudava em seu corpo agora que estava molhado, mas nem pensar ela ofereceria ajuda. — Apenas fiz uma observação que você frequentemente está em companhia de pessoas que não são de forma alguma

respeitáveis. — Ele jogou o casaco na cama com um suspiro de irritação e virou-se para encará-la. — Você nega isso?

Selina o fulminou com o olhar, mas não pôde refutar suas palavras. A Sra. Dashton estava longe de ser respeitável e era uma visitante regular em sua casa, assim como muitos artistas, escritores e poetas cujas vidas frequentemente alimentavam os boatos. Eram pessoas apaixonadas e vibrantes que lutavam contra as correntes com as quais a convenção tentava prendê-los.

— Não — respondeu ela, irritada por parecer um pouco rabugenta em seu reconhecimento. — Mas, pelo menos, eles estão vivos. Eles pensam e sentem por si mesmos, em vez de fazer algo com obediência cega apenas porque lhes dizem que é a coisa certa a fazer.

O marquês resmungou com aborrecimento. — Sim, e suas vidas são muito mais felizes por causa disso — murmurou ele, voltando sua atenção para os próprios botões.

— Elas seriam — retrucou ela, ficando cada vez mais zangada. — se não fosse pelos moralistas intolerantes que tornam suas vidas miseráveis.

O marquês estremeceu e lançou-lhe um olhar de frio desdém antes de virar as costas para ela.

Selina cerrou os dentes. Perfeito. Que maneira maravilhosa de passar a noite. Ela se virou de volta para o fogo e praguejou enquanto colocava outra lenha na lareira.

Calígula. Sem dúvida.

Capítulo 4

"No qual a aversão e o desejo se misturam de maneira desconfortável."



Will olhou para o fogo, encolhido sob um cobertor mofado que ele não tinha certeza se não estava infestado de bichos. Ele estremeceu com a ideia. Continuava de calça para não ofender a sensibilidade de Srta. Darling . Se é que isso era possível. Francamente, duvidava disso. Ele encarava furiosamente as chamas. Seus pés pareciam dois blocos de gelo e ele queria tirar as botas, mas não conseguia fazer isso sozinho e estava decidido a não pedir ajuda àquela atrevida.

Ele erguei o olhar quando a Srta. Darling espirrou. A maldita criatura estava encolhida perto do fogo, uma imagem de desespero, e sua raiva cedeu um pouco. Ela era uma dor de cabeça e um maldito inconveniente, mas ele não queria que mal algum acontecesse a ela, e ela certamente ficaria doente se não agisse com bom senso. A temperatura havia caído e, mesmo com o fogo, seu vapor estava se condensando diante de seu rosto.

— Srta. Darling — disse ele, fazendo o melhor que podia para parecer amigável e não ameaçador. — Temo que você já tenha pegado um resfriado. Eu lhe imploro. Tire essas roupas molhadas. Dou-lhe minha palavra de cavalheiro de que não olharei nem tirarei vantagem da situação.

Ela olhou para ele então e, apesar de sua animosidade em relação a ela, ele ficou sem fôlego por um momento. Meu Deus, ela estava linda à luz da lareira. Seu cabelo estava solto para secar, e caía ao redor do seu rosto em desgrehnadas ondas douradas. Seus olhos eram grandes e azuis, que ele se lembrava possuírem um tom

muito mais claro do que os seus, quase verde mar. Sua boca era larga, com lábios carnudos, quase grandes demais para seu delicado rosto... quase, mas não exatamente. Era uma boca feita para risos e beijos e...

Will se virou antes que seus pensamentos pudessem viajar ainda mais pelo caminho perturbador que haviam tomado.

— Sim — disse ela, com a voz suave agora. — Eu... eu só estou com m-muito frio.

Ele se levantou e se dirigiu para a janela. — Dispa-se perto do fogo, onde está mais quente. Vou ficar de costas.

Will olhou pela janela antes de perceber que podia vê-la refletida no vidro enquanto ela tentava desatar os laços nas costas do vestido. Lutando contra a tentação, ele lembrou-se de que era um homem honrado e desviou o olhar. Um momento depois, houve um pequeno soluço de frustração.

— E-eu n-não consigo — disse ela, sua voz uma mistura de fúria e mortificação. — Meus d-dedos estão congelando e eu não consigo alcançar.

Will inspirou profundamente e se virou para ela. — Posso ajudá-la? — perguntou ele, desejando que seu coração não tivesse pulado repentinamente no peito como um coelho ao saltar.

Ela assentiu, com um olhar tão desolado que fez com que ele se sentisse mal por ela.

— Vou apenas desatar os laços — prometeu ele, enquanto se movia para ficar atrás dela. Ela inclinou a cabeça para frente e Will estendeu a mão para afastar o cabelo dela. Era pesado, longo e brilhante, deslizando entre seus dedos como seda. Ele reprimiu uma onda de desejo que o fez ficar momentaneamente sem fôlego e voltou sua atenção para os fechos do vestido. Quando desfez o último laço, um pedacinho de pele na base de seu pescoço ficou à mostra, e o desejo de pressionar seus lábios ali foi quase avassalador. Ele engoliu em seco e deu um passo apressado para trás. — Pronto — disse ele, desejando que sua voz não soasse tão instável.

Will se virou novamente, ouvindo o farfalhar das roupas enquanto ela se despia, e fez o possível para não deixar que os sons dessem asas à sua imaginação.

Ele não conseguiu.

— Pode se virar agora — disse ela.

Ele se virou, e encontrou-a sentada novamente na cadeira. Havia três cobertores, e ele lhe dera os dois melhores, por assim dizer. Ela havia se enrolado em um e jogado o outro sobre os ombros como um xale. Não havia um centímetro de pele exposta, e, ainda assim, Will estava muito ciente de que ela estava nua sob os cobertores.

Ele engoliu em seco.

— Devo tirar suas botas? — perguntou ele, notando que ela ainda usava as coisas encharcadas. — Seus pés devem estar congelados.

— Sim, por favor — disse ela, sua voz soando fraca e derrotada de repente, como se o fogo tivesse se apagado dentro dela. — Meus dedos estão f-frios demais para desamarrar os cadarços. — Seus dentes ainda batiam e, involuntariamente, ele sentiu uma pontada de arrependimento. O desejo repentino de protegê-la da tempestade e do frio ou de qualquer outra coisa foi um choque indesejado para seus sentidos.

Ele se ajoelhou na frente dela e desfez os cadarços das botas, retirando uma e depois a outra dos pés dela. Will sentiu sua respiração acelerar ao perceber que as meias molhadas dela também precisavam ser tiradas.

— Você deveria tirar essas meias — disse ele, sua voz anormalmente alta no cômodo silencioso. Ele olhou para cima e viu ela dar um aceno cansado, com os olhos fechados de exaustão após as provações daquela maldita noite.

Você é um cavalheiro, Fitzwilliam, ele lembrou a si mesmo enquanto segurava o fino material na metade da panturrilha dela e dava um puxão firme. Para seu alívio, saiu com facilidade, pois só de imaginar ter que deslizar as mãos sob o cobertor para encontrar o

topo de cada meia era uma ideia que estava tirando sua paz de espírito. Depois de puxar a segunda meia, ele se preparou para se levantar, mas ao tocar seu pé, encontrou-o gelado como a neve. Ela realmente ficaria doente se não se aquecesse. A voz em sua cabeça soava perfeitamente sensata e razoável e em nada influenciada por seus desejos mais primitivos, então ele a ouviu.

Will segurou o pé dela com as mãos e o massageou, transmitindo seu próprio calor para a pele dela. Era um pé delicado, e o impulso repentino de protegê-la da tempestade e do frio o atingiu com força. Ela era delicada e bonita e precisava de seus cuidados, e ele sentiu uma pontada de desejo de envolvê-la em seus braços. O calor se espalhou por sua pele e ele não sentia mais nem um pouco de frio. Estava em chamas.

O cobertor deslizou de seus ombros e ele se forçou a se concentrar no pé dela e a não deixar os olhos vagarem pela panturrilha bem torneada que aparecia debaixo do cobertor.

A Srta. Darling emitiu um suspiro de prazer e Will não ousou olhar para cima, com medo de que ela reconhecesse a expressão em seus olhos e ficasse assustada com ele.

— Está melhor? — perguntou ele, com a voz baixa e a situação se tornando rapidamente íntima e perigosa.

— Muito — murmurou ela, sonolenta.

Will hesitou em colocar o pé dela no chão frio e sujo e, em vez disso, repousou-o em sua coxa. Pelo menos suas calças estavam quase secas agora, mesmo que seus pés ainda estivessem congelados e molhados. Ele estendeu a mão para o outro pé dela, dando-lhe o mesmo tratamento do primeiro e implorando ao seu cérebro para pensar em algo monótono e desinteressante. No entanto, esse órgão desobediente não pôde ser distraído e Will teve certeza de que a temperatura no local subia enquanto o calor percorria sua espinha.

Selina suspirou. Suas pálpebras estavam pesadas e o sono pesava sua mente. Finalmente, seus membros congelados pareciam pertencer a ela enquanto o calor se espalhava por sua pele. Seus pés, que mais cedo pareciam dois blocos de gelo, haviam descongelado, e uma sensação muito agradável percorria sua pele enquanto mãos fortes e quentes...

Espere.

O quê?

Os olhos de Selina se arregalaram, o desejo de dormir desaparecendo rapidamente enquanto ela olhava para o que estava à sua frente. Seu coração saltou para sua garganta.

O marquês estava de joelhos diante dela e o cobertor que cobria seu torso havia deslizado para o chão. Ele parecia uma versão bem diferente do homem conservador e frio em seu esplendor impecável na festa.

A luz do fogo dourava sua pele, transformando seu corpo em uma estátua dourada e divina, digno de uma civilização degenerada para adorar. Sua respiração falhou ao observar os ombros fortes e os braços musculosos, e uma cabeça escura repousando a seus pés enquanto suas mãos habilidosas massageavam seu pé de uma maneira demasiadamente íntima.

Ela abriu a boca para repreendê-lo, para exigir o que diabos ele pensava estar fazendo ao tocá-la dessa forma... quando se lembrou de que ele havia pedido sua permissão, e ela a havia dado. Meu Deus, ela devia estar fora de si. Só que então o polegar dele deslizou ao longo do arco de seu pé e uma onda de puro prazer percorreu seu corpo. Selina arfou, suas bochechas queimando enquanto o toque das mãos dele parecia despertar sensações em regiões muito mais íntimas de seu corpo.

Ele olhou para cima e ela se viu incapaz de desviar o olhar. Para sua surpresa, viu o desejo ardendo nos olhos dele e sabia que sua própria expressão devia refletir o dele. Seu olhar caiu sobre a boca dele e o desejo de inclinar-se em sua direção foi difícil de ignorar. O calor preenchia sua pele e ela desejava poder dizer algo, fazer algo,

ou pelo menos parar o rubor escarlate que sabia estar tomando conta de suas bochechas.

Por um momento interminável que pareceu quase consumir o ar do ambiente, nenhum deles se moveu, ambos presos no olhar um do outro. Por que ele não a beijava, pelo amor de Deus? Isso a chocava, mas ela desejava que ele o fizesse, e tinha certeza de que ele sabia disso também. Selina prendeu a respiração, perguntando-se o que aconteceria a seguir, quando o marquês, então, se levantou.

— Vou verificar o estado de Eclipse — disse ele, pegando seu cobertor do chão e correndo para fora da cabana como se ela estivesse pegando fogo.

Selina soltou uma respiração trêmula e se perguntou como podia sentir-se tão quente momentos depois de suspeitar que nunca mais se aqueceria novamente. O que acabara de acontecer?

O que o marquês havia dito sobre as pessoas com quem ela se misturava era verdade, e sendo assim, ela não era uma virgem inexperiente. Seu corpo podia ser inocente, mas ela conhecia bem os aspectos físicos do amor e do desejo, mas... mas nunca os havia entendido até agora.

Desde seu debut na sociedade, Selina havia sido elogiada por muitos homens e recebido vários pedidos satisfatórios. No entanto, em nenhum momento ela havia sentido a tentação de aceitar. Nenhum dos homens que tentaram bajulá-la e flertar com ela havia despertado o menor interesse físico.

A partir das conversas com seu pai, que era franco sobre tais assuntos, ela havia aprendido que os aspectos físicos do casamento eram importantes, especialmente se alguém quisesse um marido que não buscasse as atenções de amantes e mulheres de reputação duvidosa. Como Selina não se contentaria com nada menos que fidelidade, ela percebeu que a centelha indefinível de atração entre um casal não era apenas preferível em um casamento, mas indispensável.

Então, por que, em nome de tudo que era mais sagrado, ela tinha que sentir tal centelha pelo maldito marquês? Era uma

insanidade. E não era apenas uma centelha, um incêndio estava mais perto da verdade; o calor dele ainda permanecia impregnado sob a sua pele. Abraçando o próprio corpo, ela franziu a testa para o fogo.

Ou a Mãe Natureza tinha um senso de humor realmente perverso ou ela era francamente cruel. Que piada tenebrosa, encontrar duas pessoas que não conseguiam suportar a presença uma da outra, que não tinham nada em comum e nem o menor desejo de se casarem, e fazer o desejo arder entre elas como se fossem pavio seco aceso com um fósforo.

Talvez ela tivesse se subestimado. Talvez ela tivesse sido Calígula e Nero. Céus, que noite.

Will permaneceu sob o abrigo simplório que havia encontrado para Eclipse e forçou seu corpo a se comportar. O desejo explícito nos olhos dela o havia deixado atônito. Embora o orgulho masculino se deleitasse com a percepção de que ela o desejava, ele estava chocado com o fato de que uma jovem dama pudesse olhá-lo de tal maneira. Não era apropriado. Era, na verdade, escandaloso, embora isso não impedisse seu sangue de ferver sob sua pele.

Ele se lembrou, sem sombra de dúvida, de que era um cavalheiro e não tinha o hábito de arruinar inocentes. Surpreendia-o um pouco que ainda se agarrasse a essa certeza, mas se a notícia dos eventos da noite se espalhasse, ela estaria arruinada, de qualquer forma. Ele podia muito bem arranjar para que ninguém soubesse que ele havia estado ali, e que todos acreditassem que ela havia buscado abrigo sozinha, mas se não... se não...

Meu Deus.

Um calafrio percorreu seu corpo, e Will se sentiu horrorizado ao perceber que não estava certo se isso significava terror ou expectativa.

Se descobrissem que tinham passado a noite juntos, *sozinhos*, ele se veria obrigado por honra a se casar com ela.

Ele ficou momentaneamente sem fôlego. Aquela criatura chocante, desbocada e terrível... *sua esposa?*

Ele esperava que o horror o dominasse, mas sentiu-se desconcertado quando seu corpo reagiu de uma maneira que sugeria que não era um destino tão terrível assim. No que ele estava pensando? Com relutância, ele teve que admitir que não estava pensando em nada, pelo menos, não com a parte da anatomia que deveria supervisionar decisões tão importantes como a de escolher uma esposa.

A verdade, porém, era que ele talvez não tivesse escolha. As regras de honra exigiam que ele se casasse com ela em vez de vê-la arruinada.

Sua respiração acelerou enquanto uma sensação de formigamento percorria sua pele. Inspirando profundamente, ele andou ao lado de Eclipse, forçando-se a se acalmar. Ele sairia cedo, antes que alguém acordasse, e chegaria em casa para dizer à sua criadagem que tinha visto uma carruagem destruída na estrada e o cocheiro morto. Então, ele poderia enviar um grupo de busca que acharia a Srta. Darling. Sim. Sim, isso poderia funcionar.

O único problema era que a criadagem de Lorde Tindall sabia que ele saíra na noite anterior.

Maldição.

Bem, certamente ele poderia silenciá-los com um generoso suborno, não?

Perguntas, armadilhas e planos alternativos passaram pela sua mente, mas este parecia suficientemente consistente. Ele precisaria de um pouco de sorte, é verdade, mas, se Deus quisesse, ambos poderiam sair ilesos dessa situação.

Will ignorou resolutamente o vislumbre de decepção que isso lhe causou. Se ele se casasse com a Srta. Darling, estariam condenados a uma vida de sofrimento.

Uma parte desafiadora de si mesmo refutou essa verdade inegável e recordou-lhe de sua aparência à luz do fogo, com seu

cabelo dourado formando uma auréola ao redor do rosto e aquela boca larga e carnuda...

Oh, bom Deus, pare com isso!

De qualquer forma, ele não podia continuar escondido sob o abrigo rudimentar que encontrara para seu cavalo na noite passada. Estava muito frio. Dando um último afago em Eclipse, Will respirou fundo e voltou para a cabana.

A Srta. Darling levantou o olhar ao vê-lo retornar, e ele forçou-se a lhe oferecer um sorriso encorajador. Essa era a sua intenção, mas, para ele, parecia mais uma careta.

— A tempestade está diminuindo? — perguntou ela, olhando de relance para ele.

— Não exatamente — disse ele, permanecendo momentaneamente ao lado do fogo para aquecer as mãos. — A chuva está mais forte do que nunca. Muitas das estradas estarão intransitáveis pela manhã.

Ele observou a expressão de preocupação se aprofundar em seu belo rosto e sentiu o impulso de reassegurá-la.

— Por favor, não se preocupe. Eu me certificarei que você saia dessa situação com a reputação intacta.

Ele achou que havia um brilho de amargura em seus olhos quando ela respondeu.

— Eu nunca duvidei disso — disse ela, com um tom seco.

Will se sentiu um canalha, sabendo que ela acreditava que ele preferiria morrer a se casar com ela. Talvez ele tivesse sido duro demais com ela. Ele sabia pouco sobre ela além do óbvio. Sentindo-se desconfortável, voltou para sua cadeira e se sentou ao lado dela. Ambos ficaram olhando para as chamas.

— Sua mãe era uma atriz maravilhosa — disse ele, esperando que isso, ao menos, pudesse aliviar a tensão entre eles. — Meu irmão estava certo: você é a cópia viva dela.

Ele lançou um olhar na direção dela e viu que sua expressão havia suavizado um pouco.

— Obrigada — disse ela, com um sorriso triste nos lábios. — Ela era uma mulher maravilhosa. Meu pobre pai se perdeu quando ela morreu.

Ela voltou a olhar para as chamas, com os olhos vidrados, como se estivesse olhando para o passado e não visse o ambiente ao seu redor.

— Ele a amava tanto. Nada foi o mesmo depois que ela se foi. — A Srta. Darling pareceu se recompor, seus olhos voltando-se para ele. — Certamente ele não foi — acrescentou, com um sorriso irônico.

Will assentiu, lembrando-se de como seu próprio pai falava sobre o escândalo de Bertram Darling e sua amada atriz. Ele era o filho mais novo de uma família boa e nobre, mas havia desistido de sua fortuna, suas conexões... de tudo para se casar com a mulher que amava.

— Eles eram felizes? — indagou ele, perguntando-se como isso seria possível uma vez que a honra do homem estava manchada irreparavelmente aos olhos do mundo.

— Oh, sim — respondeu a Srta. Darling, com um sorriso que lhe tirou o fôlego iluminando seu rosto. — Tão felizes. Minhas memórias deles juntos são algo que eu estimo muito. Sempre esperei ter um casamento como o deles. Mamãe estava sempre rindo, e eu via papai roubando beijos quando pensava que eu não estava olhando, como se tivessem se casado há apenas um dia, quando na verdade já estavam há anos. Pobre papai... Eu sei o que você pensa sobre ele — acrescentou ela, com um tom baixo e bastante irritado. — *Darling Bertie* e suas cantoras de ópera ou dançarinas, ou quem mais lhe agradar. Em comparação aos primeiros anos depois que ela se foi, a situação está mesmo. Naquela época, eu temia... — Ela soltou um suspiro, balançando a cabeça. — Ele faz o melhor que pode para encontrar a alegria na vida agora, tanto por minha causa quanto pela dele, mas ele está tão sozinho. — As palavras eram duras e

carregadas de pena. — Seu coração foi arrancado dele, e ele preenche o vazio que resta da melhor maneira que pode.

Seu rosto se endureceu enquanto ela se virava de volta para ele, e Will desejou que o sorriso ainda estivesse em seus lábios. Ele não gostava de ver essa expressão aflita em seus olhos.

— Sinto muito — respondeu Will, com sinceridade. Só podia sentir pena de um homem tão despedaçado por dentro.

Então, ele franziu a testa, perguntando-se sobre o poder de um amor que poderia destruir um homem quando o perde.

Um calafrio de pressentimento percorreu-o. Era muito mais seguro evitar tais emoções exageradas. Além disso, ele supunha que o pai dela sempre tivesse sido um tipo romântico. Devia ser, para se apaixonar por uma atriz, para começo de conversa. Ele concluiu que seu pai não deveria ser um homem sensato e racional. Will tinha receio de que *ele próprio* seguisse tal caminho!

Ele quase riu da ideia. Não que fosse avesso a amar sua esposa, longe disso, mas ele esperava uma companhia fácil, uma amiga com quem compartilhasse suas esperanças e ambições. Os ardentes casos de amor do tipo que a Srta. Darling havia descrito estavam longe de ser confortáveis e fadados ao fracasso. Emoções fervorosas, repletas de ciúmes e dor, consumiriam o espírito. Não. Relações tão intensas assim não eram a base para um casamento feliz.

Ele examinou a Srta. Darling e viu suas pálpebras ficando pesadas, mas ela forçou-se a abri-las novamente, sentando-se mais ereta na cadeira.

— Você deveria dormir — disse ele, com a voz suave. — Receio que a cama não pareça muito atraente, mas será mais confortável do que essa cadeira.

Ele viu o brilho de alarme em seus olhos e se apressou em tranquilizá-la. — Você está exausta, e não há mais nada que possamos fazer esta noite. Eu prometo que você não está em perigo comigo. Palavra de honra. Eu nunca a machucaria.

Ela o olhou então, como se pesasse suas palavras para ver quanta verdade havia nelas.

— Sim, eu sei disso — disse ela, e lhe deu um pequeno sorriso.
— Você é um verdadeiro cavalheiro, não?

Havia algo em seu tom que ele não conseguiu interpretar completamente, mas se perguntou se ela o estava provocando um pouco. Com arrependimento, lembrou-se da maneira horrível como havia falado sobre ela na festa. Se ele fosse realmente um cavalheiro, nunca teria dito tais coisas em voz alta, mesmo que não tivesse a intenção de que ela ouvisse suas palavras.

— Srta. Darling — disse ele, sentindo-se hesitante em pedir desculpas pela segunda vez após a repreensão que recebera pela primeira, mas, ainda assim, prosseguiu: — Eu realmente sinto muito pelas minhas palavras ditas anteriormente. Eu... fui injusto com você e falei sem pensar. Não acredito que você seja promíscua nem... além da pessoa que realmente é.

Ela sorriu novamente, um sorriso genuíno que desabrochou algo quente em seu peito.

— Mesmo que eu esteja rodeada de pessoas que não são de forma alguma respeitáveis? — perguntou ela, com um tom de provocação agora.

— Mesmo assim — respondeu ele, retribuindo o sorriso.

— Obrigada, milorde — disse ela, antes de se levantar e se dirigir para a cama.

Capítulo 5

"No qual os nossos protagonistas devem se casar às pressas e..."



Will acordou com um sobressalto e torcicolo. A luz do dia entrava pela janela suja, e ele levou um momento para se orientar. Um olhar para a sua esquerda dissipou a esperança persistente de que tudo não passara de um terrível pesadelo, já que a linda loira encolhida na cama no canto confirmava isso.

Ele se assustou novamente com a batida na porta.

— Olá, tem alguém aí dentro?

— Oh, meu Deus — murmurou Will, com o coração batendo forte no peito.

Eles haviam sido descobertos.

Com um desejo obstinado de se apegar à possibilidade de ainda poder escapar de seu destino, ele esperou que talvez fosse apenas um viajante solitário que os havia encontrado, alguém que ele poderia silenciar com dinheiro e mandar embora.

Will se levantou e vestiu sua camisa, observando o vestido e a roupa íntima da Srta. Darling secando diante do fogo, e ela adormecida na cama, com o cabelo desgrenhado e espalhando-se sobre os cobertores encardidos.

— Ei, está tudo bem aí dentro?

Will abriu a porta e viu não apenas alguns membros da criadagem de Lorde Tindall, mas também os seus próprios criados, seu irmão e Lorde Tindall. Bem. Então era isso.

Ele estava em apuros.

— Lorde Henshaw — disse Gates, um laçao de Castle Hadley, com um tom cheio de alívio. — Graças a Deus, milorde. Estávamos tão preocupados quando chegamos à casa de Lorde Tindall e descobrimos que você havia saído na noite passada.

— Está tudo perfeitamente bem — respondeu Will com um sorriso tenso, perguntando-se se alguma vez na vida já dissera uma mentira tão descarada. Ele voltou sua atenção para o irmão, que lhe lançava um olhar de profunda curiosidade.

— Posso falar com meu irmão em particular? — pediu Ben, oferecendo a todos um sorriso encantador enquanto os mandava embora.

Uma vez sozinhos, Ben se virou para ele.

— Encontramos a carruagem da Sra. Dashton na estrada. Ela estava desesperada na noite passada quando a tempestade começou. Aparentemente, ela emprestou a carruagem e seu cocheiro para a Srta. Darling?

Ben o encarou, com uma pergunta em seus olhos.

— Sim — respondeu Will, com a voz ríspida. — Ela está aqui.

— Ah. — Ben estava olhando para ele com mais intensidade agora, um olhar profundo em seus olhos, e Will percebeu que seu irmão estava se perguntando o que ele faria.

— Eu irei visitar o Sr. Darling na primeira oportunidade — disse ele, as palavras raivosas e pronunciadas de forma abrupta.

Maldito Ben por acreditar que ele tentaria fugir de sua responsabilidade. Seu dever estava claro, quisesse ele ou não. Eles teriam que se casar.

Ben franziu os lábios como se quisesse dizer algo, mas o olhar de advertência nos olhos de Will deve ter sido claro o suficiente para que ele se calasse.

— Trouxeram uma carruagem para a Srta. Darling? — indagou Will, decidindo que a ação era a melhor escolha nas atuais circunstâncias. Se ele tivesse que pensar no futuro neste momento,

poderia fazer ou dizer algo precipitado. — Ela sofreu um choque severo, sem mencionar que está encharcada até os ossos. Ela precisa ver um médico o mais rápido possível.

— Sim, a sua carruagem está aqui — respondeu Ben. — Eu cuidarei do resto.

Will assentiu e cerrou os dentes. — Mantenha-os longe daqui, está bem? A Srta. Darling precisará de um momento para... estar apresentável.

As sobrancelhas de Ben atingiram a altura do couro cabeludo e Will estreitou os olhos para o irmão. — Ela sofreu uma terrível provação e estava encharcada até os ossos. Se você acha, por um momento...

Ben levantou as mãos, balançando a cabeça. — Juro por Deus que não pensei nada disso, Will — disse ele, quase rindo agora. — Bom Deus, eu sei como você segue rigorosamente as convenções. A moça não poderia estar em mãos mais seguras.

Will não conseguia entender o motivo, mas as palavras do irmão apenas o irritaram ainda mais, e foi preciso um considerável esforço para não bater a porta na cara dele.

Uma vez que a porta se fechou e o brilho de diversão nos olhos do irmão desapareceu, Will se apoiou contra a madeira e inspirou profundamente. Muito bem, então. Era isso. Ele tinha encontrado uma esposa.

— O que está acontecendo?

Ele olhou ao redor ao ouvir a voz da mulher em questão. Ela ainda estava sonolenta, com a voz suave enquanto piscava para ele, com o cabelo loiro caindo sobre o rosto.

— Lorde Tindall, meu irmão e meia dúzia de criados estão do lado de fora da porta — disse ele, com as palavras ríspidas e irritadas, embora não fosse culpa dela. Ele mudou o tom, sabendo que isso seria tão difícil para ela quanto para ele. Ela não tinha sido exatamente calorosa com ele na noite passada, o que não era culpa dela, mas agora... bem, ela estava tão presa a ele quanto ele a ela.

Melhor aproveitar logo a situação.

— Sinto muito, Srta. Darling. Eu, é claro, visitarei seu pai ainda esta manhã.

— O quê? — Ela se sentou ao ouvir isso, tendo desaparecido qualquer evidência de sono enquanto seus olhos se arregalavam e um olhar de absoluto terror tomava conta de seu rosto. — Para quê?

Por um momento, Will não conseguiu responder. Quando ela se sentou, o cobertor que a cobria deslizou. A imagem dela na cama estreita, com o cabelo dourado caindo sobre a pele nua e o cobertor contra o peito, era de um tipo que bagunçava seus pensamentos. O desejo o atingiu, afastando qualquer pensamento coerente à medida que pensamentos muito mais indecentes e intrigantes tomavam conta de sua mente.

— Por que, milorde? — perguntou ela novamente, com um sutil tom de pânico na voz enquanto Will tentava lembrar sobre o que estavam falando.

Oh, sim. Isso.

— *Por quê?* — repetiu ele, soando um pouco atordoado, o que não o surpreendeu.

Ele limpou a garganta e se virou para ela, tentando organizar seus pensamentos para explicar, embora não conseguisse entender qual explicação ela precisaria nas atuais circunstâncias. Ela não era uma imbecil e devia saber muito bem qual era o único recurso deles diante daquela situação.

— Porque passamos a noite juntos, Srta. Darling, e não importa a inocência da situação, será um escândalo, já que metade da maldita Dorset está esperando lá fora...

Ele respirou fundo, pois sua voz tinha se elevado um pouco devido à sua agitação.

— Sinto muito — disse ele, passando a mão pelo cabelo. — Mas certamente você deve ver...

— Não.

Will havia pegado o colete e colocava-o sobre os ombros enquanto se virava para encará-la, perguntando-se o que era que ela estava recusando. — Não, o quê?

— *Não!* — disse ela novamente, essa única palavra cheia de pânico e horror. — Não, eu não vou me casar com você, se é isso que você está insinuando. Céus, que desastre seria isso. Não, agradeço-lhe. Você é, como observei na noite passada, um cavalheiro, milorde, mas não vou arruinar as nossas vidas unindo-nos dessa forma. É... é impensável!

Will congelou, com o colete parcialmente colocado. Não conseguia acreditar no que ouvia.

— Que escolha você acha que temos? — perguntou ele, incrédulo por, além de tudo, agora ter que lutar para fazer a coisa certa. — Você está arruinada, Srta. Darling. Qualquer insignificante pretensão que você pudesse ter de respeitabilidade desapareceu da noite para o dia. Você será presa fácil para todos os libertinos e mulherengos do país assim que essa história se espalhar. Você nunca mais receberá uma única proposta de casamento decente.

Ela franziu a testa, refletindo sobre isso, mas quando olhou para cima novamente, viu-se uma resolução em sua expressão.

— Não tenho dúvida de que você está certo, milorde, mas, ainda assim. Como você tão eloquentemente colocou, minha menção à respeitabilidade era, na melhor das hipóteses insignificante, então não perdi muito, não é? Acho que prefiro ser o centro de um escândalo a viver uma vida com um homem que não suporta minha presença, nem eu a dele.

— Pelo amor de Deus — disse Will, quase sem palavras, tamanha a surpresa com a recusa dela. — Estou propondo um acordo tão ruim assim? — exigiu saber ele, com algo próximo à fúria por trás das palavras.

Não era um homem vaidoso, mas sabia muito bem que dificilmente havia uma mulher solteira no país que não se esforçaria ao máximo para se tornar sua esposa. Mesmo que ela o desprezasse, a ideia de um título, riqueza e segurança apagaria qualquer receio

para a maioria das mulheres. Aparentemente, não para a Srta. Darling. Não. Ele tinha que se casar com a única mulher que o achava tão repulsivo que nem mesmo contemplava a ideia.

Só que não era isso.

Ele sabia muito bem que não era isso.

Ele havia visto a expressão nos olhos dela na noite passada, sentido o calor abrasador entre eles. Não. Ela não o achava repulsivo. Ele se aproximou dela e viu seus olhos se arregalarem à medida que ele encurtava a distância entre eles.

— E-eu n-não quis ofendê-lo, milorde — gaguejou ela, enquanto Will se abaixava e agarrava seus braços nus, puxando-a para cima.

— Escute-me bem, minha menina — disse ele, ofegante, enquanto o desejo lutava para sobrepujar a raiva e a indignação. — Não é apenas a sua honra que está em jogo aqui, é a minha também. Eu não serei acusado de arruinar uma inocente por uma coisa, e por outra... Eu não acho que se casar comigo seja uma ideia tão repugnante quanto você gostaria de fazer parecer.

Com as bochechas coradas, ela o encarou enquanto uma mão ainda segurava o cobertor ao seu redor. O conhecimento de que um puxão naquele tecido áspero a deixaria nua para ele o estava enlouquecendo.

— Você tem sorte que um monte de gente está do lado de fora dessa maldita porta, eu poderia decidir que, se é para me enforcarem, tanto faz se é por um cordeiro ou uma ovelha[2] — vociferou ele, sem intenção de realmente agir assim, mas querendo chocá-la. Ela continuou a encará-lo, desafiadora, embora corada, e ele suspeitava que ela não acreditava em uma palavra do que estava saindo de sua boca, o que o irritava ainda mais. Seu olhar caiu para os lábios dela. A tentação era demais, e ele inclinou a cabeça, pressionando seus lábios contra os dela e tomando sua boca em um beijo ardente.

Will não tinha certeza do que esperar dela. Parecia mais do que provável que ela o esbofeteasse ou chutasse suas canelas, já que se

tratava de uma criatura tão irritante, embora soubesse que ela o desejava.

Esse não seria o seu destino. Fogo percorreu seu sangue quando ela se pressionou contra ele, abrindo a boca para a dele e permitindo que ele a invadisse e explorasse sem hesitação.

Meu Deus. Ela era tão doce quanto ele imaginara, mas logo percebeu que não era a primeira vez que ela tinha sido beijada. Não havia incerteza, nem hesitação; ela sabia o que estava fazendo. Ele não deveria estar surpreso, dado o círculo social que ela frequentava. No entanto, essa constatação o irritava mais do que podia expressar, e um alarme soou em seus ouvidos com o ciúme que essa percepção trouxe à tona.

Apesar de seus beijos experientes, ele reconheceu com surpresa que ainda acreditava que ela era inocente. Um beijo era uma coisa... o resto seria só dele. Ela pertenceria a ele, e ele poderia levar o tempo que quisesse para se familiarizar com cada segredo dela. Assim que se casassem.

Foi necessário todo o autocontrole que ele tinha para se afastar, e apenas o som distante do burburinho dos homens o trouxe de volta à realidade. Ele a encarou, aliviado ao ver que ela ainda se agarrava a ele e não mostrava nenhum sinal de querer escapar de seu abraço. Seus olhos estavam arregalados de surpresa, e ele sentiu um prazer ao ver o calor ainda presente ali.

— Não quero mais ouvir falar sobre isso. Nós nos casaremos com uma licença especial assim que eu arranjar uma — disse ele, seu tom severo enquanto tentava controlar sua respiração e forçar seu corpo a perceber que não haveria indulgência naquele tipo de prazer ainda.

Ele estava excitado e dolorido, no entanto, e seus instintos mais básicos não estavam nem um pouco satisfeitos com essa reviravolta. Ele a queria. *Agora.*

Will respirou fundo, sabendo que todos estavam esperando por eles e – quanto mais demorassem – pior ficava a situação. Ele quase riu.

Exatamente quão pior poderia ficar?

— Papai!

Selina se lançou nos braços de seu pai assim que a retornaram à casa de Lorde Tindall. Ela podia ouvir o burburinho de fofocas ao redor da grande mansão, sua pele ficando arrepiada sob o peso dos olhos sobre ela enquanto fazia o melhor que podia para manter a cabeça erguida e não correr para a sala de estar onde ele a esperava.

— Luna — disse seu pai, puxando-a para um abraço apertado e acariciando seus cabelos. — Oh, Luna, doce criança. Eu estava tão assustado. O que eu teria feito...? — Ele parou de falar subitamente, sua voz tremendo um pouco enquanto a examinava. — Você está bem? Um médico está aqui para te ver.

Selina balançou a cabeça, piscando, na tentativa de frear as lágrimas. — Não. Não, estou perfeitamente bem. Eu garanto.

— Mesmo assim você vai vê-lo — falou seu pai, com o tom severo, e Selina sorriu para ele.

— Se isso fizer com que você se sinta melhor.

Ele soltou um suspiro e então recuou, segurando-a pelos ombros e dando-lhe um sorriso triste. — Você não faz as coisas pela metade, não é, minha criança? — disse ele, com afeto na voz. — Um marquês? Por Deus, eu não esperava por isso.

— Oh, papai! — exclamou Selina, horrorizada. — Não brinque com isso. O desgraçado está insistindo que nos casemos, mas é ridículo. Não nos suportamos. Um de nós mataria o outro antes do fim do ano. Simplesmente não é possível.

Selina soltou um suspiro e olhou para cima, esperando que seu pai concordasse e risse, dizendo *“que era um absurdo, que é claro que ela não precisava se casar com ele”*. Só que, em vez disso, ele ficou quieto e não disse nada.

— Selina, querida — começou ele, enquanto o coração de Selina afundava. — Eu... eu estive tentando criar coragem para te dizer

isso...

— Oh, não — sussurrou ela, horrorizada pela tristeza nos olhos dele.

Isso era o que ele estava escondendo durante todas essas semanas.

— Sinto muito, querida, mais do que possa imaginar, mas... mas não sobrou nada. Aguentei o quanto pude, mas a única saída é vender a casa.

— M-mas você disse que se economizássemos um pouco... Você disse que não havia nada com que se preocupar. A festa! — exclamou ela. — Achei que era para comemorar o fato de que tudo estava bem novamente. Eu pensei...

— A última saideira — disse ele, com um sorriso triste. — Se vamos ser julgados de qualquer forma, que seja por algo realmente relevante, certo?

Selina estremeceu quando as palavras a atingiram pela segunda vez no dia, provocando um conjunto muito diferente de emoções. Ela não acreditava que o marquês agiria conforme suas insinuações nem por um segundo, pois ele era íntegro demais. O fato de ele a ter beijado a havia surpreendido. Depois de fugir dela na noite passada, ela pensou que ele não teria a audácia. Preocupava-a o fato de ela ter ficado aliviada por ele a ter beijado. Beijá-lo tinha sido... maravilhoso, mas uma atração dessa natureza não era base suficiente para um casamento. Selina respirou fundo, chocada demais para chorar com a surpreendente reviravolta de acontecimentos.

Ela havia nascido no número dezesseis. Tinha sido sua casa durante toda a sua vida. O lugar inteiro ressoava com memórias felizes de sua mãe, de sua vida antes de ela os deixar e, nos últimos anos, de risadas e conversas maravilhosas e festas... tantas festas.

Seu pai a abraçou de novo, acariciando seu cabelo. — Eu sei que não é o casamento que você esperava, querida, mas você estará segura, será sustentada. Mais do que sustentada — disse ele, rindo.

— Por Deus, ele é um dos homens mais ricos do país. Você terá tudo o que quiser no mundo.

— Será mesmo? — perguntou ela, estudando os olhos dele. — Ele é rígido e temo que ele será controlador, papai. Ele quer ser adequado, ele não apenas segue as regras, ele as *respira* — disse ela, querendo que seu pai entendesse. — Eu queria um casamento como o seu, papai, não... *não isso!*

— Eu sei. Você acha que eu não sei? — Os olhos dele se encheram de lágrimas, a angústia em seu belo rosto apertando ainda mais a sua garganta. — Eu sinto muito, querida, mas não vejo outra saída. A venda da casa cobrirá a maior parte das dívidas, mas não tudo, e depois disso... O que será de nós, Luna? O que será de você?

Selina piscou os olhos, enquanto as lágrimas começavam a rolar.

— Você deve se casar com ele. Pense nele como um desafio, assim como eu fiz com sua mãe. Ela não queria se casar comigo, sabia? Demorou um ano inteiro para convencê-la.

— O quê?

Ele sorriu ao ver o choque nos olhos dela e estendeu a mão, tocando a bochecha dela com a parte de trás de um dedo. — Você é tão parecida com ela — disse ele, com um tom ao mesmo tempo orgulhoso e triste. — Tão teimosa.

— Eu não sou teimosa — murmurou ela, aceitando o lenço que ele lhe entregou e assoando o nariz.

— É, sim.

— Não sou.

Ambos riram da discussão familiar, e Selina enxugou os olhos. — Ela realmente não queria você?

— Oh, eu nunca disse isso! — exclamou seu pai, com um olhar um tanto convencido. — Mas ela me achava um rico tolo e um dândi, e não me dava a menor atenção no começo. Quando ela começou a se afeiçoar por mim, ainda dizia que nunca funcionaria e se recusava a se casar comigo. Meu Deus, como brigamos! Eu estava furioso.

Achava que ela não me amava o suficiente, e ela achava que eu era um tolo sonhador sem noção da realidade. — Ele suspirou. — Ela estava certa, é claro.

Selina observou enquanto o sorriso irônico dele se desvanecia e seu rosto ficava sério.

— Ela achava que eu guardaria rancor dela por ter que abrir mão do dinheiro e da posição, da minha vida glamourosa.

— E você guardou rancor?

— Nunca — disse ele, com um sorriso. — Nem por um segundo. Mas não pense que nosso amor foi só um mar de rosas, Selina. Nós brigávamos e discutíamos, como em todos os casamentos. Ela até me deixou uma vez... mas sempre fazíamos as pazes. Um casamento feliz não é entregue de bandeja, sabe, querida. Não importa como começa, é preciso esforço de ambos os lados.

— Mas ele nem gosta de mim — disse Selina, sabendo que tal casamento, com um homem como o marquês, estava fora do seu alcance. — Eu o ouvi falando sobre mim e ele disse que não se casaria comigo muito menos com Dolly!

Seu pai franziu a testa e assentiu. — Ele é um moralista, tenho que admitir. Mas o irmão dele, Ben, é um bom sujeito e fala bem dele. Acho que você deveria dar uma chance a ele. Não acha?

Selina bufou. — Se você não vai me defender, parece que não tenho muita opção — retrucou ela, as palavras amargas.

Ela não pôde evitar sentir uma pontada de arrependimento quando viu o semblante desolado no rosto de seu pai. Maldição, era impossível ficar com raiva dele. Com um suspiro, ela pegou a mão dele e deu um sorriso.

— Muito bem. Vou considerar a ideia — disse ela, relutante em permitir sequer isso. — Mas não prometo nada. Tenho certeza de que poderia me virar se fosse necessário. Poderia modelar para artistas — disse ela, animando-se com a ideia. — Já fui convidada dezenas de vezes.

— Só por cima do meu cadáver! — exclamou seu pai, horrorizado. — Sua mãe voltaria para me assombrar se eu sequer considerasse permitir uma coisa dessas.

Selina franziu a testa e bufou. — Bem — disse ela. —, vou pensar em alguma coisa.

Capítulo 6

"No qual os tratos são feitos."



Selina andava de um lado para o outro na sala de estar. Seu pai tinha sido chamado para conversar com o marquês e, desde então, seu estômago estava se revirando cada vez mais. Sentia-se enjoada.

Do lado de fora, uma névoa úmida e ondulante pairava sobre os belos jardins que rodeavam o casarão, enquanto um sol fraco lutava para se desviar das nuvens. Selina suspirou e pressionou a testa contra o vidro frio, pulando ao ouvir uma batida breve e a porta se abriu.

Sua pulsação martelava na garganta, o som do próprio coração retumbando em seus ouvidos enquanto o marquês entrava pela porta. Por mais que tentasse, não conseguia alcançar a calma exterior que desejava exibir. A ansiedade era tão intensa que sua agitação devia ser evidente, por mais que se esforçasse para controlá-la. Suas palmas estavam suadas, e ela as pressionou contra o tecido do vestido para secá-las.

— Srta. Darling — disse o marquês.

Havia uma suavidade na voz dele que ela nunca tinha ouvido, e ela sabia que ele estava tentando acalmá-la. Com uma constatação repentina, ela percebeu que aquilo era tão difícil para ele quanto para ela.

Pobre homem. Entre todas as criaturas com quem ele poderia ter se casado, acabara sendo ela. Ela não era tola. Sabia que haveria muitas outras pessoas disputando sua riqueza e título e, honestamente, o homem em si.

Não podia negar que ele era um homem atraente.

Alto e musculoso, ele se destacava entre a maioria dos outros homens. Seus ombros eram largos e fortes, e ela vira em primeira mão o corpo que estava por baixo das roupas. Um rubor tingiu suas bochechas e ela não conseguiu mais encarar o olhar dele, com medo de que ele adivinhasse o que estava pensando.

— Srta. Darling — disse ele novamente, sua voz traindo que ele estava tão desconfortável quanto ela. — Conversei com seu pai e ele me deu permissão para falar com você.

— Você não precisa fazer isso — disse, apressadamente.

Ela atravessou a sala e parou a um braço de distância dele, com uma expressão suplicante. — Você é um marquês. Você poderia me rejeitar e ninguém pensaria mal de você. Eles o aplaudiriam – você sabe que o fariam – e eu sei que você não me quer mais do que eu quero você. Você preferiria se casar com uma cortesã a ter uma mulher como eu, você mesmo disse isso.

— Eu não disse nada disso! — retrucou ele, com as palavras tão duras e zangadas que ela se sobressaltou. Ele respirou fundo e ela pôde ver o esforço que fez para conter o próprio temperamento. — Se você vai bisbilhotar, pelo menos faça isso direito.

As palavras eram tensas, mas um pouco menos acaloradas.

— Muito bem — disse Selina, cuidadosamente. — Você *não* se casaria comigo, assim como não se casaria com a Sra. Dashton. Acertei agora?

Um leve rubor tingiu suas bochechas e Selina sentiu uma onda de triunfo, o que era ridículo, já que provocar um homem com quem ela poderia ser obrigada a se casar certamente não a beneficiaria em nada. No entanto, se ele visse o quão perto navegava rumo ao desastre só de considerar o matrimônio com ela, talvez mudasse de ideia.

— Você nunca vai me deixar esquecer disso, não é? — disse ele, com um tom sombrio.

— Por que eu deveria?

Selina encarou o olhar dele, desejando que ele fosse um homem diferente. Seus olhos eram de um azul impressionante. Se aqueles olhos tivessem olhado para ela com gentileza, com amor e afeto, ela não lutaria tanto contra essa situação. A ideia era absurda, porém, e ela sabia disso.

Para sua surpresa, a luta pareceu desaparecer dele. Sua postura rígida sumiu e ele se sentou com um baque em um elegante sofá, a imagem do desalento.

— Srta. Darling, minhas palavras naquela noite foram... impensadas. Já pedi desculpas duas vezes. Você não pode me perdoar por isso?

Ele olhou para ela, incomodando ainda mais Selina com o súbito desejo de consolá-lo.

Ela manteve-se firme e permitiu-se sorrir para ele.

— Claro que eu o perdoo, milorde — disse ela, baixinho. — Mas você sabe tão bem quanto eu que eu estou abaixo de você. Se você acredita que isso é certo ou errado, realmente não importa mais. O mundo em que você vive, as pessoas com quem você se associa, aprovariam se você me deixasse. Ninguém iria julgá-lo. No entanto, se nos casarmos, eles vão zombar de mim e pensar que você é um tolo.

— Eles não se atreveriam — disse ele, levantando-se agora, com o rosto uma máscara de orgulho e raiva. — Eu sou Lorde Henshaw, e me casarei com quem eu bem entender. Eles vão tratá-la como uma duquesa, ou terão que responder a mim.

Por um momento, Selina apenas o encarou, muito surpresa para responder. Sua resposta apaixonada não era o que ela esperava.

— Mas você não quer se casar comigo — sussurrou ela, sentindo uma pontada de tristeza pela verdade de suas palavras.

Ele encarou o olhar dela, sem negar, embora houvesse algo em seus olhos que a fez hesitar. Antes que pudesse decifrar o que era, ele se virou e se afastou dela.

Ele caminhou até a janela, com as mãos cruzadas nas costas, enquanto olhava para os jardins.

— Já não importa o que ambos queremos, Srta. Darling. Eu não vou deixá-la arruinada. Sei que poderia fazê-lo sem que fosse humilhado, é verdade, mas... minha consciência não me permitiria.

Ele a encarou novamente. Ela podia ver a determinação em seus olhos e sabia que não haveria como escapar dessa situação. Ela poderia dizer não, mas isso não seria o fim. Ele provavelmente apenas faria o anúncio e a forçaria a subir ao altar, independentemente de seus sentimentos.

— Eu sei sobre as dificuldades financeiras de seu pai.

Selina fitou-o boquiaberta, mortificada.

— Oh — ela disse, sentindo o calor subir às bochechas.

A expressão do marquês suavizou-se. — Não digo isso para feri-la ou constrangê-la, Srta. Darling, apenas para garantir que eu cuidarei para que seu pai viva confortavelmente.

— V-você pagaria as dívidas dele? — gaguejou ela.

Ela sentiu-se imediatamente como um coelho que caiu em uma armadilha. Como poderia recusar a proposta quando ele poderia garantir que a vida de seu pai fosse de conforto em vez de penúria? Ela soltou uma risada abafada ao perceber a verdade por trás de sua proposta.

— Claro. Naturalmente você não gostaria de estar associado a um homem falido.

Houve um lampejo de raiva em seu rosto e Selina preparou-se para o pior, mas ele soltou um suspiro e sacudiu a cabeça.

— Acha mesmo que sou um brutamontes cruel, Srta. Darling? — exigiu saber, com um tom perplexo na voz. — Já admiti que talvez a tenha julgado injustamente. Não pode aceitar que você possa ter feito o mesmo?

Selina sentiu uma onda de vergonha. Ali estava o pobre homem, em uma situação da qual ele poderia facilmente dar as costas, e,

ainda assim, seu próprio senso de honra não lhe permitia ir embora. Ele estava fazendo um evidente esforço para ser agradável, e ela havia jogado isso na sua cara.

— Perdoe-me — disse ela, com um tom baixo e angustiado ao saber que não havia saída.

Ela se casaria com ele. Seu pai estaria seguro, e ela estaria aprisionada. Ah, mas ainda que uma gaiola dourada fosse cheia de luxo e conforto, continuava sendo uma prisão.

Selina sentou-se e, para seu horror, sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Ela piscou para afastá-las e respirou fundo.

— Você está certo, milorde — disse ela, olhando para o tapete grosso sob seus pés enquanto sua voz tremia um pouco. — Você é um epítome de moral, decoro e... — A pausa foi necessária para que ela mantivesse a compostura, embora pouco ajudasse. — e agradeço em nome de meu pai. Receio que após os acontecimentos da noite passada, e... e...

Selina enterrou o rosto nas mãos, horrorizada com tal demonstração e certa de que devia ter provocado em seu futuro marido – um defensor tão ferrenho do decoro – um profundo desprezo por ela. As damas não deveriam demonstrar nenhuma emoção em excesso, disse ela sabia.

Foi, portanto, com certa surpresa que sentiu um toque suave em seu pulso quando ele afastou sua mão do rosto.

— Por favor, não chore, Srta. Darling.

Ele se ajoelhou diante dela, e sem querer a imagem dele fazendo isso na noite anterior tomou conta de seus pensamentos.

— Eu realmente não sou um brutamontes — disse ele, e ela viu tanta preocupação em seus olhos que sua garganta apertou ainda mais. — Eu quero vê-la feliz, você tem a minha palavra. Você nunca precisa temer que eu a machuque ou a maltrate. Talvez, quando você me conhecer um pouco melhor, verá que casar-se comigo não será um destino tão terrível.

Ela deu uma risada entrecortada enquanto as lágrimas ainda escorriam pelo rosto.

— Oh, tenho certeza de que não será um destino terrível — disse ela, sorrindo para ele. — Mas eu sonhei em me casar por amor, com um homem que desejasse somente a mim. Não em ter um pobre homem forçado a fazer o que é honroso contra sua vontade.— Antes que percebesse o que estava fazendo, sua mão se estendeu para tocar o rosto dele. — Eu me compadeço de você tanto quanto de mim mesma, milorde, pois temo que farei você infeliz, quando vejo que você merece ser feliz.

Ele cobriu sua mão com a dele, e Selina inspirou fundo enquanto ele virava o rosto para ela. O toque de seus lábios em sua palma nua despertou todos os seus sentidos e ela estremeceu, meio que esperando ouvir o trovão ribombando lá fora novamente. Quando ele levantou o olhar, seus olhos estavam escuros, e ela reconheceu o mesmo desejo em seu olhar que vira na noite anterior.

— Não se preocupe com problemas futuros, Srta. Darling. Não podemos entrar nessa união com nossas mentes abertas? Talvez o futuro não seja tão sombrio quanto você imagina.

Ela parou ao sentir um dedo tocando seus lábios e percebeu que não era apenas ela que estava respirando com dificuldade. — Eu, por exemplo, consigo encontrar razões para me alegrar com nossa união.

Selina não conseguia desviar o olhar dele, sabendo exatamente a o que ele se referia. Ele estava pensando em consumir o casamento, e a ideia fez suas bochechas queimarem. Para sua decepção, não foi a vergonha virginal que causou o calor de seu embaraço, embora ela rezasse para que ele acreditasse que fosse.

— Vai se casar comigo? — perguntou ele, e ela percebeu que ele não havia dito as palavras até agora. Não que isso importasse. Ela estava completamente enredada e ambos sabiam disso.

— Eu tenho uma condição — disse ela, sabendo que, como ele era um homem honroso, essa poderia ser sua última e melhor chance de escapar dele. Uma vozinha em sua cabeça reconhecia que havia uma parte dela que não queria escapar dele e do calor que ele trazia

quando estava perto. Ela a silenciou. — Eu me casarei com você se jurar pela sua honra que será fiel.

Ela esperou pela expressão de raiva que deveria marcar seu belo rosto, pela indignação com a ousadia de seu pedido.

Um sorriso curvou seus lábios.

— Farei meus votos diante de Deus, Srta. Darling — disse ele, com a voz baixa e sincera.

Ela conseguia ouvir a verdade em suas palavras. Ele não mentiria para ela. O que a fazia ter tanta certeza, ela não sabia, mas sentia isso no fundo de sua alma.

— Você pode não acreditar em mais nada sobre mim, mas acredite que eu nunca quebro minha palavra, especialmente uma feita de forma tão solene. Agora, você será apenas minha, então, rezo para que você amoleça um pouco seu coração antes de continuar me julgando.

Selina piscou, atônita. Ela não esperava isso dele. Que ele oferecesse fidelidade quando nem mesmo a queria como esposa...

A constatação de que ele era um homem inflexível, que se manteria rigidamente fiel aos seus princípios e ideais, não a confortou tanto quanto talvez suas palavras pretendessem. No entanto, ela reconheceu seu desejo de tentar, para ser um bom marido e fazê-la feliz.

— Então, Srta. Darling, você aceita se casar comigo?

Não havia muito mais o que fazer ou dizer, e, assim, Selina respirou fundo.

— Sim.

Não havia muito sentido em voltar para Londres, embora Selina quisesse com todo o seu coração.

Estar em um ambiente familiar por alguns dias, antes que sua vida virasse de cabeça para baixo, seria um alívio para seus nervos em frangalhos. Infelizmente, isso era impossível, e, no dia seguinte,

Selina e seu pai se hospedariam em Hadley Castle, a convite do marquês.

Boquiaberta, Selina fitou o local, e seu pai murmurou um palavrão que ela fingiu não ouvir, mas não podia culpá-lo. Ela nunca viu nada como Castle Hadley em toda a sua vida. Ela sabia que o homem era rico e poderoso – afinal, ele *era* um marquês – mas nada a tinha preparado para isso.

De repente, ela percebeu o quão completamente absurdo era o casamento deles e o pânico tomou conta de seu peito.

— Eu n-não posso fazer isso, papai — balbuciou ela, encarando-o com terror através da carruagem. Ela estendeu uma das mãos em direção ao edifício que parecia mais uma pequena cidade do que uma única residência. — Olhe só para esse lugar!

Como seu pai parecia tão atônito quanto ela, ele só conseguiu encarar a estrutura intimidante que se erguia diante deles e segurar a mão dela.

Antes que percebessem, a carruagem havia parado em frente a uma entrada digna de um rei. Selina teve que se controlar para não se lançar pela porta oposta e correr em disparada pelos gramados bem cuidados em uma tentativa de fuga.

— Mantenha a cabeça erguida, querida — disse seu pai, com a voz um pouco tensa, embora lhe oferecesse um sorriso encorajador. — Ele é apenas um homem. É de carne e osso como todos nós.

Selina piscou, desejando que seu pai pudesse ter lhe dito algo um pouco mais encorajador do que isso, mas aceitou seu conselho tal como foi dado e esperou um laçao impecavelmente uniformizado abrir a porta para ela.

Ao descer da carruagem, ela olhou para cima e viu seu futuro marido descendo os degraus em sua direção. Ele estava franzindo a testa e parecia bastante austero. Com seu coração batendo como um pássaro em pânico, Selina não teve escolha, então respirou fundo e reuniu suas forças.

Will desceu os degraus em direção à carruagem, desejando que seu coração não estivesse batendo tão forte. Era ridículo estar tão nervoso. Ela era apenas uma jovem, ele era um marquês, e Hadley Castle deveria impressioná-la. Só que ele tinha a vaga suspeita de que não era nada disso que estava acontecendo.

Até agora, a Srta. Darling ainda não havia se sentido impressionada com ele. Seu título e seu dinheiro pareciam não exercer o menor atrativo sobre ela, e ele se perguntava o que diabos teria que fazer para ganhar seu respeito.

Irritava-o um pouco ter que trabalhar tanto quando qualquer outra mulher se esforçaria ao máximo para agradá-lo, mas... bem, a Srta. Darling seria sua esposa, então, era melhor ele tentar descobrir o que a fazia feliz, senão a vida poderia ser tão difícil quanto ela havia previsto.

Ao ter o primeiro vislumbre dela, ficou sem ar, com a súbita e repentina onda de desejo por sua noiva atingindo-o com força. Bem, pelo menos havia isso.

Will se aproximou e viu o quão pálida sua noiva estava. De repente, ele percebeu que Hadley Castle não a havia impressionado, mas sim, aterrorizado.

Pela primeira vez, ele olhou para a situação através de sua perspectiva. Ela havia nascido e sido criada em Londres – com liberdade demais e companhia duvidosa, na opinião dele – e em um ambiente comparativamente modesto.

Compreender o que sua posição como esposa dele implicaria em um local como aquele devia tê-la chocado. Ele se perguntou se ela tinha a menor ideia do tipo de fortuna com a qual estava se casando. Considerando o olhar em seu rosto, isso não a fez abraçar seu destino com mais entusiasmo do que antes. Ele imaginava que qualquer progresso que pudesse ter feito durante seu último encontro havia desaparecido no momento em que ela avistou sua casa. O que ela diria quando descobrisse que essa era apenas uma de muitas, ele não conseguia imaginar.

Fazendo o seu melhor para parecer receptivo e acolhedor, Will forçou um sorriso no rosto.

— Bem-vindos a Hadley Castle.

— Obrigada, milorde — respondeu a Srta. Darling, lançando os olhos azuis e espantados sobre os lacaios que a cercavam por todos os lados.

Will limpou a garganta, sem saber muito bem como tranquilizar a ela e ao pai. Com uma inspiração repentina, voltou-se para o mordomo. — Jenson, vamos tomar o chá na sala de estar.

— Muito bem, milorde.

Ele estendeu o braço para a Srta. Darling e ficou um tanto chocado com a sensação de posse que tomou conta dele ao sentir seus dedos esguios e enluvados se enrolarem em sua manga.

Seus olhares se encontraram por um momento, e Will desejou poder se livrar do pai dela. Não conseguia evitar a sensação de que as coisas seriam muito mais fáceis se eles pudessem ficar a sós. Com uma onda de impaciência, decidiu que deveria providenciar isso com a máxima urgência e conduziu-os para dentro do castelo.

Capítulo 7

"No qual se realiza um casamento."



Selina observou com uma leve sensação de pânico no peito enquanto seu pai saía da sala. O traidor.

— Não precisa ficar com essa fisionomia tão aterrorizada, Srta. Darling. Eu juro que não há uma carroça de execução esperando lá fora para te levar para a forca.

Ela soltou uma risada contida e olhou para cima, encontrando o marquês observando-a com o que parecia ser divertimento. Pelo menos, não era aversão ou horror. Podia ser pior.

— Peço desculpas, milorde — disse ela, um pouco mortificada por estar tão claramente fora de sua zona de conforto. — Eu pareço tão aterrorizada assim? Achei que estava escondendo isso muito bem.

— Infelizmente, você não herdou as habilidades de sua mãe — disse ele, com um sorriso irônico, oferecendo-lhe a mão. — Posso lhe mostrar um pouco do lugar?

Selina permitiu que ele a ajudasse a se levantar e lançou-lhe um de soslaio. — Não tenho certeza se tenho a energia necessária. Quantos cômodos há, exatamente?

Ele pareceu quase envergonhado ao responder, ela notou com um pouco de diversão.

— Cento e trinta e nove — admitiu ele.

A expressão em seus olhos sugeria que ele acreditava estar sendo julgado por ela. Talvez ele pensasse que ela fosse uma revolucionária, ansiosa por vê-lo perder a cabeça, como tantos

nobres na França? Ela sabia, sem sombra de dúvida, que alguns de seus conhecidos assim o desejavam. Perceber que ele carregava tantos medos e inseguranças quanto ela lhe dava um pouco de coragem.

Ela arriscou um sorriso enquanto ele falava novamente.

— Eu só mostrarei alguns dos cômodos que você mais usará. Você poderá explorar à vontade.

— Não há alas proibidas, então? Quartos trancados?

Ela não tinha certeza se o estava provocando ou falando sério, mas os olhos azuis dele brilharam um pouco e ela se sentiu satisfeita por descobrir que ele tinha um senso de humor.

— Você gosta de romances góticos, suponho? — perguntou ele, erguendo levemente uma sobrancelha.

Para seu alívio, a pergunta não parecia depreciativa.

— Você consegue me ler muito bem, milorde — respondeu ela, sorrindo com mais prazer agora, e surpresa ao vê-lo retribuir o sorriso, seus olhos acolhedores.

— Não tenho segredos escondidos dentro dessas paredes ou em qualquer outro lugar, e convido você a explorar à vontade. Só tome cuidado para não se perder, é fácil de acontecer.

Pelo desdém na voz dele, ela suspeitou que isso já tivesse acontecido com ele.

— Há também livros suficientes na biblioteca para mantê-la ocupada por muito tempo.

— Você não desaprova? — Sua voz deve ter revelado o tamanho de sua surpresa, pois ela pensou ter visto uma leve irritação em seus olhos.

— Srta. Darling, sei que você acredita que eu seja antiquado e...
— Ele hesitou, e um leve rubor formou-se em suas bochechas. — Bem, um moralista, se formos falar a verdade nua e crua.

Selina sentiu suas sobrancelhas atingirem a raiz do cabelo, mas era honesta demais para contradizê-lo.

— Pode ser que essas acusações sejam bem-fundadas — continuou ele, parecendo cada vez mais constrangido. — No entanto, não sou nem um ignorante nem seu carcereiro. Se tais coisas lhe trazem prazer, eu não impedirei sua diversão.

A mão de Selina apertou um pouco o braço dele. Sua honestidade a agradou, assim como sua declaração de que não pretendia sufocar seu espírito. Pela primeira vez, desde que aquela tempestade horrenda havia virado seu mundo de cabeça para baixo, ela sentiu um vislumbre de esperança. Era tênue, talvez, mas seu pai estava certo. Ela deveria dar-lhe uma chance.

Continuaram em direção à porta, mas antes de saírem da sala, Selina parou e gesticulou para um dos muitos quadros emoldurados em ouro que cobriam as paredes da sala de estar. Era uma sala linda, ela tinha que admitir, com as paredes cobertas de seda verde-pálido e dourada e móveis requintados.

— Esse é você?

O marquês olhou para o quadro ao qual ela estava se referindo, mostrando três meninos juntos. O mais velho tinha talvez dezoito anos, um jovem em plena forma. Ele parecia convencido e mimado, e era exatamente o tipo de tolo pomposo que ela detestava. Havia também um garotinho, de três anos, ao que parecia, com bochechas gordinhas e olhos azuis brilhantes, embora houvesse um brilho travesso que sugeria que ele daria trabalho no futuro. Entretanto, foi o irmão do meio que atraiu sua atenção. Ele parecia um garotinho sério, muito autoconsciente aos olhos do pintor.

O marquês assentiu. — Meu irmão mais velho, Hugh, o falecido Conde de Dreighton, e meu irmão mais novo, Lorde Lancaster, que você já conheceu.

Selina assentiu, ainda olhando para o quadro, intrigada. — Como era seu pai?

Ela se virou e viu que ele parecia um pouco surpreso com a pergunta, antes de seu rosto se fechar.

— Ele era o marquês — disse ele, como se isso explicasse tudo, e talvez explicasse.

Ele lhe mostrou talvez uma dúzia dos cento e trinta e nove cômodos, mas isso foi suficiente para fazê-la sentir-se insignificante e um pouco perdida.

— Esta é a biblioteca — disse o marquês, ao abrir mais uma porta. — e um dos meus cômodos favoritos — acrescentou ele. — Espero que seja um dos seus também.

Selina preparou-se para mais um espaço cavernoso com espaço suficiente para um baile, com opulência e poder gritando de todos os cantos, e se surpreendeu ao ver que estava errada.

Era talvez o menor cômodo que ela tinha visto até agora.

As janelas davam para uma bela vista. Um vasto gramado descia até um grande lago, e além dele havia uma floresta que parecia escura e misteriosa na névoa úmida da tarde. As estantes estavam realmente abarrotadas de livros, e uma escrivaninha imponente dominava o ambiente, mas era acolhedora e confortável.

Selina imaginou-se aconchegada ali em uma tarde chuvosa com um bom livro, talvez torrando *crumpets* junto à lareira.

— Que cômodo perfeito — disse ela, com sinceridade enquanto o olhava.

Havia prazer em seus olhos ao ouvir suas palavras, e um pouco da tensão que comprimia em seu estômago se esvaiu.

— Fico feliz que você goste — disse ele, e ela acreditava nele. Ele queria que ela gostasse de sua casa, isso era evidente. Era importante para ele. — Quero que você se sinta confortável aqui.

Ele parecia terrivelmente sério e sincero e, involuntariamente, ela emitiu um som de surpresa. A ideia de se sentir confortável neste palácio era tão improvável que parecia risível.

— Oh, sinto muito — disse ela, mortificada, enquanto olhava de volta para ele, supondo que ele se mostraria rígido e desaprovador com sua ingratidão. Em vez disso, ele parecia preocupado.

Ele caminhou em sua direção e segurou suas mãos, um gesto com o qual ela achava que ele pretendia passar conforto, mas que fez seu coração bater forte atrás das costelas como se quisesse escapar.

— É tão assustador assim? — perguntou ele, com um olhar tão atormentado que Selina sentiu a respiração falhar. Ele queria sua felicidade. Esse fato irradiava em seus olhos.

— Sim — admitiu ela. Ele tinha sido honesto, afinal, e ela lhe devia a mesma sinceridade. — Mas eu gosto muito deste cômodo.

— Então devemos explorar todos os outros para encontrar os que mais lhe agradam — disse ele, sorrindo para ela.

— Todos eles? — indagou ela, rindo, e perguntando-se por que sua voz soava tão ofegante.

A mão dele se estendeu e envolveu seu rosto, seu polegar acariciando sua bochecha.

— Todos eles — insistiu ele, e Selina prendeu a respiração enquanto ele baixava sua boca para a dela.

Ele a havia beijado antes, e tinha sido um beijo agressivo e duro e... bastante magnífico. Este era diferente, mas não menos maravilhoso.

Seu beijo era gentil, suave, seus braços, à medida que a envolviam, eram reconfortantes em vez de dominantes, estava clara sua intenção de mostrar que podia ser terno. Selina permitiu que ele ilustrasse esse lado dele tão plenamente quanto quisesse, suas preocupações e ansiedades se desvanecendo no prazer de seu beijo. O beijo prosseguiu, longo e demorado e deliciosamente doce.

O desejo floresceu sob sua pele à medida que seus lábios e línguas descobriam a forma e o sabor um do outro, e ela se aproximou mais à medida que o calor aumentava. Para sua consternação, as mãos dele não exploraram mais, permanecendo firmemente em suas costas e cintura e não se aventurando mais longe.

Selina não viu razão para não explorar, no entanto, e deslizou as mãos sob a jaqueta dele, desfrutando do calor do corpo dele ardendo através da seda do colete. Meu Deus, como ele era vigoroso, com um corpo duro sob as roupas. Ela pressionou-se contra ele, intrigada com a diferença entre eles, e ofegou quando a ereção dele pressionou sua barriga. Sua mão desviou, curiosa e ansiosa para investigar mais, quando ele deu um passo rápido para trás, interrompendo o beijo.

Ela o olhou surpresa, perguntando-se o que havia acontecido. Ele parecia desganhado e corado e muito atraente, e ela desejava que ele não tivesse parado.

— Nos casaremos depois de amanhã — disse ele, as palavras um tanto tensas. — Venha, é melhor retornarmos ao seu pai. Ele estará se perguntando o que aconteceu com você.

Selina se sentiu desapontada com a forma como ele havia se afastado dela. Ela havia sentido a possibilidade de seu beijo levar a uma maior intimidade, e não apenas fisicamente. Se ela fosse tomar esse homem como seu marido, então, queria conhecê-lo, entendê-lo. No entanto, ela percebeu que ele havia fechado a porta para ela assim que ela havia sido aberta.

— Precisamos encontrá-lo agora? — perguntou ela, sua voz baixa enquanto ousava dar um passo mais para perto dele. Sua atenção permanecia em sua boca, mas, ao obrigar seus olhos a se erguerem, ela viu seus olhos escurecerem antes que ele ficasse de costas para ela.

— Sim — disse ele, com a voz mais rouca do que antes. — Acho que devemos.

Selina encarou o próprio reflexo no espelho. O quarto atrás dela era tão opulento quanto todos os outros nessa grandiosidade aterrorizante, e uma chocante ostentação de excessos preenchia cada canto.

Lorde Henshaw era um homem generoso e havia adornado sua noiva com todos os presentes imagináveis. Como ele havia

conseguido trazer tantos vestidos, sapatos, chapéus e... tudo o que se possa imaginar para ali em tão pouco tempo...?!

O fato de que ele era rico e poderoso o suficiente para ter tudo o que desejasse a qualquer momento não aliviava suas apreensões.

Por que ele não a havia simplesmente descartado e a deixado à mercê de sua ruína? Porque ele tinha um profundo senso de honra e moralidade, respondeu à própria pergunta. No entanto, era essa honra e moralidade que a faziam hesitar. De acordo com a sua experiência, aqueles da alta sociedade que mais se agarravam a ideias de decoro e tinham os mais rígidos princípios eram também aqueles com maior capacidade de agir com crueldade. A forma como seu pai havia sido tratado por se casar com alguém abaixo de sua condição ilustrava isso com uma clareza impressionante.

Por um momento, ela olhou para a bela vista além da janela e brincou com a ideia de fugir, embora soubesse que era apenas uma fantasia. Ela estava comprometida agora. Seu pai não teria que viver na pobreza e ela não iria envergonhar nem ele nem Lorde Henshaw desistindo. Então, teria que tirar o máximo de proveito da situação.

Ela se virou e percebeu, com desgosto, que a maioria das mulheres a consideraria totalmente insana. Tirada do anonimato, ela seria elevada ao deslumbrante status de Marquesa de Henshaw. Dinheiro, poder, todo o luxo existente estariam ao seu dispor. No entanto, aquilo que ela mais valorizava: sua liberdade, provavelmente estava perdida para ela. O pensamento fez seu coração pular como um pássaro em uma gaiola, buscando a liberdade embora as barras de ferro fossem intransponíveis.

Pare com isso, ela repreendeu-se. Eles mal haviam começado, mas ela havia prometido dar uma chance a ele. Era possível que Lorde Henshaw tivesse simplesmente estado de mau humor na noite em que o ouviu se dirigir com tanta crueldade a ela. Era *possível* que ele não fosse tão moralista quanto as pessoas afirmavam, ou mesmo que fosse, que ele pudesse mudar. Ele poderia. *Era possível*.

Oh, céus.

Selina forçou-se a respirar profundamente para se acalmar. Ela alisou o deslumbrante vestido que estava usando, agradecida pelas luvas que escondiam suas palmas suadas. O vestido era de um delicado amarelo-pálido, com um pesado cetim bordado com primulas nas mangas e na barra. Era, sem dúvida, a coisa mais bonita que ela já havia vestido em toda a sua vida, e ela tentava sentir prazer nisso, e na habilidade com que sua criada pessoal, um tanto intimidadora, havia arrumado seu cabelo. A mulher estava claramente olhando para Selina com um ar de superioridade. Ela havia trabalhado para a Duquesa-Viúva Sindalton até sua morte e sentia claramente que estava trabalhando em uma posição inferior agora.

No entanto, esse era outro problema. Lorde Henshaw havia providenciado para ela uma modista esnobe, sem sequer consultá-la. Certamente, ela poderia ter escolhido alguém por conta própria, não?

Ela mordeu o lábio. *Escolha suas batalhas, Selina*, ela aconselhou-se. Se não quisesse que seu casamento se tornasse um campo de batalha dentro de algumas horas após deixar o altar, ela teria que fazer concessões. Ela *iria* tentar. Com um rápido aceno para o próprio reflexo, Selina virou-se e caminhou até a porta e em direção ao casamento iminente.

Will lançou um olhar furtivo na direção da mulher ao seu lado. Ela parecia pálida e mais resignada do que animada, mas nada podia ofuscar sua beleza. Algo entre desejo e ansiedade percorreu sua coluna.

Toda vez que seus pensamentos haviam se voltado para as questões relacionadas ao matrimônio nos últimos meses, ele havia considerado futuras esposas que tornariam a vida confortável para ele. Ele procurava uma criatura sensata que se encaixaria em sua vida com facilidade e se tornaria uma companheira fiel. Ele esperava amizade e compreensão, talvez até mesmo amor, apesar de seus pensamentos sobre o assunto serem baseados em uma genuína dependência, em vez de conceitos românticos de paixão e desejo.

A Srta. Darling estava totalmente desconfortável.

Quando a beijara na biblioteca, foi necessário todo o seu autocontrole para se afastar dela. Seu sangue estava ardendo de desejo e a força da necessidade de avançar era perturbadora.

A decepção dela quando ele se afastou o surpreendeu. Ele não esperava, de forma alguma, que uma mulher e dama inocente de boa família demonstrasse tamanho desejo evidente. Muito embora, ele lembrou-se, ela não tivesse sido criada como uma dama. Ele tinha certeza de que não era o primeiro homem a beijá-la, pelo menos.

Só Deus sabia a que tipo de escândalos ela pode ter sido exposta, vivendo com Darling Bertie. Ele deveria fazer concessões e educá-la sobre o que era e o que não era aceitável.

No entanto, sua própria reação à decepção dela o surpreendeu ainda mais. Como ele conseguira se forçar a sair da sala, não sabia, quando todo desejo carnal estava fervilhando, instigando-o a agir conforme a expressão em seus olhos.

Pensamentos sobre sua noite de núpcias invadiram sua mente e foi necessário um considerável esforço para afastá-los. Ele não iria manchar seus votos solenes com tais pensamentos. Era indigno de sua posição e injusto com sua noiva

Ele olhou para ela novamente e, desta vez, seus olhos se encontraram, e ela abriu um sorriso trêmulo.

Will sentiu-se satisfeito com a visão e apertou a mão dela, de maneira encorajadora. Ela estava fora de seu elemento, a pobre criatura. Caberia a ele guiá-la e ajudá-la a se adaptar, mostrar-lhe o caminho que seguiriam.

Um calor e uma sensação de contentamento preencheram seu peito com a ideia. Sim. Ele iria ensiná-la. Talvez ela não fosse a mulher com a qual ele esperava se casar, mas não havia razão para que ela não pudesse se tornar essa mulher, com um pouco de orientação.

Ele virou-se, pronto para fazer seus votos com uma mentalidade muito mais otimista.

Selina aguentou o resto do dia da melhor forma que pôde. Lorde Lancaster e sua esposa estiveram presentes para a cerimônia e o café da manhã de casamento, pelo que ela estava agradecida. Parecia que eles estavam hospedados com Lorde Henshaw, mas tinham se ausentado na sua chegada, não querendo tornar as coisas mais desconfortáveis. Mal sabiam eles que sua presença só poderia ter ajudado.

Eles eram ambos calorosos e acolhedores, e algo como um antídoto para a formalidade de seu novo marido. Ele sabia que a esposa de Lancaster, Dinah, estava longe de ser bem-vista pela alta sociedade.

Como será que ela interagia com Lorde Henshaw, e ele com ela? Para surpresa e alívio de Selina, o relacionamento deles parecia amigável, e ela achava que talvez o marquês relaxasse um pouco na companhia deles.

À medida que o dia avançava, seu pai bebia demais e ameaçava envergonhar a todos, até que Lorde Henshaw lhe lançou um olhar repreensivo. Dividida entre alívio e irritação, Selina não sabia se deveria ficar brava com a audácia de seu novo marido ou agradecê-lo por manter seu pai na linha. Deus sabia que ela nunca tinha conseguido isso.

Era evidente para ela que seu pai estava sofrendo de culpa. Embora ainda nutrisse ressentimento por tê-la forçado a essa situação devido às suas finanças desesperadoras, ela o amava demais para vê-lo sofrer por isso. Assim, sorriu até o rosto doer e os convidados terem ido embora.

Lorde Henshaw a deixou sozinha com seu pai, prometendo voltar em breve. Ela suspeitava que ele estava lhe dando um tempo da companhia dele e em privado com seu pai antes que ficassem a sós. Por isso, ela suspirou de alívio quando a porta se fechou.

— Oh, meu Deus — disse ela, sentando-se e dando ao pai um sorriso um tanto desconfortável. — Que dia estranho. Continuo esperando acordar, mas nunca acordo.

— Sinto o mesmo, querida.

O Sr. Darling sentou-se ao seu lado e tomou sua mão, apertando-a um pouco. — Não consigo acreditar que você é a Marquesa de Henshaw.

A boca de Selina se abriu em surpresa ao ouvir essas palavras dirigidas a ela pela primeira vez.

— Como soa imponente — disse ela, com a voz fraca. — Certamente não é um título que eu deveria receber.

— Que disparate. — As palavras de seu pai foram firmes, seu orgulho evidente. — O fato de a sua mãe ter sido uma atriz, não tira o seu valor como dama. Sua mãe era certamente uma dama, não importa o que os outros possam dizer sobre ela.

Selina sorriu e se inclinou, dando um beijo em sua bochecha. — Eu sei.

Eles ficaram em silêncio por um momento, mas seu pai estava inquieto devido à ansiedade e foi, com um coração pesado, que ela percebeu que ele estava tentando reunir coragem para aconselhá-la sobre a noite de núpcias. Ele se virou para ela e abriu a boca, e uma coloração bastante avermelhada ruborizou suas bochechas.

— Pai, não há necessidade — disse Selina, interrompendo quaisquer palavras excruciantes. — Eu conheço os acontecimentos de uma noite de núpcias há alguns anos. Não há necessidade de se inquietar tanto.

O Sr. Darling soltou um suspiro de alívio. — Oh, graças a Deus.

Ela resmungou, e seu pai a olhou enquanto os dois caíram na gargalhada.

— Estou falando sério, papai — disse ela, balançando a cabeça. — Eu perguntei a Dolly sobre essas coisas anos atrás. Ela foi muito franca.

— Meu Deus — respondeu seu pai, chocado.

Selina o encarou, perguntando-se como ele permitia que ela se relacionasse com cortesãs e não pensava que ela poderia aprender

uma coisa ou outra.

— Você acredita mesmo que eu não aprenderia sobre tais coisas vivendo sob o mesmo teto que você? — disse ela, lançando-lhe um olhar desesperado de afeto.

Seu pai lançou-lhe um sorriso pesaroso. — Fui um pai terrível para você, querida? Eu realmente sinto que devo ter sido.

Selina tomou seu braço e se apoiou nele. — Você foi o melhor pai do mundo, homem tolo — disse ela, com um tom satisfeito. Nunca duvidei que você me amava e me estimava. O que mais eu poderia pedir?

— Um teto sobre sua cabeça, companhias respeitáveis e um casamento à sua escolha? — sugeriu ele. As palavras eram leves, mas havia culpa em sua expressão.

— Ah, bem — respondeu Selina, com um encolher de ombros. Não havia muito sentido em lamentar agora. — Olhe para a grande dama que sou. Vou assustar todos os nossos amigos e conhecidos com minhas frescuras, você vai ver.

Seu pai riu, e ela se sentiu satisfeita por ter enxotado suas preocupações. Era fácil com ele. Se ao menos pudesse lidar com Lorde Henshaw com tanta facilidade.

— Falando sério, papai. Perguntei a Lorde Henshaw como era seu pai e tudo o que ele conseguiu dizer foi que *ele era o Marquês*. Acredito que ele deve ter sido um homem frio para que seu filho não tenha mais nada a dizer sobre seu pai.

Seu pai franziu a testa, mas qualquer conversa adicional foi interrompida quando Lorde Henshaw retornou a eles.

O Sr. Darling lançou um olhar hesitante para a filha e então se levantou.

— Muito bem, então — disse ele, novamente desconfortável enquanto Selina evitava olhar para o marido. — Eu devo me recolher, pois devo acordar cedo amanhã.

Por um momento, Selina quase foi levada a implorar para que ele não partisse no dia seguinte. Ser deixada sozinha aqui com Lorde Henshaw era um pensamento bastante aflitivo. Coragem não era algo que lhe faltava, no entanto, e ela ficou quieta. Ela abraçou seu pai com força, e sentiu a garganta doer enquanto ele a apertava de volta.

— Boa noite, Luna — disse ele, antes de beijar sua bochecha e deixá-la sozinha com seu marido.

Capítulo 8

"No qual a noite dá lugar ao dia."



Um silêncio ensurdecedor preencheu o ambiente e Selina forçou seus olhos a encontrarem os de Lorde Henshaw.

— Luna? — perguntou ele, com um tom inquisitivo, e Selina assentiu.

— Meu nome significa lua, então... — Ela interrompeu-se com um pequeno encolher de ombros enquanto seu marido se aproximava. *Marido*. Como isso havia acontecido? Por um momento, teve que reprimir o desejo avassalador de rir. Tinha certeza de que Lorde Henshaw não aprovaria.

— Combina com você — disse ele, com um tom mais suave na voz, ao mesmo tempo tranquilizador e inquietante. — Estou ansioso para ver seu lindo rosto ao luar, embora possa ver que a luz do fogo também lhe favorece.

Selina olhou para ele, agora curiosa. Será que ele realmente achava que ela era linda?

— Você me viu à luz de uma trovoada — disse ela, com um sorriso irônico, pensando que isso era mais adequado, considerando seus primeiros encontros.

— Sim, eu vi. — Ele a observou por um momento. — Acho que é hora de nos retirarmos.

Selina engoliu em seco. — S-sim, milorde.

Ela o seguiu escada acima e sentiu um alívio quando ele a acompanhou até sua porta.

Pressupondo que ele voltaria, apressou-se para dentro e encontrou sua engomada criada pessoal, a Sra. Pringle, esperando por ela. A mulher era pequena, mal alcançando o ombro de Selina. Todos os seus ângulos eram agudos, seu corpo, magro, e sua postura, rígida.

Ela havia trabalhado com mulheres criadas em berço de ouro das camadas mais elevadas da sociedade e não escondia que sentia que sua nova patroa estava abaixo dela. Lorde Henshaw havia demonstrado generosidade e não poupado despesas, mas Selina não podia deixar de sentir que a Sra. Pringle desaprovava a escolha do marquês de sua marquesa. A mulher achava que ela era uma caçadotes que o havia forçado a se casar com ele.

Duas vezes Selina tentou iniciar uma conversa com ela, pensando que talvez tivesse interpretado mal a situação. Talvez a Sra. Pringle estivesse tão nervosa quanto ela. Cada tentativa de iniciar uma conversa foi recebida com gélida formalidade, e a ideia foi abandonada.

Na última tentativa, a Sra. Pringle olhou para cima por um momento, parando de escovar o longo cabelo de Selina para lançar um olhar de desdém indulgente antes de continuar em silêncio. Selina só se sentiu aliviada quando a mulher deixou o quarto.

Bem. Ela teria que ir embora. Já era ruim o suficiente sentir-se um tanto intimidada por seu marido. Ser intimidada por sua modista era o cúmulo. Ela falaria com Lorde Henshaw sobre isso.

Com pesar, Selina se perguntou se sempre o chamaria de “milorde” ou “Lorde Henshaw”. Sabia muito bem que era a moda entre tais famílias imponentes, mas... isso a entristecia. Ele ainda não a havia convidado a usar seu nome de batismo.

Selina se sobressaltou quando houve uma batida na porta que conectava o quarto de seu marido ao seu.

— Entre.

Apesar da ansiedade, Selina não pôde deixar de admirar a visão de seu marido entrando no quarto. Ele havia se despido da jaqueta e

do colete, permanecendo apenas com a calça e a camisa folgada. Ela notou que seus pés estavam descalços e, por algum motivo estranho, isso a fez sorrir. *Ele é apenas um homem. De carne e osso, como todos nós.* Ela se lembrou das palavras de seu pai e ela soltou um suspiro.

Selina levantou-se e devolveu um sorriso hesitante. — Milorde — disse ela, sem saber o que mais dizer.

— Acho que agora você pode me chamar pelo meu nome — disse ele, dando-lhe um sorriso gentil.

Oh. Graças a Deus por isso.

— Fitzwilliam — disse ela, com um suspiro de alívio, e então hesitou quando ele franziu a testa e balançou a cabeça.

— Will, se não se importar. Não suporto Fitzwilliam. É muito formal.

Ele corou e, de repente, Selina sentiu uma onda de ternura por ele. Ele devia saber que todos o acham exatamente assim, e essa certeza o deixou desconfortável.

— Will, então — repetiu ela, com a voz suave, ignorando seu rubor.

Ela percebeu que ele estava tão nervoso quanto ela, talvez até mais. Então, lembrou-se dele ajoelhado aos seus pés diante do fogo, na noite da tempestade, e do beijo em sua biblioteca. Ele era seu marido agora, e não havia razão para se esquivar dos sentimentos que ele havia despertado. Ela queria que o casamento fosse um sucesso, queria que ambos fossem felizes, então...

Selina reuniu sua coragem e, como seu marido não se movia, diminuiu a distância entre eles.

— Meu marido — disse ela, as palavras soando um pouco ofegantes, com um toque de surpresa, enquanto estendia a mão e tocava seu rosto. Ela acariciou sua bochecha: um toque hesitante e lento, com um dedo avançando ao longo da linha de sua mandíbula. — Will.

Ele pareceu surpreso, mas não se moveu, e, enquanto sua outra mão se levantava para contornar seu rosto, ele fechou os olhos.

— Eu gostei de quando você me beijou, Will. — As palavras soaram praticamente inaudíveis, e ela pôde sentir o calor aquecendo as suas próprias bochechas enquanto seus olhos se abriam, observando-a com um olhar que ela não conseguia decifrar. — Você poderia fazer isso novamente, por favor?

Por um momento, ele pareceu prestes a dizer algo, mas, sejam quais fossem as palavras, elas permaneceram não ditas enquanto ele pressionava os lábios contra os dela.

Não havia mais a raiva e a frustração do primeiro beijo, nem a ternura do segundo. Era algo diferente.

Ansiedade. Estes eram o gosto deste beijo: de ansiedade e excitação, e uma nota possessiva que ao mesmo tempo a excitava e a fazia hesitar. Mas, apesar de tudo, ela também se sentia assim. Esse homem havia se comprometido com ela. Ele havia renunciado a todas as outras apenas por ela, e, neste momento, ela não podia deixar de se sentir grata por isso.

As mãos dele foram para sua cintura, puxando-a um pouco mais para perto, mas as dela eram menos pacientes, buscando a borda da camisa dele.

Ela sempre foi curiosa, ansiosa por conhecimento, amando novas descobertas. Se estivesse caminhando, um novo caminho era sempre muito mais interessante do que um que já havia percorrido antes, não importando se ela pudesse se perder. Agora, seu marido era sua nova aventura. Não era uma na qual ela tinha planejado embarcar, mas não havia como voltar atrás, então, ela poderia muito bem aproveitar todos os aspectos que pudesse.

Will se surpreendeu um pouco, parecendo chocado com o toque de suas mãos em sua pele enquanto elas deslizavam por seus flancos e iam em direção às suas costas.

— Sua pele está quente, e é tão macia quanto a minha — disse ela, satisfeita com a descoberta. — Você poderia tirar a camisa, por

favor?

Ele hesitou um momento antes de puxar o pedaço de linho branco para cima e sobre sua cabeça. Selina observou, fascinada com o movimento dos músculos e tendões sob sua pele. Uma extensão de peito largo e ombros mais largos ainda apareceu diante de seus olhos quando ele jogou a camisa de lado. Havia uma dispersão de pelos escuros que formavam uma linha mais estreita, que iam em direção à linha da cintura da calça dele.

Selina deu um passo mais para perto, sua ansiedade inicial diminuindo um pouco enquanto algo mais quente e instintivo tomava conta. Seus dedos voltaram a explorar, encontrando os pelos ali grossos e crespos enquanto sua mão passava por eles, seguindo o caminho que eles traçavam.

Will agarrou seu pulso quando ele alcançou o cós de sua calça, e Selina ofegou, chocada. Ela olhou para cima e viu dúvida em seus olhos.

— Você já...? — começou ele. — Você já...?

Ele fechou a boca com um estalo e Selina refletiu sua expressão de desaprovação até perceber que era uma pergunta, ou melhor, uma insinuação.

Ela ofegou e deu um passo para trás, com o horror estampado em seus olhos.

— Não! — exclamou ela, com um calor intenso queimando suas bochechas, embora fosse muito diferente da agradável sensação de calor que a envolvera momentos antes. — Como... como você pode...? — Ela engoliu em seco, as lágrimas se acumulando em seus olhos, enquanto o encarava com raiva. — Meu Deus, você realmente acredita que fez um mau negócio.

Ela pronunciou as palavras com dificuldade, carregadas de emoção, enquanto se virava, abraçando a si mesma, humilhada, chocada e ferida. Era pior do que ela temia. Eles nem mesmo poderiam passar pela noite de núpcias juntos se ele a considerava

uma vadia além de tudo o que ele havia insinuado. Estavam fadados ao fracasso.

O silêncio preencheu o quarto.

— Perdoe-me.

As palavras foram ditas atrás dela, e ela se sobressaltou, não tendo ouvido sua aproximação. Ela se virou, decidida a não fazer nada daquilo até que visse o arrependimento em seu olhar.

Ele estendeu a mão e tocou sua bochecha, assim como ela fizera com ele momentos antes. — Eu sou um maldito tolo. Você não precisa defender sua honra. Eu soube disso na noite da tempestade e sei agora. É só que... você não é o que eu esperava.

Selina conteve a resposta que estava se formando em sua língua. Certamente ela era exatamente o que ele esperava, foi por isso que ele a irritara quando o ouviu falar com seu irmão. No entanto, ela podia perceber o arrependimento por ter expressado suas dúvidas em voz alta.

— Eu sei que não sou o primeiro homem que você beijou. Você beija muito bem.

Selina lutou contra o desejo de corar. Bem, sim, isso era verdade, embora não houvesse ido além de beijos. No entanto, o pedido de desculpas retornou aos olhos dele, e ele passou a mão pelo cabelo e suspirou.

— Foi horrível da minha parte até pensar nisso, e peço desculpas. No entanto, eu esperava encontrar você aterrorizada, nervosa, pelo menos, e... — Ele soltou uma risada e Selina agora corou.

— Minha ousadia te surpreende — disse ela, vendo que suas palavras diretas também o surpreendiam. Ela balançou a cabeça, pressentindo desastre. — Nunca deveríamos ter concordado com isso. Eu te disse que nunca iríamos combinar. Eu *disse* para você...

Sua voz foi aumentando enquanto o pânico se espalhava por suas veias, mas ele a silenciou e a puxou para perto, beijando-a

novamente. Ela ofegou quando ele a soltou, chocada com a vertiginosa guinada dos acontecimentos e emoções.

— Não diga isso. — Havia um tom de súplica em sua voz enquanto ele envolvia seu rosto com uma de suas mãos grandes. — Acho que ambos temos muito a aprender, mas, por favor, não desista deste casamento antes que ele tenha sequer começado. Podemos fingir que eu nunca falei tais palavras terríveis? — Havia um vislumbre de um sorriso em seus lábios enquanto ela encarava o olhar dele. — Você disse que gostou de me beijar.

Mesmo sem querer, Selina riu. — Acho que é provável que irriteiros um ao outro até não aguentarmos mais, milorde, mas sim, não posso negar. Eu gostei de te beijar.

— Will — corrigiu ele, sua voz agora afável.

— Will — concordou ela, enquanto ele baixava a boca novamente.

Will puxou sua esposa para mais perto, percebendo que estivera perigosamente próximo de arruinar tudo antes mesmo de começar.

Não havia justificava. Nenhuma que sua consciência pudesse considerar justa, pelo menos; exceto o fato de que ela não se conformava com suas ideias sobre uma noiva virginal. Por que ele esperava que ela se conformasse, dada a forma como ela o beijara na biblioteca, mas... bem, ele esperava, e não havia como negar isso.

Sua evidente curiosidade, sua natureza franca... essas coisas eram chocantes, e ele não estava preparado para elas. Agora estava, e teria que ensiná-la a maneira adequada que uma dama deveria se comportar. Mas esta noite, não. Ele já havia estado perigosamente próximo de arruinar a noite de núpcias deles. Por esta noite, ele se calaria.

Como essa parte dele estava bem ocupada em descobrir as delícias da boca de sua esposa, ele não via isso como um problema. Com relutância, ele interrompeu o beijo e, em vez disso, pegou sua mão, conduzindo-a para a cama.

Will esperou até que ela se acomodasse e então apagou as velas do lado dela, antes de se mover em direção às do seu lado da cama.

— Oh, mas...

Ele se virou e viu Selina fechar a boca abruptamente. Ele percebeu um leve rubor nas suas bochechas enquanto esperava uma explicação. A luz das velas tornava difícil ver as coisas com clareza.

— Nada — murmurou ela, olhando para o cobertor.

Por um momento, ele suspeitou que ela queria que ele mantivesse as velas acesas, mas decidiu ignorar isso enquanto apagava as que restavam. Despindo-se do restante das roupas, Will deslizou para baixo do linho frio, buscando o calor do corpo do outro lado da cama.

Ao contrário de seu irmão mais novo, Will nunca fora adepto de aventuras sexuais. Tanta intimidade com mulheres que compartilham seus encantos tão livremente não lhe atraíam. Seu único encontro com uma prostituta, quando era muito jovem e por incentivo de seu pai, o deixara abalado e constrangido. Como seus princípios não permitiam a corrupção de inocentes, ele nunca buscou esse tipo de entretenimento.

Em sua juventude, ele teve um acordo duradouro com uma viúva. Foi ela quem lhe fizera a proposta e, a princípio, ele ficara horrorizado, apesar de também se sentir sozinho.

Ele não a via com frequência, talvez uma ou duas vezes por mês durante um período de um ano. Ela havia se mudado, porém, e ele nunca encontrou outra por quem desejasse substituí-la. Embora não fosse feia, ela nunca despertara seu desejo. Ele não desejava passar seu tempo com ela. Na verdade, o caso amoroso, se é que se podia chamar assim, o deixara insatisfeito e infeliz.

Atender a suas necessidades mais básicas servia a um propósito, mas sempre o deixava com um sentimento um pouco vazio. Quando ela partiu, ele considerou substituí-la, mas, de alguma forma, isso nunca aconteceu. Tais acordos pareciam repugnantes para ele.

Agora, sentia-se em um dilema por causa de tais decisões. Por um lado, parecia correto chegar até sua esposa como alguém que não tinha provado uma dúzia de outras antes dela. Por outro, sentia-se inexplicavelmente nervoso.

Sua mão buscou e encontrou Selina sob os lençóis, repousando na curva de seu quadril e deslizando para sua cintura. Ele a puxou para mais perto e encontrou sua boca novamente na escuridão. Pelo menos, isso era maravilhoso.

Nunca em sua vida ele tinha sido tão afetado por um beijo. Sua boca era um paraíso, um calor sedoso e prazeroso, e ele se entregou à exploração desse Éden. Embora estivesse nervoso, isso ao menos aliviava suas preocupações.

Assim, ele a beijava; beijos lentos, lânguidos, destinados a acalmá-los. As intenções de Will pareciam infundadas, no entanto, à medida que os beijos se tornavam mais intensos e profundos e cada vez mais urgentes. Talvez seus nervos tivessem se acalmado, mas ele não estava tranquilo.

Pelo contrário.

Ele tinha achado que tinha uma ideia de como a noite iria se desenrolar. Selina ficaria tímida. Ela coraria e gaguejaria e talvez precisasse ser persuadida ou de explicações. Ele seria, naturalmente, paciente, terno e gentil, e cuidadoso para não fazer nada que a chocasse ou causasse dor desnecessária.

No entanto, ele estava em chamas. As mãos de Selina o exploravam, atrevidas e curiosas, tocando-o em todos os lugares e deixando uma queimadura escaldante por onde passavam, como se ela o tivesse marcado. Ele estava excitado e dolorido, seu corpo exigindo mais, exigindo liberação. Quando ele foi em direção à borda de seu penhoar, não foi uma revelação lenta como ele havia planejado. Will agarrou o tecido, puxando-o para cima e para fora do caminho enquanto Selina o ajudava, sua ansiedade evidente.

Embora isso devesse tê-lo chocado, ele sentia apenas uma onda de triunfo com seu evidente desejo. Ela o queria, precisava dele, e ele não podia negar o entusiasmo do orgulho masculino que

acompanhava esse pensamento. O som de sua respiração, o rápido subir e descer de seu peito só aumentavam sua urgência, mas isso não era nada. Ao abrir suas coxas, encontrando seu lugar entre elas e guiando seu corpo para dentro dela, ele descobriu que ela estava mais do que pronta para ele.

Foi quase sua perdição, deslizar naquele abraço quente e acolhedor; experimentando mais prazer do que ele jamais conhecera em sua vida. Ele estava perdido, mergulhando mais fundo sem considerar sua inocência.

Com pesar, ouviu seu grito e, enquanto ela se agarrava a ele, percebeu que havia mais uma coisa pela qual se desculpar. Seu pesar durou pouco, no entanto, à medida que seu desejo roubava sua razão.

Selina envolveu seus braços ao redor de seu pescoço e ele buscou sua boca mais uma vez, aliviado ao descobrir que estava errado desta vez, ao perceber que ela não estava chorando, como havia imaginado. Não chorando, não, mas ofegante e agarrando-se a ele.

Meu Deus.

Ele olhou para ela, ouvindo suas maravilhadas exclamações de prazer, e foi tomado por um sentimento avassalador. Não havia mais nada além disso. Não havia mal-entendidos entre eles agora, não havia barreiras ou palavras ou classe, ou divisões de qualquer tipo. Era uma união de corpos e almas como ele nunca havia conhecido.

Ele gritou ao alcançar o clímax, chocando-se mais uma vez em uma noite cheia de revelações. O som foi primitivo, como se uma criatura selvagem estivesse à solta, uivando seu desejo para a lua. A vergonha começou a tomar conta dele à medida que sua razão retornava.

Bom Deus. O que acabara de acontecer?

Ele se afastou dela e deitou-se de costas, com o peito arfando enquanto lutava para acalmar seu coração acelerado. Ele cobriu os olhos com uma das mãos e se xingou, grato pela escuridão.

— Peço desculpas — disse ele, com palavras carregadas de desgosto. O que ela pensaria dele?

Ele sentia mais do que ouvia sua confusão no silêncio que se seguiu.

— Pelo quê? — perguntou ela, soando perplexa, embora suas palavras fossem cautelosas.

— Por... — Will engoliu um gemido e esfregou a mão sobre o rosto. — Por não ter sido mais cuidadoso.

Pelo menos agora tinha a garantia de que ela era virgem, pensou ele, e depois se odiou ainda mais pelo prazer em ter essa prova.

Selina estendeu a mão na escuridão e a apertou. — Eu... eu... — Ela parou de falar subitamente e suas palavras pareceram hesitantes. — Não tenho do que reclamar. Por favor, não se sinta culpado por minha causa. Não fez nada de errado.

Will não se moveu nem falou, e um momento depois ela soltou sua mão. Ele permitiu que o silêncio preenchesse o quarto, sem saber mais o que dizer. Ele esperou até acreditar que ela deveria estar adormecida, e então deixou o quarto dela, retornando furtivamente ao seu.

Capítulo 9

"No qual um libertino é descoberto na floresta."



Selina deitou-se na escuridão, quieta e imóvel, enquanto seu marido se afastava da cama e voltava para seu próprio quarto. Ela não sabia o que sentir. Pena, talvez, e não apenas de si mesma.

Ela tinha considerado o ato de amor deles como algo maravilhoso e, pela primeira vez, tinha se permitido acreditar que o homem a quem se entregava poderia, de fato, fazê-la feliz. Certamente alguém que a amou com uma mistura tão curiosa de ternura e fúria não poderia ser tão conservador quanto ela acreditava, certo? No entanto, suas esperanças se desvaneceram tão rapidamente quanto haviam surgido.

Por que ele havia se desculpado?

Ele parecia tão envergonhado pelo que havia feito que a deixou completamente perplexa. Selina não encontrava nada de vergonhoso no que tinha acontecido. Sem dúvida, esse fato também o surpreenderia. Com uma crescente tristeza, teve que reconhecer que tinha razão desde o início. Eles eram fatalmente incompatíveis. Não que essa fosse uma descoberta notável. Ela sabia disso desde o início.

Se ele não podia sequer permitir-se esse simples prazer humano sem remorso... que triste existência ele deveria levar.

Selina virou-se de lado e envolveu-se em um abraço protetor. Ela não queria passar a vida sozinha. A ideia de seu marido perpetuamente preso a uma teia de culpa infundada ou se assustando toda vez que ela abrisse a boca...

Um suspiro escapuliu de seus lábios. No mínimo, talvez ela pudesse fazê-lo ver que não havia motivo para se desculpar. Não havia nada de errado no prazer que ele encontrou com ela. Eram marido e mulher, pelo amor de Deus. Com seus pensamentos emaranhados, descobriu que estava cansada demais para considerar mais a questão e permitiu-se dormir.

Will dormiu pouco e mal. Levantou-se cedo e passou uma hora sentado em sua banheira, com a água esfriando a cada minuto. Seus pensamentos retornavam incessantemente à sua esposa e aos eventos da noite anterior.

A culpa pela falta de cuidado o atormentava, mas era mais do que isso. Ele havia parado de agir com cuidado porque havia perdido todo o controle. Nunca em toda sua vida desejara alguém tanto. Ao recordar disso, ele se viu chocado com o efeito instantâneo em seu corpo. Saber que ela ainda estava deitada na cama e que ele só precisava abrir uma porta tornava tudo ainda pior.

Ela o havia inflamado.

Na noite anterior, ele tinha sido dominado pela sua libido, o que o envergonhou e horrorizou mais do que qualquer outra coisa. Ele não era um animal irracional, mas um homem, e o fato de ter agido com a mesma impulsividade de uma besta em busca de satisfação imediata fez com que seu rosto corasse de vergonha. E ele mal ousava considerar que ela parecia não se importar nem um pouco com isso.

Will deu uma risadinha autodepreciativa ao lembrar-se de seu desejo de procurar uma esposa que lhe oferecesse conforto. Pegando um jarro de água fria, despejou-a sobre a cabeça, ofegante enquanto os filetes de água gelada escorriam por ele. Nunca se sentira mais desconfortável em toda a sua vida.

Ele se perguntava como a enfrentaria naquela manhã, mas não havia como evitar. Ele precisava enfrentá-la. Estava estranhamente inquieto com a ideia, e não era simplesmente culpa por ter tirado sua virgindade de maneira brusca. Não. Era mais complexo do que isso.

Ele estava impaciente para vê-la, *ansiava* vê-la, e isso o assustava mais do que qualquer coisa.

Quando chegou à sala de café da manhã, tinha um controle tolerável de suas emoções, pelo menos externamente. Ele se convenceu de que, quando Selina chegasse à sala um pouco depois, ela não perceberia nada de estranho.

Ele se levantou para saudá-la, desanimado ao vê-la com uma aparência um tanto pálida.

— Bom dia — disse ele, lutando para encontrar os seus olhos, mas forçando-se a fazê-lo. — Dormiu bem?

— Muito bem, obrigada.

Ela se sentou e permitiu que um lacaios lhe servisse uma xícara de chocolate quente. Will a observava furtivamente enquanto comia.

— Está sem apetite esta manhã? — observou ele, depois que ela terminou o chocolate e pousou a xícara ao lado.

Sua esposa lançou um olhar um tanto assustado para a variedade de pratos dispostos na mesa. Fatias de pão e pãezinhos de brioche três tipos de bolo, várias cestas de frutas e um prato de ameixas francesas estavam servidos, para não mencionar uma variedade de carnes, desde frango assado até filé mignon e uma língua de cordeiro finamente fatiada.

Selina devolveu um sorriso que parecia um pouco forçado e pegou uma pequena fatia de bolo de sementes. Ela decidiu esmigalhar a fatia em vez de comê-la, enquanto fitava o prato com um ar distraído.

Will franziu a testa. Será que ela estava tão zangada com ele quanto ele estava consigo mesmo? Ela não parecia assim na noite passada. Seus pensamentos se desviaram mais uma vez, e ele lutou para suprimir o desejo urgente de arrastá-la de volta para o andar de cima. Isso não ajudava em nada para acalmar seus nervos em frangalhos.

— Imagino que tudo isso deva parecer estranho para você — disse ele, tentando encontrar uma forma de tranquilizá-la.

Ela o olhou, como se só então se lembrasse de que ele estava ali. Seu olhar foi para o bolo esfarelado em seu prato e ela franziu a testa, limpando os dedos com o guardanapo e sentando-se um pouco mais ereta.

— Sim — disse ela, assentindo. — Parece. Imagino que esteja acontecendo o mesmo com você.

Seu olhar se voltou para ele então, com seus olhos azuis francos examinando seu rosto, embora ele não pudesse imaginar o quê. Um rubor leve subiu pelo pescoço de Will e ele sentiu-se aliviado por estar usando a gravata enquanto desviava seu olhar para o prato, a fim de escapar de maior escrutínio.

— Talvez pudéssemos dar uma volta a cavalo? Um pouco de ar fresco pode te fazer bem. — Ele manteve a cabeça baixa, concentrando-se na comida, apesar de ter perdido o apetite.

— Infelizmente não sei como — respondeu ela, oferecendo-lhe um sorriso tenso. — Nunca aprendi.

— Oh. — Will repreendeu-se por não ter considerado isso. — Bem, não se preocupe. Eu posso te ensinar, mas talvez não esta manhã. Você gostaria de dar uma caminhada em vez disso?

— Sim. Obrigada.

Will achou que talvez a resposta e o sorriso que a acompanhava fossem um pouco mecânicos, mas ignorou isso, não querendo indagar sobre o estado de espírito dela. Tinha medo de que, se assim o fizesse, ela pudesse lhe dizer a verdade.

Era uma manhã ensolarada e, apesar do frio, Selina podia sentir o sol aquecendo suas costas enquanto caminhavam pelos jardins.

Eles atravessaram os gramados bem cuidados e, apesar da tristeza que sentia, Selina não pôde deixar de admirar a paisagem ao redor. Uma vasta extensão de água cintilante se estendia à frente deles, ladeada dos dois lados por uma densa floresta, enquanto o rio espelhado serpenteava até onde a vista alcançava.

Eles haviam saído da parte traseira do castelo que, aos olhos de Selina, não se assemelhava em nada a um castelo. Não havia torres e tampouco uma natureza defensiva no imenso edifício. Mas era suntuoso. Grande o suficiente para engoli-la inteira e vomitá-la novamente. Ela reprimiu um tremor e disse a si mesma para não ser tão sentimental.

Enquanto ela olhava para o marido, desejava ler seus pensamentos. Ele não parecia à vontade, seu braço estava um pouco tenso sob a mão dela. Selina admirava seu perfil nobre e imponente, seus traços eram bem definidos e clássicos. Um sonho para um escultor, ele teria feito uma excelente representação de algum deus antigo ou imperador. Seu queixo determinado indicava uma natureza teimosa e, talvez, uma certa disposição autocrática. Ela suspirou.

Eles pararam na margem do vasto lago, ou melhor, na série de lagos, um colado ao outro e perdendo-se de vista. Selina olhou para a água escura. A margem estava coberta de embrião de sapo. A primavera era iminente. Com uma expressão de preocupação, ela se perguntou se seu marido seria menos enigmático no outono.

Eles caminharam pela margem do lago até que puderam se virar e ver Hadley Castle, imponente e majestoso no terreno mais alto de onde haviam vindo. Uma fina névoa se formava e pairava sobre a superfície enquanto o sol dissipava as sombras.

— É magnífico — disse Selina, desejando que fosse um pouco menos esplêndido. Fez com que ela se sentisse pequena e insignificante, como se suas esperanças, sonhos e aspirações fossem irrelevantes diante das necessidades do título poderoso de seu marido e tudo que isso implicava.

— Sim. — O marido assentiu. — É.

Selina mordeu o lábio. O silêncio austero e o desconforto sutil de estar na companhia dele a incomodavam.

— Conte-me sobre você — pediu ela. Ela riu da expressão de alarme dele, esperando acalmá-lo, se é que tal coisa fosse possível. — Não quero começar um interrogatório. Apenas gostaria de conhecê-lo melhor.

— Entendo — disse ele, seu rosto relaxando, embora ela sentisse que ele estava longe de estar à vontade.

— Eu sei tão pouco sobre você — continuou ela enquanto caminhavam ao longo do lago. — Deixe-me ver. Sei que você tinha um irmão mais velho chamado Hugh e que tem um mais novo chamado Ben. Seus pais já morreram. Avós?

Ela lançou um olhar questionador para ele, ao qual ele balançou a cabeça. Selina fez um esforço para não suspirar.

— Seu cavalo se chama Eclipse... — Ela deixou a frase no ar — Isso é tudo. Isso é tudo que sei. Então, conte-me algo que eu não saiba.

Will franziu a testa. — Tenho trinta e dois anos. Estudei em Harrow. Eu...

— Sim? — Selina lançou-lhe um olhar encorajador e ele soltou um suspiro, balançando a cabeça.

— Eu não sou muito bom nisso.

Selina apertou mais o braço dele, colocando também a mão livre sobre a manga dele. — Você sabe que não tem certo ou errado, não? — disse ela, com um tom brincalhão na voz.

O que parecia um sorriso relutante curvou seus lábios e ela sentiu uma pequena onda de triunfo.

— Por que você não me faz perguntas? — sugeriu a ela, e Selina assentiu em concordância.

— Muito bem. O que você gosta de fazer? Quais coisas mais agradam você?

Demorou um pouco para ele se abrir, mas pouco a pouco ele foi relaxando. Ela descobriu que ele adorava andar a cavalo, embora não fosse fã de caça, preferindo a solidão a grupos barulhentos. Era um leitor ávido, também tinha interesse em arte, possuindo uma coleção bastante considerável.

— Eu adoro pintar — admitiu Selina, admirando o que parecia um templo que havia se tornado visível, no alto de uma colina

distante. — Embora eu não possa dizer que tenha uma habilidade especial.

— Então devemos providenciar tintas e materiais para você — disse ele, imediatamente, ao entrarem em uma trilha que os levava à floresta. — Se você puder fazer uma lista do que precisa, eu me encarregarei disso.

— Obrigada — disse ela, satisfeita com a oferta. Ela deslizou a mão ao longo do braço dele e entrelaçou os dedos com os dele. Ele não disse nada, mas sua mão maior envolveu a dela, quente e firme, e Selina sorriu.

O chão sob seus pés tremeluzia com sombras, salpicado pela luz do sol enquanto seguiam pela trilha. Olhando para cima, Selina viu o céu de um azul brilhante através dos ramos entrelaçados e uma leve névoa de verde ao redor conforme as folhas apareciam. Logo ficaria escuro e sombrio ali, à medida que as copas das árvores ficavam mais densas.

Eles continuaram em silêncio, mas parecia um pouco menos constrangedor agora, e Selina se preparou para levantar uma questão delicada.

— Will — disse ela, esperando até que ele se virasse para encará-la. — Por que você foi embora na noite passada?

Ele a olhou com um olhar confuso. — Para voltar ao meu quarto, é claro. Por que eu não faria isso?

Selina assentiu, embora isso a deixasse triste. Ela sabia que esse era de praxe entre casais da alta sociedade, mas seus pais sempre compartilharam a mesma cama. Ela acreditava ser normal que duas pessoas casadas fizessem o mesmo. Como você poderia se aproximar de alguém que sempre fechava a porta na sua cara à noite?

— Você se importaria de ficar? — perguntou ela, sentindo suas bochechas ruborizarem ao ver a expressão de choque dele diante do seu pedido. Ela suspeitava que era uma expressão que veria com frequência.

Ele abriu e fechou a boca, franzindo a testa, obviamente sem saber como responder.

— Você... você deseja que eu fique? — perguntou ele, parecendo um pouco desconfiado.

Ele tinha parado de andar, e ela se aproximou dele, repousando uma mão em seu peito. — Eu quero.

Ela olhou para aquele rosto severo e desejou saber como prosseguir da melhor maneira. Na noite anterior, no entanto, ela vislumbrara um homem que não era nada conservador. Ela queria ver esse homem novamente.

— Eu me senti solitária depois que você foi embora.

Os olhos dele escureceram com suas palavras e ela levantou o rosto enquanto ele baixava a cabeça, ansiosa pelo beijo que ele lhe oferecia.

A situação escalou mais rápido do que ela esperava. Em poucos momentos, seu corpo estava esmagado no abraço dele, sua boca faminta e exigente enquanto ele a puxava o mais próximo possível de si.

Selina conheceu um momento de vitória, uma sensação súbita de que talvez esse casamento pudesse ser algo mais do que ela temia que pudesse ser, enquanto o beijava com igual ardor. De repente, ele a soltou, e Will deu um passo para trás, parecendo um pouco abalado.

— Perdoe-me, eu...

— Não há nada a perdoar — disse ela, um pouco irritada e falando por cima dele antes que ele pudesse completar a frase. Por que ele tinha que ficar se desculpando? — Você acha que eu preferiria que você não gostasse de me beijar?

— Claro que não — disse ele, parecendo vagamente irritado. — No entanto, atacá-la em público é dificilmente a atitude esperada de um cavalheiro.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela. — Você não me atacou e, além disso, eu gostei.

Um olhar brilhou em seus olhos e, por um momento, havia uma chama tão intensa ali que ela quase esperava ser derrubada no chão. Em um instante, isso se apagou, substituída por uma expressão bem mais fria, cobrindo seu rosto como uma máscara.

— Acho que talvez seja hora de voltar para a casa. Tem coisas que precisam da minha atenção.

As palavras eram rígidas, e Selina sentiu sua raiva aumentar.

— Não desejo voltar ainda — respondeu ela, erguendo o queixo e se perguntando se poderia provocá-lo a discutir com ela. — Ainda há *muito* para descobrir.

Ela se perguntou se a natureza ríspida de suas palavras o fez perceber que ela não estava falando sobre os jardins.

— Como quiser. Tenha cuidado para não se afastar demais. Se você permanecer na trilha, não deve se perder.

Ele acenou para ela e Selina assistiu, atônita, enquanto ele se afastava.

Will praguejou. A carta que ele havia se sentado para escrever há quase uma hora ainda permanecia em branco. A página em branco o recriminava, e ele deixou de lado a pena que havia permanecido pairando sobre ela, já que a tinta há muito havia secado. Ele tinha coisas demais a fazer e não podia se dar ao luxo de perder tempo

Embora só tivesse recebido o título recentemente, Will vinha atuando como marquês há muitos anos, com seu pai e irmão mais velho sendo demasiado preguiçosos para dar a devida atenção a esses assuntos. Ficou evidente desde suas mortes, porém, que eles haviam tido tempo de sobra para fazer alguns investimentos imprudentes e desorganizar suas finanças pessoais. Ele ainda estava tentando desatar os nós.

Ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar, certo?

Casar-se às pressas, arrepender-se a longo prazo.

As palavras haviam rondado sua mente o dia todo, zombando dele. Ele não deveria ter feito isso.

Poderia ter saído dessa situação, como Selina o havia incentivado a fazer. Ninguém o julgaria negativamente por isso. Ele poderia ter pagado uma boa quantia para que ela ainda pudesse se casar, apesar de seu nome manchado. Além disso, para começo de conversa, não era como se o nome dela fosse tão imaculado assim. Darling Bertie havia se encarregado disso com suas cantoras de ópera, festas e dívidas.

Ele sabia disso, e, ainda assim, havia se casado com ela. Na época, disse a si mesmo que sua consciência não permitiria, que era seu dever casar-se com ela. Sua forte objeção moral não permitiria que seguisse em frente despreocupadamente como se não tivesse arruinado a vida dela. Mesmo que não tivesse sido culpa sua.

Havia uma sensação de culpa que lhe dizia que ele não havia sido completamente honesto consigo mesmo. Oh, sim, ele acreditava que era seu dever moral. Isso não estava em questão. Mas isso não significava que ele não quisesse fazê-lo. Pelo contrário.

Era aterrorizante descobrir o que isso significava, no entanto. Bastava sua esposa erguer o belo queixo, que ele atendia o seu desejo. Assim como não poderia voar para a lua, sabia que não poderia deixar de beijá-la. Ao menos isso teria sido apropriado. O efeito exercido por ela, ao exigir que ele permanecesse em sua cama à noite e a admissão de que havia se sentido solitária sem ele, foi duradouro.

Uma onda de calor e vergonha subiu por seu pescoço enquanto se perguntava se ele poderia tê-la deitado no chão se o bom senso não tivesse prevalecido. Sua indignação cresceu ao ouvir a resposta indesejada.

Ela o havia transformado em um devasso contra sua vontade... e ele não gostou nem um pouco disso.

Capítulo 10

"No qual Selina acende uma chama."



Selina caminhou por quilômetros. Ela reconheceu que estava fazendo birra, punindo-o por ser um chato, mas percebeu que não se importava muito com isso.

Talvez devesse desaparecer, deixar o próprio chapéu na beira do lago... isso o assustaria. Involuntariamente, ela sorriu e soltou uma risada. *Selina Darling, pare de agir como uma criança mimada.* Mas, então, lembrou-se que não era mais Selina Darling e afundou ainda mais na melancolia.

Essa situação não podia continuar.

Ela não entendia como o último marquês conseguiu criar filhos tão diferentes. Pelo pouco que conhecia de seu irmão mais velho, estava feliz por nunca o ter conhecido. Um homem desagradável e valentão, segundo seu papai. Seu irmão mais novo, Ben, embora agora felizmente casado, tinha uma reputação chocante. Antes de conhecer Dinah, ele era um libertino, um devasso e... depois havia Will.

Ela sabia que sua criação não tinha sido nada convencional. Enquanto a maioria das jovens era protegida até mesmo de meras alusões ao sexo ou relacionamentos entre homens e mulheres, sua casa estava repleta de conversas francas sobre isso. Poetas, artistas, escritores de ambos os sexos, e seus amantes, modelos e musas, discutiam tais assuntos interminavelmente. Amor, sexo e morte eram temas comuns de inspiração.

Para Selina, a determinação de Will de ver esse lado da vida como algo vergonhoso era desconcertante. Por que ele se sentia

assim?

Enquanto seus pés cansados a conduziam de volta ao castelo, ela ainda estava longe de uma resposta. Seu estômago roncava, pois não tinha comido desde o café da manhã e já era final da tarde. Ainda assim, ela era a marquesa agora. Algo teria que ser enviado ao seu quarto, se fosse ordenado por ela. Sem dúvida, poderia estalar os dedos e exigir qualquer comida exótica e ela apareceria. Longe de agradá-la, o pensamento fez com que ela suspirasse.

Selina olhou para cima, lançando um olhar de reprovação para o imenso edifício à sua frente. Ela teria que suportar o jantar com Will naquela noite, e não se esconder em seu quarto. Ela podia muito bem imaginar cada um deles sentado no extremo mais distante de uma mesa de um quilômetro, tornando a conversa impossível. Era mais fácil ela falar com os lacaios. Eles provavelmente seriam mais francos do que seu marido.

Sim, o jantar seria uma prova de sua resistência. E depois? Ele viria ao seu quarto e faria amor com ela, e então se flagelaria, talvez?

Algo precisava ser feito. Mas ela não tinha ideia do quê.

Os lábios de Selina se contraíram ao descer para o jantar e ver que a mesa de jantar só podia acomodar dez pessoas. Talvez ela tivesse sido injusta com ele. Ela percebeu que aquela devia ser uma sala de jantar informal e sentiu a necessidade de morder o lábio.

A elegante sala estava decorada com seda azul-escura e adornada com obras de arte, cada moldura dourada reluzindo à luz de dezenas de velas. A impressionante lareira também era dourada, e o teto tinha detalhes e era ricamente moldado. Ao seu redor, o ouro chamava sua atenção, reluzente, lembrando-a de que ela estava deslocada. Fora de seu meio.

Will estava à sua espera e ela o viu deslizar o relógio de volta para o bolso. Ela estava apenas alguns minutos atrasada, e não de propósito, mas podia ver que era o tipo de coisa que o irritava. Não

que ele tivesse dito alguma coisa. Ele a cumprimentou, polido e formal, e eles se sentaram.

Para sua surpresa, encontrou-se sentada ao lado dele. Será que isso havia sido iniciativa dele ou apenas a disposição dos lugares na mesa? Talvez amanhã ela se encontrasse no extremo oposto... ou talvez no jardim? Ela mordeu o lábio inferior para evitar um sorriso malicioso. Por que era engraçado, ela não sabia, exceto que se não encontrasse diversão em sua situação, logo se tornaria uma tragédia.

— Você se perdeu? — perguntou ele, seu tom inquisitivo enquanto acenava para os lacaios servirem os pratos.

— Não — respondeu Selina, recusando um prato de molejas ao molho de azedinha e quatro outros pratos que não conseguia identificar, e optando por uma tigela de sopa em vez disso.

Will a olhou com ceticismo. — Você só voltou depois das quatro horas.

— É verdade — concordou ela, sem olhá-lo.

Era infantil e estúpido, mas ela sentia vontade de puni-lo ainda mais por ser um idiota. Por que ela deveria iniciar uma conversa se ele acabaria arruinando seus esforços?

Era difícil, sem dúvida, pois se recusava a olhar para ele, mas sentia-se certa de que ele estava franzindo a testa agora.

— Para onde você foi? — perguntou ele, em um tom agradável, mas com uma entonação mais aguda inquisitória.

— Não tenho ideia. — Pelo menos, ela havia falado a verdade. Ela não tinha prestado atenção à metade da bela paisagem por onde havia andado, muito perdida em seus próprios pensamentos.

O muxoxo de impaciência não foi inesperado.

— Você não deveria se afastar tanto sozinha. Se eu soubesse da sua intenção, teria enviado alguém com você.

— Mas eu não desejava companhia, e me mantive na trilha como você me orientou.

Ele caiu em silêncio. Vitória. Se houvesse justiça, ele estaria carregado de culpa pela maneira como a deixou sozinha. O fato de que essa pequena troca de comentários espinhosos seria o resumo de sua vida de casada fez com que ela reconhecesse que era uma conquista vazia. Ela não queria continuar assim.

Os criados limpavam o primeiro prato e trouxeram vários patos assados. Pelo menos dessa vez, ela reconheceu o menu. Macarrão, vagem francesa *à la crème*, alcachofras fritas, couve-flor *à la flamand* e pudim *Ratifie*. Seu estômago roncou.

Durante a refeição, Selina se tornou cada vez mais consciente dos lacaios que flanqueavam a sala. Quatro, além do mordomo.

— Voltaremos para Londres? — perguntou Selina.

Os lacaios estavam pensando em outras coisas – seus trabalhos ou esposas ou amantes – ou prestando atenção à sua conversa? Era enervante. Eles tinham criados na casa de seu pai, naturalmente, mas bem menos, e ela os conhecia desde bebê. Ela sentiu uma súbita saudade de ver seus amigos e de estar em um ambiente familiar.

— A temporada está longe de acabar — acrescentou ela. Ele não via esperança em sua voz.

— Não. — Seu marido balançou a cabeça. — Desde que meu pai morreu, descobri que há questões que ele não havia revelado e que precisam de atenção urgente. Preciso ficar aqui por tempo indefinido até resolver todos seus assuntos. — Ele fez uma pausa, sem encontrá-la com o olhar, com um garfo de feijão suspenso sobre seu prato. — No entanto, se... se você desejar voltar para Londres, fique à vontade para fazê-lo.

Ele voltou à sua refeição e sentiu que as poucas mordidas que ela havia dado caíram como chumbo em seu estômago. De repente, ela não estava nem um pouco faminta.

— Entendi.

Ela realmente entendia. Ela entendia perfeitamente. Sua vida se desenrolou diante dela, uma onde seu marido era um estranho. Ele

viria para sua cama e geraria seus herdeiros, e depois... será que ela o veria novamente?

Selina lembrou-se da promessa dele. Ele seria fiel a ela. Será que ele havia mentido, ou seria possível que ele ficasse contente em mandá-la embora por meses? Ele não sentiria falta daquele contato físico? Seria ele tão frio?

As perguntas giravam em um círculo sem fim enquanto ela tomava seu vinho. Antes que percebesse, sua taça estava vazia, e ela fez um sinal para o lacaios que se ofereceu para enchê-la novamente. Sem dúvida, seu marido desaprovava isso também. Ela tomou outro gole, agora desafiadoramente.

Não, ele não tinha mentido, e não era indiferente. Ela havia visto o suficiente dele para saber disso. Mas sentia que ele preferiria ser assim.

— Você não comeu muito.

Selina ergueu o olhar, um pouco assustada. Ela não havia tocado no prato, embora notasse com constrangimento que sua taça estava quase vazia novamente. Ela abaixou-a e pôs as mãos no colo.

— Não estou com fome.

— Você estava há um momento, ou certamente não teria enchido seu prato.

Selina virou-se para olhá-lo, estudando seu rosto e perguntando-se o que, em nome de tudo que era sagrado, o levara a se casar com ela. — Acho que estava, mas agora não estou mais.

Ele soltou um suspiro e desviou o olhar, seu semblante fechado e tenso.

O coração de Selina deu um salto ao ver isso. Ele estava infeliz. Isso não lhe dava a menor satisfação. Ela não queria fazê-lo infeliz, mas era exatamente como ela havia previsto. Que desastre.

A criadagem trouxe o próximo prato, mas seu marido os deteve antes que pudessem colocar os pratos na mesa. Ela deu um pulo com o tom cortante de sua voz.

— Chega. Levem isso embora. Nenhum de nós está com fome. Por favor, deixem-nos. — Ele acenou com as mãos e, em um instante, a mesa foi limpa e a criadagem, dispersada.

Selina corou ao imaginar o que estariam comentando nos andares inferiores. O que estariam dizendo sobre o marquês e sua nova esposa?

Ela se atreveu a olhá-lo. Talvez ela devesse ter tentado um pouco mais ser agradável.

Will reabasteceu sua taça e então se levantou, levando-a até a lareira e olhando fixamente para as chamas. Ele colocou a taça na lareira, com a mão descansando ao seu lado.

Ela não pôde permanecer em silêncio. — Você nunca deveria ter se casado comigo. Eu não deveria ter deixado.

Sua voz era fraca e cansada, como se tivesse cem anos. Lembrou-se de quando era feliz e vivaz, sempre risonha. Havia sido há um século? Tinha que ser mais do que meros dias.

Selina levantou-se. Sua raiva havia desaparecido, substituída pela tristeza, e ela só conseguiu sentir pena pela figura miserável de seu marido enquanto ele olhava para o fogo.

Ela se aproximou, desejando confortá-lo. Talvez isso fosse ridículo, mas ele era tão vítima das circunstâncias quanto ela. Eles não eram compatíveis, isso era tudo; não era culpa dele.

— Você poderia se divorciar de mim — ofereceu ela.

Ele girou em sua direção, e ela não ficou completamente surpresa com o espanto em seus olhos.

— Eu sei — disse ela, antes que ele pudesse expressar seu óbvio desgosto pela ideia. — Eu sei que haveria um escândalo terrível, mas... oh, Will. Esta é a sua vida. Pense nisso. Não preferiria enfrentar um pequeno escândalo e ter uma chance de ser feliz a suportar...?

Selina fez um gesto amplo com a mão para indicar as horas desde que se casaram.

— Você se divorciaria de mim? Já? Meu Deus, eu não tinha ideia de que era um monstro tão terrível assim. Você deve me odiar.

Suas palavras soaram amargas e irritadas, mas seus olhos traíam a dor que ela havia causado.

Ela se apressou em diminuir a distância entre eles, levantando uma mão para o rosto dele.

— Não! — disse ela, com a palavra engasgada na garganta. — Pelo contrário. Eu acho que você é um homem bom, extremamente honrado, mas você deve ver que este casamento é um desastre. Somos muito diferentes, e eu quero coisas que você nunca poderá me dar.

— O quê? — exigiu saber ele, apertando o grande punho em torno de seu pulso. — O que você quer? Meu Deus, você já viu este lugar? Você tem dinheiro, poder, uma vida que a maioria das mulheres venderia a alma para ter!

Selina devolveu um olhar compassivo. — Você deve saber a essa altura que eu não sou como a *maioria* das mulheres. Nunca sonhei com essas coisas.

— O que então? — As palavras foram quase gritadas, e ele agarrou o outro pulso dela, segurando-os ambos à sua frente. Ela poderia ter medo dele, se não fosse pela expressão de devastação em seus olhos. — Diga-me, maldição! O que é que eu não posso te dar?

Ela o encarou por um momento. — Quero amor, paixão e desejo. Eu quero que você me queira e precise de mim e que sinta que estar separado de mim é como perder uma parte de sua alma.

Ele se sobressaltou como se ela tivesse lhe dado um tapa, e ela lhe deu um sorriso triste.

— Está tudo bem. Eu sei que a ideia te apavora. Sei que você não é capaz disso. Eu não espero isso de você, eu prometo, mas isso não muda a verdade do que eu quero. — Selina ousou se aproximar mais dele. — Na noite passada... na noite passada, eu pensei que talvez eu estivesse errada. Foi tudo o que eu sonhei e esperei, e eu

pensei que talvez... Mas, então, você achou vergonhoso ter se comportado daquela maneira. Achou, não achou? Sem dúvida, você me acha vergonhosa por ter encontrado tanto prazer com você também. Bem — disse ela, as palavras amargas. —, é esse o tipo de criatura com a qual você se casou. Então, se divorcie de mim e liberte a nós dois.

— E se eu fizesse isso? Se eu fizesse isso, o que então? — desafiou ele, e ela sentiu um pouco de desconforto com a expressão febril em seus olhos, com o rubor que tingia suas bochechas. — Você teria amantes? Você se tornaria uma cortesã?

Ela olhou para ele com pena. — Talvez. Sim — admitiu ela.

Casar-se novamente era impensável. Pelo menos ela estaria livre.

— Só por cima do meu cadáver.

Ele a puxou para frente, sua boca se inclinando sobre a dela antes que ela tivesse tempo de entender o que estava acontecendo. Não demorou muito para que ela acompanhasse.

Meu Deus. Esse homem ora era fogo, ora gelo, suas duas naturezas em eterno embate, mas, por enquanto, ele ardia, e ela não faria nada para apagar as chamas.

Ele segurou seu rosto entre as mãos, beijando-a como se nada mais importasse. Suas mãos desceram para a cintura dela e então apertaram com força, e ela não queria mais nada.

Selina estendeu a mão, agarrando o cabelo dele, querendo adicionar combustível ao fogo enquanto se pressionava com mais força contra ele.

Sua respiração estava irregular, ofegante agora, e ele parou, recuando um pouco para encará-la, talvez duvidando de suas ações.

— Não. — Selina balançou a cabeça e puxou o cabelo dele novamente. — Não pare agora.

Ele a beijou novamente e então a forçou a recuar até que ela sentiu a beirada da mesa bater em suas pernas. Os olhos de Selina

se arregalaram ao perceber que ele havia levado suas palavras a sério. Ela ficou sem ar quando ele levantou suas saias e a colocou para sentar na beirada da mesa. Ele pretendia... aqui... na sala de jantar... na mesa?

Ele deve ter captado o choque em seus olhos enquanto emitia um som de deboche.

— Não é isso que você quer de mim? Que eu perca toda a razão devido ao desejo por você?

Talvez ele não tivesse intenção, talvez ele quisesse apenas chocá-la ainda mais, mas era exatamente o que ela queria. Ele parecia frenético, possuído, o homem distante com quem ela jantara estava esquecido e desaparecido. Ela tinha feito isso. Era algo bastante excitante.

— Sim.

Ele praguejou e arrancou os botões da braguilha de suas calças, tirando as saias dela do caminho. Selina ofegou quando ele a puxou para mais perto, unindo-os de forma tão forte e rápida que ela gritou com o choque repentino, ainda não acostumada com uma invasão tão íntima de seu corpo. Ela se agarrou aos ombros dele enquanto sua surpresa diminuía e o prazer tomava seu lugar.

Ela parou brevemente para desejar que os criados tivessem ido embora, como ele havia ordenado, antes que qualquer pensamento coerente desaparecesse.

Não havia nada além de calor, sua boca quente contra sua pele, deixando um rastro quente de beijos ao longo de seu pescoço. Sua carne queimava, com o suor brotando e ela ansiando por se livrar do seu vestido, *chemise*, suas anáguas e tudo o mais. Ela queria tocá-lo, sentir a pele dele na dela. No entanto, não havia tempo. As chamas ardiam intensamente, devorando tudo em seu caminho enquanto as labaredas infernais lambiam mais alto. O auge vertiginoso que ela havia encontrado na noite anterior estava chamando-a mais uma vez e ela conhecia o caminho desta vez, correndo de cabeça em direção a ele.

Ela o puxou para mais perto, segurando-o com força, desejando que este homem, este homem maravilhoso, ficasse com ela, mesmo sabendo que ele se afastaria mais uma vez.

Seus gritos foram abafados, a boca dele beijou o seu cabelo, mas ele a segurou enquanto seu corpo convulsionava, seus braços fortes e firmes enquanto ele pressionava um beijo em sua têmpora.

No entanto, à medida que a pele esfriava, seu comportamento também esfriava, e ela esperou que ele se afastasse de seu corpo e da intimidade que ele havia experimentado.

Ele endireitou sua roupa, evitando o olhar dela enquanto ela deslizava da mesa. As pernas de Selina tremiam, sua mente ainda estava atordoada com o que havia acontecido. Um zumbido agradável permanecia em seu sangue e ela desejava que ele a abraçasse agora.

— Vamos nos recolher? — perguntou ele, sua voz um pouco casual demais para ela acreditar que ele estava calmo.

— Sim.

Eles se dirigiram para a porta.

— Espere.

Selina se virou, esperançosa de que ele falasse com ela, que lhe desse um beijo, promettesse tentar mais, dissesse como tinha sido maravilhoso...

Ele puxou a alça do vestido dela, ajeitando-a, antes de colocar uma mecha solta atrás da orelha dela. Satisfeito, ele alcançou a porta, abrindo-a para ela, e Selina passou por ela.

Will a deixou do lado de fora do quarto, mas não disse boa noite, então suas esperanças aumentaram mais uma vez.

Ela já estava na cama quando a porta que conectava seus quartos se abriu. Imóvel, Selina permaneceu deitada, com olhos fechados enquanto sentia a luz da vela iluminar a escuridão. Era como estar em um quarto com alguma coisa selvagem que poderia

fugir se ela fizesse o movimento errado. A ideia fez sua boca se curvar um pouco e ela teve que lutar para não sorrir.

Ainda assim, ela permaneceu parada, ciente do afundar do colchão, do chiado da vela enquanto ele a apagava. Ele deitou-se ao lado dela, tomando cuidado para manter a distância, e imediatamente ela soube que ele não queria estar ali. O pensamento fez seu coração doer.

Ele queria se retirar para o seu quarto. Ela sabia disso. Ele queria que ela fosse agradável, organizada e complacente, fácil de se conviver, fácil de esquecer, mas *isso...* isso ela nunca seria. Ela faria com que ele pensasse nela, que a desejasse, que precisasse dela, que a procurasse quando estivesse magoado e que corresse para ela quando estivesse infeliz ou explodindo de alegria. Isso deveria ser o que ele precisava. Não importava o que ele pensasse que quisesse.

Ele se recusava a divorciar-se dela, recusava-se a libertá-la... então, ela se recusava a desistir. Ela teria o casamento que queria, ou o forçaria a lhe dar a liberdade. Não haveria meias-medidas, nem prazo de validade para a indiferença cortês. Ela preferia morrer.

Capítulo 11

"No qual descobrimos visitantes e covardes."



Ele tinha ido embora.

Selina fez um sinal com a cabeça para o Sr. Jenson, o mordomo que lhe havia dado a notícia, porque era dessa maneira que você descobria que seu marido havia saído de casa em um lugar como aquele.

Recebeu um chamado inesperado, foi essa sua delicada expressão que ele usou.

A expressão do homem permaneceu impassível.

Do jeito que ele falou parecia que ele havia fugido.

Selina respondeu com um sorriso educado e agradeceu a notícia, pensando a mesma coisa. Jenson não podia dizer quando o marquês voltaria. Até mesmo os mordomos tinham seus limites. Sem dúvida, ela receberia em breve uma correspondência através do administrador do marquês, marcando um momento conveniente para conceber seu herdeiro.

Selina saiu dali antes que o homem pudesse fofocar sobre como a marquesa havia chorado ao ouvir a notícia, embora ela não estivesse chorando. Seus olhos estavam ardendo e a garganta, apertada, mas ela não permitiria que as lágrimas caíssem.

Muito bem, Selina, e agora?

A vontade de correr de volta para seu quarto e entregar-se ao sofrimento a consumia, mas ela não era uma criatura tão fraca. Ainda não. Era só esperar um ou dois dias.

E foi isso que ela fez. Selina explorou a casa, suportou o rosto inflexível de sua criada, caminhou por quilômetros e mais quilômetros... sozinha, e sentou-se na biblioteca devorando todos os livros que conseguia encontrar. Pelo menos assim ela podia se perder no mundo de outra pessoa. Uma semana solitária se passou, e então um pacote chegou.

Tintas de todas as cores, pincéis e mais papel do que ela já havia visto na vida.

Selina rasgou a embalagem, procurando a nota que deveria ter vindo com o pacote...

Que tola.

Ela sentou-se com um baque, a tristeza se manifestando em um nó apertado e doloroso na garganta dela. *Não chore. Não chore.*

Houve uma batida educada na porta e Selina se levantou, tentando se recompor antes de encontrar o olhar vazio do mordomo.

— Há algumas... *peessoas* aqui, milady. Elas estão pedindo para vê-la. — Havia um certo tom de desdém na voz do homem que Selina não conseguiu identificar.

— Ver-me? — disse ela, espantada.

Ela tinha se sentido tão sufocada pela solidão e peculiaridade de sua nova vida que o mundo exterior tinha deixado de existir. Castigada em uma ilha deserta, ela acreditava estar abandonada. No entanto, o mundo que ela conhecia ainda existia, assim como seus amigos.

— Oh!

Selina saiu rapidamente, mal prestando atenção ao mordomo que a informava que a aguardavam na sala de estar.

Quando abriu a porta, Selina deu um grito de alegria, que se transformou em um soluço, e se jogou nos braços grandes e acolhedores de Erasmus Ponsonby.

— Ras! — disse ela, enquanto o homenzarrão a envolvia em um abraço. — Oh, você não tem ideia de como estou feliz em vê-lo.

Selina fungou e forçou um sorriso antes de olhar ao redor e encontrar mais rostos familiares. Ela se afastou de Erasmus, tentando ignorar a preocupação nos olhos dele enquanto cumprimentava seus amigos.

Ela não ficou surpresa ao ver Rupert, que beijou sua bochecha. Erasmus e Rupert eram homens de naturezas completamente distintas, mas estavam sempre juntos. Você nunca encontrava um sem o outro, e a irmã de Rupert, Lizzie, muitas vezes se juntava a eles. Ela, como seu irmão, tinha cabelos e olhos escuros, era pequena, perspicaz e inquieta como um pássaro.

— Kit também está chegando — disse Lizzie, sorrindo para ela e apertando suas mãos. — Ele chegará esta noite, eu acredito.

— Tudo bem termos aparecido sem sermos convidados? — perguntou Rupert, seus olhos escuros posando nela. O tom cauteloso na pergunta não passou despercebido por ela. — Não queremos causar-lhe problemas.

— Não é como se eles não tivessem quartos suficientes — brincou Lizzie, gesticulando freneticamente para ela, de olhos arregalados. — Meu Deus, você já viu algo parecido? Eu teria medo de dormir aqui. Está cheio de fantasmas, querida?

Selina riu, tão feliz por encontrar rostos familiares ao seu redor que mal conseguia falar.

— Fantasmas? Meu Deus, isso é uma das únicas coisas que eu ainda não tinha me preocupado. Obrigada, Lizzie. — Ela revirou os olhos e, em seguida, sorriu, embora pudesse sentir o peso da expressão de preocupação de Erasmus, percebendo a verdade por trás da aparência. — Vamos tomar um chá.

Quando a bandeja chegou e Selina serviu a todos, um silêncio tenso caiu sobre eles. Caramba, o marquês nem estava por perto e, mesmo assim, conseguia silenciar a conversa.

— Já chega de conversa amena — disse Erasmus, deixando de lado a sua xícara de chá. — Seu pai nos contou o que aconteceu e por que você se casou com ele. — Seu tom era brusco, sem rodeios,

mas havia tanta simpatia e preocupação em seus olhos que quase fez Selina chorar.

Ela abriu a boca para fazer um comentário descontraído, não querendo que seus amigos soubessem o quão desastroso era seu casamento, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela cobriu a boca com a mão para abafar um soluço.

A boca de Erasmus se contraiu em uma linha fina. — Rupe, leve Lizzie e veja quais quartos aquele mordomo presunçoso reservou para nós. Vocês dois podem desfazer as malas e se acomodar. Nós vamos ficar.

Rupert assentiu e se levantou. Ele aproximou-se de Selina, inclinou-se e beijou o topo de sua cabeça. — Mantenha a cabeça erguida, querida, a cavalaria chegou.

Selina deu uma risada interrompida por soluços e respondeu com um sorriso lacrimejante enquanto Lizzie lhe mandava um beijo com as mãos.

— Muito bem, querida Luna — disse Erasmus, com a voz calorosa e reconfortante. — Venha e conte ao Tio Ras tudo sobre isso.

Assim que ela desabafou sobre sua triste história, Erasmus sugeriu que fossem tomar um pouco de ar fresco.

Caminharam de braços dados, e Erasmus encarava a casa suntuosa e os jardins com uma expressão carrancuda. — Meu Deus do céu, é como se fosse um grande, imenso Behemoth[3].

Selina assentiu. — Sinto-me tão insignificante, Ras, como se pudesse voar com uma simples rajada de vento.

— Que bobagem — respondeu ele, enlaçando seu braço ainda mais ao dele. — Você é a marquesa, criatura tola. Este lugar agora pertence a você, e a criadagem aqui deve cumprir às suas ordens.

Selina deu um sorriso pálido e balançou a cabeça. — Não é tão simples assim. Quando eles não querem fazer algo, dizem que precisam da aprovação do marquês, ou aparentam tanta arrogância e desaprovação que fico tão aterrorizada que não consigo insistir. Pensei em aprender minhas funções na administração da casa, mas não sei por onde começar. Você deveria ver minha criada pessoal — acrescentou ela. — Ela faria até você tremer de medo.

— Não duvido — disse Erasmus, franzindo a testa novamente. — Por que não a manda embora?

Selina assentiu. — Eu pretendia fazer isso, só que queria falar com Will primeiro. Ele se esforçou tanto, e ela é altamente recomendada. Ouvi dizer que muitas damas importantes estavam lutando pelos seus serviços.

Erasmus bufou e, então, observou-a com um olhar crítico. — Bem, preciso admitir que você está linda, o exemplo perfeito de elegância, delicadeza, como se tivesse saído das páginas de *La Belle Assembly*, mas se ela está te fazendo infeliz, não vale a pena.— Ele fez uma pausa e a examinou, erguendo seu rosto com uma das grandes mãos. — Você está pálida demais e sua luz está minguando, Luna. Não deixe que ele, ou este lugar monstruoso, a apague. Você é mais forte do que isso, sabe que é.

— Eu continuo tentando me convencer disso.

— Você sempre tem a opção de deixá-lo — acrescentou ele, com a voz um pouco mais firme agora.

— Sim. — Uma tristeza apertou seu coração e ela engoliu em seco. — Eu sei disso, mas...

— Mas você não quer — completou Erasmus, com um sorriso sombrio.

Selina deu de ombros, puxando o braço dele para que começassem a andar novamente. — Não sei o que quero, Ras, só sei que não quero isso. Quero que dê certo, ter um casamento cheio de carinho e risadas, mas se ele fugir de mim toda vez...

Ela soltou um suspiro e suas bochechas coraram. Erasmus era como um grande urso amigável, inofensivo e caloroso, dedicado à sua amizade. Ela o conhecia desde criança e muitas vezes recorria a ele para explicações que outras pessoas evitavam dar. Ele sempre foi honesto e aberto, sem ficar constrangido com suas perguntas estranhas ou inocentemente inadequadas. Ela confiava a ele os segredos de seu coração e alma, mas isso não tornava as situações menos constrangedoras.

— Sim, o homem é um tolo, sem dúvida.

Selina olhou para cima e viu sua carranca.

— O problema é que ele não é — disse ela, sabendo que soava tão perplexa quanto se sentia. — Bem, não o tempo todo.

— Maldito canalha inglês sem coração — murmurou Erasmus, de maneira ameaçadora agora. — Toda essa maldita consanguinidade, é isso que causa.

— Oh, Ras! — exclamou Selina, dividida entre o riso e o choque. — Não deixe Will ouvir isso, ele vai ter um ataque de apoplexia.

— Faria bem a ele — rosnou o grande escocês, agora irritado. — Eu poderia levá-lo para dar uma voltinha quando ele voltar. Se ele voltar. Acho que o homem é um covarde também.

— Agora chega, Ras — disse ela, com firmeza. — Ele não é nada disso. Ele é... bem, eu realmente não sei o que ele é, mas não é um homem mau.

— Você vai defendê-lo agora?

Selina ergueu as sobrancelhas, percebendo que tinha feito exatamente isso. Ela soltou uma risadinha contida. — Sim — disse ela, sorrindo para ele. — Acho que vou.

Eles se viraram quando um som ao longe chamou sua atenção. — Oh, deve ser Kit! — exclamou Selina, animada agora. — Vamos ao seu encontro.

Acontece que não era só Kit. Ele havia trazido Jack Mills com ele e a Sra. Archibald, ou Archie, como era conhecida por todos. Com

seu cabelo escuro cortado curto e vestida com calças, botas, um colete elegante e uma jaqueta, a maioria das pessoas não percebia que Archie era uma mulher. Selina, embora encantada em ver todos, não podia deixar de sentir um calafrio na espinha. Se Will retornasse e os descobrisse todos ali...

Ela sabia, sem sombra de dúvida, que o marquês não aprovaria.

Archie se aproximou dela. — Luna! Minha doce menina — disse ela, retirando um charuto da boca para baforar uma nuvem de fumaça antes de puxar Selina para um abraço com um só braço. — Kit aqui me contou sobre a encrenca em que você se meteu. Uma marquesa, por Deus. No começo, achei que ele estivesse brincando.

— Não é brincadeira — disse Erasmus, atrás dela, trocando olhares significativos com os dois novos convidados.

— Oh, pare com isso, Ras. Você vai fazer todos pensarem que caí em algum romance de terror gótico. Não é tão ruim assim. Vai ficar tudo bem, vocês vão ver — disse ela, sentindo-se um pouco mais corajosa agora que não estava mais sozinha. Ela gesticulou para o vasto edifício que as encarava de sua altura imponente. — Afinal, poderia ser pior.

Will levou menos de vinte e quatro horas para admitir para si mesmo que estava sendo um completo idiota. Fugir de casa para evitar passar tempo com sua nova esposa era mais que ridículo. Era patético. Ainda assim, isso não tornava o retorno mais fácil.

Ah, ele poderia fingir e insistir que tinha negócios para resolver, exatamente como havia dito para Jenson informar a ela. Ela não acreditaria nisso tanto quanto o mordomo havia acreditado. Não que Jenson tenha dito algo nesse sentido. Ele era profissional demais para deixar qualquer coisa que se assemelhasse a uma emoção transparecer em seu rosto. Will sempre invejou essa habilidade dele. Ele tentava copiá-la, por mais vergonhoso que fosse. Jenson era muito melhor nisso do que ele.

Depois que ele saiu, sentiu-se obrigado a seguir com a farsa. Se voltasse imediatamente, pareceria ainda mais tolo. Então, decidiu que ficaria longe por dez dias. Parecia um número apropriado.

Assim, hospedou-se em um pequeno hotel tranquilo em Weymouth, levando todos os funcionários a um estado de frenesi ao perceberem quem era o hóspede nobre. Com um tom bastante severo, informou-lhes que havia vindo em busca de um pouco de brisa do mar, de paz e tranquilidade.

Ele então teve que suportar todos pisando em ovos ao seu redor, com medo de respirar, o que era infinitamente pior do que as reverências e a subserviência. Quanto mais eles se moviam como ratos assustados, mais irritado ele ficava, e quanto mais irritado ele ficava, mais rápido eles se moviam, e assim continuaram.

Talvez, quando voltasse, Selina já tivesse se acostumado um pouco e estabelecido uma rotina. Uma vez que ela se adaptasse à vida no castelo, ela certamente seria mais... seria menos...

Will suspirou.

Bem, pelo menos ele poderia tentar colocar as coisas em perspectiva durante sua ausência. Ela era apenas uma mulher, mesmo que fosse sua esposa, e uma vez que ele se acostumasse com esse fato, esse lado possessivo e brutal de sua natureza se acalmaria e desapareceria.

Claro que iria.

Os dias se arrastaram, cada um amanhecendo e encontrando Will repreendendo-se por ser um idiota ainda maior. Ele queria voltar para casa.

Uma voz insistente e beligerante o lembrava, em intervalos regulares, que ele queria ver sua esposa. Não. Ele *ansiava* por ver a sua mulher. Ele sonhava com ela, sonhava com a noite que passaram juntos, sonhava com o encontro frenético na mesa de jantar e, não importava o quão vergonhoso ele achasse seu comportamento, sabia que faria tudo de novo em um piscar de olhos.

Ela o enfeitiçara, roubara seu autocontrole, e, droga, isso deixava-o furioso.

Ainda assim, ele poderia se controlar. Ele poderia. Com prática, aprenderia a controlar a situação. Então, ele desejava sua esposa. A maioria dos homens o consideraria um sortudo. Por que ele não poderia aproveitar seu tempo com ela? Se ao menos conseguisse manter suas paixões confinadas a horários apropriados e ao quarto, onde estaria o problema?

Não precisaria mudar mais nada.

Só que no fim ela iria querer que tudo mudasse. Ela iria querer seu coração logo em seguida, e não de uma maneira confortável e amigável como ele esperava. Havia uma sensação incômoda na parte de trás de sua mente, contorcendo-se como uma larva. Ela lhe dizia a verdade, alertava-o de que ele se sentiria exatamente como ela desejava que ele se sentisse, como se estivesse faltando uma parte de sua alma sem ela por perto. Era insuportável.

Na tarde do nono dia, ele já estava cansado de tudo. Não podia mais fingir que não estava desesperado para vê-la novamente e instruiu seu valete a empacotar suas coisas. Eles estavam voltando para casa.

Ele fez uma viagem de volta sem pressa, recusando-se a reconhecer que estava nervoso sobre o tipo de recepção que receberia.

Will observou Hadley Castle preencher a vista de sua carruagem com satisfação e orgulho. Já estava quase escuro, e a grande casa era uma imensa silhueta contra um céu tingido em tons de dourado.

Ainda havia uma parte dele que se sentia uma fraude, um impostor, como se fosse uma criança brincando de ser adulto. Seu pai havia deixado claro que ele não tinha a capacidade para ser um marquês. Hugh fora seu herdeiro, seu ideal, moldado à imagem de seu pai. Will sempre fora o maçante, o entediante, o que apontava

que eles precisavam cuidar dos assuntos financeiros, das necessidades dos seus inquilinos...

Quando eles se recusaram a dar ouvidos às suas palavras, ele assumiu a responsabilidade de fazer o trabalho por eles. Não que tivesse recebido algum agradecimento por isso. Apenas o ridicularizavam mais ainda. Will os desprezava por isso, embora escondesse seus sentimentos. Ele suportava as zombarias e enfrentava a intimidação, e agora estava rindo por último. Eles se foram, e ele era o marquês, e, se Deus quisesse, seria um homem admirado por todos.

Não toleraria as situações vergonhosas em sua casa que eram comuns enquanto os dois ainda estavam bem de saúde. O derrame de seu pai o deixou acamado, fraco e cada vez mais amargurado, enquanto sua mente permanecia intacta. Ele ressentia a juventude, a força e os sermões de Will. No entanto, quanto mais seu pai e Hugh o provocavam por sua moralidade e seus ideais, mais Will se apegava a tudo isso.

Soltando um suspiro e tentando expulsar a tensão dos ombros, ele apoiou a cabeça no encosto. Mais uma vez, ele repassou o que diria a Selina. Como será que as coisas aconteceriam.

Ele se desculparia por ter recebido um chamado e rezaria para que ela não o olhasse nos olhos enquanto ele o fizesse. Jantariam juntos, e ele faria todo o possível para ser agradável. Ele perguntaria como ela havia passado o tempo e seguiria o exemplo dela, perguntando sobre coisas que ela gostava. Ela tinha algum hobby, interesse, havia lido algum bom livro em sua ausência? Era provável que ela gostasse de teatro, algo que ambos poderiam apreciar. Teria que pensar em alguma coisa. Com sorte, ela iria gostar de seu presente, os materiais de arte. Talvez ela tivesse pinturas para mostrar a ele, e ele garantiria que lhe fizesse elogios bonitos o suficiente.

Entretanto, seus pensamentos corriam desenfreadamente, ignorando o jantar e as conversas triviais até o momento em que poderia levá-la para o andar de cima. Não que ele não quisesse

conversar com ela, não que não quisesse saber mais sobre ela. Ele queria. Queria muito, só que... precisava livrar-se da fome insaciável que corroía sob sua pele antes que perdesse a sanidade.

Mas ele esperaria. Ele controlaria a si mesmo e essas paixões estranhas e inquietantes. Não permitiria que suas necessidades básicas assumissem o controle de sua mente ou de sua vida.

Quero amor, paixão e desejo. Eu quero que você me queira e precise de mim e que sinta que estar separado de mim é como perder uma parte de sua alma.

As palavras dela o assombravam desde o momento em que ela as havia dito. Ele tentou zombar da ideia, encontrar nelas o pior tipo de sentimento exagerado e piegas que havia lido em muita poesia moderna do tipo que ele detestava. Aquele sentimentalismo meloso.

No entanto, por mais que tentasse, as palavras continuavam ali, zombando dele por ser frio demais para entendê-las.

Está tudo bem. Eu sei que a ideia te apavora. Sei que você não é capaz disso. Não espero isso de você, juro, mas isso não muda a verdade sobre o que eu quero.

Will cerrou os dentes.

Sei que você não é capaz disso.

A voz de seu pai se juntava agora, ecoando a de sua esposa. *Porque você é um moralista, Will, um moralista enfadonho, hipócrita e pomposo.*

Ele soltou uma risada amarga.

A ideia de moralismo de seu pai era um homem que mantinha menos de duas amantes, não gastava uma generosa quantia apostando se um porco era mais rápido que uma cabra em um terreno acidentado e não acordava a maioria das manhãs sem ter a menor ideia de onde havia estado na noite anterior. Ao menos, ele tinha aspirações um pouco maiores do que essas.

A carruagem balançou até parar e Will desceu, sentindo um desconforto percorrer sua espinha. Pela primeira vez, ele parou para

se perguntar se Selina ainda estava ali. Ele a havia deixado sozinha, em tão pouco tempo de casamento. Talvez... talvez ela o tivesse deixado, ou retornado para a casa de seu pai.

Ele tentou sentir raiva por isso, mas percebeu que não era a emoção predominante. Era para ser. O pai dela só tinha uma casa porque ele havia pagado todas as dívidas do homem e lhe dera uma generosa mesada. Se ela o desonrasse assim, fugindo na primeira oportunidade...

Com vergonha, percebeu que ele tinha feito exatamente isso com ela.

Repreendendo-se por se preocupar antecipadamente, subiu os degraus. As grandes portas duplas se abriram, ladeadas por lacaios, e Will entrou, entregando o chapéu, luvas e bengala a Jenson.

— Boa tarde, milorde — disse Jenson, enquanto um laiaio ajudava Will a despir o sobretudo.

— Jenson. — Will deu um aceno de reconhecimento com a cabeça. — Onde está minha esposa? — Ele estremeceu ligeiramente, desejando ter pensado em perguntar outra coisa antes dessa, mas agora era tarde demais.

— Acredito que Lady Henshaw esteja na sala de estar, senhor.

— Muito bom. — Will começou a se afastar, mas parou ao notar uma expressão hesitante nos olhos de Jenson. — O que foi?

— Apenas que, sua senhora não está sozinha.

— Oh?

Will sempre suspeitou que Jenson fosse um velho fofoqueiro e intrometido, que tinha se deliciado durante o reinado de seu falecido pai e desfrutava muxoxando sobre escândalos que aconteciam. Sem dúvida, o homem lamentava sua morte e o fim de uma fonte inesgotável de fofocas. O brilho de satisfação maliciosa nos olhos do velho diabo não fazia nada para dissipar essa ideia.

— Sim, milorde. Vários *jovens* estão hospedados aqui. Vindos de Londres, acredito. — Jenson fungou, dando a Will motivo para

acreditar que eles não se enquadravam nos conceitos de respeitabilidade do mordomo.

— Sim — respondeu Will, com a atitude de quem estava ciente desses detalhes. — Os amigos dela de Londres, sem dúvida. Acredito que ela mencionou algo do tipo — acrescentou ele, mentindo descaradamente.

Não que ela não devesse ter amigos para visitar, ele ponderou, perguntando-se por que se sentia tão incomodado. Sem dúvida ela se sentiu confusa quando ele a deixou. A culpa se insinuou sob sua pele, fazendo-o se contorcer um pouco. Sim, ele havia deixado sua nova esposa sozinha naquela casa imensa, mesmo sabendo que o lugar a aterrorizava. Que belo exemplo de cavalheiro ele era. Ele fez uma careta, sabendo que agora teria que enfrentar os amigos dela, e sem dúvida, a reprovação deles também.

Droga.

Capítulo 12

"No qual oito é demais."



— Ah, vamos lá, Kit — disse Archie, com as longas pernas esticadas à sua frente enquanto ela relaxava em uma poltrona com um copo de conhaque balançando preguiçosamente em uma das mãos. — Dê-nos uma chance, velho amigo.

— Não vou — respondeu Kit, sorrindo para ela, embora o sorriso estivesse um pouco sonolento.

Selina olhou para Erasmus, que lhe devolveu um sorriso pesaroso. Seus amigos estavam decididos a animá-la, e, dessa forma, os últimos dias se tornaram uma espécie de festa, ela supunha, celebrando seu casamento desastroso.

Todos se sentiam muito mal por ela, embora não o dissessem com todas as palavras. Ah, eles admiravam a casa e os jardins, e ela sabia que a coleção de arte de Lorde Henshaw os deixara deslumbrados. Lizzie tinha se encantado com os muitos vestidos e presentes que seu marido lhe dera, e Archie estava mais do que impressionada com a adega. Na verdade, todos estavam impressionados com a adega e, no final da tarde, haviam organizado uma expedição ao interior do castelo para investigar.

Jenson estava indignado e atingido seu nível máximo de indiferença, mas Archie simplesmente pegou um candelabro e exigiu a chave.

— Você quer, certo, Lady Henshaw? — exigiu saber de Selina.

Dividida entre a culpa por fazer algo que iria enfurecer Will e a alegria por fazer algo que iria enfurecê-lo, ela tomou sua decisão.

— Sim — disse ela. — Eu quero.

Esse, então, foi o resultado. Todos estavam um pouco sonolentos e relaxados, e havia a sensação de contentamento relaxado que só existia entre amigos íntimos. Era quase como estar em casa. A ideia lhe deu um pequeno arrepio de nostalgia pela casa de seu pai, e ela a afastou antes que pudesse fazê-la chorar.

Rupert estava sentado no chão aos pés de Erasmus, fazendo um esboço dele com uma concentração determinada. Jack estava estudando um livro, com uma ruga de concentração entre as sobrancelhas. Lizzie, que ficava sonolenta se bebesse até mesmo uma única taça de vinho, havia se encolhido como uma pequena bola no sofá ao lado de Selina, com a cabeça no colo de Selina, e roncava suavemente.

— Ah, vamos lá — exigiu saber Archie de Kit mais uma vez. — No que você está trabalhando?

— Baboseiras — respondeu ele, balançando a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Pura baboseira.

— Meu Deus, Kit, você é um verdadeiro chato. — Archie riu após essa declaração, mostrando que não estava falando sério.

Kit retribuiu com um olhar desaprovador e levantou-se.

— Tudo bem. Vou te mostrar um trabalho de um verdadeiro poeta — disse ele, com um tom um pouco sarcástico. — *Noutro dia, enquanto Apolo lançava suas flechas. Através dos dias nublados de novembro, intermitentemente, ele começou a considerar há quanto tempo...*

— Oh, Senhor — resmungou Jack, levantando os olhos do livro. — Quem o irritou?

— Archie — respondeu Erasmus, enquanto Kit se levantava, ainda recitando e falando cada vez mais alto. — Você sabe que ele não suporta Hunt.

— Hunt é um bom sujeito, uma excelente pessoa — protestou Jack, enquanto Erasmus rejeitava seu comentário com um gesto.

— Sim, sim, ele gosta dele, não poderia ser diferente, mas a poesia do sujeito... — interrompeu Rupert, olhando para Jack.

— Oh — respondeu Jack, e voltou a atenção de volta para seu livro.

Enquanto isso, Kit estava começando a se soltar e, incentivado por Archie, que estava tendo uma crise de riso, e subiu em uma cadeira, com os braços estendidos.

— *E, ainda assim, não consigo ver por que tenho sido tão relapso, a menos que seja – e certamente é – que desde os belos versos de Dryden e o ápice de Milton, estou ficando verdadeiramente cansado das suas cantilenas rimadas.*

Nesse momento, várias coisas aconteceram simultaneamente.

Kit atingiu o clímax de sua primeira estrofe e estava apenas respirando para começar a próxima, com Archie aplaudindo loucamente, quando a porta se escancarou. Selina deu um grito, assustada, ao ver a figura imponente e impecável do marquês preenchendo a entrada. Seu olhar de espanto ultrajado a desconcertou tanto que ela se levantou, esquecendo-se de Lizzie, cuja cabeça estava em seu colo. A pobre menina caiu no chão com um baque, e por um momento o cômodo ficou caótico.

Horrorizada por ter jogado sua amiga ao chão, Selina teve uma desculpa para ignorar o marido, pelo que se sentiu bastante aliviada. Como ela havia previsto, ele não parecia nada satisfeito em ver seus amigos ali. Dado que todos estavam um pouco embriagados – bem, não ela – não podia culpá-lo por seu descontentamento.

A mortificação queimava suas bochechas enquanto ajudava Lizzie a se levantar, pedindo desculpas profusamente, vendo Erasmus se aproximando de Will com um olhar ameaçador.

Oh, céus!

Ela se intrometeu entre Erasmus e seu marido.

— B-boá noite, milorde. Não esperávamos por você — balbuciou ela, lançando a Erasmus um olhar ameaçador, embora soubesse que ele provavelmente não daria atenção.

— Percebo — respondeu Will, com seu olhar frio observando as várias figuras ao redor do ambiente com evidente desagrado.

— Esse é o Sr. Ponsonby, milorde. — Selina apressou-se em continuar, imaginando se apresentações formais poderiam amenizar um pouco a situação.

— Erasmus é um pintor. Ele admira muito sua coleção. Sua obra já foi exposta na Royal Academy três vezes!

Selina tagarelava, apresentando a todos enquanto seu marido permanecia distante e frio em sua cortesia. Antes de apresentar Archie, que era um pouco difícil de explicar, a mulher estendeu a mão para Will.

— Sou Archibald, embora todos me chamem de Archie — disse ela, dando-lhe um sorriso bastante cativante. — Desculpe esses depravados que estão bagunçando sua sala. Que beleza de cenário para um homem chegar e encontrar sua casa repleta de poetas e artistas e coisas do tipo. Peço desculpas também por ter me servido de seu conhaque. É uma pena, mas é muito bom. Parece que você também poderia se beneficiar de uma dose. Devo aproveitar a oportunidade e oferecer-lhe algo de sua própria adega?

Surpreendentemente, esse discurso franco pareceu tirar um pouco da rigidez da expressão de Will e ele apertou a mão de Archie. — Parece uma boa ideia — disse ele, com um tom cauteloso.

Selina sentiu um nervoso crescente ao perceber que Will havia assumido, a princípio, que Archie fosse um jovem.

Não podia culpá-lo. Andar vestido com roupas masculinas havia conferido a Archie uma reputação escandalosa e excêntrica, mesmo em seus círculos, entre aqueles poucos que conheciam a verdade, pelo menos. No entanto, quando você não *sabia* que ela era uma mulher, ela parecia um jovem bastante esbelto. Com seu cabelo escuro e ondulado curto, ela se parecia bastante com o irmão mais novo de Kit.

Selina abriu a boca para dizer algo que não conseguia compreender, mas Archie a fulminou com o olhar, desafiando-a a estragar tudo. Ela a fechou novamente e se perguntou o que diabos iria fazer agora. Seu coração deu um solavanco antes de decidir que a velocidade era preferível e, por um momento, ela se sentiu

atordoada. De repente, desejou que seus amigos fossem para o quinto dos infernos, e então se repreendeu.

Espere.

Por que deveria fazer isso?

Will a havia abandonado ali sem dizer uma única palavra. Ela também vivia ali agora. Se ela queria seus amigos por perto, por que ele deveria voltar para casa e estragar tudo com seu desprezo e seu desagrado implacável?

Com uma expressão conformada, ela se recostou e observou enquanto Archie tentava conquistar o marido com o objetivo de mudar seu estado de espírito.

Ela foi apenas parcialmente bem-sucedida. Ele suportou a companhia deles por vinte minutos excruciantes antes de se levantar.

— Se me derem licença, tive um dia longo e gostaria de conversar com minha esposa antes do jantar.

Selina engoliu em seco, recusando-se a encontrar o olhar preocupado de Erasmus, embora sentisse o peso de seu olhar preocupado. Will segurou a porta para ela, não lhe dando meios de escapar, e ela passou por ela, desejando sentir-se um pouco menos como uma garota travessa pega comportando-se mal.

Will caminhou em silêncio, muito ciente da presença de Selina. Ele sentia-se compelido a olhar para ela, a saborear a visão dela, embora estivesse extremamente irritado. Sem se permitir demorar na contemplação do seu perfil encantador e mantendo o olhar fixo à frente, ele abriu a porta da biblioteca e fez um gesto para que ela entrasse.

Will atravessou o cômodo e serviu-se de outra bebida.

Ele estava preparado para receber os amigos dela e agir com civilidade, apesar da sua irritação em encontrá-los ali. No entanto, a cena que encontrou ao abrir a porta lhe tirou o fôlego por um momento.

Havia pessoas espalhadas, sim, *espalhadas*, em todas as superfícies. Um sujeito estava sentado no chão, pelo amor de Deus. Quando as cadeiras tinham saído de moda? Sem mencionar o maldito poeta recitando um verso maçante que só Deus conhecia, enquanto ele *estava* em cima de uma cadeira!

Will respirou com dificuldade, perguntando-se o que queria dizer a Selina. Não queria gritar com ela, mas as coisas... as coisas não podiam continuar assim. Eles teriam que ir embora.

— Foi tão amável da parte deles virem me fazer uma visita, não foi, milorde? — disse Selina, e Will notou a formalidade em sua fala. — Confesso que estava me sentindo bastante triste e sozinha até que eles bateram na porta.

Ele também notou o tom mordaz nessas palavras. A culpa surgiu em seu peito e sua aparição o irritou. Ele tinha a intenção de melhorar as coisas entre eles naquela noite, e a maldita mulher estava dificultando isso.

— Sim, posso ver que vocês tiveram uma festa animada — respondeu Will, rispidamente.

— Você me acusa de libertinagem, senhor? — desafiou-o Selina, com um brilho perigoso nos olhos.

Will a observou, a tensão vibrando em seus ombros à medida que sua raiva aumentava.

— Não, mas se você pretende me dizer que eles não estão todos embriagados, deve pensar que sou um tolo.

Uma expressão um tanto frágil surgiu em seus traços delicados e Will reprimiu uma sensação de arrependimento. Esperava ver uma expressão mais calorosa em seus olhos naquela noite. No entanto, não podia deixar tal comportamento passar em branco. Ela era uma marquesa agora, não uma qualquer. Havia padrões a serem seguidos.

— Não pretendo lhe dizer nada. — As palavras vieram carregadas com desprezo, mas ele achou que havia mais tristeza em seus olhos do que raiva.

— Eles são meus amigos, e Deus sabe que eu preciso de um amigo neste momento, pois nunca estive tão sozinha em toda minha vida.

O peso da culpa aumentou, e Will franziu a testa.

— Devo me desculpar por ter saído da forma que saí. Infelizmente houve algo que exigiu minha atenção urgente e...

Ele hesitou, cerrando os dentes enquanto Selina emitia um som de tanto desprezo que ele sentiu o rosto queimar.

— Não posso estar sempre à sua disposição! — disse ele, as palavras muito mais irritadas e duras do que ele pretendia, mas a vergonha de ela vê-lo como o covarde que ele era o tornava cruel. Ele queria desabafar, e fez isso, vendo o choque dela enquanto suas palavras a acertavam em cheio.

— Estamos casados há mais horas do que dias, milorde — disse ela, sua voz tremendo um pouco, mas solene. — Não percebi que minhas exigências fossem um incômodo tão grande.

Will a encarou e então praguejou, passando a mão pelo rosto.

— Não tinha a intenção de discutir com você, Selina — disse ele, sua raiva se dissipando, substituída por uma profunda tristeza. — Eu esperava fazer as pazes, mas... encontrar essas pessoas aqui...

— Essas *pessoas* são meus amigos.

— Dá para entender por quê. — Um tom de irritação voltou a aparecer em sua voz. — Mas, talvez, agora que sua posição na sociedade mudou tão drasticamente, você devesse repensar essas amizades.

Um silêncio mortal preencheu a sala e Will virou-se enquanto a atmosfera provocava arrepios em sua pele. Ela o encarava, incrédula.

— Gostaria que Deus tivesse feito com que você nunca me encontrasse naquela noite — disse ela, e ele podia ouvir a emoção em sua voz, embora ela não chorasse. — Casar-me com você foi o maior erro da minha vida.

Ela se virou para sair, mas suas palavras haviam penetrado nele, atingindo profundamente, deixando-o abalado e inquieto.

— Não!

Ele avançou, segurando seu braço. — Selina — disse ele, seu nome pronunciado em um tom angustiado. — Por favor, não...

Ela olhou para ele, seus olhos brilhando com lágrimas e confusão.

Will estendeu a mão e acariciou seu rosto. — Não vá.

— Por que não? — exigiu saber ela, enquanto uma lágrima escorria pelo seu rosto.

Ele levantou o polegar, removendo a lágrima, seu coração ficando apertado com a visão dela naquela condição. — Porque... porque...

Não era possível articular uma única razão, além da certeza de que ele morreria se ela saísse. Oh, não por sua própria iniciativa – ele não era dramático ou romântico o suficiente a ponto de cometer tais ações extravagantes – mas de forma crescente. Seu coração murcharia e viraria pó.

Ele se inclinou e beijou-a. Um beijo duro, bastante zangado, que ela correspondeu com igual paixão. Isso era uma loucura. Ele não podia amá-la, não se conheciam. Com base nas suas interações até agora, não gostavam um do outro. E, ainda assim...

Seu coração disparou quando seus lábios se encontraram e ele a abraçou mais forte, agitado e perplexo com a sua reação a ela.

— Não posso viver assim — sussurrou ela, enquanto ele se afastava um pouco.

— Nem eu.

As palavras foram arrancadas de seu coração antes de ele puxá-la para seus braços mais uma vez.

Selina suportou o jantar sob o peso do olhar de Will sobre ela.

Eles haviam feito amor, se é que se pode chamar o ato frenético contra a parede da biblioteca de amor. Parecia mais com um ato de insanidade.

Ainda atordoada, o prazer persistia, tornando seus membros flexíveis e pesados ao mesmo tempo. Sempre que olhava para cima, os olhos de Will estavam sobre ela, parecendo que ele poderia devorá-la em uma única mordida.

Ela percebeu que tinha poder sobre ele. Se fosse uma mulher com um coração mais frio, poderia ter feito exigências, extraído promessas que ele faria em desespero. Ainda assim, a ideia a nauseava, ela percebia agora, isso era o que o aterrorizava.

Erasmus estava sendo forçado a controlar a língua. Ela o havia feito jurar que não interferiria em seu casamento e ele estava moralmente obrigado a cumprir. Isso não significava que ele estava feliz com isso.

Jack havia ido para a cama, com o livro ainda na mão, declarando que não estava com fome, e Selina desejava ter seguido seu exemplo. Todos os outros estavam quietos e apáticos, com os excessos das explorações da adega cobrando seu preço. Apenas Archie parecia não ser sido afetada e mantinha um fluxo de conversa bem-humorada com a qual Selina via que Will estava fazendo o possível para interagir.

Finalmente, o jantar acabou, e todos foram para seus quartos com alívio.

Selina se sentou na cama, esperando.

Ele não conseguiu desviar os olhos dela a noite toda e ela não tinha certeza se ele viria até ela. A ideia lhe despertava um sentimento persistente de esperança. Se havia essa... essa *paixão* entre eles, tinha que ser possível encontrar um caminho para seguirem em frente.

Ainda assim, à medida que ficava mais tarde, ela percebia que a porta não se abriria.

Ela olhou para a porta fechada à luz crepitante da vela ao seu lado da cama e desejou que a maçaneta girasse.

Oh, que homem irritante.

Selina atirou as cobertas para o lado e deslizou para fora da cama, caminhando na ponta dos pés até a porta. Ela parou para ouvir, escutando apenas o próprio coração batendo muito alto. Com uma coragem repentina, ela alcançou a maçaneta e a girou, aliviada quando a porta se abriu com facilidade e sem o menor som.

Will estava de pé ao lado da lareira, com uma expressão sombria no rosto enquanto as chamas o faziam parecer ainda mais feroz, com suas implacáveis feições austeras. Ele usava apenas calças, estava com seu torso nu, e Selina não pôde evitar observá-lo. O homem a deixava furiosa e infeliz alternadamente, mas não podia negar seu desejo por ele. Ela ainda ardia, a paixão que compartilharam mais cedo não a havia diminuído nem um pouco. Pelo contrário. Quanto mais se tocavam, pior ficava, mais ela o desejava.

Ele observou atentamente e viu seus olhos escurecerem, e seu corpo ficou instantaneamente cheio de tensão.

— Você não veio me ver — disse ela, seu tom acusatório. Ela não pretendia isso, mas estava desapontada e não via razão para negar isso.

Ele engoliu em seco, encarando-a, e então balançou a cabeça. — Não... não me pareceu correto depois de...

Ele desviou o olhar, passando a mão pelo cabelo e parecendo desconfortável.

— Correto? — repetiu ela, confusa. — Quer dizer, você acha que eu não apreciaria sua visita?

— Não desejo me aproveitar da minha posição.

As palavras soaram um pouco rígidas e um tanto arrogantes e Selina riu, percebendo tarde demais que era a coisa errada a se fazer ao ver a indignação tremular em sua expressão.

Meu Deus, como alguém conseguia se complicar tanto assim? O que lhe aconteceu para que algo que deveria ser uma simples fonte de prazer se tornasse tão complicado e cheio de tensão?

— Prometo que lhe direi se seus avanços forem indesejados, milorde — disse ela, com um tom irônico na voz enquanto seu olhar percorria-o. — Mas, até agora, não tenho desejo de rejeitá-lo.

Ela deu um passo mais para perto, encorajada pela expressão nos olhos dele. Uma de suas mãos ousou tocá-lo, repousando em seu peito enquanto ela olhava furtivamente para cima na direção dele, curiosa com o poder recém-descoberto que possuía.

— Você queria vir, não é?

— Sim.

A palavra era direta e honesta, e Selina sorriu. Sua mão subiu, deslizando sobre o ombro dele, descendo por um braço forte. Ele se moveu, como se fosse puxá-la para mais perto.

— Não. Espere — disse ela, olhando para ele. — Quero tocá-lo.

Ele parou, e ela continuou sua exploração, agora com as duas mãos deslizando sobre a pele dele e depois sobre aquele cabelo grosso sob suas palmas, enquanto retornava ao peito dele.

— Você gosta quando eu o toco? — Seu olhar fixou-se nele e ela podia ver uma luta silenciosa por trás dos olhos dele. Ele não queria respondê-la; certamente, ele evitava qualquer menção direta ao que desejava.

— Claro. — Ele soava ligeiramente constrangido e um pouco irritado, como se fosse uma pergunta tola.

— Quanto você gosta? — insistiu ela, perguntando-se por que isso importava tanto.

Não era como se ela não pudesse ver o desejo dele, mas ela queria ouvi-lo dizer, confessar seu desejo por ela. Talvez assim não parecesse tão vergonhoso para ele.

Ela se inclinou e deu um beijo no peito dele antes de olhar para cima novamente, as palavras sussurradas enquanto lutava contra seu

próprio nervosismo.

— Eu quero saber. Quero saber em que você estava pensando no jantar. Diga-me o que você quer.

— Pelo amor de Deus, Selina — vociferou ele. — Não fale assim. É inapropriado. Você parece uma meretriz falando.

Selina estremeceu como se tivesse levado um tapa e recuou. Suas bochechas estavam queimando, vermelhas de mortificação.

— Peço d-desculpas, milorde — gaguejou ela, com lágrimas nos olhos. Sentia-se uma completa idiota por ter tentado se conectar com ele. — Não irei cometer mais o mesmo erro.

Virando-se para ele, ela quase correu para fora do quarto, batendo a porta atrás de si.

Capítulo 13

"No qual a paixão não consegue ser suficiente."



Foi depois do café da manhã que ele percebeu que ela havia partido.

Ele tinha se levantado cedo, como era de costume, esperando vê-la um pouco mais tarde. Will esperava que os convidados dela estivessem com sono o suficiente para ainda estarem na cama, e ele estava, em grande parte, certo.

Archie lhe deu um sorriso animado justo quando ele estava alcançando seu café, entrando na sala sem a menor preocupação, pelo jeito que aparentava.

— Bom dia, milorde — disse ele, sentando-se e alcançando um pão recém-assado. Quente e macio, o aroma tentador perfumava a sala de café da manhã. — Está um ótimo dia, não está?

Will escondeu sua irritação e assentiu. Ele esperava poder falar com Selina a sós antes que ela desaparecesse com seus irritantes acompanhantes. Esperava que eles pelo menos permanecessem sóbrios e fora de sua maldita adega hoje. Embora o jovem Sr. Archibald parecesse um sujeito decente. Pelo menos, ele não passava o tempo declamando poesia ou sentado no chão.

— Acho que os outros estão um trapo esta manhã — disse o jovem, com um sorriso irônico nos lábios.

— E você, não está?

O Sr. Archibald riu e balançou a cabeça. — Para ser sincero, não consigo beber muito, milorde. Então, embora eu confesse que possa ter estado um pouco alterado quando nos conhecemos – seu

conhaque realmente era bom demais para resistir – nunca fico realmente bêbado.

Will o observou, curioso. Ele tinha um perfil elegante, olhos cinza-claros e uma boca carnuda, bastante feminina. Sua pele era tão suave que Will se perguntou se ele já tinha começado a fazer a barba. Ele parecia ter olhos vivos e inocentes e, de repente, Will se sentiu velho e sobrecarregado. Ele já havia sido tão despreocupado na vida? Já havia sido tão inocente? Sim. Sim, por Deus, ele já tinha sido, até que seu pai se esforçou para mudá-lo.

Will franziu a testa, afastando as memórias desagradáveis.

— Eu me perguntava se eu poderia ser tão ousado a ponto de pedir emprestado um cavalo, milorde — falou o rapaz, com uma leve corada nas bochechas, como se estivesse ciente da própria impertinência. — Eu sei, sou um verdadeiro patife, não sou? Mas os jardins são tão belos, e eu não vou conseguir explorar mais do que uma fração a pé antes de partirmos amanhã de manhã.

Mesmo sem querer, Will sentiu os lábios se curvarem em um sorriso. O Sr. Archibald era revigorante, com sua franqueza atrevida e bom humor. Will descobriu que gostava do jovem patife.

— Você realmente é impertinente — respondeu ele, com um tom seco, embora levemente divertido, enquanto abaixava sua xícara de café. — Jenson?

O mordomo, que acabara de entrar na sala para verificar se tudo estava como deveria, virou-se para ele.

— Milorde?

— Providencie um cavalo adequado para meu jovem amigo aqui; ele deseja sair a cavalo esta manhã.

O mordomo assentiu e foi cumprir a ordem do marquês. Ele retornou cerca de dez minutos depois, com uma expressão grave no rosto ao entregar a Will um envelope lacrado.

— Perdoe-me, milorde, mas a Sra. Pringle me pediu para lhe entregar isto. Ela a encontrou esta manhã.

Will franziu a testa, com uma sensação gelada e tensa no estômago ao pegar o bilhete. A Sra. Pringle a devia ter encontrado no quarto de sua patroa. Ele olhou para o Sr. Archibald, cuja atenção parecia fixa no prato, e levantou-se, movendo-se para ficar ao lado da janela.

Quebrando o selo, ele leu o bilhete enquanto a sensação de frio nauseante torcia suas entranhas com mais força em um nó.

Lorde Henshaw,

Acho que ambos sabemos que este casamento foi um erro desde o início.

Se continuarmos assim, só faremos um ao outro infelizes. Peço-lhe que me conceda o divórcio. Você tem minha autorização para usar minha infidelidade como razão. Qualquer coisa para estar livre desta situação insustentável. Prefiro arruinar a minha reputação a arruinar o resto da minha vida.

Por favor, saiba que não sinto ódio algum em relação a você. Você foi tão vítima desse infortúnio como eu e agiu com honra. Não posso censurá-lo por insistir em nosso casamento. No entanto, agora você vê que é impossível, certo? Isso tem de acabar antes de magoarmos um ao outro mais do que já o fizemos.

Estou indo embora, para algum lugar tranquilo e fora do caminho, então, não precisa se preocupar. Tentarei manter-me longe dos olhos do público até que o divórcio seja resolvido. Tem a minha palavra de que não o vou envergonhar nem criar um escândalo. No entanto, caso se recuse a se divorciar de mim, posso ser forçada a rescindir essa promessa.

Perdoe-me por ter fugido de maneira tão covarde, mas não ousei enfrentá-lo novamente. Se precisar contactar-me, pode fazê-lo através do Sr. Ponsonby. Por favor, não fique zangado com ele, pois ele não sabia nada da minha fuga. Deixei-lhe um bilhete de explicação.

O que quer que possa pensar dos meus amigos, posso assegurar-lhe a sua total discrição. Não irão espalhar este assunto

para ninguém. Não posso falar em nome da Sra. Pringle ou do Sr. Jenson.

Lamento muito, por tudo.

Selina.

Ele não conseguia respirar. O arrependimento tomou conta de seu peito, empurrando suas costelas, asfixiando o ar de seus pulmões. Ele sentia-se inexplicavelmente perto de chorar. Por quê? Por que tinha que doer tanto? Cada palavra que ela disse era verdadeira. Juntos, eles eram uma combinação destrutiva, volátil, inflamável, destinada a incendiar até que se queimassem e tudo ao seu redor virasse cinzas.

Ela estava implorando-lhe para libertá-la, para libertar aos dois, mas Will tinha conhecimento de algo que ela não sabia.

Ele nunca poderia ficar livre dela.

Talvez tenha sido por isso que ela o aterrorizava tanto, mas a lealdade era da sua natureza. Mesmo quando essa lealdade foi tratada com desdém. Ele sabia quando se casou com ela o que isso significava para ele. Não era apenas o fato de que ele havia feito votos diante de Deus, embora ele não pudesse negar que essas palavras carregassem um peso para ele. Era que seu coração havia se comprometido desde o primeiro beijo que lhe deu. Ele sabia que era tolice e improvável para um homem da sua idade, mas isso não tornava a verdade menos real.

Se ele não pudesse corrigir isso, ficaria sozinho para sempre. Ele lembrou-se das palavras que lhe dirigiu ontem à noite e a dor do remorso lhe apertou a garganta. Tinha sido tão cruel da parte dele falar assim com ela, mas as palavras que ela proferiu o lembraram... de outra mulher. Ela o lembrava de uma mulher que lhe causara vergonha e humilhação.

Ele esfregou a mão no rosto. Oh, Deus, ele teria que enfrentar seus malditos amigos agora. Todos eles o viam como o canalha sem coração que ele era.

Como se tivesse convocado o homem com os seus pensamentos, Erasmus Ponsonby entrou na sala naquele momento. Ele era um homem grande e tinha uma expressão assassina nos olhos.

— Lorde Henshaw — disse ele, seu tom sombrio de antipatia. — Gostaria de lhe falar em particular.

Selina encarava o pequeno jardim que descia em direção ao mar. Era pouco mais do que um trecho triangular de azul à distância, surgindo entre árvores e arbustos. A casa pertencia a Erasmus e ela sabia que ele não se importaria com a sua presunção de correr para este lugar. Ela e o pai tinham se hospedado muitas vezes ali e era uma convidada bem-vinda do Sr. e da Sra. Potter, que cuidavam do local.

O vilarejo de Winchelsea ficava talvez a vinte minutos a pé da casa e Rye podia ser alcançado com facilidade a cavalo. No dia anterior, ela havia caminhado até a praia de seixos, levando uns bons quarenta minutos ao longo de planícies cobertas de ovelhas e animadas lavadeiras pretas e brancas com caudas longas que balançavam e agitavam suas penas.

Ela passou muito tempo encarando um mar cinzento como ferro, com o vento batendo nela, arrancando sua capa e ameaçando arrancar o bonnet de sua cabeça. Por que, apesar de querer se livrar dele, ele era tudo em que ela conseguia pensar?

Ela virou-se quando a Sra. Potter a chamou do chalé. Ela era uma mulher pequena, franzina e rápida, com um rosto doce e olhos escuros que faziam Selina lembrar de um pássaro, sempre alerta.

— Srta. Darling, alguém está aqui para vê-la.

Selina corou um pouco. Ela não contou à Sra. Potter sobre o seu casamento, nem explicou que já não era mais a Srta. Darling, mas sim, a Marquesa Henshaw.

Uma figura alta, elegante e esguia apareceu ao lado da Sra. Potter.

— Kit!

Ela pegou as saias e correu de volta para a casa, atirando-se em seus braços enquanto a Sra. Potter voltava para dentro. Selina poderia tê-la abraçado também para sua discrição.

Como era de se esperar, ela soluçou contra o peito de Kit enquanto ele a apertava com força.

— Calma, calma, querida, não chore.

Selina afastou-se dele, sentindo-se humilhada por se ter permitido tal demonstração de autopiedade.

— Desculpe — disse ela, com a voz embargada enquanto se atrapalhava com o lenço.

— Aqui, pegue o meu. — Ela viu carinho nos olhos de Kit, sua expressão cheia de simpatia quando ela pegou o lenço dele. — E não seja tola. Tem o direito de chorar dadas as circunstâncias.

Ela deu uma gargalhada sem graça e respondeu com um sorriso fraco. — Que confusão, Kit. Oh, que terrível confusão.

Ele não a contradisse, mas ofereceu o braço.

— Venha, vamos dar um passeio.

Encontravam-se no vilarejo de Winchelsea, fora da grande e outrora bela igreja. Estava em uma condição tão deplorável agora que eles não ousaram entrar. Em vez disso, caminharam pelo cemitério, reservando um momento para olhar as sepulturas de mais de setenta homens que perderam a vida no conflito com Napoleão. Selina tentou consolar-se de que sua situação não era tão digna de pena. Não era vida ou morte em um campo de batalha. De alguma forma, isso não a animou, embora a fizesse sentir-se culpada por sua própria tristeza.

— Eu me sinto terrivelmente ingrata — confessou ela a Kit, sabendo que eles teriam que falar sobre isso no fim das contas. — Eu tenho tudo o que a maioria das mulheres poderia sonhar, mas não é suficiente.

— É claro que não é suficiente — disse Kit, olhando para o cemitério. — Se ele te amasse e você a ele, não importaria se ele

tivesse uma boa casa ou mais dinheiro do que você poderia gastar durante a vida inteira. Mas não importa ele ter essas coisas se ele não te ama, se você não o ama. Você não é uma caça-dotes ou uma alpinista social, Selina. Essas coisas não importam para você, então, ele não lhe deu nada de grande valor.

Selina franziu a testa ao ouvir isso, balançando a cabeça. — Isso não é verdade — disse ela, baixinho. — Ele me deu seu nome quando não precisava, e a promessa de ser fiel. Isso é mais do que muitas mulheres recebem.

Kit a encarou por um momento, com um olhar curioso em seus olhos antes de seguirem em frente novamente.

— C-como ele estava? — indagou ela, perguntando-se se realmente queria saber ou não. — Depois da minha partida?

Kit deu de ombros. — Fomos embora assim que pudemos. Archie foi o que mais conversou com ele. Você teria que perguntar para ele. Erasmus estava tão irritado que mal conseguiu dizer outra coisa além de que desejava que você não tivesse implorado para que ele não desafiasse o sujeito para um duelo.

Ela sorriu, embora a expressão parecesse estranha, já que suas emoções estavam longe de refletir isso. — Pobre Erasmus, querendo desesperadamente que todos sejam felizes.

Ela olhou para Kit, admirando os cílios longos e escuros contra sua pele clara. Por um breve período, ela achou que estava apaixonada por ele. Ele sabia, e tinha sido gentil em explicar que não estava interessado, e em um curto espaço de tempo ela se viu aliviada. Kit Kendall não cumpria os requisitos do homem com quem ela desejava se casar, conforme a lista de exigências que ela havia delineado para Erasmus. Ela suspeitava que ele era um homem para amar à distância, não para se viver junto.

— Eu vi Lorde Henshaw, no entanto, na manhã em que partimos. — Kit olhou para ela, sua expressão pensativa. — Acordei cedo, com uma frase girando na minha cabeça que eu precisava colocar no papel. Mal era luz do dia, mas tive a oportunidade de olhar pela janela. Ele estava caminhando à beira do lago.

Selina sentiu seu coração dar um salto quando se perguntou se ele estava refazendo seus passos desde a manhã seguinte ao casamento.

— Eu pensei que nunca tinha visto um homem mais solitário em toda a minha vida.

A voz de Kit era baixa, seu tom, pensativo, e Selina piscou para afastar as lágrimas, assentindo.

— Eu acho que ele é, Kit — disse ela, sabendo que iria chorar de novo. — Mas acho que não tenho como mudar isso. Eu teria, se eu achasse que poderia, eu nunca teria ido embora, mas... Ele nem gosta de mim, ele não gosta de nada em mim, e eu não vou me esforçar por um homem que acha que eu não sou boa o suficiente para ele.

Kit assentiu, deu-lhe um tapinha no braço e eles seguiram em silêncio.

Kit havia arrendado um quarto na *The New Inn*, no vilarejo, dizendo que tinha prometido a Erasmus que ficaria de olho nela e permaneceria nas próximas semanas. Erasmus enviou-lhe um bilhete através de Kit, dizendo-lhe para se sentir em casa e usar suas tintas e o que mais desejasse para se manter ocupada. Ele também prometeu visitar assim que pudesse e que iria garantir ao seu pai que ela estava segura.

Então, Selina fez o que ele sugeriu, e dedicou-se intensamente à pintura. Kit estava trabalhando em um novo poema e, portanto, ele era uma presença tranquila, mas reconfortante, pois Selina passava o tempo com um cavalete diante dela.

Eles haviam descoberto um local favorito em um lugar ao alto, com uma vista imponente sobre a paisagem, os pântanos se espalhando como um manto verde abaixo deles, e o mar cintilando no horizonte. Era um recanto isolado com as árvores às suas costas, e eles estavam protegidos das rajadas mais fortes de vento, que

vinha soprando do mar e sobre os pântanos planos sem nada que os parasse.

Com frequência, eles faziam um piquenique e passavam o dia, retornando apenas quando o pôr-do-sol se aproximava, o tempo se tornava adverso ou a fome os forçava a ir embora. Às vezes falavam sobre o seu trabalho, arte ou muitas coisas... mas não sobre o marido.

Esse era o aspecto peculiar de Kit. Ela sabia que ele iria ouvir se ela quisesse, mas ele não iria bisbilhotar. Ela percebeu que ele era uma presença muito relaxante. Uma ou duas vezes, ela quase tocou no assunto, precisando entender o que fazer com as emoções estranhas e volúveis que a assaltavam quando seu marido estava por perto, mas decidiu que era um tema muito pessoal e íntimo para discutir com qualquer pessoa.

Pensou muitas vezes nas palavras dele sobre o marido e imaginou-o sozinho junto àquele vasto lago com uma dor no coração. Se ao menos pudessem ter encontrado uma maneira de estar juntos, de encontrar algum ponto em comum, mas ele era muito rígido, muito preso a um senso de moralidade inflexível que ela não conseguia compreender.

Ela era motivada pelo amor e aceitação, e ele, pelo que a sociedade lhe dizia que era certo, independente do que seu coração lhe dizia.

Então acabou, *tinha* que acabar. Ele se divorciaria dela, e eles nunca mais se veriam. Ela poderia começar de novo. A ideia só a fazia querer chorar.

Capítulo 14

"No qual Will faz um amigo."



Will olhava para o livro-razão à sua frente. Os números geralmente lhe davam prazer. Havia uma satisfação em somar cada coluna e encontrar a resposta correta. Mesmo que a resposta não fosse a que deveria ser, era apenas uma questão de rastrear e descobrir o erro. Poderia ser corrigido. Se ele voltasse e encontrasse o seu erro, poderia consertá-lo.

Se ao menos a vida fosse tão complacente quanto os números.

Esta manhã, as linhas e colunas bem-organizadas se embaralhavam diante de seus olhos. Sua cabeça doía, mas isso não era uma surpresa. Ele havia se embriagado na noite anterior.

Nem precisava dizer que a casa parecia vazia agora. O lugar era mais uma cidade do que uma residência e Selina havia estado lá por apenas alguns dias, pelo menos não na companhia dele. No entanto, o vasto lugar parecia mais vazio do que nunca, apesar das centenas de criados.

Ele não conseguia dormir, atormentado por sonhos acalorados com ela, e quando ele estava acordado, as palavras cruéis que ele havia jogado na cara dela ecoavam em sua mente. Meu Deus, como ele era um completo idiota. Ela o perseguia acordado ou dormindo, sempre em sua mente como uma melodia que ficava presa e se repetia repetidamente. O belo refrão que Selina havia tocado em sua cabeça e ele não conseguia parar de ouvir, lamentar e orar por outra chance.

Se ele tivesse a menor ideia de onde ela tinha ido, ele teria ido atrás dela.

Se soubesse, teria se explicado, reconheceria sua própria imbecilidade e juraria que tentaria de novo. Era incrível o fato de que não se sentia apavorado de que não se importava mais que ela tivesse o poder de colocá-lo de joelhos, mas ele estava muito infeliz para se importar agora. Ele só a queria de volta, ao diabo com o orgulho.

Will ergueu o olhar ao ouvir uma batida na porta da biblioteca, praguejando quando percebeu que sua caneta havia repousado sobre o papel e feito uma grande mancha.

— Entre — disse ele, impaciente por ser interrompido.

Jenson entrou no cômodo, com um olhar de desaprovação em seu rosto, não que Will tivesse visto muitas expressões diferentes. Como era uma das mais marcantes do homem, ele a exibia frequentemente.

— O Sr. Archibald está na sala de estar, milorde. Disse que você não estava disponível, mas ele pediu para esperar, dizendo que você iria querer encontrá-lo.

Will se levantou e apressou-se para sair, para desgosto de Jenson, sem dúvida. No entanto, Archie foi gentil depois que Selina se foi, ao contrário dos outros que olharam para ele como se ele fosse um monstro. Quanto mais tempo ele estava sem sua esposa, mais ele sentia que eles tinham o direito de olhar para ele assim, mas Archie não tinha tomado partido. Talvez... talvez Selina lhe tivesse enviado uma mensagem através do rapaz?

Ele parou do lado de fora da porta da sala de estar, ansioso. E se ela o tivesse enviado para perguntar sobre o divórcio? Ele respirou profundamente. Bem, então Archie teria que voltar com a notícia de que não haveria divórcio.

Archie se sobressaltou um pouco quando abriu a porta e Will viu que estava nervoso. Um rubor tomou conta das bochechas do jovem, conferindo-lhe um aspecto quase atraente.

— Perdoe-me pela i-impertinência, milorde. Tenho certeza de que você tem muitas coisas para fazer, só que...

— Só que...? — exigiu saber Will, muito frenético por notícias para deixar o rapaz à vontade.

— Só... que eu sei onde ela está.

Will soltou o ar que ele não tinha percebido que estava prendendo, um som surpreendente saído de dentro dele que soou tão patético que ele corou mais forte do que Archie.

— Graças a Deus — disse ele, afundando-se em uma cadeira.

Ele colocou a cabeça nas mãos por um momento, sem se importar com que Archie o visse em um momento tão vulnerável. O rapaz não o julgaria por isso, ele sabia disso. Ele era uma alma bondosa, mais bondosa do que Will jamais fora.

— Você a ama, não?

Will olhou para cima e deu uma risada insegura. — É isso que estou sentindo? Parece uma espécie de loucura.

— O amor é loucura, não?

Archie sorriu para ele, um olhar tão cheio de simpatia que Will sentiu lágrimas se formarem em seus olhos.

— Eu sabia que estava certo em vir — disse o rapaz, com a voz baixa. — Erasmus irá arrancar meu couro quando descobrir, mas... mas acho que tem que tentar de novo. Não acha?

— Sim. — A voz de Will soou estranha para ele, cheia de emoção, e talvez mais tarde ele se sentisse um tolo pela natureza franca de sua confissão, mas neste momento, ele não deu a mínima.

— Sim, com certeza.

— Por que ela te deixou?

Se alguém lhe tivesse perguntado, teria dito que se preocupassem com os seus próprios assuntos, mas Archie não o encarava com uma expressão acusatória nos olhos.

Will hesitou. — Quantos anos você tem?

Archie franziu a testa, parecendo desconfortável com a mudança de assunto. — Vinte e seis.

— Sério? — Will reconheceu que estava surpreso. Ele parecia, de longe, mais jovem.

— Eu juro — disse Archie, com a voz um pouco tensa e Will percebeu que o havia ofendido. Sem dúvida, ele havia suportado uma série de provocações por conta disso.

— Nossa, e então você é um... homem experiente?

Um rubor brotou sobre sua pele clara novamente e Archie arregalou os olhos para ele. Will suspirou, impaciente. Ele precisava de conselhos, e um homem que tinha sido um dos amigos mais próximos de Selina era o ideal. No entanto, o conselho de que precisava exigiria uma dose de franqueza de ambas as partes.

— Você já teve amantes?

Archie corou intensamente, desviando o olhar do de Will. Ele cruzou os braços, olhando para o tapete.

— Claro — disse ele, com a voz rouca.

— E você é... você é amigo de Selina? Quero dizer...

Archie soltou um suspiro de frustração, entendendo o semblante em seu rosto.

— Você pode confiar em mim — disse ele, sorrindo. — Eu nunca, nunca faria nada para machucá-la, nunca trairia as confianças de você ou dela. É por isso que estou aqui.

— Você não está traindo sua confiança agora? Não acha que irá magoá-la dizer-me onde ela está?

O jovem assentiu, seus olhos graves enquanto encarava novamente Will.

— Sim. Inicialmente, talvez, e eu só posso esperar que ela me perdoe assim como você, mas... mas eu creio que vocês podem se amar, e às vezes é preciso agir de forma imprudente por amor. Talvez eu esteja errado, e talvez eu possa perder minha amiga por causa disso. Eu sei disso, mas... gostei de você.

As sobrancelhas de Will subiram e o jovem sorriu para ele.

— Não acho que você seja tão arrogante quanto tenta aparentar, e não creio que isso esteja acabado, para nenhum de vocês dois. Vi o seu olhar quando o seu mordomo presunçoso lhe entregou aquele bilhete. Eu sabia que você não tinha se casado com ela por obrigação.

Houve silêncio, pois Will não negou suas palavras.

— Você é um romântico, Sr. Archibald.

— Sim. Suponho que sim, porque espero que alguém, um dia, olhe para mim assim, caso eu tenha que partir — disse Archie, com a voz quase inaudível. Ele franziu a testa, então. — N-não que eu queira partir o coração de alguém, ou deixá-lo, mas...

Embora sua própria humilhação se intensificasse, Will não pôde evitar rir ao ver Archie se atrapalhar. O rapaz levantou as mãos.

— Eu sou um escritor, sabe — disse ele, sua expressão irônica.
— Tamanha eloquência deveria deixar isso bem claro.

Will bufou e Archie se aproximou, sentando-se ao lado dele.

— De qualquer forma — disse ele, com um suspiro, estendendo a mão para agarrar o braço de Will e apertar. — Como eu disse há cerca de meia hora, você pode confiar em mim.

Ele sorriu para a mão de Archie em seu braço, ele era um jovem muito sensorial, muito mais acolhedor do que qualquer outro conhecido seu. Era uma mudança agradável. Will assentiu e respirou fundo. — Bem — disse ele, imaginando se poderia explicar. Pelo menos, podia falar mais livremente com outro homem.

Ele acreditava que podia confiar em Archie. Havia uma aura nele que fazia com que os outros se sentissem propensos a compartilhar segredos. Sua postura não era tão impositiva e presunçosa que fizesse Will se sentir tão constrangido a ponto de não ousar compartilhar suas ideias. Archie era uma alma gentil, dava para ver. A ideia de explicar seus sentimentos a Selina, no entanto, o fazia sentir como se estivesse colocando seu coração em uma bandeja, pedindo para que ela o mutilasse.

— Bem — começou ele novamente, desejando que as palavras não fossem tão difíceis de serem ditas. — A questão é que...

No final da semana, ele estava em Rye.

Ele não tinha sido capaz de explicar, mesmo para Archie, não no início. Só nas primeiras horas da manhã.

Ambos ficaram bêbados e Will contou toda a triste história, com as bochechas ardendo de vergonha o tempo todo. Na manhã seguinte, ele sentiu como se sua cabeça tivesse sido esmagada sob as rodas da carruagem de correio e acordou, à espera da sensação de horror ao perceber que havia confessado seus sentimentos mais sombrios e íntimos a outra pessoa.

Só que esse sentimento não veio.

Archie não riu dele, não o considerou um tolo ou disse-lhe para deixar de ser tão estúpido. Ele encarou Will, horrorizado com sua confissão, e então jogou os braços ao seu redor e o abraçou, segurando-o até que os olhos de Will ardessem e sua garganta ficasse apertada. Ele entendia.

Pela primeira vez na vida, Will percebeu como era ter um amigo. Era algo que ele nunca tinha experimentado antes. A amizade era algo que ele nunca tinha conseguido entender. Na escola, ele nunca teve aquele jeito descontraído que seus colegas tinham, provocando uns aos outros e ofendendo seus melhores amigos. Ele nunca tinha certeza se as piadas eram sérias ou se estavam falando dele pelas costas.

Em uma amizade, eram solicitados segredos e era esperado que os revelassem um outro em troca, e Will sempre evitou tais situações desconfortáveis. Ele era muito reservado para compartilhar voluntariamente seus sentimentos com outra pessoa e, sim, foi preciso uma garrafa de um bom conhaque para que sua maldita língua corresse solta.

Ele queria partir naquele dia, ir atrás da esposa, mas após uma manhã vomitando tudo o que havia no estômago, teve que aceitar a

derrota. Pelo menos, isso lhe proporcionou a chance de passar mais uma noite ao lado de Archie, juntando forças para desenvolver um plano de ação para conquistar Selina de volta.

Os quartos na estalagem *The Mermaid Inn* eram antigos e escuros, com pesados painéis de carvalho. O chão oscilava como uma embarcação em alto-mar e os corredores curvavam em ângulos incomuns. Recantos e cantinhos sombrios surgiam em cada esquina, em meio a histórias aterrorizantes de padres assassinados e corpos decapitados. Pessoalmente, Will desconfiava que pessoas mundanas eram as culpadas pelos rangidos e pelos eventos inexplicáveis, e que os verdadeiros espíritos estavam nos barris escondidos dos agentes da Receita.

Já era tarde quando ele chegou, tarde demais para partir em busca de sua esposa, mas agora uma manhã radiante estava se desdobrando nas ruas de paralelepípedos tortuosas e onduladas do antigo *Cinque Port*. Gaviões grasnavam no alto, girando acima das tortas casas de alvenaria e madeira enquanto o orvalho cintilava nas pedras, escorregadias sob suas botas.

Ele, louco de apreensão e excitação, e de expectativa. Embora não desejasse que aquelas esperanças se desvanecessem, sabia que precisava esperar. Archie havia dito que ele deveria cortejar sua esposa e Will estava seguindo seu conselho. Ele controlaria suas emoções, não permitiria que seu coração, seu temperamento ou seu corpo o governassem.

Respire fundo e conte até dez.

Sentindo-se tolo, Will preferiu que Archie tivesse aceitado seu convite para ir com ele. Ele precisava dos seus conselhos otimistas e diretos neste momento. Em vez disso, ele olhou pela janela enquanto suas palmas suavam e seu coração martelava em seus ouvidos.

O chalé era uma gracinha. Tombando e se curvando em várias direções, as paredes eram pintadas de branco e revestidas com azulejos, enquanto as janelas de vidro chumbado brilhavam ao sol. Era uma travessa estreita, então Will mandou sua carruagem seguir em busca de um local para aguardá-lo. Ele esperava poder mandá-la

embora até amanhã de manhã, ou trazer Selina de volta com ele, mas ele não estava confiante assim. Pelo contrário.

Ele bateu firmemente na porta com a ponta da bengala, sentindo a respiração acelerar.

Uma pequena mulher respondeu e fez uma reverência assustada.

— Bom dia, senhora — disse ele, sendo o mais educado possível, enquanto a mulher o encarava maravilhada. — Acredito que minha esposa, a Marquesa Henshaw, esteja hospedada aqui.

Will se esforçou para ser paciente e controlou o impulso de empurrá-la enquanto a mulher o encarava com a boca aberta.

— *Num* tem nenhuma marquesa por essas *banda*, milorde — disse ela, claramente pensando que tinha um lunático diante de si, ainda que um rico.

Tarde demais, Will percebeu que Selina não teria usado seu nome de casada. Ela estaria hospedada aqui como Srta. Darling. A verdade disso lhe apunhalou o coração, doendo mais do que ele poderia ter creditado. Era apenas um nome, mas... ela o havia negado, negado sua existência na vida dela.

— Perdoe-me — disse Will, ligeiramente tenso agora. — Alguém com o nome de... Srta. Darling está hospedada aqui?

— Oh!

Seu rosto se iluminou e ela soltou um suspiro. — Sim, a Srta. Darling está aqui. Só que não vai encontrá-la aqui agora. Ela sai cedo, milorde, e volta tarde também, a *num* ser que chova. Está pintando, sabe. É louca por isso, como é.

Havia orgulho na voz da mulher e Will sorriu.

— Mas acho que ela disse que voltaria hoje mais cedo. Pode ser que a encontre na hora da refeição da tarde.

Havia um olhar curioso e esperançoso em seus olhos agora e Will se perguntou o quão bem ela conhecia Selina. Ele não podia esperar até lá para vê-la, no entanto.

— Eu gostaria de fazer uma surpresa para ela — disse ele, desejando que fosse uma surpresa agradável, e não uma que a assustasse. — Poderia me informar onde eu poderia procurá-la?

A mulher sorriu em sinal de compreensão e assentiu, apontando para o fim da rua.

— Tem uma trilha que leva até lá. Siga até chegar a uma encosta íngreme, não desça, mas vire à direita. Há uma bela clareira ali, escondida nas árvores com vista para o mar. Você provavelmente vai encontrá-la lá.

Will fez uma reverência em sinal de gratidão e caminhou com firmeza na direção indicada pela mulher. Ao se afastar do chalé e voltar para a travessa, coelhos se apressavam pelo campo oposto, mergulhando de volta em buracos enquanto ele caminhava de volta pela travessa em direção à trilha.

Entre a folhagem, ele ouvia o canto de um felosa-comum e localizou o pequeno pássaro, movendo-se de forma inquieta pelos galhos novos acima. A brisa carregava o calor da primavera, um perfume suave de renovação enquanto as folhas começavam a brotar e um verde mais vibrante prometia aparecer a qualquer momento. Existia uma sensação de impaciência no ar, desejando vida, ou talvez fosse apenas ele, sentindo-se esperançoso e sonhador?

Will fez uma pausa ao ouvir o riso que vinha das árvores, e uma onda de apreensão o atravessou. Ela não estava sozinha.

Movendo-se lentamente enquanto o ciúme e o temor se infiltravam sob sua pele, procurando alcançar seu coração, ele encontrou a clareira.

Selina estava sentada em frente ao seu cavalete, com uma manta embaixo dela e uma pequena caixa de tintas e pincéis ao seu lado. Seu lindo perfil observava uma vista magnífica, mas Will só podia vê-la. Seu coração doía ao vê-la, querendo nada mais do que se ajoelhar ao seu lado e implorar seu perdão.

Em seguida, seu olhar se voltou para o lado oposto da clareira.

Christopher Kendall – Kit, como era conhecido – o maldito poeta. Ele estava descansando no chão, deitado de lado e voltado para Selina, com a cabeça apoiada em um braço, olhando para um pequeno caderno. Ele girava um lápis de um lado para o outro na mão livre, parecendo completamente à vontade.

Será que era o amante dela?

Will obrigou-se a pensar e a não reagir. Ele tinha prometido isso a Archie.

Ele sabia que ela ainda era virgem no momento do casamento. No entanto, ela já tinha sido beijada. Será que tinha sido Kit? Ela o amava? Um poeta sem um tostão era exatamente o tipo de sujeito por quem uma jovem com ideias românticas se apaixonaria. A verdade disso o atingiu com força e a dor tomou conta de seu peito.

— Selina.

Ela saltou como se alguém tivesse disparado uma arma atrás dela, dando um pequeno grito sobressaltado. Kit olhou para cima e, em seguida, levantou-se, movendo-se para ficar entre ele e Selina, na intenção de protegê-la.

Will engoliu em seco, engolindo à força o nó na garganta que parecia composto de pura infelicidade. Ela estava olhando para ele com evidente horror.

Ele se voltou para Kit, lutando para controlar o desejo de tirar a vida do homem com suas próprias mãos. Se ele soubesse que o rapaz tinha tocado nela, não se conteria. Ele não iria fazer um escândalo ainda, mas já tinha feito estragos o suficiente ao falar sem pensar.

— Posso falar com a minha esposa, senhor? — perguntou Will, questionando-se como havia conseguido dizer aquelas palavras e sem disfarçar a carga emocional nelas. Ele se perguntou se elas pareciam zangadas ou se traíam a profundidade de seu sofrimento.

Kendall olhou de relance para Selina, que tinha um tom mortalmente pálido, mas ela assentiu.

— Vou aguardar mais adiante na trilha — disse ele, lançando a Will um olhar de advertência enquanto guardava seu caderno e colocava o lápis no bolso.

— Não há necessidade — disse Will, as palavras frias e cortantes. — Vou acompanhar a *minha esposa* de volta à casa.

— Vou esperar na trilha — repetiu Kendall, com o rosto implacável, os lábios comprimidos.

— Nem pensar, senhor! — explodiu Will e, em seguida, desejou que ele pudesse retirar o que disse ao ver que Selina se sobressaltou. Ele fechou os olhos e respirou fundo, acalmando-se. — Você tem medo de mim, Selina?

Ela encarou-o, respirando rapidamente. Depois do que parecia uma eternidade, ela balançou a cabeça.

— Está tudo bem, Kit. Lorde Henshaw vai me acompanhar até em casa, não se preocupe.

A mandíbula de Kit estava visivelmente tensa e ele olhou para Will com desconfiança, que indicava que haveria represálias se qualquer dano ocorresse à sua... à sua o quê? Amiga? Amante?

A tristeza encheu o peito de Will. Será que suas esperanças seriam destruídas tão cedo?

O som dos passos do Sr. Kendall se afastando pelo caminho foi diminuindo enquanto os dois se encaravam. Selina estava tão pálida quanto as estátuas de mármore que decoravam a grande fonte em frente a Hadley Castle e, naquele momento, era quase tão inacessível quanto elas.

Capítulo 15

"No qual promessas são feitas e seladas."



Will tentou lembrar-se de todas as palavras que tinha preparado para falar para ela, de todas as explicações cuidadosas do seu arrependimento e das suas esperanças de recomeçar. Mas nada veio à mente. Sua garganta estava apertada demais para pronunciar uma palavra sequer, o medo de que já tivesse perdido a batalha antes mesmo de começar, e de que Kit Kendall já estivesse em seu coração, era terrível demais para considerar.

Ele baixou os olhos e passou por ela, caminhando um pouco mais adiante. Uma árvore havia caído em algum momento, e o tronco estava podre e coberto de musgo. Antes, ele teria se preocupado em não sujar suas roupas elegantes, mas agora, precisava se sentar, aliviar o peso das pernas que de repente pareciam trêmulas.

Ele fixou o olhar na paisagem à sua frente. O mar cintilava em tons de prata e azul sob um céu brilhante de primavera.

— Como você me encontrou?

Sua voz era suave, desconfiada, e ele podia sentir o peso de seu escrutínio. O que ela enxergava quando olhava para ele? Talvez um homem excessivamente rígido e antiquado, embora em um corpo jovem.

— Um amigo — disse ele, forçando as palavras a saírem com dificuldade. Ele soltou um suspiro de incredulidade. Bem, ao menos havia ganhado um amigo em meio a essa triste história. Will deixou a cabeça cair nas mãos, tentando organizar seus pensamentos, mas havia apenas um em que conseguia focar.

— Ele não é meu amante.

Ele levantou a cabeça e a encarou, vendo a verdade nas palavras dela refletida na firmeza de seu olhar. O alívio o inundou e, para seu horror, sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos. Ele se virou antes que ela pudesse ver.

— Will?

Ele ouviu o movimento e um momento depois ela sentou-se ao lado dele.

— Will? — disse ela novamente, sua voz mais suave agora, tão suave quanto a mão que ela colocou em seu braço.

Will balançou a cabeça, tentando indicar que ele não conseguia olhar para ela, não conseguia falar, ainda não. Mas Selina não permitiria que ele se escondesse. Ela estendeu a mão e tocou em seu rosto com os dedos, virando sua face para ela.

Ele não sabia o que ela via ali, mas sentia que estava exposto, ferido por muitas emoções.

— Oh, Will — disse ela, as palavras sussurradas com exasperação e algo que poderia ter sido afeto enquanto o envolvia em seus braços.

Ele a segurou junto a si, bem apertado, ele sabia, mas não conseguia evitar. Ele agarrou-se a ela como se fosse uma rocha na tempestade, e as ondas o arrastariam se ele soltasse.

— Sinto muito — disse ele, as palavras sufocadas enquanto se agarrava a ela. — Sinto muito.

Ele sentiu suas mãos acariciando seu cabelo, ouvindo o tremor em sua voz quando falou.

— Eu sei disso — disse ela, parecendo tão perdida quanto ele. — Mas...

— Não. — Ele se endireitou, respirando fundo, recusando-se a ouvir até que ela o escutasse. — Dê-me uma chance. — Ele estendeu a mão e colocou a palma em sua bochecha, o coração se enchendo de emoção ao sentir a maciez sob seus dedos. — Por favor, Selina.

Ela o encarou, mas não respondeu, e o pânico se apoderou de seu peito.

— Por favor — disse ele, vagamente consciente de que estava implorando, *e/e*, o Marquês de Henshaw, pedindo outra oportunidade. Ele não se importava. — Eu sei o que você pensa de mim e... e não posso fingir que você não está certa sobre... bem, sobre tudo, imagino.

Ele lhe ofereceu um sorriso torto, lutando para manter o que restava de sua compostura.

— Mas eu vou tentar... tentar mudar, ser menos... *moralista* — disse ele, obrigando-se a pronunciar a desprezível palavra.

Ela soltou um suspiro, as lágrimas enchendo seus olhos enquanto ela olhava para ele outra vez. — Oh, Will — disse ela novamente, e ele não conseguia discernir se havia afeto ou arrependimento na maneira como ela falava. — Eu quero, eu realmente quero...

— Então faça isso — disse ele, segurando o rosto dela com ambas as mãos agora. — Mal nos conhecemos. Não seria possível me dar um pouco de tempo para demonstrar quem eu sou? Não mereço ao menos isso antes que você desista de mim? Firmamos votos diante de Deus, Selina.

Ela lhe lançou um olhar penetrante, como se o repreendesse por aquela afirmação, e ele baixou as mãos, mergulhando em silêncio e perguntando-se se a havia pressionado demais.

— É o que eu mais quero, Will — disse ela, finalmente, com a voz baixa. — Mas tenho medo.

— De mim? — disse ele, sentindo-se desolado.

Ela então sorriu, e sua respiração parou ao vê-la.

— Sim, mas não da forma que você pensa. Não tenho medo de você gritar comigo. Acho que poderia aprender a gritar de volta, no fim das contas — disse ela, com um brilho de diversão nos olhos.

Will soltou uma risada contida, sem saber exatamente o que ela queria dizer.

O rosto dela ficou sério, e ele temeu o que poderia vir em seguida. — Tenho medo de que possa amar você, Will. Que eu poderia entregar meu coração a você e então... e então as palavras que você disse naquela noite machucariam muito mais, e acredite, elas já doem o suficiente.

A vergonha o invadiu, seguida por uma sensação confusa de esperança. Ela poderia chegar a amá-lo?

— Lamento muito pelo que disse, eu... — Ele engoliu em seco, sabendo que era isso que havia vindo fazer, que precisava contar a ela toda a lamentável história. — Eu gostaria de explicar, só que...

Will olhou para cima, vendo nuvens cinzentas avançando do mar. O vento que puxava seu casaco estava mais frio do que antes.

— Podemos ir a outro lugar, a um lugar mais privado?

Selina seguiu seu olhar até o horizonte e assentiu. — Sim. Volte para o chalé comigo. Vou pedir a Kit que nos deixe. Ele está hospedado na estalagem do vilarejo.

Ela se levantou para sair e então hesitou, procurando sua mão e entrelaçando seus dedos aos seus. — Não precisa se preocupar com Kit. Ele é um bom amigo, mas apenas um amigo. Eu te prometo.

Will assentiu, muito absorvido pelos dedos quentes e delicados repousando em sua grande mão para encontrar uma resposta para ela. No entanto, ele acreditava nela. Ela era honesta, ele sabia disso. Sua honestidade o deixava desconcertado, a forma como ela expressava coisas que ele não conseguia, coisas das quais ele se esquivava.

Eles voltaram para o chalé. Will carregava a caixa de arte e o cavalete dela debaixo de um braço, mas se recusava a soltar a sua mão, segurando-a firme. Um acordo incômodo pairava entre eles, desajeitado, mas esperançoso.

Will se curvou para atravessar o lintel baixo e entrou no chalé, colocando os materiais de arte de Selina no chão de azulejos

vermelhos. Ela lhe deu um sorriso hesitante e pediu que ele aguardasse um momento, antes de sair apressadamente.

Ele ouviu vozes, baixas e urgentes, e fez o possível para não ouvir. Virando-se, recuou até a porta da frente para que a tentação de escutar não fosse tão forte. Um momento depois, o Sr. Kendall apareceu. Ele acenou brevemente para Will e passou por ele. Sua mão estava na maçaneta quando ele hesitou.

— Se magoá-la, eu farei você se arrepender.

As palavras foram ríspidas, e a raiva se formava no peito de Will enquanto seus ombros se tensionavam. Maldito frangote impertinente, falando com ele com tanta desfaçatez, e então ele se lembrou de que já a havia magoado, mais de uma vez. O jovem estava defendendo sua amiga, uma mulher de quem ele gostava. Assim, Will encontrou seu olhar e assentiu em sinal de compreensão.

Kendall encarou o seu olhar, com uma expressão questionadora que Will permitiu. Algo em sua expressão deve ter tranquilizado o jovem, pois ele assentiu e fechou a porta atrás de si.

— Milorde — disse uma voz um tanto hesitante.

Ele se virou e viu Selina à sua espera. Agora que ela havia retirado a peliça, Will podia ver que ela estava usando um simples vestido de musselina estampada floral, e percebeu que era um dos que ela tinha antes de se casar. Será que ela queria tão pouco contato com ele a ponto de não ter levado nem mesmo os vestidos que ele lhe dera?

Will caminhou ao longo estreito corredor escuro e a seguiu até a sala de estar do chalé. A sala tinha uma vista linda para um jardim encantador e o mar ao longe, agora em um tom cinza tempestuoso contra um céu ameaçador. Ele abaixou-se para passar por uma viga enorme e carbonizada, e ela sorriu para ele.

— Você terá que fazer isso aqui toda a hora ou acabará batendo a cabeça.

— Imagino que isso te agradaria — murmurou ele, oferecendo-lhe um sorriso irônico.

— Talvez — admitiu ela, com um olhar travesso nos olhos. — Mas não exatamente neste momento. Não quer se sentar?

— Talvez seja mais seguro — disse ele. Ele sentiu-se absurdamente nervoso ao se sentar, ainda mais quando ela se acomodou ao seu lado, deixando um espaço cuidadoso entre eles. Will olhou para aquele espaço com arrependimento, mas não podia culpá-la por isso.

O fogo na lareira crepitou com um som semelhante ao de um tiro, e ambos se assustaram um pouco.

— Você... você queria conversar, acho — sugeriu Selina. — Você comentou que queria explicar?

Will engoliu em seco, desejando nunca ter dito nada. Talvez pudesse consertar as coisas sem contar a ela sua ridícula e trágica história? Só que se lembrou da insistência de Archie de que Selina precisava entendê-lo para perdôá-lo. O rosto do jovem tinha ficado tão grave e sério que Will havia dado sua palavra.

Ele olhou para Selina, sabendo que precisava cumprir sua promessa, não por causa de Archie, mas porque Selina era sua esposa e ele lhe devia a verdade.

— Sim — disse ele, sentindo o estômago revirar.

Será que ela iria rir dele? Archie não havia rido. Will ainda não conseguia acreditar que havia feito sua confissão ao homem, mesmo que tivesse sido depois de esvaziar uma garrafa. No entanto, Archie havia sido compreensivo e não achava Will nem um pouco tolo. Neste momento, isso não o fazia se sentir melhor.

As mulheres esperavam que um homem fosse experiente na cama, que tivesse confiança e habilidade em buscar seu próprio prazer, mesmo que não se preocupasse com o prazer de sua esposa.

Apesar de ter tomado a virgindade dela, Will tinha a distinta sensação de que, entre ele e sua esposa, Selina era a mais vivida dos dois.

— Há algo para beber? — perguntou ele, suando um pouco agora.

Selina ergueu uma sobrancelha, pois ainda não era nem meio-dia, mas depois sorriu.

— Esta é a casa de Erasmus — disse ela, com um tom de diversão na voz. — Certamente encontrará uísque.

— Eu aceito.

Ele assentiu, aliviado, e esperava que ela fosse generosa com a dose. Quando ela se virou, ele enxugou as palmas suadas nas calças.

Ela voltou um momento depois e colocou um copo em sua mão, com uma boa dose de líquido âmbar girando dentro. Will forçou-se a tomar um gole em vez de beber tudo de uma só vez, agradecido pelo calor que se irradiou por seu estômago conforme o álcool descia.

Selina se virou um pouco para ele, com curiosidade nos olhos agora e as mãos repousando uma sobre a outra em seu colo, esperando.

Will olhou de relance para ela e respirou fundo.

Selina estudou o homem ao seu lado. Quando ele havia dito seu nome pela primeira vez, ela se assustou, aterrorizada, tão atônita que não conseguiu dizer nada. Pronta para fugir, ela esperou que ele a atacasse, esperou pela fúria de sua indignação pela falta de decoro de estar sozinha ali com Kit. No entanto, tudo o que ela viu foi dúvida, mágoa... e medo.

Embora estivesse furiosa, ela sentiu compaixão por ele. Quando ela lhe assegurou que Kit não era seu amante, viu as lágrimas de alívio em seus olhos e sentiu uma dor correspondente em seu próprio coração.

Parte dela queria ficar zangada com ele. Não por suas palavras cruéis naquela noite, e nem pelo tolo pomposo que ele podia ser. Ela estava zangada com ele por sua vulnerabilidade, por sua bondade, por mostrar-lhe um homem que se escondia atrás de um título e de uma aparência imaculada. Um homem que precisava da aprovação do mundo. Ela queria e temia aquele homem em igual medida. Ele

tinha o poder de fazê-la se apaixonar por ele e de esmagar seu coração sob suas impecáveis botas brilhantes.

Agora, ela estava sentada esperando sua explicação, intrigada pelo fato de ele parecer completamente desconfortável.

— Eu nunca me dei bem com meu pai — disse ele, finalmente, sem olhá-la, mas encarando o copo de uísque que ela lhe dera. — Nunca nos entendemos.

Ela esperou enquanto ele fazia uma pausa novamente, tomando um gole de seu uísque. Qualquer que fosse o que ele a queria dizer, ela podia ver o quão difícil estava sendo para ele.

— No meu décimo sexto aniversário, meu pai me levou a um... a um...

Ela levantou as sobrancelhas em expectativa enquanto ele lutava para encontrar a palavra que queria.

— Uma casa de má reputação — disse ele, as palavras enunciadas com tanta tensão e aversão quanto ela esperava dele. — Ele disse que era um presente para mim, que... que era hora de eu me tornar um homem.

Selina franziu a testa. Ela havia ouvido conversas suficientes para saber que isso não era incomum. Homens frequentemente visitavam tais casas, até mesmo homens casados. Sem dúvida, esse comportamento era comum entre pais e filhos, mas... ela se lembrou do retrato de Will quando era menino, sério e reservado. O que uma visita dessas teria feito com ele?

Will engoliu em seco, o rubor queimando suas bochechas.

— Eu estava aterrorizado — admitiu ele, virando o copo de um lado para o outro entre as mãos antes de dar outro gole. — Meu pai disse que eram garotas limpas, caras, mas...

Ela observou enquanto ele passava a mão pelo cabelo, ainda evitando o olhar dela.

— Duas mulheres vieram. Eram jovens e bonitas e pegaram minhas mãos e me levaram para um quarto. Tenho certeza de que

podiam ver como eu era inocente, tremendo de medo — disse ele, com um tom sarcástico na voz.

Selina queria estender a mão e pegar na sua, para lhe dizer que estava tudo bem, mas ela sentiu que ele precisava continuar e que qualquer distração poderia detê-lo. Ele parecia estar tendo dificuldade para dizer as palavras.

— Elas começaram a me despir, e não pararam de falar, dizendo-me todas as coisas que iam fazer e perguntando o que eu queria que elas fizessem, e... e eu não suportei aquilo. Eu fugi.

Sua mandíbula se contraiu e relaxou, e ele bebeu o que restava do uísque. Silenciosamente, Selina se levantou e encheu novamente seu copo, colocando-o de volta em suas mãos.

— Obrigado — disse ele, com a voz rouca.

Ela esperou enquanto ele tomava outro gole, lambendo os lábios.

— Meu pai zombou de mim quando descobriu que eu havia fugido como um coelho assustado. Ele disse que eu era uma vergonha e sugeriu... bem, não importa. Basta dizer que minha humilhação foi total, e foi ainda pior quando meu irmão mais velho descobriu. Hugh achava um grande passatempo me fazer corar e gaguejar, posso lhe assegurar. Aquilo foi, sem dúvida, uma das épocas mais infelizes da minha vida. Pouco a pouco, no entanto, as zombarias cessaram e eu pensei que talvez me deixariam em paz.

Ele levantou-se, atravessando a sala para ficar junto à janela, olhando para fora, embora Selina tivesse certeza de que não via o jardim no lado de fora do vidro.

— Algumas semanas depois, conheci uma garota. Ela era um pouco mais velha do que eu e eu a achava a encarnação da perfeição. Para meus olhos inexperientes, ela parecia meiga e tímida, a imagem da inocência. Como era um tolo, eu me apaixonei por ela.

Suas palavras eram amargas e desdenhosas, e Selina sentiu seu coração apertar.

— Ela disse que era de uma classe social inferior à minha e que eu não deveria ser visto com ela, mas eu não me importava. Nos encontrávamos em segredo e era tudo tão ridiculamente inocente. Eu ousava segurar sua mão e escrevia poesias para ela, você consegue acreditar em tal coisa?

Ele bufou, balançando a cabeça, e Selina sentiu lágrimas se formarem em seus olhos ao perceber a dor por trás do tom desdenhoso dele.

— Eu acredito que você deve ter sido uma alma gentil e romântica, Will, uma pela qual qualquer garota com um mínimo de sensatez teria se apaixonado loucamente.

— Oh, ela se apaixonou — disse, com as palavras duras. Ele olhou para ela e então se virou rapidamente. — Ela disse que me amava loucamente e me implorou para encontrá-la em sua casa; disse que sabia que não deveria, já que sua mãe e seu pai haviam saído, mas que ela convenceria sua criada a nos deixar à sós. Então, eu fui. Eu já havia decidido pedi-la em casamento, então, a falta de decoro da situação parecia aceitável. Eu pretendia aguardar seus pais e obter seu consentimento.

Ele ficou em silêncio e Selina esperou, mas ele não disse nada por tanto tempo que ela ficou inquieta.

— O que aconteceu, Will? — perguntou ela, encorajadora.

Will virou-se, olhando-a nos olhos.

— Ela me seduziu. Ah, eu não posso fingir que não a desejava, é claro que desejava, mas eu pensava que estava fazendo amor com a mulher com quem eu pretendia me casar. Disse a ela que a amava, entreguei meu maldito coração para ela. Depois, fiquei zangado comigo mesmo pela minha fraqueza, por não ter me feito esperar, mas... mas eu sentia que o amor não permitiria que o que fizemos fosse errado. Eu era inocente demais para perceber que ela não era virgem.

Ele fez uma pausa, com um olhar de desgosto no rosto e raiva na voz.

— Eu não suspeitei de nada quando ela me mandou sair de casa assim que terminou, dizendo que os pais dela estavam para chegar a qualquer momento. Tentei explicar que queria falar com eles, mal sabia eu que ela queria que eu fosse embora para aceitar seu pagamento.

— Oh, Will.

Selina se levantou, querendo correr para ele e pegar sua mão, mas parou diante do olhar nos olhos dele.

— Ela era uma prostituta, Selina, comprada e paga pelo meu pai, e ele estava lá. Ele viu...

Ele parou de falar subitamente e se virou de costas para ela, e, desta vez, ela se levantou e correu para ele. Selina ficou atrás dele enquanto ele olhava para fora, rígido de tensão. Ela queria abraçá-lo, confortá-lo, mas não sabia o que fazer diante da figura musculosa e rígida à sua frente.

Ela estendeu a mão para ele e ele entrelaçou os dedos com os dela, segurando firme. Quando falou novamente, as palavras foram baixas, cheias de vergonha.

— Ele achou que era uma excelente piada, assim como Hugh, que espalhou a história entre seus amigos. Todos ouviram a história de como o “Doce William” havia perdido sua virgindade. “Doce William” — repetiu ele, com escárnio em cada sílaba. — Meu Deus, como eu odiei isso, e isso me seguiu por anos a fio. Há algumas pessoas que ainda sabem e se lembram, e utilizam isso a seu favor, garanto-lhe.

— Will — disse ela, puxando-lhe a mão, encorajando-o a encará-la.

Ele o fez, finalmente, e suas bochechas estavam vermelhas como um tomate quando ele encontrou os olhos dela.

— Você deve me achar um tolo.

— Não acho — respondeu Selina, com a voz firme. — Acho que é uma sorte que seu pai e seu irmão já estejam mortos, pois eu adoraria dizer-lhes o que penso deles.

Ele sorriu, embora fosse uma expressão um tanto rígida.

— Há uma coisa mais que gostaria que soubesse, Selina, antes... antes de decidir se vai me dar uma chance ou não. Eu tive um... *acordo* com uma dama, uma viúva. Visitei-a todo mês por talvez um ano, mas... mas além disso e da prostituta que meu pai pagou... — Ele estacou, seu rubor se aprofundando, e Selina sentiu seu coração apertar com a confissão.

Ela não sabia o que dizer, então colocou a mão livre em seu peito e se inclinou, pressionando seus lábios contra os dele em um beijo suave. — Acho que seu pai e seu irmão foram os maiores tolos que já existiram. Você é doce, meu querido Will. Doce, corajoso e terno, e estou tão feliz que você me contou.

— Sinto muito, Selina — disse ele, sua voz carregada de arrependimento. — Desculpe por te fazer tão infeliz em tão pouco tempo, desculpe pelas coisas que eu disse.

Selina pressionou um dedo nos lábios dele e sorriu para ele. — Eu sei.

Will afastou a mão dela, para em seguida beijar as juntas dos dedos. Uma expressão de preocupação se fixou entre suas sobrancelhas.

— Eu sou um pouco conservador — disse ele, com a voz um pouco rude. — Eu admito, e não posso prometer que isso vai mudar da noite para o dia, ou mesmo se vai mudar, mas... mas prometo que vou tentar.

Ele a encarou, e Selina sentiu seu coração apertar no peito, como se ele o estivesse trazendo ainda mais para perto de seu abraço.

— Por favor, Lady Henshaw, você voltaria para seu marido tolo e lhe daria outra chance? Se você permitir, eu acredito que ele gostaria de cortejá-la como deveria ter sido cortejada desde o início.

Selina sentiu um sorriso se curvar nos lábios enquanto um nó se formava em sua garganta e lágrimas se acumulavam em seus olhos.

— Sim — disse ela, sentindo-se um pouco ofegante, radiante, como se estivesse à beira de um precipício. — Sim, eu aceito.

Capítulo 16

"No qual Will corteja sua Lady Henshaw."



Will mandou a carruagem embora.

Ele deu instruções para que seus pertences fossem recolhidos do *The Mermaid* e levados para o chalé, e para que seu valete retornasse ao castelo.

O Sr. e a Sra. Potter tiveram um verdadeiro ataque de pânico quando perceberam que tinham um marquês hospedado no chalé e que a Srta. Darling era uma marquesa. Foi preciso bastante esforço para fazê-los acreditarem que ele não precisaria de uma dúzia ou mais de pratos para o jantar e outras opções de iguarias, e ainda mais tempo para entender que ele estava contente em comer torta de coelho.

A torta estava excelente, e ele deixou a Sra. Potter toda nervosa ao pedir-lhe a receita para poder prepará-la no castelo.

Selina lançou-lhe um olhar astuto quando a Sra. Potter os deixou sozinhos, com um sorriso de prazer ao fechar a porta atrás deles.

— Ela está completamente apaixonada agora, sabe, não é necessário exagerar tanto. Não precisa dizer mais nada a ela, ela está completamente encantada.

Ele deu-lhe um sorriso pesaroso. — Se ao menos todas as damas fossem tão fáceis de impressionar.

— Bem, onde estaria a graça nisso? — perguntou ela, retribuindo com um olhar um tanto indignado, embora soubesse que ela estava brincando com ele.

— Com certeza — concordou ele, com a voz suave.

Ela corou um pouco e, de repente, ambos ficaram tímidos, o silêncio preenchendo o espaço entre eles. Sentindo-se tolo e um pouco desconfortável, Will estendeu a mão através da pequena mesa, satisfeito quando ela deslizou sua mão na dele. Ele passou o polegar de um lado para o outro sobre sua palma, desejando saber o que fazer ou dizer naquele momento.

— Devemos nos retirar, milorde? — perguntou ela, soando ansiosa.

Will hesitou, encarando a mesa. — Eu... Selina, prometi cortejá-la, então, se preferir que eu durma em outro lugar, então...

Ele não completou a frase, forçando-se a levantar os olhos para os dela.

— É isso que você deseja? — perguntou ela, sem parecer ter a menor dificuldade em encarar seu olhar.

Will balançou a cabeça e assistiu enquanto um sorriso lento surgia no rosto de sua esposa.

— Nem eu.

Ele bateu a cabeça no corredor, novamente no topo das escadas, e então teve que andar curvado o tempo todo até o quarto, ao chegar lá, Selina já estava rindo.

— Oh, vá deitar-se, antes que se machuque — exclamou ela, o som de sua risada acalmando seu coração e dissipando o que restava de sua apreensão.

— Não tenho certeza se a cama vai aguentar — disse ele, observando, com desconfiança, o colchão pequeno e cheio de deformidades.

— É bastante confortável — respondeu Selina, com a voz baixa e cheia de diversão.

— Não foi você quem disse que esta era a casa daquele brutamontes corpulento do Ponsonby? — resmungou ele.

Ele estava, na verdade, encantado, transbordando de felicidade, embora a maior parte disso se devesse à sua esposa e não tinha

nada a ver com o antigo chalé.

— Como ele consegue viver aqui? — perguntou ele, esfregando o galo no topo da cabeça.

— Bem, o quarto dele fica no fim do corredor, mas vamos ver se conseguimos dar conta — disse ela, aproximando-se dele.

O coração de Will disparou e ele a puxou para seus braços. — Não tenho certeza se já te disse, mas você é tão linda, Selina.

Ele traçou a linha de seu maxilar com um dedo, com reverência, enquanto a encarava.

— Obrigada — disse ela, enquanto seus olhos se dirigiam aos lábios dele.

O desejo, agora familiar, tomou conta dele e ele pressionou os lábios sobre os dela. Não havia timidez, nem hesitação enquanto ele permitia que a parte de sua natureza que ela parecia despertar com tanta facilidade agisse como quisesse.

Demorou um pouco para tirar as botas e roupas, mas ele queria sentir cada centímetro de sua pele contra a sua, então, se forçou a aguentar. Se seus dedos tremiam ao desatar os nós e mexer nos botões, ele se consolava ao ver que os dela também tremiam e que ela não parecia se importar.

Eles se dirigiram ao colchão cheio de deformidades, emaranhados e entrelaçados, com os lábios ansiosos e sedentos, enquanto Will sentia que sua paciência havia se esgotado. O corpo dela o acolheu e ele se perdeu no prazer, nela, e desta vez — após o prazer se esgotar — ele não a deixou.

Will olhou para ela, sentindo que o medo ainda persistia enquanto olhava para a linda loira repousada em seu peito. Agora, no entanto, ele tinha se conformado com o seu destino. Ela havia enfeitado seu corpo e roubado seu coração, e ele só podia se sentir grato por isso.

— Você se importa? — perguntou ela, com a voz suave e um pouco sonolenta.

— Se me importo com o quê?

Ela se sentou, apoiando a cabeça em uma mão, a outra brincando com os pelos no peito dele. — Que eu goste. — Ela corou um pouco e desviou o olhar dele. — Quero dizer, de estar com você. Só prostitutas e vadias deveriam gostar disso, não é mesmo?

Will franziu a testa, percebendo que ele havia pensado de maneira semelhante em função das manipulações dos seus sentimentos por seu pai. O homem o havia tornado uma pessoa amargurada e desconfiada, embora ele não tivesse sempre pensado assim.

— Não — disse ele, com sinceridade. — Não, eu fico feliz.

Ele parou de falar, querendo dizer algo, algo em que ele havia acreditado um dia antes que seu pai destruísse sua confiança e seus sonhos românticos. Reunindo coragem, Will repetiu as palavras que um dia haviam preenchido seu coração com esperança, mas que ele há muito havia relegado ao passado, junto com todos os seus outros sentimentos tolos e excêntricos.

— *Levanta-te, querida, minha bela, e vem! Porque já passou o inverno; a chuva parou e foi-se.*

Will sentiu suas bochechas ruborizarem um pouco, mas encontrou alívio no brilho de alegria nos olhos dela.

— *Cânticos de Salomão* — disse ela, com a voz um pouco trêmula, embora houvesse prazer radiando de seus olhos.

— Eu sempre acreditei que o amor seria algo sagrado, e que o desejo expressava esse amor da maneira como está descrito lá, na Bíblia, mas...

Ele deixou a frase no ar, novamente desconfortável, mas Selina falou por ele.

— Mas seu pai estragou isso para você. Ele te mostrou que o desejo podia ser algo de que se envergonhar, que ele existe fora do amor para seus próprios fins.

Will deu de ombros e, então, assentiu.

Selina aproximou-se, pressionando um beijo terno em seus lábios que fez seu coração saltitar no peito e seu desejo aumentar. Ele estava atordoado, incapaz de impedir que seu coração se entregasse a ela, e ele não queria mais lutar.

— Você acha que conseguiria acreditar nisso novamente? — sussurrou ela contra seus lábios.

Will olhou para o belo rosto emoldurado por uma cascata de cachos dourados. — Sim — disse ele, com a voz rouca e urgente agora, enquanto a empurrava de costas — Oh, sim.

Selina lançou um olhar para a pequena clareira e viu que Will a estava observando. Ela sorriu e tentou voltar sua atenção para a pintura. Era extremamente difícil se concentrar com a presença imponente dele ao seu lado.

Ele havia desejado que ela fosse pintar, e queria estar ao seu lado enquanto ela fazia isso. Selina havia insistido que ele deveria trazer um livro ou qualquer outra coisa, caso contrário, a manhã seria muito maçante. Will apenas sorriu e balançou a cabeça.

— Eu te asseguro que não será.

Com frequência, quando ela se virava, encontrava-o observando o mar, com uma expressão pensativa, mas quando ela se virava novamente, sentia o peso do olhar dele sobre ela novamente.

A pintura estava indo muito bem, era uma das melhores dela, mas ela mal se atrevia a tocá-la, pois sua mente estava muito dispersa e volúvel para se concentrar. Não, não dispersa, de forma alguma. Sua mente estava consumida, focada inteiramente em seu marido.

As revelações dele no dia anterior a tinham chocado e feito seu coração chorar pelo garoto romântico que ele havia sido. Que tipo de homem ele poderia ter se tornado sem a crueldade e a intimidação de seu pai e irmão? No entanto, isso explicava tanto sobre ele, e ela sabia agora que o coração idealista e jovem ainda existia dentro dele. Estava machucado e desconfiado, mas ainda estava lá.

Selina havia vislumbrado um pouco disso na noite passada, mas ela era ávida, queria tudo. Queria que ele não sentisse mais a hesitação e tivesse a reserva que via com tanta frequência. Seu presente para ele deveria ser ensiná-lo a não se importar mais com o que os outros dissessem ou pensassem, desde que seu próprio coração e consciência estivessem tranquilos.

Mesmo esta manhã, ela podia ver aquela estranheza voltando ao seu grande corpo.

Ele queria beijá-la. Ela quase podia ouvir seu corpo fervendo de tensão. Seu desejo de fechar o espaço entre eles e tomá-la em seus braços era tão evidente que era doloroso, mas ele não o fazia. Sem dúvida, não era apropriado atacar a esposa em público.

Selina abaixou o pincel, reconhecendo que não faria progresso algum hoje, ao menos com sua pintura.

Ela se levantou enquanto Will olhava para cima.

— O que foi? — perguntou ele, surpreso, quando ela se sentou ao seu lado.

— Não consigo me concentrar — admitiu ela, vendo um olhar de prazer contido em seus olhos enquanto ela se sentava perto dele. Seu braço roçou no dele e ela se inclinou um pouco mais para ele. — Não consigo parar de pensar em te beijar.

Seu coração deu um pequeno salto no peito ao ver o sorriso satisfeito que surgiu em seu rosto.

Com um ar hesitante, ele se inclinou em direção a ela e baixou a cabeça, pressionando um beijo suave em seus lábios antes de se afastar novamente.

— Outro — disse Selina, encontrando-se de repente em um estado de agitação maior do que um beijo doce deveria provocar.

Will a beijou novamente, demorando-se um pouco mais desta vez, mas, ainda assim, afastando-se.

— Não pare — sussurrou ela, vendo seus olhos escurecerem, e sentindo-se desapontada quando ele franziu a testa e balançou a

cabeça.

— Alguém pode aparecer — disse ele, soando arrependido. — E eu não me atrevo. Não confio em mim mesmo.

Selina sorriu ao ouvir isso, satisfeita por saber que podia desfazer aquela rigidez dele, se assim quisesse. Esse conhecimento a fazia sentir-se ao mesmo tempo poderosa e compassiva em relação a ele, essa figura grande e desajeitada que estava tão desconfortável em sua própria pele.

— Quem iria aparecer? — disse ela, rindo um pouco, embora não de forma cruel; ela estava muito consciente de seu ego frágil para zombar dele, mesmo que gentilmente. — Estamos bem escondidos aqui.

— Eu te encontrei — disse ele, com a voz firme, embora houvesse pesar em seus olhos. — E imagino que o Sr. Kendall virá te visitar para garantir que eu não tenha te trancado em um sótão ou algo igualmente gótico.

Selina suspirou, mas sabia que não deveria pressioná-lo, além disso, ele tinha razão, maldição.

— Não vai nem ao menos me envolver com seus braços? Isso é algo corriqueiro, certo? Estamos casados.

Isso pareceu ser bem recebido e Selina se apoiou em seu peito enquanto seus braços a envolviam. Ele inclinou a cabeça, pressionando um beijo em seu cabelo, e ela suspirou, contente.

— É adorável aqui — disse ele, enquanto ambos fitavam o mar.

— Verdade — concordou ela, suspeitando que ele tinha mais a dizer.

Ele suspirou, apertando um pouco os braços ao redor dela. — Eu não quero, Selina, mas tenho que voltar para Hadley Castle amanhã. — Havia um tom de hesitação na voz enquanto ele perguntava: — Você viria comigo?

Selina virou-se em seus braços e olhou para ele. — Você quer que eu vá?

Ele assentiu. — Muito.

— Bem, então. Eu vou.

Ele não sorriu nem respondeu, mas a beijou novamente. Foi um beijo desajeitado, torta naquele ângulo como ela estava, Selina se virou ainda mais, perdendo o equilíbrio e caindo para trás, seguida por Will. Ela suspirou com prazer ao sentir o peso dele, pressionando-a um pouco, mas de uma maneira encantadora.

Ela deslizou os dedos no calor dos cabelos dele e sentiu o tremor que percorreu seu corpo, ouviu sua respiração se tornar irregular à medida que seus corpos pressionavam um contra o outro.

O estalo de um galho próximo fez com que Will se afastasse dela. Ambos se viraram e viram um cervo assustado olhando para eles, com os olhos arregalados de pânico, antes de saltar para dentro da floresta.

Selina observou seu marido, perguntando-se se ele ficaria irritado consigo mesmo, mas ele apenas deu uma risada e se levantou. As palavras dos Cânticos de Salomão surgiram em sua mente enquanto ela o observava, tão lindo e orgulhoso, parecendo, ao mesmo tempo, uma bênção.

— *O meu amado é como uma gazela; é como um filhote de corço. O meu querido está ali, do lado de fora da nossa casa. Ele está olhando para dentro, pelas janelas; está me espiando pelas grades.*

Will encarou com surpresa, e então deu um largo sorriso, com um olhar de alegria tão natural que a fez perder o fôlego. Sem hesitação, ele estendeu a mão para ela e recitou a próxima linha: — *O meu amor está falando comigo. Venha então, minha querida; venha comigo, meu amor.*

Encantada, Selina permitiu que ele a ajudasse a se levantar, chocando-se contra ele, beijando-o.

— Venha comigo — sussurrou ele contra os lábios dela, com os olhos brilhando de desejo e alegria. Puxando sua mão, ele a conduziu de volta pela trilha, correndo, rindo e ofegante, deixando para trás as

tintas e pincéis enquanto se apressavam em direção à privacidade do chalé.

Eles deixaram o chalé no dia seguinte, embora com pesar.

Selina enviou um bilhete a Kit, agradecendo-lhe pela gentileza em lhe fazer companhia quando ela se sentia triste. Ela nunca esqueceria isso, mas tinha uma chance de consertar algo que pensava ser irreparável, e não poderia desistir se ainda houvesse uma chance de fazer tudo certo.

Sentada agora ao lado de Will, com a mão dela enfiada na dele, ela tinha certeza de que poderiam encontrar um caminho a seguir. Ela não duvidava que haveria desafios; um homem não podia mudar da noite para o dia e, para falar a verdade, nem uma mulher. Talvez, porém, pudessem se tornar um pouco mais tolerantes com as peculiaridades um do outro.

Ela encostou a cabeça no ombro dele, observando a paisagem passar. Era um dia de primavera instável, onde o clima parecia temperamental. Em um momento o sol brilhava com um calor intenso, e no seguinte um aglomerado de nuvens enchia o céu e a chuva tamborilava na pintura brilhante da carruagem enquanto o sol ainda brilhava, desafiador. Um arco-íris duplo se arqueava entre os campos verdejantes, curvando-se sobre árvores e cercas-vivas.

— Veja, Will — disse ela, apertando a mão dele. — Um arco-íris. Vamos tentar encontrar o pote de ouro?

Ele riu, lançando-lhe um olhar indulgente. — Eu sinto que tenho mais ouro do que qualquer homem merece. — Sua expressão suavizou enquanto ele levantava a mão enluvada dela até os lábios. — E o mais extraordinário golpe de sorte.

Selina sorriu para ele, encantada.

— Além disso — acrescentou ele, agora de forma mais prática. —, eu não quero me molhar.

— Oh! — disse ela, rindo. — Que falta de romantismo. Por que você tinha que estragar o momento?

— Para te fazer rir — admitiu ele, encarando-a. — Eu amo ouvir você rir.

— Oh. — Selina suspirou e aconchegou novamente a cabeça no ombro dele.

Sim. Com certeza, tudo ficaria bem.

Capítulo 17

"No qual há altos e baixos, e um grande número de visitas."



15 de maio de 1819.

As semanas seguintes foram bastante felizes. Eles estavam sempre na companhia um do outro e descobriram que tinham muito em comum. Selina amava arte, música e literatura, e como Will também compartilhava desses interesses, tinham muito o que discutir.

Não concordavam em tudo, por terem, frequentemente, gostos bastante diferentes, mas trocavam provocações e se divertiam com as divergências de opinião.

No final de abril, no entanto, Will não teve escolha a não ser reassumir suas responsabilidades. Ele sabia que havia deixado de lado seus compromissos nas últimas semanas para estar com Selina sempre que pudesse.

Ele não queria reassumir essas responsabilidades – todo o tempo longe da companhia dela parecia tempo desperdiçado – e ele se perguntava se algum dia a necessidade de estar com ela diminuiria. Será que a força de seu desejo e a necessidade por ela não se atenuariam com o passar das semanas, meses e anos? Ele não tinha a sensação de que esse período de lua de mel estava terminando. Seu desejo por ela parecia apenas aumentar e se tornar cada vez mais intenso.

Uma parte racional de sua mente lhe dizia que seria bom para ele voltar ao trabalho e para Selina, ter seus próprios interesses. Ainda assim, seu coração não concordava com a ideia.

Quando finalmente se sentou com seu administrador, o número de itens que exigiam sua atenção imediata era impressionante e ele não teve outra opção senão lidar com isso.

Enquanto seus dias eram ocupados com as demandas de sua propriedade, os inquilinos e a resolução dos assuntos confusos de seu pai e irmão, suas noites eram dedicadas exclusivamente a Selina.

Ele esperava ansiosamente pelo momento em que estivessem a sós e refletia sobre como poderia ter sido tão tolo a ponto de quase perder a mulher que tinha em seus braços. No entanto, com o passar das semanas, ele notou que ela estava ficando mais silenciosa.

Agora, ao olhar pela janela de seu escritório e vê-la vagando sozinha em direção ao lago, percebeu como ela era solitária.

Era perfeitamente natural que ele estivesse envolvido com compromissos e reuniões o dia inteiro. No entanto, Selina passava a maior parte do tempo sozinha ali, e ele havia feito pouco esforço para apresentá-la a um círculo social que pudesse lhe proporcionar prazer e companhia.

Com um franzir de testa, ele reconheceu que estava sendo egoísta ao mantê-la só para si e sabia que precisava corrigir isso. Imediatamente, sentou-se à sua mesa e começou a escrever uma carta.

Selina olhou de Lady Nash para a Srta. Nash e a Srta. Jane Nash e implorou para que sua mente aterrorizada pensasse em um único assunto sobre o qual elas pudessem conversar. Era mais difícil do que ela poderia ter imaginado.

Eram um grupo bastante insípido de mulheres magras, com uma beleza desbotada, como se tivessem sido deixadas ao sol por tempo demais. Com pele pálida, olhos cor de mel e cabelos castanho-avermelhados, as filhas eram a cópia da mãe. Infelizmente, herdaram bocas que se curvavam para baixo em vez de para cima, o que lhes conferia uma aparência um tanto melancólica.

Quando falava, Lady Nash tinha uma voz bastante ofegante e suave que soava como se ela pudesse desmaiar de exaustão a qualquer momento. Seus movimentos também eram lentos e letárgicos, e Selina teve que admitir que estava exasperada momentos após a chegada delas.

— Não gostaria de outro docinho, Lady Nash? — disse Selina, pegando o prato de bolinho douradinhos de massa choux e esperando que elas não notassem o tom de desespero em sua voz.

Lady Nash assentiu e pegou um com dedos finos e delicados, assim como cada uma de suas filhas.

— Lorde Henshaw tem o mais fabuloso chef francês — acrescentou Selina, pensando que esse deveria ser um assunto que poderiam explorar por pelo menos cinco minutos, talvez dez. Elas não ficariam mais do que meia hora, certo? Quanto tempo já havia se passado? Quinze minutos? Parecia mais uma hora.

Ela pegou outro bolinho de massa choux, apesar de já ter comido dois. — Infelizmente são difíceis de resistir. Vou ter que alargar todas as minhas roupas se ele continuar oferecendo essas guloseimas tão deliciosas. — Selina riu, mas foi recebida com olhares de reprovação e expressões surpresas. Oh, céus.

— Vinagre! — disse Lady Nash, a única palavra proferida com mais entusiasmo do que qualquer outra coisa que ela dissera até agora.

— Desculpe, pode repetir? — pediu Selina, com cautela enquanto Lady Nash olhava o bolinho de massa choux com um indício de dúvida.

— Beba vinagre e água, com cada refeição.

A Srta. Nash assentiu, com um ar confiante ao se inclinar em direção a Selina e sussurrar: — E batatas. Vinagre e batatas.

Selina sentiu as sobrancelhas erguerem-se e reprimiu a leve contração dos lábios.

— V-vinagre e batatas — repetiu ela, o mais sério que pôde. — Sim, vou ter que experimentar.

A Sr. e as Srtas. Nash foram seguidas rapidamente pela Sra. Smythe e então pela Sra. Sherrington-Lacey.

A Sra. Smythe era uma mulher jovial com uma voz potente que Selina achava agradável. Era viúva há muitos anos e claramente uma mulher que não suportava o ócio. Ao escutar uma lista verdadeiramente impressionante de causas nobres, apoiadas pela postura diligente da mulher, que pensava que um trabalho, se vale a pena ser feito, deve ser bem feito, Selina sentiu-se de imediato tão esgotada quanto quando estava com suas visitas anteriores.

Ela se perguntava como a Sra. e Srtas. Nash e a Sra. Smythe se comportariam na companhia uma da outra. Pelo menos pensar nisso a fez sorrir.

Ela não conseguiu sentir a menor simpatia pela Sra. Sherrington-Lacey. Ela era mais velha que Selina, talvez na casa dos trinta e oito anos, e recorria à maquiagem mais pesada para tentar recuperar a beleza da sua juventude. Era óbvio que ela estava com inveja da posição de Selina, mas logo ficou claro que a Sra. Sherrington-Lacey era uma esnobe e fofoqueira.

Com diversos comentários sarcásticos disfarçados de maneira a não revelar de imediato seu verdadeiro significado, ela deixava suas opiniões claras. Selina havia sido ousada ao fazer com que o marquês se casasse com ela. A Sra. Sherrington-Lacey vinha de uma família muito melhor, com um sobrenome antigo e nobre. Na verdade, parecia que a mulher havia se casado com alguém abaixo de sua posição e estava bastante amargurada com esse fato.

Selina cerrou os dentes e suportou aquilo o melhor que pôde.

Foi uma tarde muito longa.

Depois que todas foram embora, Selina soltou um suspiro de alívio e foi para a biblioteca, pretendendo se aconchegar com um livro até a hora de se preparar para o jantar. Will estaria até lá ocupado com seu administrador, então, não havia motivo para procurá-lo.

Na biblioteca, ela levou um tempo para escolher um livro e depois se sentou no assento na janela, com o livro em mãos, mas o olhar voltado para a paisagem.

Ela sabia que Will estava tentando garantir que ela não ficasse sozinha e esperava que ela encontrasse companhia entre os vizinhos que os cercavam. Não era preciso dizer que ele escolhera as pessoas mais respeitáveis para apresentá-la, mas Selina achava todas elas tão terrivelmente entediadas. Com um suspiro, percebeu que sentia falta de seus amigos.

Eles vinham escrevendo para ela frequentemente, contando sobre as coisas que estavam fazendo, as pessoas que haviam conhecido e as festas que haviam frequentado.

Selina franziu a testa. Seria exagero dizer que estava infeliz? Não podia estar infeliz enquanto Will estava tentando de tudo para agradá-la e era tão atencioso. No entanto, reconhecia um sentimento melancólico e nostálgico. Bem, cabia a ela fazer amizades. Se ela fosse viver ali, teria que encontrar seu lugar. Talvez houvesse uma instituição de caridade à qual a Sra. Smythe ainda não tivesse concedido seu patrocínio. Parecia improvável, mas valia a pena tentar.

Com um suspiro de divertimento, ela voltou sua atenção para o livro.

Will seguiu com o olhar o som das rodas da carruagem. Levantando-se de seu assento, atravessou o cômodo até a janela e olhou para fora. Pedia a Deus ter feito a coisa certa.

Com uma expressão de preocupação, ele reconheceu a figura inconfundível e ruiva de Erasmus Ponsonby ao sair com dificuldade de dentro da carruagem, esticando seu corpo robusto. Rupert Drake e sua irmã Elizabeth saíram em seguida, além de Jack Mills. Quando eles desembarcaram, uma segunda carruagem chegou, e Kit Kendall desceu com Archie. Bem, pelo menos ele teria uma conversa sensata nos próximos dias.

Ele mantivera uma correspondência regular com Archie e havia confidenciado que estava preocupado com o fato de Selina achar a vida muito tranquila depois da sua vida agitada em Londres. Tinha sido sugestão de Archie que ele convidasse alguns dos antigos amigos dela, e, a princípio, Will se mostrou relutante com a ideia.

A ideia de sua casa cheia de poetas, pintores e criaturas desse tipo não era nada confortável. No entanto, ele queria a felicidade de Selina acima de tudo. Então, ele havia escrito de volta para Archie pedindo que marcasse com os amigos que achasse apropriado, mas com a condição de que Archie viesse também.

— Milorde, sobre a aquisição do antigo moinho do Sr. Withy...?

Will olhou para cima e viu que seu administrador precisava de sua atenção mais uma vez e suspirou, voltando ao seu trabalho.

— Erasmus! — gritou Selina, descendo as escadas do castelo como a garota desajeitada que o antiquado Jenson provavelmente pensava que ela era. Ela se lançou em seus braços e recebeu um dos seus abraços característicos de urso.

— Luna! — gritou ele, levantando-a e girando-a no ar. — Por Deus, o que você tem comido, moça? Você está pesando uma tonelada.

— Oh! — exclamou Selina, dando-lhe um soquinho e rindo. — Criatura odiosa.

Ela se moveu para cumprimentar Rupert e Lizzie, atordoadas por ver todos os seus amigos imediatamente e um pouco ansiosas. Não tinha ideia de que eles estavam planejando a visita e temia que Will não gostasse nada daquilo.

— Mas por que vocês não me contaram que vinham? — exclamou ela, ao cumprimentar Kit e puxar Archie para um abraço.

— Foi uma surpresa — respondeu Archie, parecendo um pouco envergonhada. — Will me pediu para não te contar.

— *Will?* — repetiu Selina, atônita. Archie estava se referindo ao marido dela pelo primeiro nome? — Você organizou isso com ele? — perguntou ela, um pouco espantada.

Archie assentiu, parecendo satisfeita e um pouco insolente. — Sim. Ele estava preocupado que você estivesse solitária e pediu meu conselho.

— Oh — disse Selina, contente com a consideração do marido, mas experimentando um tremor de receio. — Isso é maravilhoso, tanto de você quanto dele.

Selina encarou Archie. Talvez Archie tenha percebido o tom levemente duvidoso das palavras quando ela se virou.

Todos se encaminhavam para dentro, enquanto os lacaios se apressavam para carregar a bagagem para dentro do castelo. Selina estendeu a mão e agarrou o braço de Archie.

— Como é que Will entrou em contato com você? — perguntou ela, com a voz baixa, enquanto guiava a amiga para longe dos ouvidos dos criados. — Por que ele pediria seu conselho?

Archie levantou o queixo, puxando um pouco o colete dela. — Somos amigos, é por isso.

Os olhos de Selina se abriram em surpresa e Archie corou um pouco. — Eu... eu não pretendia que isso acontecesse, Selina — falou ela, com um tom ansioso. — Eu voltei para vê-lo, depois que você foi embora. Oh, não precisa ficar tão surpresa, Luna. Se você tivesse visto a expressão dele quando recebeu sua carta... Foi trágico. Quando descobri onde você estava, eu simplesmente tive que contar a ele.

— *Você* contou a ele? — exclamou Selina, verdadeiramente chocada. Ela havia se perguntado quem era o amigo a que Will se referira, aquele que havia revelado sua localização, mas nunca havia considerado...

Archie assentiu, empalidecendo. — Sim. Eu contei. Eu sei que foi deplorável da minha parte ter revelado sua localização, mas, ah, Selina, se você tivesse visto como ele ficou desolado quando aquele

mordomo altivo entregou a carta com seu endereço... — Ela cruzou os braços e franziu um pouco o cenho, batendo com a ponta da bota no caminho de cascalho. — Bem, eu achei que ele merecia uma segunda chance.

Selina suspirou e tomou o braço de Archie novamente, passando-o pelo seu e inclinando-se para beijar sua bochecha. — E ele merecia, Archie. Obrigada. Estou tão feliz que você lhe disse, mas e agora? Imagino que ele ainda não saiba?

Archie fez uma careta e bufou.

— O que você acha?

Ela se encurvou e olhou para Selina, com um olhar completamente desolado.

— Eu só comecei isso como uma brincadeira porque ele parecia tão irritado quando nos encontrou aqui naquela noite, só que... — Ela deu um longo suspiro. — Só que eu descobri que ele era um cara decente. Um pouco conservador, sim, mas quando você considera o que o maldito pai e irmão dele fizeram com ele...

— O quê? — Selina encarou-a, atônita. — Ele te contou isso?

Archie esfregou a nuca e assentiu. — Contou. Só para deixar claro, estávamos ambos embriagados. Aquele maldito conhaque! Pensei que ia morrer na manhã seguinte, posso garantir.

Selina apenas fitou-a boquiaberta.

— Você ficou bêbada com Will e ele te contou sobre seu passado. Ele compartilhou seus segredos mais íntimos com você e... e ele não sabia que você é uma mulher?

— Bem, é claro que não, sua tonta — disse Archie, com irritação. — Caso contrário, ele nunca teria me contado!

— Exatamente! — exclamou Selina. — Oh, Archie, e se ele descobrir?

Ela sentiu um frio correr pela espinha com a ideia. Era apenas uma questão de tempo até que ele descobrisse, e o que faria Will, tão rígido e com mentalidade tão inflexível, ao saber que seu novo

amigo não era um homem, mas uma mulher vestida com roupas masculinas? Seu coração acelerou à medida que vários cenários se desenhavam em sua mente.

— Oh, que os céus nos protejam — sussurrou ela, sentindo pela primeira vez na vida que poderia realmente desmaiar.

— Relaxe, Luna — disse Archie, dando-lhe um sorriso hesitante. — Vamos apenas aproveitar a festa, está bem? Eu... eu acho que posso desaparecer depois que eu sair daqui, inventar uma desculpa... trabalho no exterior ou algo assim.

Ela fez um gesto casual com a mão, mas Selina pôde ver o arrependimento em seus olhos.

— Você realmente gosta dele — disse ela, enquanto Archie retribuía com um sorriso melancólico.

— Sim. Oh, mas não desse jeito — disse ela apressadamente, com as bochechas corando. — Quero dizer, Will nunca faria isso, mesmo que... Mas eu... eu não sinto isso por ele, juro. Embora ele seja muito bonito.

Selina riu e apertou o braço de Archie. — Eu sei disso, sua tonta. Eu confio em você.

A amiga soltou um suspiro e sorriu. — Obrigada. Sei que pode parecer estranho para você, mas Will se tornou um bom amigo e... e eu acho que sou uma boa amiga para ele também.

— Tenho certeza de que é, Archie. Você sempre foi para mim, mas... — Ela hesitou, relutante em expressar seus medos com receio de magoar os sentimentos da mulher.

Archie empalideceu, parecendo doente. — Você não precisa dizer isso, Selina. Provavelmente ele ficará horrorizado. Furioso, na verdade. — Sua garganta se moveu convulsivamente antes que ela perguntasse: — Você acha que ele me mandaria para a prisão?

— Não! Oh, não. — Selina sacudiu a cabeça, embora houvesse uma pontada de dúvida em seu coração.

Ela se sentia desconfortável por ter que permitir que essa mentira continuasse. Will a culparia por esconder isso dele, e com razão, talvez. Só que... não era sua história para ser contada.

— Archie, você precisa contar a ele.

A cabeça de Archie pendeu para frente e ela fitou o chão. — Sim. Sim. Suponho que eu deva, mas... não ainda, Selina. — Ela olhou para cima, com um olhar suplicante. — Antes de eu ir, mas não ainda.

Selina assentiu e deu um tapinha na mão da amiga. — Tudo bem, então. Vamos, é melhor entrarmos.

Capítulo 18

"No qual o aparecimento de uma ave... causa um caos."



Selina se aconchegou no abraço de seu marido. Agora, ele dormia no quarto dela, ou ela no dele, mas nunca mais separados. Não mais.

— Obrigada por esta noite, foi maravilhosa — disse ela, com as pálpebras ficando pesadas.

— Fico feliz.

Ela sorriu contra a pele dele. Não tinha sido uma noite completamente tranquila, já que Will ainda rejeitava vários dos assuntos discutidos pelos seus convidados, bem como muitos dos seus valores. Contudo, ele havia se contido e permanecido, não para demonstrar que era um anfitrião cortês, mas sim, educado.

Quando Selina e Lizzie deixaram os homens... e Archie, degustando o vinho do Porto, suas apreensões aumentaram exponencialmente. No entanto, quando eles se juntaram a ela e Lizzie na sala de estar, Will estava com um humor muito melhor, parecendo jovial e relaxado na companhia de Archie. O coração de Selina apertou de medo. Will obviamente sentia uma grande afeição pelo jovem. O que ele diria quando ela contasse a verdade?

Ela fechou os olhos e tentou não pensar nisso. *Não se preocupe antecipadamente*, ela repreendeu-se.

— Estava pensando em indicar o nome de Archie no meu clube.

Os olhos de Selina se abriram rapidamente enquanto seu coração disparava. — No W-White's? — exclamou ela, horrorizada.

Will franziu a testa, assentindo. — Eu sei, eu sei. Ele pode não gostar. Ele é um maldito radical, um whig convicto, maldição. Como todos os seus amigos — acrescentou, com um suspiro. — Mas seria bom para ele, faria boas conexões.

Selina sentiu um frio na espinha. — A-Archie jamais poderia pagar por isso — gaguejou ela.

— Oh, quanto a isso — disse Will, como se fosse um assunto trivial —, eu cuidaria disso, naturalmente.

— Acho que você deveria esperar até depois desta festa — disse ela, escolhendo as palavras com cuidado. — Talvez conversar sobre isso antes de todos irem embora, mas não agora. Pode parecer caridade.

Will assentiu pensativamente. — Sim. Ele é orgulhoso, eu sei disso. Não aceita nada de mim, o rapaz tolo e imaturo.

— Você gosta da... de Archie. — Havia um toque de ansiedade em sua voz que ela esperava que Will não percebesse, mas ela se sentia doente de preocupação.

— Sim. — disse Will, parecendo um pouco surpreso consigo mesmo. — Eu gosto. Acho que ele me lembra de mim mesmo, antigamente. Oh, não que eu tenha sido um radical, mas ele é cheio de ideais e sonhos juvenis.

— Você não tem mais ideais e sonhos? — perguntou Selina. Ela ficou alerta então, Archie esquecida ao ver o lento sorriso surgir no rosto de seu marido. Ele levantou a mão, sentindo o calor irradiar da bochecha de Selina, que se virou para o toque, beijando-lhe a palma da mão.

— Eu não tinha, mas você me fez lembrar como era ter esperanças e sonhos.

Selina ficou sem fôlego, seu coração se enchendo com o calor das palavras dele. Ela se inclinou e o beijou, e, então, permitiu que seus lábios deixassem a boca dele e beijassem a linha de seu maxilar. Ele suspirou de prazer e Selina sorriu contra a pele dele, satisfeita com a sua reação. Sua boca explorou, sentindo o pinicar da barba

contra os lábios, notando a batida da pulsação sob a pele macia abaixo da orelha dele até a linha forte da clavícula.

Com uma ousadia repentina, ela continuou, perguntando-se se ele permitiria que ela trilhasse um caminho de beijos em seu peito. Ela percebeu imediatamente a tensão imediata dentro dele.

Selina desacelerou, mas continuou seu caminho com determinação. A forma que eles faziam amor era terna e maravilhosa, mas longe de ser aventureira, e ela se via cada vez mais curiosa. Ela queria tocar e desfrutar de uma maneira que temia que o chocasse, mas a tentação era deliciosa demais para resistir.

Seus lábios traçaram um caminho pelo estômago dele, seguindo ao lado da linha de pelos escuros e grossos enquanto a respiração dele se tornava irregular. Ela parou no umbigo, sorrindo ao se sentir tentada a fazer cócegas nele. Will prendeu a respiração, surpreso, quando ela mergulhou a língua, e ela riu antes de retomar o caminho.

Os cobertores estavam atrapalhando agora, e ela os empurrou para longe, sentando-se para inspecionar seu belo marido. Ela nunca o havia visto propriamente antes, pois ele insistia em apagar as velas. Hoje à noite, ele as havia reacendido enquanto conversavam, e até agora, ele não as havia apagado novamente.

O desejo se contorceu em seu âmago, formigando em sua pele, e ela inclinou a cabeça mais uma vez, ansiosa para explorar novos domínios.

— Pare com isso. — Will se sentou, puxando os lençóis até estar completamente coberto. Ele estava respirando com dificuldade e seus olhos estavam escuros de desejo, mas ela sabia que não seria tão fácil assim.

Selina suspirou, mas fez o possível para não demonstrar impaciência.

— Por quê? — perguntou ela, com a voz suave. — Você quer que eu continue.

O maxilar dele se contraiu, e ele fez um único aceno tenso com a cabeça.

Apesar de todos os seus esforços para se conter, Selina sorriu. — Nossa, é a mentira mais deslavada que eu já ouvi até hoje.

Will a encarou furiosamente, suas bochechas e pescoço ficaram com uma coloração vermelha suave. — Isso... não é algo que uma esposa faz, Selina. É algo que apenas a amante de um homem faria...

— Besteira — retrucou ela, interrompendo-o e cruzando os braços, agora um pouco irritada. — Talvez em casamentos monótonos e formais em que casais têm quartos separados e nunca se tocam, exceto com o objetivo expresso de gerar um herdeiro. Nesse caso, não é de se admirar que os homens arranjem amantes, pois é só isso que fazem em casa. É isso que temos, Will?

— Claro que não — disse ele, agora tenso. — Mas isso... não seria apropriado eu te pedir...

— Você não me *pediu* — afirmou Selina, irritada com o tom dele. — Quem me dera você pedir. Sei muito bem que o inferno congelaria antes de você sequer mencionar os seus desejos físicos.

A expressão dele se tornou rígida, marcada pela indignação, e Selina suspirou.

— Perdoe-me — disse ela, subindo na cama para se acomodar ao lado dele.

Will não disse nada, mas não parecia feliz, e sentou-se com os braços cruzados.

— Você me considera uma... uma criatura lasciva, Will? Você acha que há algo de errado comigo? — perguntou ela, com uma voz fraca, esperando que ele não a julgasse de tal maneira.

O rosto dele suavizou imediatamente.

— Claro que não — disse ele, embora ainda soasse irritado.

Ela se virou de bruços e deitou-se ao lado dele, inclinando-se para beijar o braço dele. O músculo de seu bíceps se contraiu

enquanto ele apertava os braços. Ela pressionou os lábios contra a pele dele e ansiava para continuar o que havia começado.

— Eu quero — sussurrou ela. — Eu quero te dar prazer, e acho que ambos sabemos que sou capaz disso.

A garganta dele se contraiu enquanto ele engolia em seco.

— Eu encontrei os *Cânticos de Salomão* na sua biblioteca — disse ela, com uma voz indiferente. — Fiz um estudo aprofundado dele.

Ela ergueu os olhos para os dele e se perguntou se ele se lembrava das palavras, *de todas* as palavras.

— *Ah, se ele me cobrisse com os beijos da sua boca...* — murmurou Selina as palavras contra sua pele, seus lábios se movendo em seus braços, ainda firmemente dobrados em seu peito largo. — *Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho.*

Ele não a impediu, embora houvesse conflito em seus olhos quando ela puxou os lençóis de suas mãos mais uma vez.

— Devo parar? — perguntou ela, não querendo que ele pudesse dizer que não havia desejado isso depois que o prazer tivesse passado.

Ele hesitou, mas depois assentiu e Selina sorriu, sabendo que tinha vencido enquanto abaixava a cabeça mais uma vez e seus lábios arrastavam-se sobre a pele como seda e seu marido emitia um som torturado de prazer. Um arrepio de alegria percorreu-a ao ouvi-lo.

— *Leve-me em seu coração!* — murmurou ela, com uma emoção de triunfo enchendo seu peito enquanto repetia sua carícia e Will agarrava-se impotente aos lençóis. — *Fugiremos juntos para a câmara do rei cheia de nuvens.*

Will acordou tarde. Muito mais tarde do que de costume, com os membros pesados e letárgicos. Ele suspirou, completamente contente à medida que o sono se dissipava lentamente. Pensamentos

nebulosos surgiam em sua mente enquanto imagens da noite anterior voltavam à sua memória.

De repente, ele estava completamente desperto e o desejo acendia-se, ficando sem ar ao lembrar do toque da boca de sua esposa sobre sua pele.

Bom Deus.

Ele esperou que a vergonha o atingisse, o desgosto por ter permitido que ela o agradasse de uma maneira tão chocante. No entanto, isso não aconteceu.

Will pensou sobre o assunto, tentando organizar suas ideias conflitantes com a maior franqueza que era capaz. Ele não conseguia acreditar que seria mais apropriado reservar tais desejos para prostitutas ou até mesmo para uma amante. O pensamento o horrorizava. Por mais que tentasse, ele não conseguia perceber o pecado no prazer de Selina em relação ao seu corpo, da mesma forma que não conseguia encontrar em seu próprio prazer com ela.

"Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho."

Um sorriso curvou-se sobre seus lábios ao lembrar das palavras sagradas, ditas contra sua pele como uma bênção, uma benção. Um sentimento de verdadeira felicidade encheu seu coração e ele decidiu que não se torturaria mais com o assunto.

Ele se sentou, ouvindo um farfalhar de um papel ao fazer isso e viu um pedaço de papel dobrado no travesseiro ao seu lado. Ao abri-lo, encontrou uma marca do ruge dos lábios de Selina no papel. Sentindo-se um pouco inspirado, ele pressionou o papel contra seus próprios lábios e dobrou-o novamente com cuidado, sabendo que o manteria com ele o dia todo.

Não.

Sempre.

Não se torturar era uma coisa. Encarar seus olhos no café da manhã na companhia de todos os amigos dela, era outra bem

diferente.

Para seu desgosto, ela olhou para ele quando ele entrou na sala de café da manhã, com um olhar travesso cintilando em seus olhos. Um rubor subiu pelo seu pescoço, tingindo suas bochechas enquanto ele se ocupava escolhendo sua comida.

Se alguém notou seu desconforto, foi esperto o suficiente para não comentar sobre isso.

Ele comeu em silêncio, não acostumado com a atmosfera barulhenta de risos e conversas que preenchia a sala. Era um pouco difícil de suportar o debate cada vez mais acalorado entre seu maldito amigo poeta e o pintor – Mills, era esse o seu nome? – enquanto tentava digerir sua refeição. Aborrecido porque sua calma e os sentimentos de felicidade plena com os quais ele tinha despertado estavam se esvaindo sob uma onda de irritação, ele ignorou todas as tentativas de envolvê-lo na conversa e lançou um olhar zangado para seu prato.

Ele preferia muito mais quando eram apenas ele e Selina no café da manhã.

No entanto, ao olhar para cima e encontrá-la rindo – com seus olhos brilhando de bom humor enquanto repreendia Rupert por algum comentário indelicado – ele não conseguia se arrepender de tê-los convidado.

Duas semanas depois, Will voltou de uma visita a um agricultor arrendatário local e encontrou o habitual desfile de personagens excêntricos ocupando sua casa.

Como um lugar do tamanho de Castle Hadley podia parecer tão incrivelmente cheio, ele não conseguia entender. No entanto, desde que começou a hospedar poetas, pintores, escritores e sabe-se Deus que outros tipos artísticos correndo soltos em sua casa, ela parecia pequena demais.

Os personagens iam e vinham, e diariamente aparecia uma criatura estranha à sua porta, muitas vezes vestida de forma

extravagante que desrespeitava todo o bom senso. Eles perambulavam pela casa e pelos jardins, em grupos ou sozinhos, discutindo com veemência, ou calados com expressões estranhas e um tanto confusas. Comungando com sua musa, sem dúvida, ou alguma bobagem assim.

Ainda assim, Selina estava feliz.

Ele podia perceber isso. Ela estava pintando novamente: o lindo templo clássico que ficava nos jardins era sua última obra e Will podia ver que ela era muito talentosa. Apesar de ela rir e afirmar que ele era adoravelmente parcial e negar qualquer mérito para tal adulação exagerada, ele sabia que suas habilidades precisavam ser encorajadas e deixadas para que pudessem ser desenvolvidas.

Não importava o que ele pensasse deles pessoalmente, ou dos temas às vezes chocantes de seus trabalhos, Will não podia, nem queria, negar que Erasmus Ponsonby, Jack Mills e os irmãos Drake eram grandes artistas. Se ele fosse forçado a admitir, diria que os admirava. Isso não significava que ele apreciava a companhia deles.

Naquele dia, ele se sentia especialmente irritado.

Na noite anterior, ele estava cansado e com uma dor de cabeça terrível após um dia infrutífero com seu administrador. Eles achavam que finalmente tinham entendido as dívidas e assuntos complicados do falecido pai dele, quando Button bateu à porta do escritório dele carregando uma grande caixa de madeira. Ele vinha, a pedido de Will, vasculhando as roupas e pertences do falecido pai dele e tinha encontrado o baú no fundo de um armário. Para desespero de Will, estava cheio até a borda com contas não pagas.

Ele deveria ter comparecido a uma festa na noite anterior, organizada por Lady Nash, com Selina e seus convidados. A mulher se considerava uma entusiasta das artes e, tendo ouvido sobre a colorida coleção de personagens residentes em Castle Hadley, estava ansiosa para conhecer todos. Supostamente, ela tinha se esforçado muito, preparando um evento luxuoso em honra a Will e Selina.

Com surpreendente amargura, Will suspeitava que ela esperava que ela mesma ou uma de suas filhas pálidas chamasse a atenção do

jovem Sr. Kendall e se tornasse a musa de alguma grandiloquente e romântica baboseira qualquer. Ele mesmo poderia ser um romântico, mas não era tão ingênuo a ponto de conseguir aguentar a Sra. e as Srtas. Nash circulando e dirigindo olhares cheios de esperança na direção de Kit Kendall. Meu Deus, não.

Então, sentindo-se indisposto e cansado, ele decidiu no último momento que não compareceria. Selina estava vestida e pronta, mas totalmente disposta a ficar e fazer-lhe companhia, mas ele insistiu para que ela fosse. Não seria bom que ambos faltassem, não depois de todo o esforço que a tal mulher Nash tinha feito.

Depois que Selina saiu – a seu pedido – ele se sentiu inexplicavelmente irritado com ela por tê-lo deixado.

Aborrecido, ele percebeu que estava com ciúmes. Queria sua esposa só para ele, e ver o Sr. Kendall a ajudar a subir na carruagem não ajudou em nada o seu estado de espírito. Era bastante deprimente que um homem de sua estatura fosse reduzido a suspirar como um garoto ciumento quando sua esposa estava sendo acompanhada para um baile por um poeta sem um centavo furado no bolso.

Então, hoje, seu humor ainda estava instável e não havia melhorado nem um pouco quando ele viu um grupo de pessoas perto do lago, sentadas na grama aos pés do Sr. Kendall. Elas o olhavam em êxtase enquanto ele recitava seu último poema, e Will teve que se esforçar para conter uma onda irracional de irritação. Ele se recusou a observar o grupo para ver se Selina estava entre seus admiradores; não ajudaria descobrir que ela estava.

Murmurando, ele se dirigiu à sua biblioteca. Talvez um copo de conhaque e uma hora com um bom livro o acalmassem.

Ele estava servindo-se de um drinque quando uma sensação de formigamento percorreu a nuca, e ele sentiu a peculiar certeza de que não estava sozinho.

Will se virou, e o copo de cristal escorregou de sua mão, estilhaçando no chão.

Era uma ave.

Uma ave enorme, com aparência maligna e olhos vermelhos.

Will piscou, perguntando-se se estava delirando, mas a ave permanecia teimosamente diante de seus olhos. Com cautela, já que tanto o bico quanto as garras pareciam capazes de causar sérios danos, Will deu um passo lento em direção à porta. A ave ergueu-se, esticando seu longo pescoço, à medida que Will percebeu que a maldita criatura era quase tão alta quanto ele.

A ave espelhava seu movimento, diminuindo o espaço entre ele e a porta.

Will engoliu em seco.

Se essa fosse a ideia de alguém para uma brincadeira, ele daria uma lição no infeliz.

Ele deu outro passo em direção à porta e a ave fez o mesmo. Seus olhos eram de um marrom-avermelhado escuro, inteligentes e não especialmente amigáveis, na opinião de Will. Ele olhou novamente para as pernas longas e grossas, cobertas por poderosas garras. O animal tinha um pescoço ridiculamente fino, com a pele azul visível sob penas marrons espessas. Seu corpo era grande e coberto por mais penas cinzas e marrons, dando-lhe uma aparência desalinhada e um tanto desgrenhada.

Ele já tinha visto fotos de avestruzes antes e vários chapéus com penas extravagantes, o que lhe permitia saber que aquela ave não era um avestruz. No entanto, parecia algo muito semelhante.

Will deu outro passo em direção à porta, ouvindo o estalo do vidro quebrado sob sua bota, mas sem tirar os olhos da ave. Ela inclinou seu longo pescoço e, então, ergueu-se novamente, com cabeça inclinada, observando Will com curiosidade.

— Jenson — chamou Will, não muito alto no início, já que a ave deu um passo assustado para longe e depois voltou. — *Jenson!*

A ave se assustou, erguendo-se enquanto, para alívio de Will, a porta se abria.

— Milor...

Jenson interrompeu-se com um grito surpreso e surpreendentemente agudo quando a ave passou correndo por ele e saiu pela porta aberta. Will a seguiu porta afora e assistiu enquanto a coisa ridícula corria de um lado para o outro em pânico pelo grande hall de entrada a uma velocidade incrível, escorregando e deslizando no piso de mármore e causando um verdadeiro caos.

Ela bateu no guarda-fogo em frente à enorme lareira nas laterais do hall com um turbilhão de penas e um grasnido indigno, antes de se levantar e correr novamente.

— Quem é o responsável por isso? — bradou Will, extremamente furioso. — Jenson! Cuidado, homem, o vaso!

O mordomo, que não era mais um jovem, entrou em ação com a urgência do grito de seu patrão e saltou para frente enquanto um vaso em cerâmica Majólica do século XV girava e balançava na elegante mesa expositora na qual estava, após ser atingido pela maldita ave. Jenson conseguiu agarrá-lo a tempo, com um grito de triunfo, antes de cair com um baque em seu traseiro.

Felizmente, o vaso estava intacto. O mesmo não podia ser dito sobre a dignidade de Jenson.

A ave correu mais para as profundezas do castelo enquanto os lacaios, que haviam corrido ao ouvir os gritos, apressavam-se atrás dela.

— Alguém vai perder a cabeça por isso! — vociferou Will, olhando para cima naquele momento e vendo Selina, Kit, Erasmus e todo o maldito clã às gargalhadas na varanda do primeiro andar. Eles deviam ter chegado de fora, justo a tempo de ver a cena.

Se ele fosse honesto, teria reparado que Selina não estava rindo de forma alguma, mas estava tão furioso que quase não conseguia perceber isso.

— Todos vocês — gritou ele, apontando para a varanda que dava para o grande hall e havia oferecido aos espectadores um ângulo interessante. — No meu escritório. *Agora!*

Capítulo 19

"No qual há revelações e julgamento."



Selina sentou-se junto a Lizzie na sala de estar enquanto os homens tomavam um vinho do Porto em privado. Ela duvidava que eles ficariam por lá esta noite. Will ainda estava extremamente irritado e a atmosfera durante o jantar havia sido tensa.

— Ele está terrivelmente bravo, não está? — perguntou Lizzie, com as pernas dobradas do corpo no sofá.

Ela era pequeninha com um rosto de elfo e parecia estar um tanto impressionada com Will.

— Ele está um pouco — admitiu Selina, mordendo o lábio.

— Na verdade, não foi culpa de Rupert — acrescentou Lizzie, defendendo seu irmão como sempre fazia. — Se nosso vizinho não só tivesse alimentado a coisa, como também seguido as instruções que Rupe deixou, nunca que teria sido a confusão que foi, mas o pobre Eric se sente sozinho.

Selina suspirou e mandou mentalmente Eric, o emu, para o inferno. Não que fosse culpa da pobre ave. Rupert tinha recebido de presente a coisa ridícula de uma condessa italiana excêntrica. Era pequeno na época, oferecido como pagamento, e agora era devotado a ele.

Quando Rupert estava em casa, o emu se sentia perfeitamente contente e era dócil, e até era bastante afeiçoado. No entanto, sozinho, causava caos como vingança pela sua solidão se não recebesse a devida atenção na ausência de Rupert. Esse claramente tinha sido o caso, e, desta vez, o vizinho ficou tão irritado que

colocou a criatura em uma carruagem e a enviou para cá, sob os cuidados de Rupert Drake.

O mordomo mal-encarado não estava trabalhando naquele dia, e Rupert havia subornado um criado para fazer vista grossa enquanto ele trazia a ave para dentro. Para ser honesto, ele apenas o trancou na biblioteca de Will enquanto ia empacotar suas coisas, com a intenção de voltar para casa com a criatura tola imediatamente, mas então Will havia retornado mais cedo e... como sempre, as coisas haviam saído rapidamente do controle.

Will não disse a seus amigos que deveriam partir pela manhã. Ele era um verdadeiro cavalheiro para isso, mas ela suspeitava que ele esperava que fossem sensatos o suficiente para irem embora ou que os faria se arrependerem.

Rupert e Erasmus já haviam ido, levando Eric com eles, então restavam Jack, Kit, Archie e Lizzie, que haviam permanecido para dar a Selina apoio moral até que seu marido se acalmasse. Ela não tinha certeza se isso estava ajudando.

Os homens voltaram, e uma conversa despretensiosa corria pela sala até que Will anunciou que iria se deitar.

Quando ele saiu, houve um suspiro coletivo, como se todos tivessem parado de prender a respiração.

Selina olhou para a porta e se perguntou se deveria subir agora ou esperar um pouco na esperança de que ele pudesse se acalmar. Ela ainda estava pensando nisso quando Kit falou.

— Que diabo sem senso de humor, não concorda, Selina? — perguntou ele, com uma expressão de preocupação nos olhos escuros enquanto a olhava.

— Não! Pelo contrário — retrucou Selina, enquanto Kit levantava as sobrancelhas.

Na verdade, todos, exceto Archie, pareciam bastante surpresos com seu rompante e ela se sentiu um pouco irritada com isso.

— Will tem um senso de humor maravilhoso — acrescentou ela, querendo defender seu marido das opiniões alheias. — Ele... ele não

é tão excêntrico quanto vocês, Jack e Rupert, mas nunca teve a chance de ser. Ele não saberia como. Isso não significa que ele não veja o lado engraçado das coisas. Tenho certeza de que, quando ele se acalmar...

Selina interrompeu-se, incapaz de imaginar um momento no próximo mês em que Will estivesse calmo.

— Bem, tudo bem. Se é o que você pensa — disse Kit, com seu sorriso agradável, aparentemente reconfortado pela reação dela às suas palavras. — Eu vou para a cama. Acho que todos teremos que acordar cedo amanhã. — Ele lhe deu um sorriso pesaroso. — Eu sinto que a hospitalidade do marquês está prestes a acabar.

Ele atravessou a sala e tomou a mão de Selina, beijando seus dedos. — Boa noite, doce Luna. Que você acalme mares tempestuosos com sua luz prateada, minha querida.

Selina bufou e sacudiu a cabeça enquanto ele sorria para ela. Lizzie e Jack também desejaram boa noite e seguiram-no para fora da sala.

Selina se espreguiçou e suspirou, decidindo que era melhor enfrentar a ira de seu marido e acabar logo com isso. Ela se levantou, prestes a desejar boa noite a sua amiga, e então hesitou quando Archie falou.

— Selina, espere.

O rosto de Archie estava tenso e pálido, e Selina percebeu que ela havia estado quieta a noite toda.

— O que foi, querida?

Ela engoliu em seco, esfregando as mãos nas calças, nervosa. — Eu... eu vou contar a ele.

— Oh.

Selina se sentou novamente em sua cadeira, como se suas pernas tivessem fraquejando.

— V-você realmente acha que é um bom momento?

Archie respondeu com um sorriso fraco. — Oh, não neste minuto. De manhã, antes de eu ir embora... ou antes que ele me expulse, de qualquer forma.

Selina suspirou e foi se sentar ao lado de Archie, pegando sua mão.

— Oh, querida. Sinto muito. Eu gostaria de poder te dizer que ele nunca faria tal coisa, mas...

Archie deu de ombros e balançou a cabeça. — Oh, não. E-está tudo bem. Eu sei. É toda a minha maldita culpa por tê-lo provocado naquela primeira noite, só que...

Seu lábio tremia, e Selina assistiu com o coração apertado enquanto uma lágrima rolava pelo rosto de Archie.

— Só que eu vou sentir falta dele. Ele é um bom sujeito. Muito melhor do que a maioria das pessoas acha, sabe.

Selina assentiu, dando-lhe um sorriso triste.

— Sim, eu sei.

Archie fungou e procurou um lenço, assoando o nariz com veemência.

— Mas isso nem é a pior parte — disse ela, com a voz embargada de emoção. — E-ele nunca teve um a-amigo na vida, não um próximo e... e eu vou tirar isso dele.

Archie irrompeu em lágrimas e Selina a puxou para um abraço, segurando-a firme e balançando-as juntas até as lágrimas cessarem. Elas permaneceram juntas por um longo tempo, e Archie repousou a cabeça no ombro de Selina.

— Você não se importou, não é? — perguntou Archie, com a voz suave. — Que ele fosse meu amigo?

— Claro que não — disse Selina, alisando seus cabelos curtos com uma mão. — Will sempre foi uma pessoa muito solitária. Acho que ele precisa de tantos amigos quanto possível, e você tem sido uma amiga maravilhosa para ele. Eu jamais sentiria ciúmes disso em

relação a vocês. Eu... eu só espero que ele possa perceber isso por si mesmo.

— Eu também — disse Archie, tremulamente.

Selina abraçou sua amiga com mais força e virou-se, pressionando seus lábios na testa de Archie.

Ambas se sobressaltaram quando a porta se abriu e Will entrou.

Por um momento, a expressão dele congelou, choque, dor e fúria transparecendo rapidamente por suas feições atraentes até que ele avançou com um grito de raiva.

Selina gritou e empurrou Archie para o lado, onde ela caiu estatelada no chão enquanto Selina corria para Will.

— Will! Will! Não é o que você pensa. Por favor, querido, por favor, deixe-nos explicar.

— Meus Deus, seu jovem atrevido! Vou arrancar sua maldita cabeça — berrou ele, extremamente furioso enquanto Archie tropeçava e corria, escondendo-se atrás de um sofá com encosto alto, com uma mão estendida. Seu rosto estava pálido de horror, enquanto suas bochechas coravam intensamente.

— Will, você entendeu tudo errado. Por favor! — implorou Archie, enquanto Selina puxava seu braço e tentava fazê-lo parar.

— Will — gritou Selina, enquanto ele a arrastava pelo quarto, recusando-se a deixar que ela segurasse seu braço. — Archie é uma mulher!

— Ele será um maldito eunuco quando eu acabar com ele — rugiu seu marido, afastando-a de seu braço e avançando.

— Ela é a Sra. Jennifer Archibald — gritou Selina, tentando superar a força de sua raiva e puxando seu braço mais uma vez. — Ela não é um homem, Will. Archie é uma mulher.

De repente, Will parou. Ele se virou, olhando fixamente para Selina, com os olhos arregalados e sua boca estava prestes a emitir palavras que ela sabia que negariam que isso fosse possível... e,

então, essas palavras morreram antes de serem ditas ao ver a verdade em seus olhos.

Ele soltou um suspiro, virando-se para olhar para Archie, que estava encostada na parede oposta, tremendo e piscando, e parecendo a ponto de chorar.

— Você é uma... uma...?

Archie assentiu enquanto uma lágrima volumosa rolava por seu rosto.

Selina prendeu a respiração enquanto o peito de Will arfava, sua expressão ainda exprimindo devastação, embora por uma razão bem diferente agora.

— É por isso que estávamos nos abraçando, Will — disse Selina, ousando falar em meio a atmosfera densa e tóxica que parecia ter sugado o ar do cômodo. — Ela acabara de me dizer que planejava te contar tudo de manhã e estava com medo... com medo de perder seu melhor amigo.

O silêncio se prolongou, preenchendo todos os espaços possíveis, pressionando o coração de Selina enquanto ela via duas das pessoas que mais amava no mundo em tanta dor.

— Meu amigo — disse Will finalmente, suas palavras amargas e sarcásticas. — Meu *amigo*.

Ele se virou, chutando a mesinha de centro em meio a uma explosão de fúria que fez Selina gritar e se afastar dele. O móvel de madeira nobre foi destruído enquanto os copos se quebravam e a mesa tombava no chão. O silêncio que se seguiu era intenso e aterrorizante. Ela podia ver que ele estava tremendo, podia ver o esforço que fazia para respirar e se controlar em vez de destruir o local.

— Eu tinha a intenção de te tornar membro do White's — disse ele, sua voz baixa e perigosa agora. — Meu Deus, eu te disse... eu te disse...

Ele corou enquanto Archie fazia o mesmo e Selina sabia que ele estava se lembrando de como forçou a si mesmo a compartilhar uma

parte tão privada e humilhante de seu passado com ela.

Will balançou a cabeça e deu uma risada, embora fosse um som tão vazio e entrecortado que Selina sentiu o calor das lágrimas deslizando pelo próprio rosto.

— Como vocês devem ter rido disso.

— Não! Will, não! — Selina correu em sua direção, horrorizada, ao perceber que ele achava que era uma conspiração, uma piada às suas custas. — Eu juro que não foi isso que aconteceu. Archie nunca contou a ninguém o que você lhe disse.

— E, ainda assim, *você* não me disse que ela era uma mulher!

Ele se voltou para ela, com tanta dor e raiva em seus olhos que Selina se perguntou se ele algum dia a perdoaria.

— W-Will... — gaguejou Archie, aproximando-se e, logo em seguida, parando abruptamente quando Will se virou para ela. — Milorde — corrigiu ela, ao ver a expressão em seus olhos. — Não é culpa de ninguém além da minha. Eu implorei para Selina não te contar. Ela queria, me implorou, e... e eu sei que deveria ter contado, só que... só que eu gostava muito de você.

Will emitiu um som de repugnância. — Você estava gostando de pregar suas peças em mim, não tenho dúvida. Pelo amor de Deus, você deve estar satisfeita consigo mesma.

— Não! — gritou Archie, balançando a cabeça e chorando de verdade agora. — Eu gostava de ser seu amigo. Admito, quando nos conhecemos, eu... eu estava pregando uma peça ao não te falar a verdade. Só que então, você me tratou como uma pessoa de verdade e gostou de mim, e... e eu não queria perder isso. Pelo menos, não por um tempo.

O silêncio retornou, e ninguém se atreveu a se mover, com o único som sendo, em específico, o de uma respiração irregular.

— Eu quero você fora daqui.

Archie estremeceu como se ele a tivesse atingido e Selina exclamou, pegando seu braço.

— Oh, Will, não!

— Eu quero você fora da minha casa. — repetiu ele, com as palavras diretas, cruéis e carregadas de ardente fúria. — Fora da minha casa e da minha vida, e se você se atrever a se aproximar de mim ou de minha esposa novamente, eu irei arruinar a sua vida, juro por Deus. Boa noite, *Sra.* Archibald.

Selina e Archie puderam apenas assistir em silêncio aterrorizado enquanto ele se afastava, batendo a porta atrás de si.

Capítulo 20

"No qual o destino traz de volta velhos conhecidos e más notícias."



Will olhou pela janela, observando a figura solitária de sua esposa caminhando em direção ao lago.

Era o final de junho e o clima estava perfeito para um dia de verão inglês.

Selina parecia a dama perfeita também, recatada e encantadora em seu vestido de verão, com uma sombrinha descansando em um dos ombros.

Já tinham se passado semanas desde o desastre com aquela maldita ave e... e o resto.

No início, ela tentara falar com ele sobre isso, explicar, fazê-lo perdoar e esquecer, mas ele não conseguia fazer nenhum dos dois. Mesmo ao pensar nisso agora, sentia a raiva crescendo em seu peito.

Não era apenas raiva.

Para ser honesto, a vergonha dele em relação a todo o ocorrido foi tão grande que ele se refugiou em um silêncio absoluto, escondendo sua dor e decepção o mais fundo possível. Ele a havia punido por seu papel nisso, por fazê-lo sentir-se vulnerável e tolo e por lembrá-lo do que era ter sua confiança destruída tão completamente. Ele a havia punido com silêncio e indiferença, ignorando o fato de que ela existia.

Ainda assim, ao puni-la, ele destruíra algo infinitamente mais precioso, e não sabia como corrigir isso.

Mal se falavam, e ele não tinha ido ao quarto dela desde então. A porta que conectava seu quarto ao dela parecia uma cela de prisão,

uma feita por ele mesmo, mas ele não sabia como destrancá-la.

Não podia fingir que a culpa era toda de Selina. Ela havia se desculpado repetidamente, chorando como se seu coração estivesse partido, e embora ele tivesse se recusado a ouvir suas palavras, dissera a ela que a perdoara. Achava que a havia perdoado. No entanto, não sabia como se libertar do sofrimento que tomava conta dele. Seu coração estava entorpecido e seu orgulho, seu maldito orgulho, estava ferido demais para deixá-lo enfrentar qualquer pessoa.

Sua esposa havia mentido para ele. Ela permitira que ele acreditasse em algo que era uma mentira, e quebrou a confiança entre eles. Agora, ele estava com medo de ser ferido daquela forma novamente e, portanto, não permitia que ela se aproximasse, e, assim, estavam em um impasse.

Ela estava solitária e infeliz, e provavelmente o deixaria para sempre se ele não fizesse algo em breve. Mal podia culpá-la, e, ainda assim, um pequeno canto amargo e vingativo de seu coração ainda o fazia.

Selina estava na biblioteca, encolhida no assento na janela. O glorioso clima de verão havia se dissipado, e um céu cinza e desolador pairava sobre Hadley Castle. A chuva caía lenta e incessantemente, enquanto as poças se formavam aos poucos. Parecia terrivelmente frio em contraste com o calor dos últimos dias, e Selina apertava mais o xale ao redor dos ombros. Pelo menos, o tempo agora combinava com seu humor.

Ela tinha descoberto através de Jenson que Lorde Henshaw havia saído cedo naquela manhã e não retornaria até a hora do jantar. Não que isso importasse. Eles viviam vidas separadas agora.

Havia passado por sua cabeça fugir de volta para o chalé. No entanto, se ela esperasse uma reunião romântica, sabia que perderia seu tempo. Ele não viria, não desta vez.

Ela havia destruído qualquer chance que tivessem e, de todas as maneiras que poderia tê-lo magoado, contar mentiras e fazê-lo sentir-se um tolo foi a mais devastadora. Seu pior inimigo não poderia ter encontrado algo que o destruísse de forma mais completa.

Se tivesse sido possível sentir raiva dele, tudo teria sido mais fácil, mas não conseguia achar esse sentimento dentro de si. Ele se encontrava solitário e ferido, e permaneceria dessa forma se ela não conseguisse se aproximar, mas ele não a permitiria chegar perto. Os muros ao redor de seu coração estavam mais espessos e mais altos do que jamais estiveram, e ele a tinha afastado. Não teria sido tão devastador para seu próprio coração se ela não tivesse tido o privilégio de vislumbrar o que havia para além das paredes.

Selina lembrou-se da última noite que passaram juntos, sua alegria e triunfo por ter conseguido tocá-lo como havia desejado. Lágrimas se formaram em seus olhos e ela as afastou com irritação. Estava cansada de chorar.

Uma batida soou na porta e Jenson entrou.

— Uma carta para milady.

Selina levantou-se rapidamente e pegou a carta dele, fazendo um sinal com a cabeça em agradecimento enquanto ele se afastava. Qualquer distração era bem-vinda. Mesmo um convite de Lady Nash daria a ela uma desculpa para escapar do confinamento de sua prisão.

Ela não sabia como era possível que em um lugar com centenas de cômodos e milhares de acres poderia se sentir tão sufocada, mas estava aprisionada. No entanto, percebeu que poderia viajar para o outro lado do mundo e, ainda assim, não estar livre. Era seu coração que estava aprisionado, não seu corpo. Ela o havia entregado a Will e não podia recuperá-lo. Era dele para fazer o que bem entendesse.

Afastando esses pensamentos sombrios, ela franziu a testa ao ver a caligrafia caótica no papel. Ela quebrou o lacre, desdobrando o bilhete e lendo com espanto e crescente medo.

Querida Selina,

Perdoe-me por escrever para você, mas não sabia a quem mais recorrer.

Nosso querido amigo Erasmus está envolvido em um terrível problema, a ponto de eu temer escrevê-lo no papel. Eu nunca teria vindo até você se houvesse outro jeito, não depois de ter causado tanto sofrimento. Mas não estou pedindo por mim e sei que você tem tanta afeição por Erasmus que iria gostar de saber.

Estou hospedado no The White Lion, no vilarejo de Oakfield, sob o nome de Sr. Armitage. Sei que não deveria pedir isso a você, mas, por favor, você poderia vir, querida Luna? Estamos desesperados.

Seu sincero amigo,

Archie

O coração de Selina gelou. Sabia bem o tipo de problema em que Erasmus poderia ter se metido, e o medo percorreu seu corpo.

Ela correu para o corredor, chamando Jenson e instruindo-o a trazer uma carruagem o mais rápido possível enquanto ela se apressava para buscar seu chapéu e pelica. Quinze minutos depois, estava a caminho de Oakfield.

Selina fez com que a carruagem a deixasse no vilarejo sob o pretexto de fazer algumas comprinhas. Oakfield não era um lugar movimentado de forma alguma, provavelmente por isso Archie o escolhera. Tinha um açougue, uma padaria e uma lojinha de artigos gerais, mas também um excelente chapeleiro. A dama que a administrava também mantinha um pequeno estoque de tecidos e uma variedade de fitas, seda, flores e enfeites que jovens senhoritas poderiam usar para adornar vestidos ou chapéus antigos.

Selina apressou-se para dentro da loja e fez uma compra apressada de uma fita vermelha escarlata que provavelmente nunca usaria. Ela esperou, hesitante, até ter certeza de que a carruagem havia se afastado para aguardar seu retorno na estalagem *The New Inn* no extremo oposto do vilarejo, conforme instruído.

A estalagem *The White Lion* ficava na rua principal, embora um pouco afastada da estrada. Era uma encantadora propriedade de pedra com um telhado de palha espessa que se estendia para baixo sobre as pequenas janelas estreitas, como as sobancelhas espessas de um velho. Selina apressou-se em direção à porta da frente, mas foi impedida antes mesmo de pisar no degrau.

— Selina!

— Archie — disse Selina, apressando-se em sua direção e pretendendo lhe dar um abraço.

— Não faça isso! — disse Archie, horrorizada, e deu um passo para trás. — A menos que você queira que todo o vilarejo fale sobre um caso extraconjugal.

— Oh, sim — disse Selina, percebendo o quanto estaria encrencada se Will descobrisse. — Então é melhor apressarmos. Diga-me o que está errado.

Archie assentiu e elas contornaram a esquina do edifício, fora da vista da rua principal e sob o beiral, longe da chuva fina.

Archie manteve-se perto, falando com um tom baixo e confidencial, não perdendo tempo explicando. — Quando Rupert teve aquele problema com aquela ave ridícula e a vizinha o despachou na carruagem, bem, a velha megera não trancou a casa como deveria. Alguém entrou e o lugar havia sido revirado quando Rupert voltou.

— Oh, que horrível — disse Selina, sentindo-se horrorizada com o desrespeito pela casa de Rupert.

— Sim, mas esse não é o problema — disse Archie, com a voz baixa. — Quem quer que tenha entrado, encontrou coisas, Selina. Desenhos e cartas... de Erasmus.

Selina sentiu um frio na espinha. Como ela havia suspeitado inicialmente, haviam sido descobertos.

— Chantagem?

Archie assentiu, com o rosto tenso de ansiedade. — Você sabe como ele é teimoso, Selina. Ele não vai pagar. Diz que uma vez que

você começa a pagar, nunca para, e eu suponho que ele tem um argumento válido, só que... Só que eles vão arruiná-lo, e a Rupert, e a pobre Lizzie também, sem dúvida. Se ele for condenado, pode acabar sendo envergonhado publicamente, ou... ou até mesmo...

A voz de Archie embargou e ela pressionou o dorso da mão na boca, mas Selina não precisava ouvir mais nada.

— Eles não estão chantageando Rupert também? — perguntou Selina, sua mente girando enquanto tentava pensar no que devia ser feito.

Archie balançou a cabeça. — Rupert não possui dinheiro considerável, e todo mundo sabe disso. Erasmus é o prêmio. Ele é um cavalheiro e é famoso. Um homem rico, um alvo muito maior e um escândalo muito maior se for descoberto, mas Rupert também será arrastado pela lama.

— O que sabemos sobre quem está chantageando-o? — perguntou Selina, enquanto Archie procurava em seu bolso e retirava um pedaço de papel amassado.

— Nada de relevante. Erasmus recebeu um bilhete dizendo que deve ir a este endereço à meia-noite de sexta-feira.

— Daqui a quatro dias. Eles lhe deram tempo para juntar o dinheiro, suponho.

Archie assentiu. — Mas ele não vai, Selina. Ele irá, é verdade, para descobrir quem está fazendo isso, mas...

— Mas ele provavelmente acabará sendo morto — completou Selina, sua respiração falhando.

— Sinto muito, Selina.

Ela olhou para o rosto de Archie e viu o sofrimento e arrependimento.

— Não só por isso — acrescentou Archie, embora não precisasse dizer mais nada. Selina podia ver a culpa em seus olhos.

— Não é sua culpa, Archie, querida — disse Selina, com um sorriso triste.

Archie bufou e cruzou os braços. — Isso não é minha culpa, não, mas... — Ela respirou fundo, parecendo ter dificuldade em encontrar o olhar de Selina. — Como ele tem estado?

Selina deu de ombros, com um nó na garganta. — Sozinho — disse ela, lutando para conter as lágrimas que se formavam. — Sozinho e teimoso, e desesperadamente infeliz.

— É tudo minha culpa. Eu estraguei tudo, para vocês dois. — Archie engoliu em seco e esfregou a mão sobre o rosto, com a mandíbula apertada enquanto Selina a via lutar para não chorar.

— Que disparate. Não diga uma coisa dessas, querida. — Ela se endireitou um pouco e buscou transmitir a Archie um senso de otimismo que estava longe de sentir.

— Eu não vou desistir dele, Archie. Não vou — disse ela, com a voz firme agora enquanto segurava o braço da amiga. — E você também não deve desistir. Ele sente sua falta também, eu sei que sente, e eu vou resolver isso se for preciso.

Ela observou enquanto Archie a encarava, com a expressão irritada. — Não desista dele, Selina, você não pode. Eu sei que ele te ama e que ele vai te perdoar pela sua participação nisso. Mas você deve colocar a culpa em mim, ouviu? Foi tudo culpa minha, então, não tente fazer com que ele me perdoe. Isso só vai deixá-lo ainda mais irritado. Deixe-me fora disso. Eu criei essa situação, e não é a primeira vez. Apenas se preocupe com vocês dois. Eu ficarei bem, pode ter certeza. É Erasmus que precisa de nossa ajuda.

Selina assentiu, determinada a não perder tempo discutindo, mas também não deixaria Will esquecer Archie. No entanto, ela tinha que escolher suas batalhas, e hoje essa batalha deveria ser por Erasmus.

— O que você vai fazer agora? — perguntou ela, enquanto Archie apertava ainda mais o casaco fino ao redor de seu corpo delgado.

— Meu destino é Londres novamente — disse ela, oferecendo a Selina um sorriso que não chegava aos olhos. — Então é melhor eu

resolver minhas pendências. Convenci um sujeito idoso a me dar uma carona em uma parte do caminho, mas ele quer partir dentro de uma hora.

— Oh, Archie, tome cuidado — disse Selina, com medo pela amiga fazendo com que ela chorasse novamente.

Archie riu e balançou a cabeça. — Não se preocupe, Selina. Uma das vantagens de ser considerada um homem é que as pessoas não te incomodam da mesma forma. Eu ficarei bem. Agora, é melhor você voltar, ou acabará se metendo em um problema muito maior do que o meu.

Selina assentiu e estendeu a mão, apertando a mão de Archie antes de correr para a chuva e voltar para sua carruagem.

Quando Selina retornou ao castelo, estava em um estado de grande perturbação. Ela não podia aceitar o fato de que algum monstro estava ameaçando as pessoas de quem ela gostava. Ela precisava fazer algo, mas não era tola o suficiente para acreditar que poderia fazer isso sozinha. Ela poderia ser uma marquesa, mas também era uma mulher.

Não era a primeira vez que ela invejava Archie e a liberdade que ganhava com seu disfarce, embora não invejasse a vida da garota. Ela sabia muito bem que não era e nunca tinha sido uma vida fácil.

Havia apenas uma maneira de ajudar Erasmus e ela sabia como. Ela teria de contar a Will. O pensamento era aterrorizante, pois havia a chance de que ela pudesse piorar ainda mais as coisas. Uma vez que Will descobrisse que Erasmus e Rupert eram amantes... ela não tinha como saber o que ele faria.

Havia apenas uma coisa que ela sabia. Apesar da dor, da raiva e da decepção, Will a amava. Se ela pedisse, ele a ajudaria, ela tinha certeza disso, e em troca faria sua própria promessa. Ela prometeria ser a esposa que ele queria, aquela que não o pressionaria ou o deixaria desconfortável. Sua Lady Henshaw seria o modelo de decoro e não se associaria mais àquelas pessoas que ele considerava inadequadas.

Para salvar seus amigos, ela abriria mão deles e se tornaria o que Will desejava.

Ela só esperava que isso fosse o suficiente.

Sua carruagem parou em frente a Hadley Castle, bem a tempo de ver a carruagem de Will se afastando e voltando para os estábulos.

Ele tinha voltado cedo!

Não querendo perder a chance, ela correu para dentro, na chuva, ignorando o guarda-chuva que o lacaio estava estendendo para ela.

— Onde está Lorde Henshaw? — exigiu saber de Jenson, que indicou que o marquês tinha subido para se trocar.

Selina subiu as escadas de uma maneira que Will teria desaprovado firmemente e se apressou até a porta do quarto dele. Ela bateu com firmeza e não esperou por uma resposta, mas entrou apressada.

O valete de Will, Button, estava ajudando-o a tirar a jaqueta justa e os dois homens se assustaram, olhando para Selina com espanto.

— Oh, Will! — exclamou ela, mal conseguindo conter as lágrimas.

— Selina? — disse Will, passando os braços para fora das mangas e correndo em direção a ela. — Qual é o problema? O que aconteceu? Você está doente?

Selina pressionou a mão contra a boca, tentando se recompor enquanto Button saía para lhes dar privacidade. Ela balançou a cabeça, engolindo em seco e tentando não chorar, mas ver a preocupação nos olhos dele só lhe lembrava o quanto sentia falta dele e fazia tudo parecer muito pior.

Will se aproximou, pegando suas mãos nas dele. — Selina, por favor, não posso fazer nada se você não me disser o que está errado.

Selina assentiu e respirou fundo, desejando que ele a envolvesse em seus braços. As coisas se tornaram tão terríveis que ele sequer se atreveria a fazer isso quando ela estava tão angustiada? Ela achava que sim.

— Eu preciso de sua ajuda, milorde — disse ela, lembrando-se de que as coisas estavam muito mais formais entre eles agora e que ela precisaria agir de acordo com a sua posição se quisesse contar com a ajuda dele.

— Claro — disse ele, com a voz suave enquanto a guiava para a cama. — Sente-se e aproveite esse momento para se acalmar.

Ela fez o que ele pediu, observando enquanto ele trazia uma cadeira e a colocava na frente dela. Ele se sentou e segurou suas mãos novamente.

— Agora, o que aconteceu para te perturbar tanto?

Selina olhou para suas mãos, gentilmente envolvidas pelas dele, e mal conseguiu conter as lágrimas por tudo que havia perdido. Mas isso não era por ela, era por Erasmus.

— Eu preciso de sua ajuda. Preciso muito, só que...

— Só que...? — instigou ele, à medida que a coragem a abandonava.

Ela o olhou, tocada pelo tom gentil de sua voz. Se apenas ela não estivesse prestes a tornar tudo muito pior, esse tom carinhoso poderia ter lhe dado esperança.

— Só que você não vai gostar. Nem um pouco — admitiu ela, enquanto as lágrimas caíam novamente.

— Oh.

Ela assistiu, desanimada, enquanto ele soltava suas mãos e se recostava na cadeira, com uma expressão cautelosa agora.

— É Erasmus — disse ela, sabendo que isso arruinaria qualquer chance que tivesse. — Ele está em apuros e... e eu preciso que você o ajude.

Capítulo 21

"No qual súplicas, acordos e corações partidos são negociados e expostos."



Will ficava cada vez mais imóvel à medida que ela contava a triste história. Seu rosto estava inexpressivo, como se estivesse usando uma máscara, e ela não tinha ideia do que ele estava pensando ou sentindo, exceto pela tensão crescente na mandíbula.

Ele não disse nada, e mesmo depois que ela terminou toda a história, ele apenas ficou em silêncio, olhando para as próprias mãos.

— Milorde? — perguntou ela, à medida que o desespero aumentava em seu peito.

Será que ele desprezava Erasmus e Rupert tanto por suas ações? Será que ele ainda estava tão bravo que puniria ela através deles?

Ela piscou para afastar as lágrimas, enquanto sua tristeza crescia, apertando seu coração até sentir dor e arrependimento, e, por fim, a raiva surgiu pela falta de compaixão dele.

— Você não vai ajudar eles, vai? — quis saber ela, com um tom acusatório em suas palavras, embora estivessem tremendo de emoção.

Ele olhou para cima, com uma expressão indecifrável nos olhos.
— Você gostaria que eu me envolvesse nesse caso sórdido?

Ela piscou para ele, incapaz de decifrar o tom de sua voz.

— Só é sórdido porque alguém está tentando lucrar com isso — disse ela, com a raiva crescendo a cada momento. — Erasmus e Rupert não estão machucando ninguém. Eles se amam desde sempre, e isso não diz respeito a mais ninguém além deles próprios.

— É contra a Lei, Selina. É... antinatural.

— Antinatural? — repetiu ela, essa única palavra saindo de forma ofegante e perigosamente silenciosa. Ela se levantou e se afastou dele, enquanto a raiva fervia sob sua pele. Sua raiva queimava mais intensamente a cada segundo que passava, raiva dele por fazê-la sofrer, por virar as costas para Archie, por punir a todos e a si mesmo quando não havia absolutamente necessidade de fazê-lo. — Sim, já imaginava que iria parecer antinatural para você. Você não tem a menor ideia do que significa amar alguém apesar do que o mundo diz, apesar de todos se oporem e dizerem que é nojento e errado e que você merece ser punido. Você não tem coragem de amar a menos que seja algo fácil e sem complicações, mas o amor não é assim, Will, e se há verdade alguma nisso, certamente não é algo sem complicações!

Sua voz havia subido tanto de volume que ela estava gritando com ele, e ele se levantou, olhando para ela, com o rosto ruborizado, embora não soubesse se era de raiva, dor ou vergonha. Ela não o conhecia, pensou com uma dor no coração que parecia oca e vazia enquanto a esperança se esvaía.

Ela pensava que o conhecia, pelo menos um pouco, mas o homem que ela amava era compassivo apesar de suas maneiras pretensiosas e pedantes. Esse homem...

Ela respirou fundo.

— O amor é caótico, Will — disse ela, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. — O verdadeiro amor é corajoso diante do ridículo, não desiste e foge dos problemas ou da dor. É compreensão e perdão, e amar alguém mesmo quando eles te levam ao limite da loucura. Eu pensei... eu esperava que você tivesse começado a entender isso também, mas eu estava errada.

Selina se virou, incapaz de encará-lo por mais um momento. Ele a agarrou pelo braço enquanto ela se movia em direção à maçaneta da porta, obrigando-a a se virar para enfrentá-lo.

— E quanto a você, Selina? — exigiu saber ele, com a voz rouca. — E quanto ao seu amor? Ele se deu por vencido, fugiu e ficou sem

perdão?

Ela deu uma risada entrecortada, olhando para ele. — Não, Will. Eu apenas queria que tivesse feito isso. Se eu pudesse te deixar e te esquecer, você não acha que eu já teria feito isso? Eu não posso partir porque meu coração está em suas mãos, e estou presa aqui, nesta meia-vida estagnada, com um homem que não consegue suportar olhar para mim, quanto mais me tocar.

— Isso... isso não é verdade — disse ele, sem encontrar os seus olhos e franzindo a testa.

Selina bufou. — Você não fala, você continua com sua vida como se eu não existisse, mas tudo bem, se é isso que você quer, Will.

Ela respirou fundo, sabendo que esta era sua última chance de tirar algo de bom dessa terrível e destrutiva desavença.

— Se você fizer isso por mim, se você ajudar Erasmus e Rupert a saírem dessa situação ilesos, eu prometo ser tudo o que você deseja em uma esposa. Eu serei comportada, quieta e submissa, e... e não verei pessoas que possam te causar constrangimento, ou... ou encher a casa com aves ridículas ou pintores ou poetas ou qualquer outra coisa que te incomode. Sua vida será bastante... bastante tranquila. Você tem minha palavra.

Will olhou para ela, com uma expressão de tanta infelicidade quanto a dela. — Isso significa tanto para você?

Ela assentiu, incapaz de dizer mais uma única palavra.

Ele a soltou e deu um passo para trás. — Eu farei tudo o que puder.

Selina soltou uma respiração trêmula e fechou os olhos por um momento.

— Obrigada, milorde.

Ele assentiu, e Selina se virou e deixou o quarto.

Will partiu ao amanhecer do dia seguinte, em direção a Londres. Dois dias depois, após aguentar uma viagem terrivelmente

desconfortável, os bairros sujos de Londres passavam agora pela janela da carruagem. Ele pretendia visitar seu irmão e pedir seu conselho sobre esse desagradável assunto. Ben conhecia algumas pessoas de caráter duvidoso, o tipo que seria necessário para resolver a questão na íntegra.

Ele havia recebido uma carta de Ben alguns dias antes, explicando que estaria em Londres pelas próximas duas semanas por motivos de trabalho relacionados à casa de jogos que administrava. Dinah, que se encontrava em estágio avançado de gestação, não o acompanharia; ela permaneceria no campo.

Will havia presenteado seu irmão com uma linda propriedade na divisa entre Hampshire e Surrey. Foi um presente generoso, mas Will sentiu a necessidade de fazer as pazes. Ele havia passado muito tempo invejando Ben por seu charme inato e pela maneira como parecia fazer o que quisesse sem se importar com a opinião dos outros. A vida parecia se curvar à vontade do homem sem que ele levantasse um dedo, e Will havia sentido uma inveja horrível desse fato.

Ben nunca havia se juntado ao pai e a Hugh no prazer de atormentá-lo, havia até mesmo o defendido uma ou duas vezes, mas nunca foram próximos. A propriedade era a maneira de Will de se desculpar por não permitir que seu irmão fizesse parte do seu mundo antes.

Com pesar, Will reconheceu que nunca tinha sido próximo de ninguém em toda a sua vida. O mais próximo que chegou foi com Selina e Archie, e olha só no que isso deu.

Ele engoliu em seco para sufocar a tristeza causada por esse pensamento, e sentiu a garganta doer com o esforço. Apesar de toda a sua determinação para expulsá-lo de sua mente, a voz de Selina retornava a ele, junto com a memória da fúria e da repulsa em seus olhos enquanto ela o despedaçava.

Você não tem coragem de amar a menos que seja algo fácil e sem complicações, mas o amor não é assim, Will, e se há verdade alguma nisso, certamente não é algo sem complicações!

Ela havia desconstruído seu caráter, desvendado as camadas por trás de sua máscara para revelar o ser tímido e inseguro que estava por trás de suas vestes perfeitas e de sua posição elevada, e, ainda assim, professava seu amor por ele.

Não fazia sentido... a menos que ele ouvisse suas palavras e forçasse a si mesmo a compreendê-las.

O verdadeiro amor é corajoso diante do ridículo, não desiste e foge dos problemas ou da dor. É compreensão e perdão, e amar alguém mesmo quando eles te levam ao limite da loucura.

Lágrimas se formaram em seus olhos. Era isso que ele estava fazendo com ela, levando-a ao limite da loucura? Ela não estava fugindo dos problemas e da dor, e ele a havia magoado. Ele a havia punido e ferido em retaliação por ter quebrado sua confiança nela, por fazê-lo sentir-se um tolo. Ele tinha o direito de estar com raiva e de mostrar isso para ela, mas havia encorajado esses sentimentos a fermentarem e crescerem em vez de deixá-los desaparecer. Selina havia feito tudo o que podia para se desculpar, admitir sua parte na mentira e tinha implorado o seu perdão. Will havia aceitado suas palavras, exteriormente, e continuado como se nada tivesse acontecido.

Ela havia querido deixá-lo, ela havia dito isso, mas tinha permanecido.

Eu não posso partir porque meu coração está em suas mãos, e estou presa aqui, nesta meia-vida estagnada, com um homem que não consegue suportar olhar para mim, quanto mais me tocar.

A dor em sua garganta aumentava e ele sentia-se perigosamente perto de chorar. Ele queria voltar para casa. Queria se jogar de joelhos e implorar seu perdão como deveria ter feito naquela noite, mas não podia. Agora não. Agora, ele precisava fazer o que havia prometido e salvar os amigos dela daquilo que poderia ser o mais terrível escândalo, apesar de seu envolvimento ser horrível para ele.

Ele ainda não sabia o que sentia com relação a Erasmus e Rupert. Erasmus era rico e bem-sucedido. Por que, em nome de

Deus, ele arriscaria tudo por um zé-ninguém como Rupert Drake... a menos que o amasse?

Will sabia o que a alta sociedade pensava sobre tais homens e suas práticas antinaturais, o que ele sempre havia pensado. No entanto, a voz de Selina ainda soava em seus ouvidos.

Erasmus e Rupert não estão machucando ninguém. Eles se amam desde sempre, e isso não diz respeito a mais ninguém além deles próprios.

Não havia mais tempo para suas próprias reflexões sobre o assunto já que ele havia chegado em frente à casa de seu irmão na cidade. Ele esperava, a despeito do avançado das horas, chegar a tempo do jantar e que seu irmão ainda não tivesse saído para a casa de jogos. Descendo da carruagem, ele apressou-se até a porta da frente e bateu.

Capítulo 22

"No qual Will se depara com uma figura surpreendente e descobre um aliado inesperado."



— E então, Joe?

Will observou o homem franzir a testa. Ele havia sido o responsável pela esposa de Ben durante a maior parte da vida dela e Will sabia que ela o considerava como um pai.

Joe tinha a aparência de um bandido, apesar do requintado corte de suas vestes, e trabalhava como faz-tudo na casa de jogos de Ben e Dinah. Ele era uma parte crucial de *O Diamante*, e seu papel incluía supervisionar a segurança.

Nunca havia problemas na casa de jogos de Ben. Ninguém ousaria perturbar o exército de capangas bem pagos que patrulhava o local sob o olhar atento de Joe.

— Consegue reunir alguns dos rapazes para um pequeno passeio? — perguntou Ben ao homem.

Um sorriso bastante aterrorizante se abriu no rosto do sujeito e Will sentiu a pele se arrepiar com desconfiança.

— Sim, acho que consigo, Ben. Já faz um *bão* tempo *desda* última vez que *tivemu* uma diversão *dessa*.

Ben resmungou e assentiu em concordância. — É verdade, mas se você contar algo para Dinah, vai se arrepender.

O semblante de Joe ficou sombrio. — Como se eu fosse *fazê* isso, mas *pensano* bem, pode *sê melhó* se *ocê ficá* em casa. Agora *ocê* tem um bebê pra *tomá* conta, *num é*?

O irmão de Will lançou um olhar de desgosto na direção do homem, a quem se referia como seu sogro – para desconforto de Will.

— Vou fingir que você nunca disse isso. A ideia é ir com tudo, Joe. Esse homem é provavelmente um criminoso desprezível, e quando ele perceber que deu um passo maior do que a perna, não vai fazer novas chantagens.

Joe assentiu em entendimento, com uma expressão pensativa nos olhos. — Bem, nesse caso...

Ben assentiu, sorrindo para ele. — Concordo. Hora de cobrar um favor.

— Para onde diabos estamos indo? — exigiu saber Will, olhando ao redor com apreensão enquanto saía da carruagem. Certamente não era Mayfair.

Eles aguardaram o menino da tocha de Ben dar um passo à frente, segurando uma tocha ao alto para que pudessem ver o caminho, embora ao observar a sujeira sob seus pés, Will preferisse que ele não tivesse se dado ao trabalho.

Ben avançou, ignorando a indignação de Will, mas ele agarrou o braço do irmão.

— Diga a verdade, Ben, o que estamos fazendo aqui? Isso é um antro de ladrões, pelo amor de Deus. Teremos sorte se não formos esfolados vivos.

Ben apenas sorriu para ele e deu um tapinha no seu ombro. — Calma aí, meu velho — disse ele, como se estivesse acalmando uma criança birrenta. — Não há necessidade de parecer que está sentado sobre pregos, estaremos bem seguros.

— Seguros? — retrucou Will, indignado, enquanto três mulheres se aproximavam deles. Elas tinham uma aparência suja e despenteada, com uma grande quantidade de pele à mostra, os seios quase expostos.

— Boa noite, cavalheiros, tão *procurano* alguma coisa? Uma diversão menos requintada, talvez?

As mulheres os examinaram de cima a baixo com evidente aprovação e Ben se virou para Will. Ele deu uma olhada na expressão horrorizada que Will sabia que devia estar estampada em seu rosto e soltou uma gargalhada.

— Esta noite, não, senhoritas, obrigado — disse Ben, lançando uma moeda em sua direção antes de puxar o braço de Will e arrastá-lo em direção a um grande edifício de tijolos que parecia um armazém.

— Se sairmos disso vivos, vou te matar, Benjamin — resmungou Will, enquanto seguia seu irmão mais novo.

— Oh, veja só, agora é Benjamin, huh? Agora, eu sei que estou encrencado.

Will cerrou os dentes, recusando-se a ser o alvo das piadas de Ben. Ele sabia o quanto o sujeito o considerava um velho rabugento sem senso de humor.

O prédio estava movimentado, mesmo a esta hora da noite, com lâmpadas acesas para iluminar o espaço cavernoso. Longas mesas de cavalete, cheias de tecidos de todos os tipos e cores, pareciam conter uma grande parte do estoque. Will lançou um olhar curioso para o irmão enquanto Ben os conduzia mais para dentro e em direção a uma estreita escada de ferro.

— Lorde Blackehart está envolvido em muitos tipos de negócios — disse Ben, sorrindo um pouco.

Will franziu a testa, tentando lembrar-se do nome. — Blackehart? — repetiu ele. — Não me lembro desse nome. De onde é a família?

Ben bufou, rindo enquanto subiam as escadas. — Lorde é mais um... é... um título honorário.

Ele revirou os olhos ao ver a expressão de incompreensão no rosto de Will e suspirou. — O sujeito nasceu em um orfanato, Will, não tem família. Ele é conhecido como Lorde Blackheart porque controla a maioria dos residentes de Londres, digamos, os fora-da-lei.

Will parou no meio da escada. — Quer dizer que esse sujeito é...

— Um grande trapaceiro? — completou Ben para ele. — Um mafioso? Oh, sem dúvida, mas eu tomaria cuidado para não falar de forma desrespeitosa, se estivesse no seu lugar, meu velho. Você deve tratar um homem como Blackehart com respeito se quiser sair da propriedade dele do mesmo jeito que entrou.

— Meu Deus do céu — disse Will, com a voz fraca. — Onde diabos você nos meteu?

Ben apenas sorriu para ele, balançando a cabeça. — Ah, não fica com essa cara tão apavorada. Ele sempre me tratou muito bem e me deve um favor. Estamos perfeitamente seguros, desde que você não comece a ofendê-lo.

Com esse conselho sábio ressoando em seus ouvidos, eles chegaram ao próximo andar, e Ben os levou até uma porta ladeada por dois homens, cada um do tamanho de um touro premiado.

— Lorde Lancaster para ver o Sr. Blackehart.

O capanga à esquerda lançou um olhar suspeito para Will, que fez sua pele se arrepiar com alarme.

— Meu irmão — apresentou Ben, com um sorriso fácil. — O Marquês de Henshaw.

O capanga não demonstrou a mínima reação e Will se perguntou se Blackehart estava acostumado a ter a nobreza entrando e saindo de seu escritório. Pelo visto, sim. O homem do tamanho de um touro desapareceu dentro do escritório e, um momento depois, a porta foi aberta para eles, o sujeito fazendo um gesto com a cabeça em convite.

Ben entrou, e, sem outra opção, Will o seguiu em seu encalço.

Luther Blackehart fazia os homens que guardavam sua porta parecerem frouxos. Para a irritação de Will, o sujeito não se levantou quando entraram, mas achou melhor não comentar sobre isso. Mesmo sentado em uma cadeira, era óbvio que o homem seria muito mais alto que eles, e ele e Ben não eram exatamente homens baixos.

Ele estava fumando um charuto, com os olhos escuros observando-os sem sinais óbvios de curiosidade. Era evidente que ele tinha levado uma vida violenta devido à feia cicatriz que marcava o que poderia ter sido um rosto atraente. A cicatriz repuxava seu olho direito e lhe dava a aparência de um homem que cortaria sua garganta se você espirrasse de uma maneira que ele não gostasse.

— Blackehart — disse Ben, sorrindo para o sujeito e estendendo a mão.

O olhar de Blackehart deslizou para Will, mas ele colocou o charuto na boca e apertou a mão de Ben.

— A que devo o prazer? — disse ele, com o charuto ainda preso entre os dentes, sua voz um som profundo e retumbante no ambiente silencioso.

— Você me deve um favor, se não me engano — respondeu Ben, indo direto ao ponto.

Will estava curioso sobre como um homem como Blackehart poderia dever algo a Ben, mas decidiu que preferia não saber. Já tinha coisas suficientes para mantê-lo acordado à noite.

— Acontece que meu irmão trouxe até mim uma situação que precisa ser resolvida, então pensei em usar o favor.

Will observou, com apreensão, Blackehart retirar o charuto da boca. Ele soprou uma nuvem de fumaça azulada para a sala, observando Will com uma expressão impassível que o fazia sentir-se claramente deslocado.

— O Marquês de Henshaw — disse ele, ponderando, com um leve traço de humor em sua voz. — Estou honrado.

Com crescente irritação, Will decidiu que o homem não parecia nem um pouco honrado. Havia desdém em seus olhos. Will cerrou os dentes.

— O que preciso fazer Qual é a pendência? — perguntou ele, depois de escutinar Will por tempo suficiente para fazê-lo saber que o homem estava avaliando-o.

— Chantagem.

Blackehart assentiu para a explicação bastante breve, mas elucidativa de Ben.

— Exposição por alguns feitos nefastos? — perguntou Blackehart, com um leve arqueamento de uma sobrancelha espessa e escura. — Assassinato? Adultério? Fraude? — O homem disse cada palavra enquanto olhava para Will, como se estivesse experimentando o efeito que causariam.

— Desculpe, pode repetir? — explodiu Will, seu temperamento superando o bom senso.

Blackehart sorriu, como se estivesse satisfeito com isso, e então disse: — Sodomia.

— Sim — respondeu Ben, parecendo estar se divertindo bastante.

— Não! — disparou Will, enquanto suas bochechas coravam. Por Deus, ele faria seu irmão pagar por isso.

— E então, é qual? — indagou Blackehart, com um tom ameno.

— É... é por crimes dessa natureza — admitiu Will, forçando as palavras com dificuldade. — Mas não estão chantageando a mim.

— Ah — murmurou Blackehart, agora assentindo. — Seu amante, então?

Will abriu a boca, chocado e horrorizado demais para formular uma resposta imediata. Ben fez isso por ele.

— Oh, bom Deus, Will, acalme-se. Você vai sofrer um ataque de apoplexia se continuar assim. Não, Blackehart, é um amigo da esposa dele que está em apuros. Meu irmão está aqui por causa dela e a pedido dela para salvar alguém de quem ela gosta.

Fechando a boca, Will cerrou os punhos enquanto Blackehart inclinava a cabeça para um lado.

— Se é o que você está dizendo... — disse o homem, deixando Will furioso com o tom claramente cético. — No entanto, se mudar de ideia, tenho um clube muito exclusivo, se precisar de um lugar

seguro e, é... discreto para se encontrar. É muito mais seguro dessa forma.

Antes que sua mente pudesse acompanhar sua fúria, Will deu um passo em direção ao homem, apenas para se deparar com Ben, que se colocou na frente dele e segurou seu braço.

— Acalme-se, Will. Não faça nada estúpido, eu imploro.

— Você ouviu o que ele disse? — disse Will entredentes, sem se importar que o homem parecesse o próprio diabo.

— O que eu disse? — exigiu saber Blackehart, com um tom um pouco mais firme agora. — Eu apenas fiz um convite caso você precise. Não quis ofender.

— Você insinuou, senhor — começou Will, enquanto Blackehart se levantava de repente. Para sua consternação, ele descobriu que o homem era ainda maior do que imaginara. Will nunca se sentiu pequeno na vida, geralmente sendo o mais alto em qualquer ambiente, mas agora...

— E daí? — disse Blackehart.

Will o encarou, percebendo que o homem realmente não teve a intenção de ofender, baseado na expressão em seus olhos. — Eu não preciso de tal convite, *obrigado* — respondeu Will, mantendo a voz calma, com dificuldade.

Blackehart bufou. — Bom para você — disse ele, com um pouco de desdém, enquanto colocava o charuto de volta na boca. Ele se sentou novamente e fez um gesto para que se sentassem. — Melhor fornecer os detalhes então. Quem está sendo chantageado?

— Erasmus Ponsonby — disse Ben, e Will notou, com surpresa, o reconhecimento nos olhos do homem.

— O artista? — disse Blackehart, agora interessado. Ele talvez tenha notado a surpresa na expressão de Will, pois o desdém voltou ao seu rosto. — Sim, milorde, este brutamontes aqui aprecia arte.

Blackehart se inclinou para frente, voltando sua atenção para Ben, o que irritou ainda mais Will. — Certo — disse ele, assentindo

brevemente. — Eu vou cuidar disso. Onde e quando?

Will pegou seu relógio e o observou com cuidado. Os ponteiros pareciam ficar embaçados e oscilar, e ele estreitou os olhos, tentando enxergar. Passava da meia-noite. Que ótimo. Aquele maldito Blackehart já deveria ter resolvido o problema de Erasmus. Que bom para ele.

Will deslizou a mão pela mesa e pegou o conhaque, servindo mais em seu copo, embora, naquele momento, ele não visse motivo para continuar usando o copo. Poderia muito bem beber direto da garrafa.

Nunca esteve tão bêbado em toda a sua vida.

Após aquela entrevista infernal com o bandido de quinta categoria que o insultara, Will teve uma discussão acalorada com Ben na carruagem a caminho de casa. Foi acusado de ser um moralista e de ter um pau enfiado no... bem, como sempre, Ben tinha sido eloquente.

Queria voltar para casa imediatamente, para estar com Selina e fazer as pazes com ela. Sentia tanto a falta dela que estava enjoado, ou talvez fosse o conhaque? Will balançou a cabeça, embora não houvesse falado em voz alta. Não. Estava com o coração partido, sofrendo de desejo e arrependimento, e não sabia como consertar as coisas.

Não podia voltar ainda. Não até saber que o problema de Ponsonby tinha sido resolvido. Pelo menos, se lhe dissesse isso, ela talvez ficasse menos zangada com ele.

Will tomou outro gole de conhaque, sabendo que veria as consequências disso na manhã seguinte, mas completamente incapaz de encontrar a determinação suficiente para se importar. Estava em seu clube, afinal de contas. Era bastante seguro, embora, sem dúvida, as pessoas pudessem comentar ao vê-lo bêbado. E daí? A ideia parecia estranha, algo que deveria trazer-lhe alarme e horror e

fazê-lo se levantar rapidamente... mas estava muito infeliz para se importar.

Desolado, cansado e confuso, colocou a cabeça nos braços e fechou os olhos.

— Pelo amor de Deus, Henshaw, você está bêbado como um gambá.

Will não sabia há quanto tempo estava dormindo quando a voz chegou até seu cérebro lento. Não conseguia distinguir bem as palavras e afastou a grande mão que parecia tentar acordá-lo.

— Vá embora — murmurou, tentando voltar a dormir.

— Acho que não, velho amigo — disse a voz, para irritação de Will. — Acho que alguém deveria garantir que você chegue em casa em segurança.

Will gemeu. A mesa parecia perfeitamente confortável; não via necessidade de se mover.

— Vamos lá, levante-se.

Para sua indignação, Will se viu sendo levantado do assento, com o braço apoiado sobre um ombro poderoso. Piscando e com a visão turva, encarou a figura nebulosa ao seu lado, com uma impressão vaga de um homem grande de cabelo ruivo.

— Ponsonby? — disse ele, confuso agora.

— Sim, em pessoa — concordou o homem, soando bastante amigável. — E parece que estou consideravelmente em dívida com você, milorde. Então, vamos começar levando você para casa, está certo?

Casa e Selina agora pareciam estar interligadas, e a ideia de vê-la, de dizer o quanto sentia muito, tomou conta dele. Ele assentiu.

— Casa — concordou. — Ir para o castelo.

Ponsonby bufou. — Eu estava pensando naquele maldito mausoléu seu em Grosvenor Square, para ser honesto. Você não está em condições de uma viagem tão longa, além disso, acho que você precisa se recuperar antes de ver Selina.

Will balançou a cabeça, de repente atordoado de tristeza. — Quero ir para casa — disse, com a voz lamentosa. — Preciso de Selina, preciso... dizer que sinto muito. Que sinto muitíssimo.

Ele balançou a cabeça, tentando ao máximo colocar um pé na frente do outro enquanto Ponsonby o conduzia em direção à porta.

De algum modo, ele foi colocado dentro de uma carruagem e se recostou no assento com um gemido. Ele suspirou, a dor em seu coração ficando mais pesada a cada momento que passava. Tudo o que ele podia ver era o rosto adorável de Selina, seus olhos cheios de lágrimas enquanto ela lhe dizia que ele não sabia nada sobre amor. Suas palavras ecoavam em sua mente e ele não conseguia se livrar delas. Lágrimas se formavam em seus olhos e ele estava vagamente ciente de que o grande escocês o observava. Ele esfregou o rosto com a manga, evitando seu olhar.

— Você é um homem de sorte, Henshaw, por ter se casado com uma mulher como Selina Darling.

A voz do homem estava carregada com algo que Will não conseguiu decifrar, mas sentiu uma pontada de ressentimento. O idiota achava que ele não sabia disso?

— Eu sei — disse ele, com a voz ríspida. — Ela, no entanto, fez um mau negócio. — Will suspirou, seus ombros se curvando enquanto ele olhava para as figuras escuras das ruas de Londres passando pela janela.

— Como assim?

Havia interesse na voz de Ponsonby e Will balançou a cabeça, muito infeliz para considerar se deveria discutir as coisas com o homem à sua frente.

— Ela é... — Começou ele, incapaz de encontrar palavras para descrever sua adorável esposa. — Ela é sinônimo de vida e alegria e tudo que é livre. Selina é como um pássaro, um pássaro vibrante e colorido, e eu fechei a porta de sua gaiola — acrescentou ele, com um tremor na voz.

Do assento oposto, Ponsonby bufou. — Meu Deus, homem, prometa-me que nunca irá se aventurar na poesia.

Will deu uma risada amarga, sem se ofender nem um pouco. Sabia que não tinha talento com as palavras; esse era apenas metade do problema. Além disso, o homem não havia dito isso de forma cruel. Na verdade, ele soava quase simpático.

Will olhou para cima enquanto o sujeito vinha e se sentava ao seu lado na escuridão da carruagem.

— Você a ama? — perguntou Ponsonby a Will, com curiosidade na voz.

Will assentiu.

— Sim, mais do que tudo. — Ele viu a surpresa nos olhos de Ponsonby e deu uma risadinha de diversão. — Eu sei — disse ele, horrorizado ao perceber o quanto suas palavras estavam emboladas, mas prosseguindo, de qualquer maneira. — Você pensou que eu era frio demais para amar alguém. Eu também pensei isso, se você quiser saber a verdade. Achei que havia me casado por dever, porque era o certo a se fazer, o honroso...

Will ficou em silêncio, mas seu companheiro de viagem não disse nada, ele se enrolou na própria confissão. Por que, ele não sabia, apenas sentia que era bom compartilhar sua infelicidade com outra pessoa.

— Eu estava mentindo para mim mesmo o tempo todo — disse ele, com a voz baixa e amarga. — Eu me casei com ela porque a queria. Eu ainda a quero, acima de qualquer coisa, inexplicavelmente...

— E isso te assusta — adivinhou Ponsonby, o entendimento em sua voz agora inconfundível.

Will assentiu.

Ponsonby suspirou, e Will olhou para ele com uma expressão de confusão.

— Você entende — disse ele, curioso agora.

Um sorriso suave surgiu na boca do homem. — Sim — disse ele, com um tom melancólico agora. — Sim, eu entendo, sim.

Ele olhou para Will, e de repente seus olhos ficaram mais sérios. — Suponho que você me despreze por isso?

Will considerou essa pergunta. Seu cérebro estava embriagado pelo conhaque e talvez isso permitisse a honestidade com a qual se permitiu pensar sobre isso. Pela primeira vez, ele não se importou com o que a sociedade poderia dizer, não pensou no que havia sido ensinado a acreditar, apenas considerou para si mesmo.

Pensou nas palavras que Selina havia dito para ele em sua angústia e percebeu que ela havia falado a verdade.

Quem se importava se Ponsonby amava Rupert Drake? Isso machucava alguém? Provavelmente só a ele mesmo. Erasmus Ponsonby teria sido arruinado pelo escândalo. Poderia ter sido ridicularizado. Poderia até ter sido enforcado. Por que um homem que tinha riqueza e fama e posição arriscaria tanto, se não por amor?

Ocorreu a Will, pela primeira vez desde que ele era um jovem com esperanças e sonhos tão inocentes, que o amor realmente era a coisa mais importante de todas. Ele havia sido tolo e ingênuo, sim, mas também havia sido muito mais sábio do que o homem em que se tornara. Will havia permitido que as circunstâncias, a dor e a humilhação arruinassem seus ideais. Havia sido fraco demais para defendê-los.

Não mais.

Se você tem amor e esse amor é correspondido, deve ser celebrado. Deve ser agarrado com ambas as mãos.

— Não — disse ele, após um longo silêncio.

Ponsonby olhou para ele, surpreso, talvez pensando que ele havia se recusado a responder sua pergunta.

— O quê?

— Não — repetiu Will, com um tom mais firme agora. — Eu não desprezo você. Eu... eu não posso dizer que entendo, mas também

não é da minha conta. Se você o ama... — Will deu de ombros, desconfortável demais para elaborar, mesmo bêbado.

Ele viu um sorriso surpreso surgir no rosto de Ponsonby.

— Meu Deus — disse ele, com a voz fraca, mas o homem ficou sério de repente, olhando para Will. — Perdoe-me, Henshaw. Acho que te julguei mal. Eu pensava...

— Você achava que eu era um moralista. Um moralista inglês sem coração — completou Will, com um sorriso torto. Ele suspirou e olhou pela janela. — Você estava certo. Como Selina descobriu às próprias custas.

Ele ouviu um som de diversão e olhou ao redor, vendo Ponsonby observando-o com interesse.

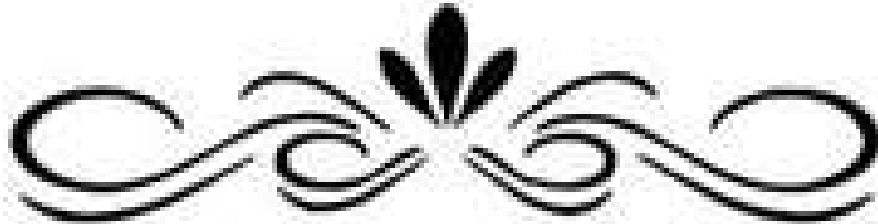
— Sabe, acho que isso não é verdade — ponderou Ponsonby, agora pensativo.

A carruagem parou abruptamente e Ponsonby deu um tapinha em seu ombro. — Aqui estamos, então. Melhor te levar para dentro antes que você acabe vomitando, huh?

Will gemeu, mas não podia negar a possibilidade.

Capítulo 23

"No qual amigos e anjos da guarda surgem em todas as formas e disfarces."



Will sentou-se na cama enquanto seu estômago se revoltava.

— Oh, Deus — murmurou ele, agarrando a cabeça.

Ele se sobressaltou com o movimento vindo da cadeira no canto. A visão chocante de Erasmus Ponsonby em seu quarto de manhã cedo, apenas com a camisa, foi quase o suficiente para fazê-lo recuperar a sobriedade. Quase, mas não completamente.

Seu estômago se revirava, e Erasmus empurrou a tigela para suas mãos a tempo.

Will nunca havia estado tão doente em toda sua vida. Ele estava tão mal que aceitou a ajuda de Erasmus, sem hesitar. Enquanto se deitava de volta na cama, tinha a sensação de ser tão murcho e sem vigor quanto uma alface velha, ele sentia uma leve mortificação ao ver Erasmus levando a tigela repugnante.

Ele não trouxe Button consigo, pois o velho não tinha condições de viajar, e Will pensou em cuidar de si mesmo por um ou dois dias. Afinal, ele era perfeitamente capaz disso. Só que agora se arrependia. Button saberia o que fazer para deixá-lo confortável.

Só que parecia que Ponsonby também sabia.

Os olhos de Will se abriram, desperto de seu sono agitado, ao ser coberto com um pano frio na testa.

— Desculpe acordá-lo, velho amigo, mas acho que é melhor você beber isso.

Will olhou, com desconfiança, para o copo com a mistura horrenda que o homem segurava, e Ponsonby riu.

— Eu não vou envenenar o homem que acabou de salvar a minha pele, eu garanto.

Não se sentindo muito confortado, Will estendeu a mão para pegar o copo, mas Ponsonby o retirou de seu alcance por um momento.

— Um aviso. Não cheire, apenas beba de uma vez. Certo?

Franzindo um pouco a testa, Will pegou o copo e fez o que lhe foi dito.

— Maldição! — exclamou ele, enquanto a mistura repugnante atingia seu estômago maltratado.

— Bom, não? — disse Ponsonby, sorrindo para ele e sentando-se na beira da cama. Ele parecia extraordinariamente orgulhoso de si mesmo.

— *Bom* não é exatamente a palavra que eu estava pensando — disse Will, soando um pouco ríspido. — Só acabe logo com isso, por favor. Seria mais gentil da sua parte.

— Ah, nada disso — repreendeu o homem. — Essa é a receita da minha avó. Nunca falha. Além disso, você quer reconquistar a sua linda esposa, não quer?

Will fechou os olhos e suspirou. — Eu estraguei tudo, Ponsonby. Não sei por onde começar.

— É bem simples — disse o camarada, com um tom baixo e divertido.

Will abriu os olhos novamente. — Como assim?

— Perdoe Archie.

Ponsonby suspirou e revirou os olhos, interpretando corretamente a expressão de revolta de Will e sua relutância em fazer qualquer coisa do tipo.

— Archie não fez mal a você. Ela não quis te humilhar, nem intencionalmente te enganar. A verdade é que ela... ela passou por um momento difícil. Ela não confia em ninguém, nem deixa ninguém chegar perto, mas te deixou. Ela sente muita falta da sua amizade. Sei disso.

Will franziu a testa, sem saber o que dizer. Archie o *tinha* humilhado. Embora as circunstâncias fossem diferentes, o resultado foi o mesmo que ouvir seu pai rindo das suas primeiras tentativas desajeitadas de fazer amor com a prostituta que ele havia contratado. Ele se sentia mortificado, ferido e traído da pior maneira possível.

Só que Ponsonby tinha razão. Archie não teve intenção de magoá-lo. Ele sentia que isso era verdade e, ainda assim... como ele poderia ser amigo de uma criatura tão... tão estranha? Ele *seria* motivo de chacota!

— Não é tão fácil — respondeu Will, desejando que seu estômago parasse de se revirar de náusea.

Ponsonby lançou um olhar severo para ele. — Não vou insistir nisso, então não espere que eu te convença, mas vou te dizer o seguinte: Você prefere que algumas centenas de pessoas pensem bem de você, a maioria das quais você provavelmente não suporta, ou que têm escândalos muito piores em suas próprias vidas, ou ter seu amigo de volta?

Will franziu a testa. Soava tão simples quando dito dessa forma.

— Pense nisso, ouviu? — disse Ponsonby. Ele pegou o pano na cabeça de Will, torcendo-o em água fria e substituindo-o.

Com um suspiro de alívio, Will fechou os olhos novamente.

— Descanse — disse seu improvável anjo da guarda. — Podemos conversar mais quando você se sentir melhor.

Will acordou novamente no final da manhã, e para sua surpresa, eles realmente conversaram. Ponsonby, ou Erasmus como ele insistia que Will o chamasse, era bastante fácil de conversar.

Ele dificilmente se chocaria com qualquer coisa que Will dissesse, afinal. Isso era bastante libertador.

Ponsonby falou sobre muitos assuntos. Livros e poesia e sua própria arte, o que Will achou fascinante e desejou estar mais apto a discutir. Talvez quando sua cabeça parasse de latejar.

Por fim, porém, a conversa voltou para Selina.

— Você acha que... se eu perdoasse Archie, Selina também poderia me perdoar?

A voz de Will era hesitante, mas ele foi reconfortado pelo aceno de certeza que Erasmus lhe deu.

— Acho que sim. Ela sabe o quão difícil será para você reivindicar essa amizade em público. Isso mostraria a ela que você quer mudar, que aceita que precisa mudar.

— E se eu não quiser? — desafiou-o Will, sem motivo justificável, a não ser pelo fato de se sentir desolado e tolo.

Os olhos de Erasmus se tornavam sombrios. — Tenho uma dívida com você, Henshaw, uma enorme dívida, mas juro por Deus que se você machucar Selina, eu o matarei com minhas próprias mãos.

Will resmungou. — Eu deixaria você fazer isso antes de ter que suportar ver a dor nos olhos dela novamente.

O colchão afundou quando o enorme Erasmus se sentou na beira da cama de Will.

— Conserte isso, seu idiota — disse ele, olhando para Will, e embora as palavras fossem bastante duras, havia simpatia em sua expressão. — Eu sei como é sentir-se fora de controle, sentir que está sendo forçado a algo que você não quer, algo que te assusta, mas ignorar isso fará com que ambos permaneçam infelizes. Conserte isso, não importa o que custe. Mude, se necessário. Nada é perfeito, você não será, e ela também não será, mas vocês podem se perdoar por serem falíveis, eu acho.

Will engoliu em seco, sabendo que Erasmus estava falando sobre Rupert e sentindo uma onda de vergonha por ter acreditado que os

sentimentos do homem eram perversos e pervertidos. Não havia nada de vergenhoso na sinceridade que brilhava em seus olhos.

— Eu acho que há um sujeito bastante decente escondido por trás desse exterior frio, Henshaw. Pelo amor de Deus, deixe a pobre garota ver isso.

Com uma risada relutante, Will assentiu. — Eu farei isso, eu prometo e... obrigado, Erasmus. Você não precisava fazer tudo isso.

Erasmus lhe deu um sorriso pesaroso. — Sim, eu precisava, mas fiquei feliz por poder fazê-lo. Além disso — acrescentou ele, dando a Will um sorriso travesso —, Rupert vai ficar morrendo de ciúmes de eu estar aqui. Ele acha você um diabo encantador.

Will sentiu o rubor subir pelo pescoço e queimar suas bochechas enquanto Erasmus dava uma risada.

Houve uma comoção do lado de fora da porta e a voz alegre de seu irmão chegou aos ouvidos de Will.

— Não, não se preocupe, eu assumirei a culpa por acordá-lo.

Ben entrou no quarto, depois de lidar com as objeções do mordomo, e parou de repente. Seus olhos se arregalaram ao ver Erasmus sentado na cama de Will, e sem dúvida o rubor no rosto dele, que agora parecia estar em chamas.

— Eu... é... posso voltar mais tarde — disse seu irmão, parecendo desconfortável e prestes a sair pela porta que tinha acabado de entrar.

— Não! — gritou Will, e então desejou não ter feito isso, pois sua cabeça doía intensamente. Ele agarrou-a firmemente enquanto Erasmus dava uma risada e se levantava.

— Não há necessidade, Lorde Lancaster — disse ele, com um tom seco. — Garanto-lhe que a honra de seu irmão ainda está totalmente intacta, e eu estava prestes a sair.

Ele se voltou para Will, seu rosto iluminando-se com diversão, mas com um olhar mais caloroso e bastante amigável. — Lembre-se do que eu disse, hein?

Will soltou um suspiro e assentiu. — Eu vou lembrar. Você tem minha palavra.

Erasmus estendeu a mão e apertou a de Will antes de sair, fechando a porta atrás de si.

Will olhou para Ben, que o observava com evidente curiosidade. — Nem pense nisso — resmungou ele, agora com um tom seco. — Eu estava bêbado, e ele me trouxe para casa.

— E passou a noite? — acrescentou Ben, com um tom ameno enquanto se sentava na cadeira onde Erasmus havia dormido.

— Ele estava preocupado comigo — respondeu Will, sentindo-se estranhamente desafiador. Ele suspeitava que Ben estivesse apenas provocando-o, mas e daí? Não era da conta do homem.

Para sua surpresa, Ben se inclinou para frente, com preocupação nos olhos. — Ele tem motivo para se preocupar com você, Will? Você está bem?

Will hesitou, com a rápida resposta na ponta da língua morrendo diante da preocupação na expressão de seu irmão.

— Não — admitiu ele, a confissão não sendo tão difícil de fazer quanto ele imaginara, não na frente de Ben. — Não, eu não estou. Você estava certo. Eu tenho sido o maior idiota puritano do mundo. Arruinei tudo, Ben, principalmente meu casamento. Mas eu vou consertar isso, nem que seja a última coisa que eu faça.

O sorriso que havia feito mulheres por toda Londres caírem aos pés do homem se espalhou pelo rosto encantador de seu irmão.

— Bem, graças a Deus por isso — disse Ben, sorrindo. — Já estava mais do que na hora.

Will andou de um lado para o outro no escritório, com os nervos à flor da pele. Era ridículo estar tão ansioso, mas ele descobriu que estava mesmo assim.

O som da porta da frente se abrindo e o mordomo da cidade saudando seu convidado podia ser ouvido através da porta do

escritório. Will aproveitou o momento para ajustar sua gravata e puxar o caimento de sua jaqueta, certificando-se de que tudo estava arrumado e alinhado quando a porta se abriu e seu mordomo trouxe seu convidado para dentro.

— A Sra. Archibald está aqui para vê-lo, milorde.

Will se surpreendeu, sem conseguir dizer uma única palavra ao ver a pessoa diante dele enquanto o mordomo fechava a porta.

Archie estava diante dele, exceto que não era Archie de forma alguma. Era uma jovem, com uma aparência pálida e insegura. O vestido era um pouco grande demais para sua figura magra, embora Will percebesse que ela era alta para uma mulher. Era extremamente estranho vê-la assim e Will descobriu que ela era bonita, mas de uma maneira um tanto masculina e andrógina. Ela tinha membros longos e angulosos que não se ajustavam às dobras suaves do vestido, e parecia bizarro e errado vê-la usando-o.

Ela ficou ali, fazendo movimentos impacientes, parecendo não saber o que fazer com as mãos, ou se devia sentar ou ficar em pé. Archie nunca havia demonstrado indecisão antes. Archie exalava confiança e bom humor.

— Bom dia, Lorde Henshaw — disse ela, após um silêncio constrangedor, fazendo a mais desajeitada reverência que Will já tinha visto.

Will sentiu seu coração se apertar no peito ao perceber que ela havia feito isso por ele. Ela vestiu aquele maldito vestido para não o deixar desconfortável, mas ele descobriu que estava desconfortável *porque* ela estava usando-o. Ele estava muito mais desconfortável enfrentando Archie assim, quando tinha certeza de que ela se sentia constrangida. Isso estava evidente em cada detalhe de sua postura.

— Que diabos é esse vestido, Archie? — indagou ele, sem saber como prosseguir.

Os olhos dela se arregalaram e ela corou, abrindo a boca em choque antes de dar uma risada assustada. — É... é horrível, não é?

— disse ela, puxando as saias do vestido como se quisesse apresentá-lo a ele.

— Horrível — concordou Will. — Nunca mais use isso na minha presença.

Archie respirou fundo e então riu novamente, sorrindo para ele. Ela deu um passo apressado para mais perto e então parou, como se não soubesse o que fazer ou dizer em seguida.

— Milorde, eu...

— Pelo amor de Deus, meu nome é Will, como você bem sabe. Pare de me chamar de *milorde*.

Se fosse possível, o sorriso dela teria se expandido ainda mais, com seus olhos resplandecendo de alegria, e Will sentiu algo se tranquilizar em seu peito.

— Que se dane, Archie, vá e se troque, por favor? Volte quando estiver devidamente vestida, e podemos tomar um drinque. Acredito que ambos precisamos.

Ela ficou ali por um momento, olhando para ele com um sorriso estúpido no rosto e lágrimas nos olhos. Correndo em direção a ele, surpreendeu-o ao se aproximar e beijar sua bochecha.

— Eu juro que nunca mais vou te beijar novamente, Will, mas... mas estou tão feliz, você não faz ideia.

Will resmungou e balançou a cabeça, fez um gesto com a mão, indicando que ela deveria sair. — Saia, criatura tola. Quero ver Archie. Senti falta dele... dela — corrigiu ele, franzindo a testa com isso.

Archie riu, soltando uma gargalhada diante de sua confusão. — Oh, pare de pensar tanto, Will, você vai acabar com dor de cabeça.

Com isso, ela saiu apressada do cômodo e Will riu, seu coração um pouco mais leve agora. Se apenas ele pudesse resolver as coisas com Selina com tanta facilidade, a vida seria perfeita.

Se o mordomo reconheceu Archie quando ela voltou uma hora depois, ele era treinado demais para comentar sobre isso. Ainda bem,

pensou Will, pois qualquer um que a tratasse mal teria que se explicar para ele. Tendo decidido que Archie era sua amiga, independentemente do que os outros pensassem, ele sentiu-se repentinamente protetor em relação a ela. Muito embora ele mantivesse isso para si mesmo, suspeitando que ela ficaria revoltada se soubesse.

Agora, ele a olhava, vestida com calças e um casaco sob medida. Ela estava sentada na cadeira oposta à sua, com uma perna relaxadamente sobre o joelho, um copo de conhaque em uma mão e um charuto na outra. Qualquer um que a visse veria um jovem, magro e talvez um pouco bonito, mas nada de extraordinário. Mas aquela gravata... Will franziu a testa.

— Vou ter que te ensinar a amarrar a gravata adequadamente — disse ele, balançando a cabeça. — Afinal, o que diabos é isso?

Archie abaixou a cabeça, tentando olhar o artigo ofensivo e depois respondeu com uma expressão ferida. — É o nó matemático — disse ela, com um tom um pouco ácido.

Will resmungou. — Não é mesmo.

Ele riu enquanto Archie o olhava com raiva e eles ficaram em silêncio.

— O que você vai fazer, então?

Will olhou para cima, arrancado dos pensamentos sobre Selina quando Archie o trouxe de volta ao presente.

— Não tenho a menor ideia.

O que *ele* ia fazer? Como iria reparar todas as coisas horríveis que dissera e a maneira insensível com que a excluía de sua vida?

A ideia, quando lhe ocorreu, era surpreendente e tão óbvia que ele quase riu. Na verdade, um sorriso lento se espalhou por seu rosto e ele percebeu que estava radiante.

— Você teve uma ideia! — exclamou Archie, inclinando-se para frente em sua cadeira. — Conte-me!

— Eu tive — disse Will, levantando-se e pegando uma folha de papel e um lápis antes de se sentar novamente. — E vou precisar de sua ajuda.

Archie parecia satisfeita com isso e um pouco orgulhosa também. — O que quiser, Will.

O semblante dela entristeceu de repente, seu prazer desaparecendo, substituído por uma expressão de culpa tão grande que Will franziu a testa para ela.

— Foi tudo culpa minha que as coisas tenham dado errado entre vocês dois. Eu faria qualquer coisa para ver vocês juntos novamente. Vocês foram feitos um para o outro; qualquer tolo pode ver isso.

Will bufou, não sabendo qual observação abordar primeiro. — Para começar, você não teve culpa alguma — disse ele, erguendo a mão para silenciá-la quando ela tentou interrompê-lo. — Sim, você deveria ter me contado a verdade, mas... mas eu entendo perfeitamente por que você não o fez. Eu nunca teria te dado uma chance e ambos sabemos disso. Tudo que aconteceu desde nosso primeiro encontro, no entanto, é inteiramente culpa minha. Eu tenho sido...

Ele soltou um suspiro, esfregando a mão sobre o rosto e sentindo-se cansado. A ressaca tinha passado, mas ele se sentia fatigado e desgastado, doente de solidão pela esposa.

— Tenho sido um idiota.

— Isso nos faz dois então — disse Archie, com um sorriso irônico.

— Sim. Faz, mas não mais.

Will empurrou o papel e o lápis para as mãos de Archie, sorrindo com o olhar perplexo dela.

— Você, minha amiga, vai escrever para mim uma lista de todas as pessoas mais glamorosas e escandalosas de toda Londres.

— E-eu vou? — respondeu Archie, com um tom incerto na voz.

Com um sorriso, Will pegou os copos vazios e foi enchê-los novamente. — Sim, você vai, e então... vamos organizar a festa mais surpreendente que esta grande cidade já viu.

Capítulo 24

"No qual há surpresas... das mais maravilhosas variedades."



Selina desceu correndo as escadas e se jogou nos braços de Erasmus, abraçando-o com força antes de fazer o mesmo com Rupert.

— Oh, que alegria ver vocês dois! — exclamou ela, à beira das lágrimas. — Está tudo bem, Ras? Diga-me que você está seguro!

— Sim, seguro e bem — respondeu Erasmus, beijando o topo da cabeça dela. — Seu marido tem alguns contatos assustadores em Londres, preciso admitir, mas qualquer ação que ele tenha tomado surtiu o efeito desejado. Duvido que alguém volte a nos incomodar.

Selina piscou para ele, vendo o olhar divertido que ele trocou com Rupert e não entendendo.

— O que você quer dizer?

Rupert deu de ombros, enlaçando o braço dela no seu. — Só que Erasmus tem um protetor bastante assustador e seria necessário um homem muito corajoso para enfrentá-lo.

— Eu não quero saber, quero? — disse Selina, brincando em parte.

— Não, minha querida. — Erasmus deu a ela seu sorriso mais encantador que tinha. — Esqueça isso. Está tudo bem.

Selina suspirou, a angústia crescendo em seu peito enquanto as lágrimas ameaçavam rolar novamente. Ela parecia não conseguir detê-las desde que Will havia partido para Londres.

— Se ao menos isso fosse verdade — disse ela, apesar de seus esforços para se manter firme.

— Ah, pare com isso agora, Luna — repreendeu-a Erasmus, balançando a cabeça para ela. — Viemos trazendo notícias e não há tempo a perder, você precisa fazer as malas!

— Fazer as malas? — repetiu Selina, enxugando uma lágrima solitária e piscando para eles. — Para quê?

— Isso — disse Erasmus, com um sorriso um tanto presunçoso. — é uma surpresa. Seu marido me fez jurar guardar segredo.

Ela abriu e fechou a boca, atônita agora. — Você falou com Will?

Erasmus pegou seu outro braço e, com a ajuda de Rupert, levaram-na escada acima.

— Falei. Se depender de mim, seu marido está prestes a se tornar um dos meus amigos mais chegados.

Selina franziu a testa, virando a cabeça de um lado para o outro enquanto observava Rupert lançar um olhar severo para Erasmus, que caiu na gargalhada.

— O que diabos está acontecendo? — exigiu saber ela, completamente perdida, mas Erasmus não revelou nada, dizendo apenas que ela deveria instruir sua temida criada pessoal a fazer as malas com seus vestidos mais glamorosos, pois eles partiriam ao amanhecer.

— Will me pediu para vir a Londres, não pediu? — indagou Selina pela terceira vez enquanto Erasmus revirava os olhos para ela. — Você não está planejando algo por conta própria, *huh?*

— Não foi o que eu disse?

Selina bufou, observando a paisagem passar pelas janelas da carruagem. Ela não duvidaria que Erasmus, casamenteiro do jeito que era, tentaria juntá-los novamente, mas Selina estava cansada de correr atrás e não queria que Erasmus fizesse isso por seu marido também.

Will tinha ouvido suas palavras naquela noite. Ela lhe dissera que o amava, que não... não *poderia* deixá-lo, mas agora era a vez de ele

dar o próximo passo.

Ainda assim, ela havia prometido ser uma esposa submissa e dócil se ele ajudasse Erasmus, e ele ajudou. Pensar em se afastar de seus amigos fazia seu coração doer, e ela duvidava de que algum dia seria tão dócil e recatada quanto ele desejava, mas precisava tentar. Ela havia prometido.

— Luna!

Erasmus a trouxe de volta à realidade.

— Eu te disse, isso tudo é obra do Will, eu não fiz nada. — Seu rosto estava severo, como se soubesse que estava se complicando todo.

— Sim, você disse, mas nada do que você diz faz sentido. — Selina cruzou os braços. Por que eles simplesmente não lhe diziam o que estava acontecendo? — Você diz que Will quer fazer as pazes, que ele está com o coração partido e sentindo minha falta, e logo depois você me diz que tenho que passar a noite com papai! Se ele me quer tanto assim, por que não posso ir até ele?

Rupert suspirou e deu-lhe uma cotovelada. — Eu tinha esquecido o quanto você é impaciente, Luna. Pelo amor de Deus, tudo a seu tempo.

Selina fez beicinho, sentindo-se rebelde. Seu coração estava cheio de impaciência e esperança. Era tão inesperado que Will tivesse se tornado amigo de Erasmus, mas se ele dizia que era verdade, ela acreditava.

Será que significava que ela também não precisaria abrir mão deles?

No entanto, o irritante sujeito não lhe dizia mais nada, apenas que Will tinha uma surpresa para ela. Ele afirmou que o homem estava infeliz desde que deixou a casa e só queria o perdão dela. Selina estava mais do que disposta a concedê-lo, se isso significasse que o homem, por quem ela havia se apaixonado antes que tudo desse tão errado, voltaria a ser dela novamente.

Ela queria com todo o coração apenas acreditar em Erasmus e Rupert, mas suas esperanças foram frustradas mais de uma vez, e ela estava hesitante em nutrir novas esperanças.

Seu pai parecia feliz em vê-la, pensou ela, embora igualmente evasivo como Erasmus, e, para sua surpresa, ele se desculpou dentro de meia hora após sua chegada e desapareceu.

Selina ficou de pé na janela da bela casa em Cheyne Walk e percebeu, com um sentimento incerto no peito, que aquele não era mais seu lar. Por mais estranho que fosse, o castelo havia assumido esse lugar, apesar de ela ter sido tão infeliz na maior parte do tempo lá.

Em contraste, os dias que havia compartilhado com Will, quando tudo estava bem entre eles, foram os mais felizes de sua vida, e ela ansiava por tê-los de volta.

Ela observou seu pai correndo para a rua e subindo em uma carruagem que o esperava, e se perguntou o que diabos todos estavam tramando. Seria tudo um grande plano da parte de Will? Seu coração palpitou ligeiramente, dividido entre a animação, a esperança e a inquietação.

— Por favor — sussurrou ela, enquanto a carruagem perdia-se de vista. — Por favor, faça com que tudo dê certo.

Will franziu a testa enquanto olhava para a escrivaninha. Ela estava coberta de listas. Listas intermináveis. Sem mencionar o fluxo incessante de cartas de aceitação para seus convites.

Ele estava nervoso com isso, pois havia convidado a todos tão em cima da hora que era inevitável que conflitasse com algum evento ou outro. Um baile desse porte deveria levar semanas de planejamento e preparação. Era um milagre que eles tivessem conseguido fazer tudo em questão de dias.

Archie, é claro, havia observado que, se ele realmente quisesse organizar uma festa que seria o assunto do momento em Londres nos próximos anos, teria que falar com Darling Bertie.

E foi isso que ele fez.

Ele ficou um pouco surpreso ao descobrir que o pai de Selina não era tão desmiolado quanto ele pensava. Ah, ele claramente não tinha um pinga de bom senso quando se tratava de dinheiro, mas isso parecia mais um defeito de uma natureza excessivamente generosa do que de jogo ou qualquer tipo de vilania.

Embora Will sentisse que não poderia respeitar um homem que havia deixado a filha em uma situação tão desesperadora quanto a que Selina havia ficado, ele não podia desprezá-lo. — Bertie — disse ele.

O homem havia insistido em ser chamado assim. Ele era um sujeito simpático. Não havia dúvida sobre isso. Além de bem-humorado, estava sempre com um sorriso no rosto e contente com a vida em geral. A dedicação de Will, que estava se esforçando tanto por sua filha amada, fazia o homem irradiar de felicidade. Ele fazia tudo o que podia para ajudar.

Will olhou para cima quando Archie abriu a porta do seu escritório.

— Eu consegui! — disse ela, com uma aparência triunfante e corada enquanto se jogava em uma cadeira e lançava seu chapéu na cadeira oposta.

— Bom trabalho — disse Will, aliviado. A orquestra que ele desejava havia sido parcialmente prometida para outro cliente, mas, como esse cliente era conhecido por atrasar os pagamentos e não havia feito o adiantamento solicitado, Will esperava persuadi-los a mudar de ideia. Ele havia encarregado Archie da tarefa e a garota se saiu muito bem.

— Quanto custou? — perguntou ele por interesse, e então franziu a testa, levantando a mão antes que ela pudesse falar. — Pensando melhor, não me diga. Era algo que precisava ser feito e não me ajudará em nada saber.

— Você soa exatamente igual a Bertie — disse Archie, rindo.

Will resmungou e riscou mais nomes de sua lista.

Conde e a Condessa de Falmouth.

Duque de Ranleigh e convidado.

Lady Seymour Russell, Srta. Dorothea Sinclair e Sr. e Sra. Russell.

Duque e a Duquesa de Sindalton.

Duque e a Duquesa de Ware.

Conde de Stanthorpe e convidado.

Era bastante gratificante ver tantos nomes ilustres entre todos os artistas, atores, poetas e... só Deus sabe o que mais. Bertie havia cuidado dessa parte, deixando a alta sociedade para Will.

Ele abriu outra carta contendo as confirmações de presença do Lorde Nibley e sua esposa, e de Lorde e Lady Bright. August e Patience Bright tinham estado hospedados com os Nibleys na semana passada e, portanto, Percy aceitou em nome deles.

Mais nomes foram adicionados à lista de aceitação.

O Parlamento fecharia no dia treze de julho deste ano e ele temia que, tão perto da data, Londres estaria deserta. No entanto, parecia que os rumores sobre a grande festa haviam se espalhado tanto que seria o evento do ano. A última festa antes que todos se retirassem para o campo.

Como era de se esperar, alguns esnobes souberam da diversidade de convidados e se recusaram a comparecer com um tom de desaprovação.

Para sua própria surpresa, Will percebeu que não se importava muito. A maioria das pessoas estava satisfeita em receber um convite do Marquês de Henshaw, e os que haviam recusado eram todos nomes de pessoas que ele já não gostava muito.

Podem desaprovar o quanto quiserem ele pensou, com uma súbita e libertadora onda de desafio. *Que se dane o que pensam! Isso é para Selina, e qualquer um que desaprove a ele ou a ela pode ir para o inferno.*

Ele abriu outra carta, reconhecendo o selo do Marquês de Winterbourne e não se surpreendendo com a recusa do homem. Ele raramente vinha à cidade, preferindo o sossego da vida no campo. O Visconde DeMorte já havia recusado, mas ambos haviam declinado o convite com cartas muito educadas e ele sabia que era a aversão dos homens de socializar que os motivava, e não censura. De fato, DeMorte era um famoso patrono das artes e circulava muito entre os círculos de muitos dos mais infames convidados de Will.

Henry Barbour também havia recusado, mas Will sabia que ele iria, antes mesmo de ele enviar o convite. O sujeito era terrivelmente excêntrico e raramente saía de casa. No entanto, o homem estava se tornando rapidamente o mais renomado retratista do país, e Will não queria ofendê-lo ao não o incluir.

— Conhaque, Will?

Will olhou para cima e escondeu um sorriso ao ver Archie pegando conhaque do decantador. O jovem encenqueiro tinha praticamente vivido ali nos últimos dias, e Will descobriu que isso lhe agradava. Ele assentiu para ela e assistiu enquanto ela servia dois copos. Só Deus sabia o que as pessoas diriam quando soubessem; ele temia só de pensar nisso.

Uma sensação de formigamento subiu pela parte de trás do pescoço dele, mas ele a afastou. Não importava. Quem os conhecia, sabia a verdade. Isso era tudo o que importava.

— Bem, acho que teremos uma quantidade bastante razoável de pessoas — refletiu Will enquanto se levantava e aceitava um copo de Archie.

Voltando para as cadeiras, ele suspirou um pouco ao encontrar o chapéu de Archie ocupando seu espaço e o lançou de volta para ela.

Archie sorriu e colocou o chapéu, de maneira um tanto irreverente em um busto de Marco Aurélio antes de se sentar diante de Will.

— Uma quantidade bastante razoável — repetiu ela, revirando os olhos. — É como dizer que Prinny está apenas um pouco

rechonchudo.

Will resmungou, perguntando-se se deveria repreendê-la por tal comentário e descobrindo que não se importava. Archie tinha uma língua afiada às vezes, mas sempre o fazia sorrir.

— Aquela confusão com as velas foi resolvida? — perguntou ele, aquecendo o copo de conhaque na palma da mão.

Archie assentiu. — Ah, sim, mas você devia ter ouvido sua governanta falando sobre isso. Céus, como ela tem uma língua afiada. Não creio que você receberá velas de quatro horas quando deveriam ser de seis horas outra vez.

— Bem, teria sido um pouco desanimador se tivéssemos sido mergulhados na escuridão antes que a noite terminasse — refletiu ele, achando que a governanta tinha o direito de estar um pouco irritada com o engano.

Will fitou sua bebida, por um momento. — Você acha que ela já chegou? — perguntou ele, muito consciente de que havia feito essa pergunta pelo menos duas vezes nas últimas três horas.

Archie sorriu para ele e assentiu. — Sim. Eu encontrei Rupert quando estava na rua. Eles acabaram de deixá-la na casa de Bertie. Ela está desesperada para saber o que está acontecendo. — Ela fez uma pausa, suspirando e balançando a cabeça enquanto olhava para Will. Ele suspeitava que estava parecendo ansioso novamente, mas não conseguia evitar. — Pare de se preocupar! — exclamou ela.

— Não consigo evitar. Estou me sentindo mal com isso — admitiu Will. — Estou fazendo a coisa certa, não estou? Ela ficará contente?

— Pela milésima vez, Will, pelo amor de Deus, sim! Ela vai ficar radiante com o esforço que você fez. Agora, pode parar de se preocupar?

Will deu uma risada contida e sacudiu a cabeça. — Duvido, mas vou tentar. — Levantando-se, ele franziu a testa para Archie. — Com quem você vai ao baile?

Para sua surpresa, ela corou intensamente.

— Ninguém! — disse ela, mas Will achou que ela parecia um pouco evasiva.

Ele se inclinou na cadeira, examinando-a. — Você conheceu alguém — disse ele, com um tom acusador.

— Eu... eu não conheci! — retrucou ela, mas seu rubor se intensificou.

— Poxa, Archie, depois de te contar meus segredos mais profundos, acho que você poderia revelar os seus.

Ele observou, um pouco inquieto, enquanto a garota franzia a testa e balançava a cabeça. — Eu contaria, se houvesse algo para contar, honestamente, e é verdade que há alguém de quem eu... eu gosto, mas...

— Mas? — indagou Will, franzindo a testa com mais intensidade.

Ele a viu engolir em seco, seu rosto um pouco pálido agora. — Ele pensa que sou um homem.

Will a encarou, incrédulo. Seu primeiro instinto foi gritar com ela, mas, então, ele viu a expressão nos olhos dela e suspirou. — Melhor você me contar tudo sobre isso.

Archie lhe deu um sorriso triste e assentiu. — Eu contarei, se você quiser, só não agora. Depois do baile, tudo bem?

Ela sorriu para ele e Will assentiu, não querendo pressioná-la. Ela lhe contaria quando estivesse pronta, mas ele não podia evitar se preocupar com ela.

Selina olhou para seu reflexo no espelho, girando para um lado e para o outro, e teve que admitir que estava realmente maravilhosa.

A sempre rígida Sra. Pringle chegou a ponto de afirmar que sua patroa superaria qualquer outra mulher ali de maneira tão impressionante que ficaria muito surpresa se não fosse assim.

Selina sorriu para ela, um pouco surpreendida com esse elogio, e a Sra. Pringle até se dignou a devolver o sorriso. Bem, era um começo. Elas talvez nunca fossem grandes amigas, mas, com sorte,

poderiam se dar bem. Afinal, a mulher tinha um olhar refinado para moda.

O vestido era de cetim azul-prateado claro, coberto com delicadas folhas prateadas. Com um corpete alto e pequenas mangas bufantes, era elegante e um tanto etéreo e fazia Selina se sentir um pouco como a deusa Titânia. Seu cabelo estava adornado com folhas de prata que enfeitavam os cachos loiros ao redor da cabeça, e ela usava um conjunto de pérolas e diamantes, um dos presentes de casamento de Will para ela.

Enquanto descia as escadas, encontrou seu pai esperando por ela. Ele ofegou ao vê-la, seus olhos brilhando enquanto sorria com deleite.

— Linda, Luna! Que luz você irradia, querida. Meu Deus, você é a cópia da sua mãe.

Selina o abraçou e beijou sua bochecha. — Obrigada, papai — disse ela, permitindo que o mordomo a ajudasse a colocar a capa.

— Agora — disse ela, balançando o dedo indicador impaciente para ele. —, você pode me dizer o que diabos está acontecendo?

— Não — respondeu seu pai, empinando o nariz e estendendo o braço para ela. — Mas é melhor você vir, assim, descobriremos o que esse seu marido está aprontando.

Selina olhou maravilhada, sem acreditar, enquanto entrava no deslumbrante salão de baile da casa em Grosvenor Square, com o pai ao seu lado.

Ela nunca tinha estado nesta casa antes, e era impressionante por si só, mas... mas o salão de baile...

Havia flores por toda parte, com as cores combinando com o vasto salão, que estava revestido com seda prata e azul. Selina se perguntou se Will sabia qual vestido ela usaria.

Devia haver trezentas pessoas ali, e ela parou, completamente chocada ao ver a Sra. Dashton no braço de Kit. A uma curta distância

atrás deles, os Duques de Ware e Sindalton mantinham uma conversa reservada, com as cabeças baixas.

Selina se virou, encarando o pai com espanto.

— Dasher está aqui — disse ela, com a voz fraca.

Seu pai revirou os olhos. — Sim, eu a reconheci — disse ele, com um tom seco.

— M-mas, Will... Will nunca... — Selina parou de falar ao reconhecer mais rostos.

À sua direita estava uma atriz que, segundo rumores, estava tendo um caso com Lorde Cholmondeley; no outro lado, uma cantora de ópera estava tendo uma conversa séria com a Condessa de Falmouth. Jack Mills a avistou e acenou, e ela ficou pasma ao ver Erasmus, Rupert e Lizzie, todos sorrindo para ela. Enquanto observava, o Duque de Ware interrompeu sua conversa com Sindalton e foi falar com Erasmus.

Ela ficou sem ar, uma tensão crescendo em sua garganta ao perceber o que seu marido havia feito.

— Luna, querida — sussurrou seu pai em seu ouvido.

Ela olhou para ele e ele acenou com a cabeça na direção do salão de baile.

Lá, caminhando em sua direção, estava Will. Ele estava à altura de um marquês, com seu traje de gala impecável. Tão frio e distante, ela se perguntou se alguém teria a ousadia de se dirigir a ele. No entanto, quando seus olhares se cruzaram, um sorriso surgiu em seu rosto e ela ficou sem ar.

Eles ficaram se encarando por um momento e então Will se virou, chamando a atenção de um jovem ao seu lado. Ele se virou a pedido de Will e Selina emitiu um pequeno som de surpresa e prazer ao ver Archie sorrindo para ele.

Os dois avançaram e Selina não conseguiu dizer nada enquanto Will se aproximava dela e tomava suas mãos nas dele.

— Boa noite, Selina.

— Boa noite, milorde — disse ela, sua voz um pouco insegura.

Archie avançou e beijou sua bochecha, sussurrando em seu ouvido. — Ele fez tudo isso por você.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Archie levou seu pai embora, e ela se viu apenas encarando os olhos de seu marido.

— Fiz bem, Selina? — perguntou ele, com tanto nervosismo que fez o coração dela derreter. — Eu... eu queria fazer as pazes e... e pedir desculpas por ser tão tolo... novamente.

Ela deu uma risada surpresa, tão tocada e encantada que não conseguiu encontrar palavras. Em vez disso, ela assentiu, sentindo os olhos se encherem de lágrimas e sorrindo para ele.

Ele estendeu a mão, tocando sua bochecha com o dorso dos dedos, uma carícia quase imperceptível que ainda a fazia estremecer de desejo.

— Eu não me importo com o que o mundo pensa de mim, de nós, de nossos amigos — disse ele, e então deu um sorriso melancólico. — Pelo menos, vou tentar não me importar. Eu me importo com o que você pensa, querida. Você pode ter a bondade de me dar outra oportunidade?

— Sim — disse Selina, dizendo a palavra com dificuldade e tentando conter as lágrimas enquanto as emoções se agitavam dentro de seu peito.

— Eu não posso prometer que não cometerei mais erros, sabe. São velhos hábitos, entende? Mas... espero que você me ajude, me ensine... me lembre do que é importante e do que não é.

Selina não conseguiu mais se conter e lançou os braços ao redor do pescoço dele. Ela ouviu o suspiro dele e viu o espanto em seus olhos enquanto ela pressionava seus lábios contra os dele, bem à vista de todos no salão.

Ela se afastou, observando-o com interesse.

— Todo mundo está vendo — murmurou ele, parecendo desconfortável.

— Sim — disse ela, sorrindo para ele. — Eles estão.

Will corou um pouco e, então, puxou-a para mais perto... para beijá-la novamente.

Epílogo

"No qual há noites escandalosas, emus, e felizes para sempre."



O teatro estava lotado, e Will desejou que eles não tivessem vindo. Ele preferia muito mais estar em casa, aconchegado com Selina, a ser forçado a suportar aquela multidão de pessoas. No entanto, ela tinha se tornado amiga da protagonista, Sarah Conroy, e como este era o primeiro papel de destaque da jovem, nada no mundo a impediria de estar lá. Então, lá estava ele.

Era a primeira vez que ele retornava a Drury Lane desde que a nova iluminação a gás havia sido instalada, e ele não tinha certeza se gostava da novidade. Luzes brilhantes demais. Ele sabia muito bem que a maioria da alta sociedade vinha ao teatro para ver e ser vista, mas ele realmente gostava de assistir à peça e achava o brilho da iluminação a gás um pouco cansativo. Ainda assim, ele achava que os que estavam no palco preferiam isso a sentirem o calor da cera quente das enormes lamparinas acima.

A peça era péssima.

Para ser honesto, isso não tinha nada a ver com a Srta. Conroy, que era a única pessoa que se salvava ali. Ela tinha um verdadeiro talento. Nenhum talento na Terra, entretanto, poderia tornar o melodrama enfadonho menos intragável. Will nunca ficou tão feliz com um intervalo.

Não havia forma de escapar, a multidão e o constante falatório se transformando em um quase rugido ensurdecedor. Will usou seu tamanho e sua expressão mais intimidadora para abrir caminho, guiando Selina para que ela não fosse muito pisoteada. Com um suspiro, ele percebeu que teria sido melhor ficar em seu camarote, mas ele tinha esperança de aproveitar alguns momentos à sós com

sua esposa. Isso nunca teria acontecido no camarote, com um fluxo interminável de amigos e admiradores dela entrando e saindo.

Sentindo-se de repente imprudente, Will viu uma porta sinalizada como privada e caminhou em direção a ela, abrindo-a e puxando Selina para dentro antes que ela pudesse reclamar ou fazer observações.

Ficou tudo escuro assim que a porta se fechou.

Ele soltou um suspiro e então tudo ficou silencioso, com o murmurinho abafado da multidão do outro lado da espessa porta de madeira tornando-se, agora, insuportável.

— Querido?

— Sim? — respondeu Will, desfrutando de um momento de relativa paz.

— Estamos em um armário de vassouras.

Havia uma luz fraca entrando por baixo da porta, o suficiente para perceber que Selina estava certa.

— Sim, estamos — comentou ele, um pouco surpreso, mas não desapontado. Qualquer coisa era melhor do que a multidão lá fora.

— Não que eu esteja reclamando — disse Selina, com a voz meiga. —, mas... *por que* estamos em um armário de vassouras?

Will abriu a boca para explicar que ele só queria um pouco de paz, quando uma ideia melhor lhe ocorreu. Ele colocou as mãos na cintura dela e puxou-a para mais perto, inclinando a cabeça para acariciar sua bochecha.

Ela suspirou, encostando-se nele e levantou a cabeça.

— Entendi — murmurou ela, com divertimento e prazer óbvios em seu tom encantado.

De repente, Will decidiu que aquilo tinha sido uma decisão brilhante. Ele se perguntou se conseguiria persuadi-la a ficar ali para o segundo ato também.

A respiração dela era quente contra a sua boca enquanto ele buscava seus lábios e a beijava, puxando-a ainda mais para perto. Os braços dela se enroscaram em torno de seu pescoço enquanto ele aprofundava o beijo, e o desejo pulsava sob sua pele. Como sempre acontecia com Selina, meias-medidas não eram suficientes...

Em poucos instantes, ele estava desesperado, e suas mãos procuraram freneticamente o tecido das saias dela até encontrarem a bainha e pudessem deslizar uma mão por baixo do cetim pesado. A pele dela era macia e quente enquanto ele acariciava sua coxa, e...

Ambos se sobressaltaram, cegados por um súbito clarão de luz e as expressões chocadas de pelo menos uma dúzia de membros da alta sociedade.

Will pestanejou.

Por um momento, ele ficou horrorizado, tomado por tamanha mortificação que não conseguia se mover, e então ouviu Selina dar uma risadinha. Ela enterrou o rosto no peito dele, os ombros sacudindo com risos silenciosos.

Selina.

Sua esposa.

Se ele quisesse beijar sua esposa em um armário de vassouras, isso era problema dele e de mais ninguém.

Will estendeu a mão e agarrou a maçaneta da porta.

— Este cômodo está ocupado — disse ele, com fria dignidade, e fechou a porta novamente. — Agora — disse ele, com o tom baixo enquanto Selina gargalhava. —, onde estávamos?

— Chegamos em casa, querida.

Selina acordou ao som da voz de Will enquanto a carruagem parava em frente à casa em Grosvenor Square.

Ela reprimiu um bocejo e piscou para o marido, sorrindo. — Eu estava te usando como travesseiro?

Will deu uma risada e se inclinou para beijar seus lábios. — Sim, e foi um prazer, Lady Henshaw.

— Você acha que a ama já pediu demissão? — perguntou ela, enquanto Will a ajudava a descer da carruagem.

— Eu não ficaria nem um pouco surpreso com isso.

Eles entraram na casa, e Will suspirou ao ver aquela figura matrona aproximando-se apressadamente, como previsto, cheia de justificada indignação. Ela esperou em silêncio enquanto eles se livravam de chapéus, luvas e capas, entregando-os ao laçao que os levou embora.

— Milorde — disse ela, parecendo muito incomodada. — Eu realmente não posso aprovar isso. As crianças estavam se ajustando a uma rotina tranquila de banho e hora de dormir. Isso tem funcionado perfeitamente há semanas, mas... mas, então, aqueles seus *amigos*...

— Cuidado, Sra. Drummond — disse Will, com suavidade, mas com um certo tom de advertência.

A mulher corou e respirou fundo. — Peço desculpas, milorde, mas levará pelo menos uma semana para que eu consiga fazer com que eles voltem a dormir na hora certa. Eles ficaram excessivamente agitados a noite toda e ficaram acordados muito depois da hora de dormir. Não digo que não tenham tido uma noite agradável, pois sei que a tiveram. Meu Deus, que barulho! Mas... mas tudo com moderação. *Certas* regras devem ser seguidas.

Will sorriu para a mulher, sabendo que ela só queria o melhor para as crianças.

— Certamente falarei sobre isso, Sra. Drummond. Tenho certeza de que podemos organizar as coisas de maneira melhor no futuro.

A mulher suspirou e sorriu, satisfeita.

— Obrigada, Lorde Henshaw. Eu não sou uma daquelas mulheres que acha que as crianças não devem se divertir. Na verdade, meu coração se alegra ao ouvi-las rindo e gritando, mas se elas não dormirem, ficam irritadiças, e então os problemas começam.

Selina riu ao ver a expressão de ansiedade no rosto da mulher e estendeu a mão para dar um aperto reconfortante em seu braço. — Não se preocupe, Sra. Drummond. Garanto que não a teríamos contratado se não tivéssemos total confiança em suas habilidades. Vamos falar com os danadinhos, posso lhe assegurar.

Depois de acalmar os ânimos da mulher, eles se apressaram para descobrir o que havia acontecido com seus filhos e os padrinhos dos pequenos diabinhos.

— Oh, Will, olhe só para isso! — Selina abafou uma risada ao olhar ao redor. Havia brinquedos e jogos de tabuleiro espalhados por toda parte, sem quase nenhum espaço livre entre eles. Em uma das cadeiras, Archie estava dormindo, com as pernas jogadas sobre o braço e cabeça para trás, dormindo de boca aberta. Na outra poltrona, Rupert roncava, parecendo estar em condição semelhante.

No sofá, Erasmus dormia, seu grande corpo esparramado, e dois pequenos corpos, um aconchegado de cada lado dele.

Selina segurou o braço de Will enquanto eles observavam o caos com um ar indulgente. Seus filhos gêmeos, Benedict e Arthur, estavam roncando, completamente exaustos, embora talvez não tanto quanto seus diversos padrinhos. Ela se inclinou para ele antes de olhar para cima e encontrá-lo sorrindo para a cena de devastação sonolenta.

— Está *sendo* uma noite encantadora, Will. Obrigada — disse ela, com um tom de voz ligeiramente travesso agora.

Will resmungou. — Acho que você deve ter gostado — disse ele, com a voz um pouco azeda, embora Selina pudesse dizer que ele estava mais divertido do que irritado. — Escandalizamos metade de Londres. Essa é a outra metade que já não estava fofocando sobre nossa família peculiar.

— Deixe que falem — disse ela, dando de ombros. — Eu nunca estive tão feliz.

O rosto dele ficou sério, e ele se inclinou para beijar seus lábios. — Nem eu, Selina.

Ele recuou, com um brilho de algo que ela não conseguia identificar em seus olhos.

— O que foi? — perguntou ela, curiosa.

— Eu tenho uma surpresa para você — disse ele, com um tom cauteloso, quase nervoso, por trás das palavras.

Os olhos de Selina se arregalaram, e ela abriu um enorme sorriso. Will era responsável pelas melhores surpresas; ninguém sabia o que ele iria aprontar a seguir.

— O que é? — exclamou ela, mas foi logo silenciada, para que não despertasse as pessoas na sala.

Ele a conduziu para o corredor e levou-a até o escritório, fechando a porta silenciosamente atrás deles.

No meio do cômodo, em um cavalete, estava uma enorme tela, coberta com um lençol.

— Oh! — exclamou ela. — Está pronto?

Alguns meses atrás, eles foram para Cotswolds com o único propósito de fazer um retrato de família.

Henry Barbour raramente aceitava encomendas, preferindo pintar sua própria família e amigos. No entanto, Selina havia se tornado amiga de Lady Lucrecia DeMorte por intermédio de Erasmus, cujo trabalho estava sendo exposto na galeria do marido dela. Crecy intercedeu por eles e, depois de muita deliberação, Henry aceitou o trabalho.

Foi uma visita interessante. O homem era absolutamente brilhante, mas só pintaria cada um deles separadamente e com a condição estrita de que não conversassem com ele enquanto trabalhava.

Selina se preocupou imensamente que seus gêmeos de três anos nunca ficariam quietos e simplesmente não entenderiam o que estava acontecendo, mas acabou descobrindo que tais regras não se aplicavam a crianças.

Henry ficou bastante encantado com eles, embora ele tenha estabelecido um limite quando se tratava de permitir que eles colocassem os dedos nas tintas.

Selina estava esperando impacientemente para ver o resultado das sessões e sentiu seu coração bater um pouco mais rápido quando Will se preparou para tirar o lençol.

Ele parou com o lençol nas mãos, virando-se para lançar a Selina um olhar um tanto envergonhado.

— Eu... eu espero que você não se importe, mas conversei um pouco mais com Henry em particular sobre a pintura e fiz algumas... é... mudanças.

As sobrancelhas de Selina se ergueram. — É mesmo?

Will assentiu, coçando a nuca com uma das mãos.

— Will, você está corando?

Seu marido pigarreou e lhe deu um sorriso meio envergonhado. — Eu sugiro que você veja por si mesma — disse ele, e puxou o lençol.

Selina olhou para a pintura, completamente surpresa, e então deu uma gargalhada.

— Oh! — exclamou ela, enquanto a diversão a dominava e ela percebia que não conseguia parar de rir. — Oh, Will... c-como você é engraçado.

— Você gostou? — perguntou ele, ainda parecendo um pouco ansioso.

— Eu adorei! — disse ela, correndo para ele e jogando os braços ao seu redor enquanto ambos olhavam para a pintura.

Eles estavam ao ar livre, cercados por uma bela paisagem. Era uma cena informal, com Will em primeiro plano, sorrindo levemente e parecendo orgulhoso e feliz, com Selina em seu braço. Havia um piquenique sendo preparado ao fundo, e os gêmeos estavam sentados em um cobertor, cada um estendendo as mãos para receber uma cereja. As cerejas estavam sendo distribuídas por Archie,

enquanto Erasmus e Rupert se ajoelhavam atrás dela, preparando o restante do lanche.

No entanto, ao fundo, e caminhando, com longas pernas e curiosidade em seus olhos vermelhos e atentos, estava uma ave peculiar com penas desgrenhadas e um longo pescoço fino.

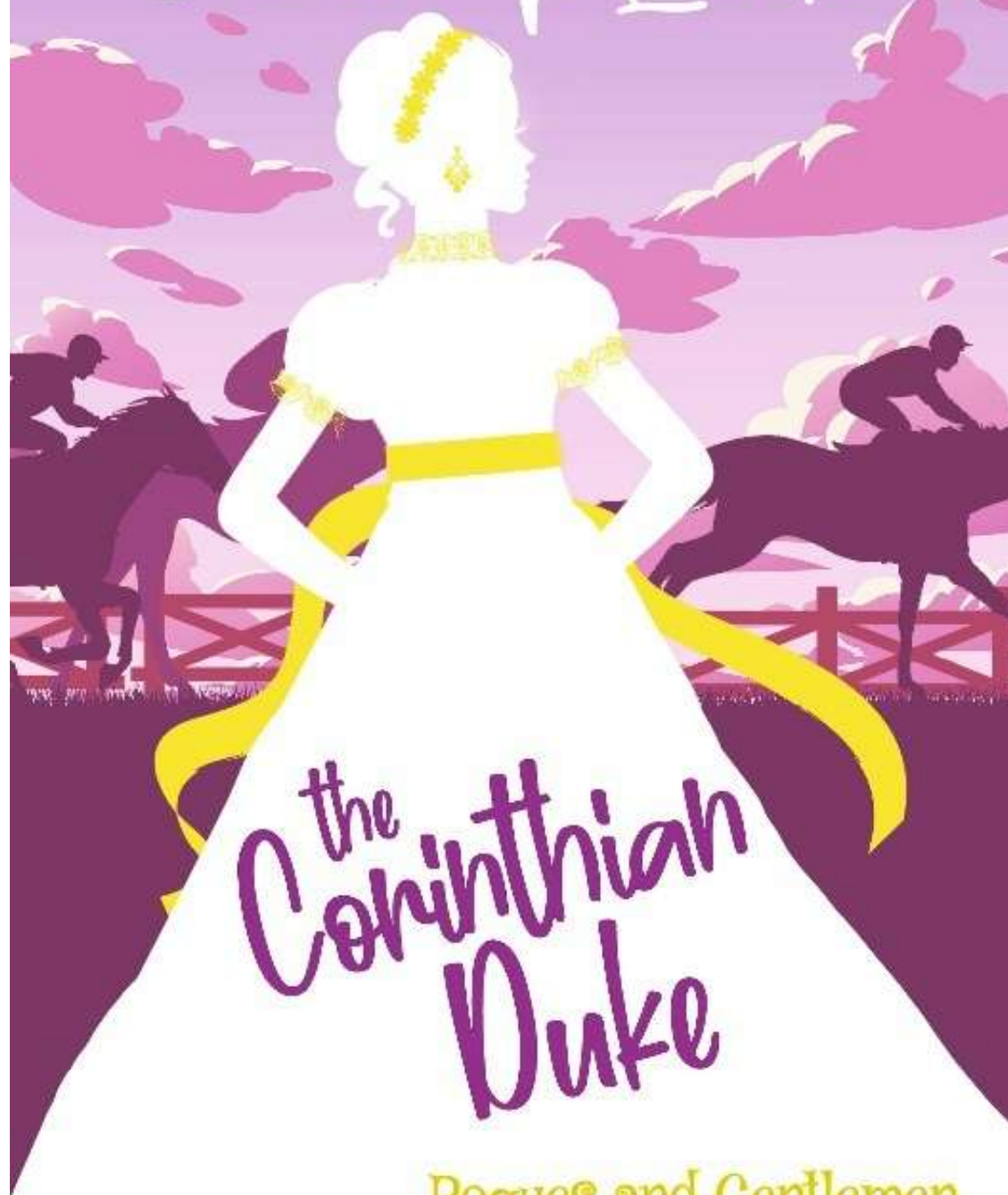
— Eu não acredito que você colocou o Eric na pintura — disse Selina, ainda rindo enquanto Will a puxava para mais perto. — Agora, todos realmente vão pensar que somos uma família excêntrica.

— E somos mesmo, meu amor — disse ele, puxando-a para seus braços e sorrindo para ela. — Excêntricos, caóticos e perfeitamente esquisitos, e é exatamente disso que eu gosto.

No próximo livro da série Patifes & Cavalheiros. Vire a página para ler uma prévia...

O Duque Coríntio
Patifes & Cavalheiros – Livro 13

Emma V. Leech



The
**Corinthian
Duke**

Rogues and Gentlemen
Book Thirteen

Oscar Paget, Duque de Rothborn, é, em seu âmago, um esportista. O esporte, em toda e qualquer modalidade, corre em suas veias. Tem na vitória sua única ambição.

O jovem e belo duque não tem o menor desejo de se casar e comprometer seu estilo de vida eletrizante, e, embora esteja noivo da bela Lady Pearl Aldous desde a infância, continua adiando o grande dia.

Mal sabe ele que a irmã mais nova de Pearl, Ella, sempre foi apaixonada por ele.

Quando Ella faz algo imprudente para salvar Oscar de perder uma aposta para um homem que ele despreza, os dois são pegos em uma situação comprometedora. A única maneira de salvar a reputação dela é casando-se com ela em vez de Pearl. Para Oscar, Ella nunca será mais do que uma amiga. Ele a considera uma irmã mais nova, não uma esposa, e sabe que entre eles só pode haver um casamento de conveniência.

Ella não pensa assim. Tudo o que ela precisa fazer agora... é provar que está certa.

Vire a página para dar uma espiada.

Capítulo 1

"No qual nossos jóqueis disputam posição."



16 de outubro de 1819. Newmarket, Inglaterra.

Oscar Paget olhou para seu melhor amigo, Bertram Aldous, o Visconde Withington, lutando para acalmar sua potra inquieta, Afrodite. Ele acabara de montar perto de *Thomond's post*, e a bela criatura estava fazendo o possível para derrubá-lo, completamente agitada por causa da multidão. A expectativa no ar era palpável enquanto os cavaleiros ajustavam suas montarias antes do início do páreo.

O barulho era notável. O ambiente ao redor estava pulsante, animado com a conversa dos espectadores e os vendedores gritando por cima de suas mercadorias enquanto cerveja e comida eram servidas às multidões famintas. A melodia se fazia ouvir no meio da confusão e Afrodite se irritou com um acrobata desajeitado, provocando uma série de palavrões do seu cavaleiro.

Oscar reprimiu um sorriso e esperava que Virago não seguisse o seu exemplo e o derrubasse, e ele caísse de bunda no chão. Ela era uma beleza mal-humorada, na melhor das hipóteses. Oscar observou, com seu coração acelerado, o seu cavaleiro levar a potra negra brilhante em sua direção. Ele esperava ansiosamente por esse momento. O entusiasmo e a empolgação de uma corrida elevavam seu ânimo como poucas coisas, especialmente quando sabia que grandes quantias estavam em jogo.

Os operadores de apostas ainda estavam aceitando apostas em suas bancas nos últimos momentos antes do início da corrida, mas ele não parou para ouvir as apostas. Quem apostava contra sua vitória era um tolo.

Havia muitas outras maneiras de perder dinheiro aqui sem ser no evento principal, e as bancas de apostas haviam surgido aos montes. Todas as classes podiam perder a quantia em seus bolsos na cara ou coroa, se algum bandido com as mãos leves não os esvaziasse antes mesmo de terem a chance de pegarem suas moedas.

Entre a multidão, a nobreza se misturava com todas as classes sociais, assistindo a cães dançantes e tendo suas sortes reveladas pelos ciganos em suas tendas coloridas, enquanto os engolidores de fogo encantavam multidões de crianças com os olhos arregalados. As malas-postas, diligências e as carruagens da alta sociedade cercavam a pista, com muitos jovens se espremendo nos tetos para ter uma visão melhor.

A maioria das damas havia optado por um ambiente mais refinado nas arquibancadas e Oscar sabia que sua noiva desaprovadora, Lady Pearl Aldous, estaria lá. A irmã de Bertram não gostava de corridas, nem do alvoroço que as cercava, mas sentia que deveria apoiar seu noivo em seus esforços, apesar de seus próprios sentimentos.

Oscar se perguntou se Ela estaria sentada pacientemente ao lado da irmã mais velha, mas suspeitava que não. A moça travessa provavelmente estaria escondida em uma das tendas ciganas ou apostando seu dinheiro em sua vitória. A ideia o fez bufar de diversão.

Newmarket Town Plate era uma das poucas corridas de cavalos em que um homem como Oscar podia montar sua própria montaria sem censura. Oscar não se importava muito com o que os outros pensavam, mas sua mãe teria um ataque de nervos se alguém o visse fazendo algo que não estivesse à altura do Duque de Rothborn.

Ele havia convencido Bertram a participar com ele, e a expressão carrancuda no rosto do amigo sugeria que ele o xingaria internamente de agora até o dia do Juízo Final.

Depois que seu animal foi pesado, Oscar jogou a sela sobre o dorso de sua montaria enquanto seu cavaleiro cuidava da rédea. Depois de ajustar tudo do jeito que queria, ele montou, ansioso para

começar. Virago pisou duro e se virou para lançar um olhar ameaçador antes de tentar morder o cavaliço. O jovem se afastou apressado do enorme animal enquanto Oscar segurava as rédeas.

Um zumbido de excitação percorreu a multidão agora enquanto os trinta corredores se posicionavam. Apenas os cinco primeiros passariam para a final.

— Por que diabos eu deixei você me convencer a fazer isso, Rothborn? — gritou Bertram por cima do barulho, balançando a cabeça e parecendo que poderia vomitar.

— Anime-se, Bertie — disse Oscar, sorrindo para o amigo. — É apenas o primeiro páreo. Sobreviva a isso e poderemos fazer negócio.

Qualquer que fosse a resposta indignada de Bertie, o clamor da multidão a abafou quando um oficial veio instruir os jóqueis a se posicionarem. Os cavalos se inquietavam e relinchavam enquanto se alinhavam ao lado do *Thomond's Post*, que marcava o início e o fim da pista circular, aguardando o sinal enquanto o bandeirinha subia no poste de sinalização branco e erguia a bandeira vermelha e preta.

Ella esticou o pescoço e ficou na ponta dos pés, perguntando-se se talvez tivesse sido melhor ficar na Tribuna Portland como Pearl insistira. Pearl odiava corridas e, mesmo estando longe de toda a diversão, teria reclamado sobre o quão entediante era. Isso tirava toda a alegria e emoção do dia.

Ella simplesmente não conseguia entender a irmã, mas agora não conseguia ver nada através da pressão dos corpos à medida que as pessoas avançavam, aguardando o início da primeira eliminatória. Ela olhou ao redor, tentando encontrar uma posição privilegiada, e então sorriu ao ver o Conde de Stanthorpe. Ele estava sentado em cima de sua carruagem brilhante, com os cachos dourados emoldurando seu rosto radiante, na companhia de seu melhor amigo, o Sr. Owen Tatum.

— Tommy! — chamou o jovem conde, sabendo que sua irmã chamaria a sua atenção se a visse não apenas gritando e acenando os braços em público, mas chamando o homem pelo nome. Tommy, no entanto, não era nem um pouco arrogante e gritou de volta.

— Lady Ella! — Ele sorriu para ela, enquanto Ella acenava para os jóqueis que se preparavam para começar.

— Não estou conseguindo enxergar! — lamentou ela, agora frenética. Se ela perdesse o início da corrida de Oscar, nunca se perdoaria, embora seu irmão Bertie também estivesse competindo e ela deveria apoiá-lo também.

Tommy olhou ao redor, percebendo seu problema à medida que a multidão a empurrava de todos os lados. Depois de falar com Owen, os dois homens estenderam os braços e Ella sorriu para eles enquanto a levantavam.

— Como vai, Lady Ella? — perguntou Owen, com os olhos castanhos brilhando. — Sua irmã sabe que você está aqui sem supervisão?

— Não seja tolo, Owen — disse Ella, resmungando de uma maneira deselegante. Eles a puxaram para o teto da carruagem com facilidade, segurando um braço cada. — Você sabe que ela me daria um sermão, se soubesse.

— E onde estão suas acompanhantes? — perguntou Tommy, seu tom ameno enquanto ela se acomodava um pouco mais para trás no teto brilhante da carruagem.

— Pode ser que eu tenha saído pela parte de trás da tenda da vidente e tenha me perdido delas — respondeu Ella, dando de ombros enquanto os dois homens a repreendiam. Ela tentou ajeitar as saias para parecer um pouco menos desleixada, mas a barra estava cheia de lama, então desistiu.

— Se eu fosse você, não estaria preocupada com Lady Pearl, acho que é Bertie que irá te trancafiar se continuar agindo assim — respondeu Owen, seu tom um pouco mais severo agora. — Há pessoas de má índole em um lugar como este.

— Ah, cale a boca — disse Ella.

Ela concluiu que parecer desarrumada era inevitável naquele instante e tentou ajoelhar-se, enquanto suas saias do vestido se enroscavam em suas pernas. Tommy pegou seu braço quando ela quase caiu da carruagem e ela se endireitou com um sorriso. Ela podia ouvir os gritos pedindo que os cavaleiros se preparassem. Seu coração batia forte.

— Ah, onde está Oscar? Você consegue localizá-lo?

— É melhor você falar com ela, Tommy, senão ela vai acabar se metendo em problemas — disse Owen, mas Tommy estava muito ansioso para assistir à corrida ou sabia que era inútil intervir.

— Eles começaram! — gritou Ella.

Ela assistiu, com o coração na boca, enquanto os cavalos avançavam. Ela podia ver seu irmão, Bertie, tentando se desvencilhar de um pequeno grupo de cavaleiros enquanto os cavalos se empurravam e se chocavam antes da largada. Oscar havia se mantido afastado, com Virago longe da multidão, provavelmente mordendo qualquer um que se aproximasse demais. Ela era um cavalo mal-humorado.

— Vai, Oscar! — gritou Ella, quase caindo da carruagem novamente de tanto entusiasmo.

Owen segurou seu braço desta vez e a puxou novamente em segurança.

— Lady Ella, você é uma levada — observou ele.

Ela parou brevemente para sorrir para ele antes de voltar a atenção para a corrida.

— Eu sei — disse ela, sem um pingo de remorso, enquanto continuava gritando por cima da multidão.

Ella soprou os dedos, deixando a castanha quente cair em seu colo com uma exclamação.

— Espere esfriar — disse Owen, revirando os olhos para ela.

Ela sacudiu a cabeça, tentando pegar a castanha novamente e soprando-a. — Estou com muita fome.

Com uma expressão determinada, ela franziu a testa para a castanha, descascando a casca dura com dificuldade.

— Quanto tempo falta? — perguntou ela, pela quinta vez.

— Dez minutos, pelo menos — respondeu Tommy, entregando-lhe uma castanha já descascada com as pontas dos dedos.

Ella sorriu para ele e a pegou. Ela inspirou profundamente, mordendo a semente da castanha e quase queimando a língua, pois o interior ainda estava muito quente. Pelo menos a aqueceu. O dia de outubro começara ameno, com um calor agradável ao sol, mas as nuvens haviam se acumulado e, agora, uma brisa forte soprava sobre o campo, agitando folhas, saias e fazendo chapéus saírem voando pelo chão úmido.

Oscar e Bertie passaram pela eliminatória com estilo. Oscar venceu, naturalmente, e Bertie parecia um pouco surpreso não só por ter terminado a corrida, mas por ter chegado em terceiro. Os dois páreos seguintes não despertavam muito interesse em Ella. A égua do Duque de Ranleigh venceu o segundo páreo e Ella sabia que isso devia ter irritado Oscar; os dois eram rivais ferrenhos. Eles estariam disputando ponto a ponto na corrida principal.

O duque em si não estava correndo; era muito respeitável para isso, ou covarde, segundo Oscar. A vitória de Ranleigh era dada como certa, e ela se perguntou como Oscar se sairia contra sua deslumbrante égua castanha.

O evento principal era o próximo, e seu estômago se contraiu com uma mistura de expectativa e fome.

O tempo se arrastava enquanto Ella se inquietava.

— Por favor, que Oscar vença — murmurou ela, cruzando os dedos e desejando com todas as forças. Ele ficaria tão decepcionado se não ganhasse.

— Aqui vêm eles — disse Owen, enquanto Ella se esforçava para voltar a se pôr de joelhos.

Ela assistiu com o coração acelerado enquanto Oscar se dirigia de volta a *Thomond's Post*. Ele havia vestido fardas novas, e o verde escuro combinava com sua cor de pele, ressaltando os brilhos outonais de seu cabelo castanho-claro. A aparência loira e os olhos azuis de Bertie não combinavam muito bem com a sua farda vermelha, mas enfatizavam o rubor em suas bochechas, fazendo-o parecer mais jovem do que seus vinte e cinco anos.

— Boa sorte, Oscar! — gritou Ella o mais alto que pôde, enquanto Oscar se virava e a avistava.

Ele deu uma risada ao vê-la sentada no teto da carruagem com Tommy e Owen, e ergueu a mão em saudação.

Infelizmente, seu irmão também a viu e seu olhar foi bem menos entusiasmado. Ele a encarou com raiva, e Ella se encolheu um pouco, sabendo que estava prestes a ouvir mais um sermão sobre decoro e a conduta adequada de uma jovem dama. Ah, bem, se fosse Bertie repreendendo-a e não Pearl, ela não se importava.

Pela última vez, os cavalos se reuniram, com a multidão reduzida, pois as eliminatórias haviam filtrado os concorrentes até restarem apenas quinze cavalos e corredores. Com interesse, Ella notou que a égua de Ranleigh não estava entre eles.

— Onde está a Srta. Skirmish? — perguntou Ella, olhando ao redor à procura da bela égua castanha que havia mostrado potencial para desafiar Oscar de verdade.

— Não faço ideia — respondeu Owen, vasculhando o terreno. — Talvez tenha havido forfeit?

Ella deu de ombros, muito empolgada para pensar muito sobre o assunto enquanto assistiam o bandeirinha subir no *Thomond's Post* pela quarta e última vez naquele dia.

Oscar deu uma última olhada por cima do ombro enquanto Virago troteava pelo turfe. Bertie estava muito atrás, mas parecia determinado a ficar com o terceiro lugar. O cavalo cinza do Coronel Pitt, Merry Pintle, estava a toda velocidade e se aproximando dele,

mas a linha de chegada estava à vista e Oscar sabia que havia vencido. Com um grito de euforia que certamente faria sua noiva empalidecer, ele cruzou a linha de chegada. Oscar riu alto, respirando com dificuldade, coberto de lama da cabeça aos pés e com o coração batendo forte no peito. Ele nunca se sentiu tão vivo.

— Bom trabalho, minha belezinha — gritou ele, batendo no pescoço úmido de Virago enquanto ela retornava a meio galope.

Os aplausos da multidão ecoaram ao seu redor e ele sorriu, encantado. Bertie cruzou a linha de chegada em terceiro e andou a meio galope até ele, permitindo que suas montarias diminuíssem a velocidade.

— Muito bem — disse Bertie, soando ofegante. — Posso pegar uma bebida agora?

Oscar riu e assentiu. — Nós dois, e várias. Aliás, o que aconteceu com a égua castanha de Ranleigh? Esperava que ela ficasse na minha cola.

— Forfait — gritou Bertie por cima da multidão, enquanto eles eram cercados pelos que queriam cumprimentar o vencedor. — Ouvi dizerem que ele estava preocupado com a possibilidade de ela ter lesionado um ligamento. É um verdadeiro milagre que não tenhamos quebrado o pescoço com todos aqueles buracos. Deveriam fazer algo a respeito.

Oscar assentiu, mas não estava muito preocupado com os buracos naquele momento. Ele havia vencido, e a vitória era doce.

Eles desmontaram e reuniram a sela enquanto os cavaleiros levavam suas montarias para longe e esperavam para serem pesados novamente.

— Para onde você está indo? — indagou Bertie, enquanto Oscar se dirigia em direção a *King's Stables* e a *Rubbing Down House*.

— Vou verificar como está Virago — disse Oscar, imaginando que isso fosse óbvio. Muitos entregariam suas montarias aos cavaleiros e não pensariam mais nisso, mas Oscar não era um desses. Virago

poderia ser uma criatura mal-humorada, mas havia vencido a corrida para ele e ele estava grato.

— Certo — respondeu Bertie, acompanhando-o. — Caramba, você viu a minha maldita irmã? A desgraçada. Aquela atrevida estava sentada no teto da carruagem entre Stanthorpe e Tatum e berrando sem parar. Meu Deus, o que essa moçoila fará a seguir?

Oscar riu e deu um tapinha nas costas de Bertie, com uma expressão mais divertida do que simpática.

— Com Bug, a diversão nunca acaba — disse ele.

Embora não tenha dito, ele mal podia esperar para encontrá-la e celebrar sua vitória. Ela sempre ficava tão empolgada com suas conquistas que era quase como reviver as vitórias.

Bertie parecia menos impressionado, no entanto.

— Preciso arranjar um marido para ela o mais rápido possível, então, será problema do marido dela. Mas quem, diabos, casaria com ela, eu te pergunto?

— Sua irmã, casada? — respondeu Oscar, surpreso. Uma estranha sensação de preocupação se instalou sob sua pele e ele franziu a testa. Ella não devia ter idade suficiente para se casar. Ainda não. — Mas ela é só uma criança.

Bertie revirou os olhos para ele. — Ela foi apresentada no ano passado, não se lembra, babaca? Ela tem dezoito anos, não oito, mas eu concordo que, em algumas ocasiões, é difícil perceber.

A carranca do Oscar aprofundou-se. Esse pensamento o incomodava, embora ele não soubesse o porquê. Tentou pensar em alguém adequado para se casar com Ella e não conseguiu pensar em ninguém. Todos tentavam colocá-la nos eixos e fazê-la se comportar, ou acabar com a alegria e a vitalidade dela. Um estranho sentimento de proteção tomou conta de seu peito. Bertie estava errado. Ela podia ter dezoito anos, mas ela parecia ter quinze na maior parte do tempo, e agia de acordo. Era muito cedo para pensar em casamento.

Não era?

Ele não sabia por que se sentia tão perturbado com a ideia. Provavelmente era porque isso o fazia sentir-se velho também. Velho e responsável. Velho o suficiente para ter uma esposa e se estabelecer. Oscar estremeceu e afastou o sentimento.

Bertie, ao notar o estado sombrio em que ele se encontrava, levantou uma sobrancelha interrogativa. Oscar forçou um sorriso, fazendo pouco caso do ocorrido, e mandou um beijo para uma jovem ousada que piscou sugestivamente o olho para ele enquanto passavam pelas multidões.

— Suponho que, se ela tem dezoito anos, logo encontrará alguém que goste de suas excentricidades — disse ele, tentando convencer a si mesmo tanto quanto a Bertie. — Ela é uma boa pessoa, muita divertida.

— Eu sei disso! — disse Bertie, soando bastante aborrecido.

Apesar de suas queixas, Oscar sabia que Bertie adorava Ella e sua irritação vinha mais da preocupação do que antipatia. Na verdade, os dois irmãos eram próximos, mais do que com sua irmã mais velha, Pearl.

Sua noiva.

Eles estavam noivos desde a infância, com as duas grandes famílias ansiosas para fazer uma aliança vantajosa. Seus respectivos pais haviam acertado as coisas entre eles enquanto Oscar e Pearl ainda eram bebês. Oscar afastou o pensamento, fazendo de conta que não existia. Era algo que ele tinha facilidade em fazer. Anos de prática desconsiderando seu destino transformaram isso em algo natural. Mas estava próximo. Cada vez mais próximo.

Ele sabia de seu dever. Seu pai lhe havia transmitido isso até o dia de sua morte. No entanto, isso não significava que Oscar desejasse cumprir a tarefa.

Não que Pearl fosse dentuça ou estrábica. Meu Deus, pelo contrário, mas ele ainda não estava pronto para abrir mão de sua liberdade, não importava que todos, nos últimos dois anos, viessem insistindo que ele marcasse uma data para o seu casamento.

Somente Pearl parecia menos ansiosa com o casamento do que ele, embora nunca dissesse o quanto.

Pearl e Ella eram completamente opostas em todos os aspectos. Pearl era tudo o que Ella não era. Enquanto Ella teria dificuldade em encontrar um marido, se Pearl fosse livre, teria homens batendo à sua porta. Ela havia puxado à mãe: era alta e curvilínea, loira platinada e com olhos azul-cerúleo. Uma beleza indiscutível, Pearl chamava a atenção por onde passava.

Ella havia puxado o pai. Muito mais baixa que Pearl, ela era magra e seu cabelo era um castanho-escuro. Possuía sobrancelhas espessas, bastante intimidantes que ficavam sobre seus grandes e acinzentados olhos, e ela estava constantemente em movimento. Ele nunca conheceu uma criatura mais inquieta em toda a sua vida. Que os céus ajudassem se ela ficasse entediada; nunca se sabe o que ela poderia aprontar a seguir.

Pearl, por outro lado, era um exemplo da perfeita dama inglesa. Ela estava sempre impecável, utilizava tons baixos e bem modulados para falar, era inteligente, e nunca levantava a voz em raiva ou exasperação. Todos diziam que ela seria uma duquesa excepcional. Ele supunha que estavam certos, embora tentasse não pensar muito nisso.

Uma lembrança de Ella no ano anterior, encharcada até os ossos e coberta de lama depois que ele a havia tirado de uma poça, fez seus lábios se contraírem em um sorriso. Ela era uma amazona formidável, mas até os mais habilidosos erram às vezes, e ela havia aterrissado em uma poça de lama. Em vez de parecer mortificada, como ele poderia esperar de muitas jovens que conhecia, ela simplesmente se sentou na lama e riu até não poder mais. Ela admitiu que havia sido culpa dela mesma e que merecia o que havia acontecido.

Uma expressão de preocupação se formou em sua testa mais uma vez. Parecia impossível que ela estivesse na idade para se casar, mas quem *se casaria* com ela? Sim, ela era muito divertida, mas Bertie tinha razão. Apesar das palavras tranquilizadoras de Oscar, ele

sabia que nenhum homem sensato a aceitaria. O sujeito nunca teria um momento de paz. Se não fosse pelo fato de ela se parecer tanto com o pai, Oscar suspeitava que haveria comentários, pois seria difícil encontrar duas irmãs mais diferentes.

— Oscar!

Ele se virou e, como se a tivesse conjurada, lá estava Ella, indiferente à barra de suas saias em meio à sujeira enquanto corria em direção a eles pelo pátio de paralelepípedos. Ela lançou os braços ao redor de seu pescoço e ele a girou em círculos, rindo antes de colocá-la novamente no chão.

— Oh, bom trabalho, Oscar! Eu sabia que você venceria, e de maneira tão esplêndida! Nunca me senti tão orgulhosa — exclamou ela, com os olhos acinzentados brilhando de felicidade. — Ah, e você também, Bertie — completou ela, como um pensamento de última hora, dando um sorriso para o irmão.

— Que consideração sua lembrar de mim — disse Bertie, com um tom seco.

— Boa corrida, Rothborn. Ganhei uma bela quantia com você, meu velho.

Oscar olhou para cima quando Owen Tatum apareceu atrás de Ella. Ele sorriu e estendeu a mão. Oscar a apertou, radiante, e, então, cumprimentou Tommy. O conde lançou a Bertie um olhar um tanto envergonhado.

— Nós, é... encontramos sua irmã — disse ele, esfregando a nuca e parecendo um pouco desconfortável.

Bertie lançou um olhar sombrio para Ella antes de estender a mão e apertar a mão de Tommy. — Eu sei bem como é.

Pré-encomende sua cópia aqui:

[O Duque Corintio](#)

Sobre Mim!



Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A Chave Para Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já fez isso, saberá que publicar seu primeiro título é uma coisa terrivelmente assustadora! Eu ainda fico nervosa quando um novo título é lançado, mas agora esse terror diminuiu, finalmente. Agora, o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade suficiente para lê-los.

Que pesadelo! (Para ambas as partes, na minha opinião).

No ano de 2017, fiz minha primeira incursão no Romance Histórico e no mundo do Romance Regencial. Meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e mal posso esperar para adicionar mais títulos. Os leitores de Romance Paranormal não precisam se desesperar, pois há muito mais por vir também. Escrever

tornou-se um vício e, assim que um livro termina, fico extremamente animada para começar o próximo.

Como muitas das minhas obras refletem, sou muito influenciada pela bela paisagem francesa em que vivo... Moro aqui no Sudoeste desde 1998, embora tenha nascido e crescido na Inglaterra. Minhas três lindas filhas são todas bilíngues, e eu, meu marido – Pat – e nossos quatro gatos nos consideramos extremamente afortunados por termos feito deste lugar tão lindo o nosso lar.

CONTINUE LENDO PARA DESCOBRIR MEUS OUTROS LIVROS!

Outras obras de Emma V. Leech

Patifes & Cavalheiros



[Série – Patifes & Cavalheiros](#)

Damas Ousadas



[Série – Damas Ousadas](#)

Filhas Ousadas



Série – Filhas Ousadas
Filhos Ousados



Série – Filhos Ousados
Romances Regenciais de Mistério



Série – Romances Regenciais de Mistério

A Lenda Francesa dos Vampiros



Série – A Lenda Francesa dos Vampiros

A Lenda Francesa dos Fae



Série – A Lenda Francesa dos Fae

Livros Independentes

[A Amante de Livros](#) (uma novela paranormal)

[A Menina não está para o Natal](#) (romance regencial)

Audiobooks (títulos disponíveis apenas em inglês)

Não tem tempo para ler, mas ainda precisa de uma dose de romance? A espera acabou...

Depois de muitos pedidos, garanta alguns de seus livros favoritos de Romance Regencial de Emma V. Leech em áudio, interpretados pelos incomparáveis Philip Battley e Gerard Marzilli. Vários títulos disponíveis e mais adicionados a cada mês!

Encontre-os na sua loja de audiobook favorita!





chirp

YOU CAN NOW LISTEN TO ALL THESE GREAT STORIES,
AS READ BY PHILIP BATTLEY



Agradecimentos

Obrigada, obviamente, à minha editora maravilhosa, Kezia Cole da [Magpie Literary Services](#).

Para Victoria Cooper, por todo o seu trabalho duro, sua obra de arte é incrível e, acima de tudo, sua paciência sem fim!!! Muito obrigada. Você é incrível!

À minha melhor amiga, assistente pessoal, torcedora de carteirinha e provedora de chocolate, Varsi Appel, pelo apoio moral, por aumentar minha confiança e por ler o meu trabalho, mais vezes do que eu. Eu te amo muito!

Muito obrigada a todas as minhas leitoras beta e apoiadoras! Vocês são as melhores!

Eu fico sempre tão feliz em ouvi-los. Por isso, sintam-se à vontade para enviar um e-mail ou uma mensagem :)
emmavleech@orange.fr

Ao meu marido Pat e à minha família... por sempre se orgulharem de mim.

As Damas Ousadas que deram início a tudo...

Damas Ousadas — A nova série emocionante de Emma V. Leech, a multipremiada escritora de romances top 10 da Amazon, por trás da série Patifes & Cavalheiros.

Dentro de cada jovem tímida e isolada, pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Doze Mulheres – Doze Desafios Inesperados. Quem ousará arriscar tudo?

Desafiando um Duque

Damas Ousadas – Livro 1



Sonhos de amor verdadeiro e felizes para sempre.

Sonhos de amor são muito bons, mas tudo o que Prunella Chuffington-Smythe quer é publicar o seu romance. O casamento a custo de sua independência é algo que ela não considerará. Tendo experimentado o sucesso escrevendo sob um nome falso na revista semanal The Ladies, seu alter ego está alcançando notoriedade e fama e Prue gosta bastante disso.

Um dever deve ser suportado

Robert Adolphus, o Duque de Bedwin, não tinha pressa em se casar, ele já fez isso uma vez e repetir esse desastre é a última coisa que deseja. No entanto, um herdeiro é um mal necessário para um duque e não pode se esquivar disso. Uma reputação sombria o precede, visto que sua primeira esposa pode ter morrido jovem, mas os escândalos que a bela, vivaz e rancorosa criatura forneceu à sociedade não a acompanharam. Uma esposa precisa ser encontrada. Uma esposa que não seja nem bonita nem vivaz, mas doce e sem graça, e que com certeza fique longe de problemas.

Desafiado a fazer algo drástico

O súbito interesse de um certo duque covarde é tão desconcertante como indesejável. Ela não vai jogar suas ambições de lado para se casar com um canalha agora que seus planos de autossuficiência e liberdade estão se concretizando. Mostrar claramente ao homem que ela não é a juvenzinha tímida que ele procura, será suficiente para dar fim às suas intenções? Quando Prue é desafiada por suas amigas a fazer algo drástico, parece ser a oportunidade perfeita para resolver dois problemas com uma só solução.

No entanto, Prue não pode deixar de ficar intrigada com o patife que inspirou muitos de seus romances. Normalmente, ele desempenhava o papel de bonito libertino, destinado a destruir sua corajosa heroína. Mas será realmente o vilão da trama desta vez, ou poderia ser o herói?

Descobrir será perigoso, mas poderá inspirar sua melhor história até hoje.

[Desafiando um Duque](#)

Da autora da série best-seller Damas Ousadas – Uma nova série empolgante com as filhas das Damas Ousadas...

As histórias do **Clube do Livro de Damas Peculiares** e seus desafios se tornaram lendas entre seus filhos. Quando o chapéu é redescoberto, empoeirado e abandonado, as demais ousam desencadear uma série de eventos que ecoarão por todas as famílias... e suas **Filhas Ousadas**.

Ousando Ser Indecente

Filhas Ousadas – Livro 1

FILHAS OUSADAS LIVRO UM

*Ousando
Ser
Inocente*

EMMA V. LEECH

Duas filhas ousadas...

Lady Elizabeth e Lady Charlotte são filhas do Duque e da Duquesa de Bedwin. Criadas por uma mãe nada convencional e um pai indulgente, um tanto superprotetor, ambas se esforçam contra a rígida moralidade da época.

A imagem elegante de uma jovem mansa e fraca, propensa a desmaiar pelo menos por provocação, é aquela que a faz ferver de frustração.

O belo amigo de infância...

Cassius Cadogen, Visconde Oakley, é o único filho do Conde e Condessa de St. Clair. Amado e indulgente, ele é popular, gloriosamente bonito, e um artista talentoso.

Retornando de dois anos de estudo na França, sua amizade com as duas irmãs fica tensa quando o ciúme aumenta. Uma situação não ajudada pelos dois misteriosos franceses que o acompanharam para casa.

E a rivalidade entre irmãs...

Paixão, arte e segredos provam ser uma combinação inflamável, e alguém sem dúvida pegará fogo.

[Ousando Seduzir](#)

E apresentando a mais nova série de Emma V Leech, Filhos Ousados, seguindo as vidas e amores dos filhos das Damas Ousadas.

Aproveite mais uma incursão no mundo das Damas Ousadas e de sua prole.

Suas mães ousaram tudo por amor.

Suas filhas fizeram o mesmo.

Algo ousado se aproxima...

Acertando as Contas com o Diabo

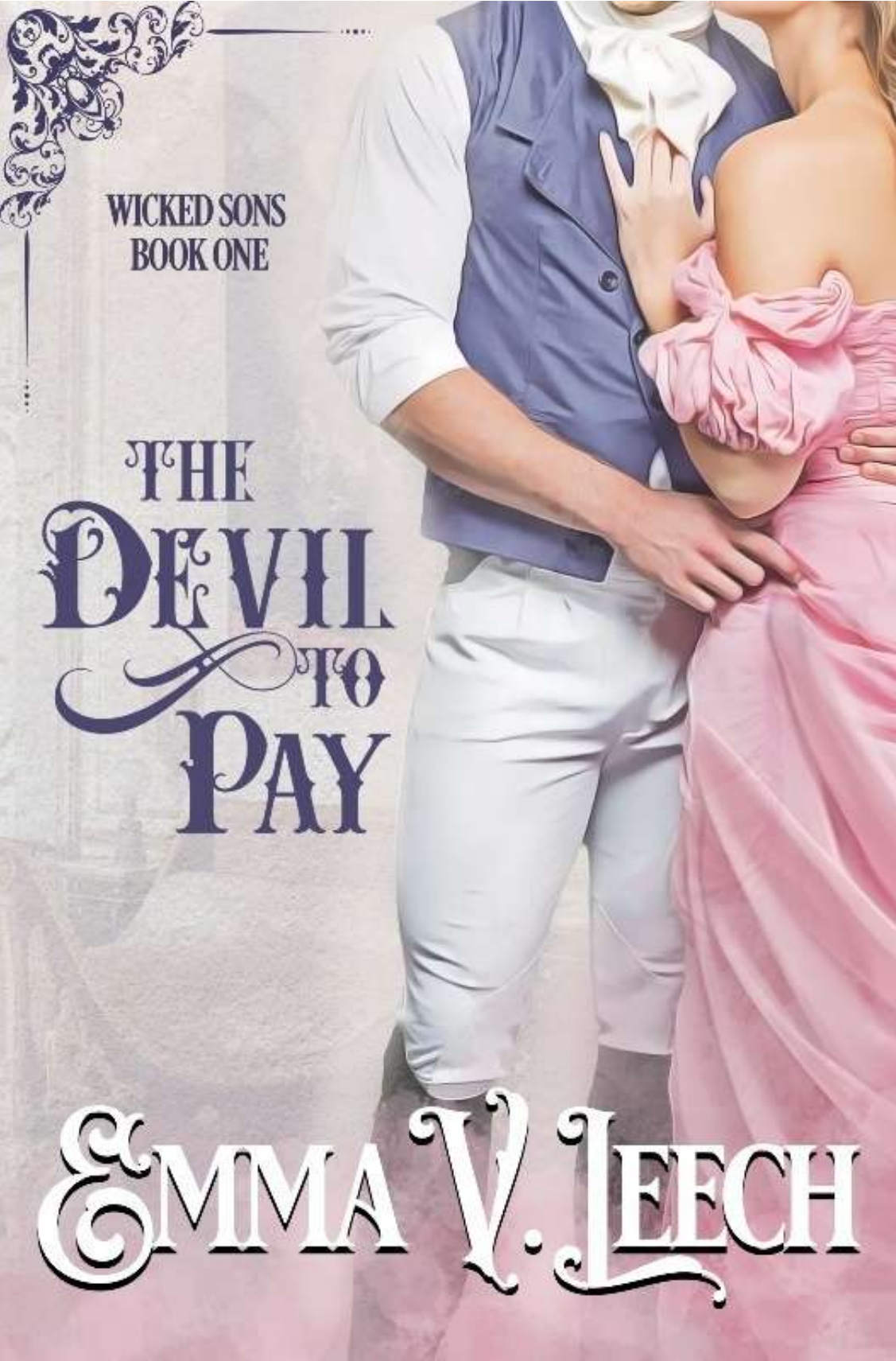
Filhos Ousados – Livro 1



WICKED SONS
BOOK ONE

THE
DEVIL
TO
PAY

EMMA V. LEECH

The background of the book cover features a man and a woman in 18th-century style clothing. The man is wearing a white shirt, a blue vest, and white breeches. The woman is wearing a pink dress with a large, ruffled shoulder. They are standing close together, with the man's hands on the woman's waist. The background is a soft, out-of-focus image of a building.

Um Filho Ousado...

Alto, moreno e bonito, ridiculamente rico e herdeiro de um título. Com tantas bênçãos em sua vida, para este Filho Ousado, não há muito sentido em ser mais do que um enfeite. Ou, pelo menos... é isso que todos acreditam, mas esse homem tem um segredo. Sendo um homem de sua posição, se alguém descobrisse que ele é o misterioso autor de *Os Fantasmás do Castelo Madruzzo*, seria motivo de chacota.

Seu primeiro romance foi um tremendo sucesso, e embora as vendas tenham sido excelentes, ele está ciente de que nunca mais atingiu completamente a dinâmica daquele primeiro livro. Seus leitores parecem não se importar e clamam por mais, mas uma certa crítica continua a atormentá-lo com críticas ruins. De alguma forma, ela adivinhou que ele é um nobre e se deleita em encontrar falhas em seus personagens menos afortunados.

Passar um tempinho disfarçado deve resolver o problema, para provar a si mesmo e à dama que ele é nada menos que dedicado à sua arte.

Uma dama a ser levada em consideração...

Como a mais velha – e única sensata – em uma família abarrotada, Selina Davenport está lutando para manter a sanidade. A última coisa que ela precisa é da presença em sua vida de um nobre privilegiado fingindo ser algo que não é. Até parece que ela não tinha percebido à primeira vista que ele não era o simples jardineiro que tinha fingido ser. Que palerma.

Isso não significa que ela não esteja preparada para se divertir um pouco à custa dele.

Um jogo que sai do controle...

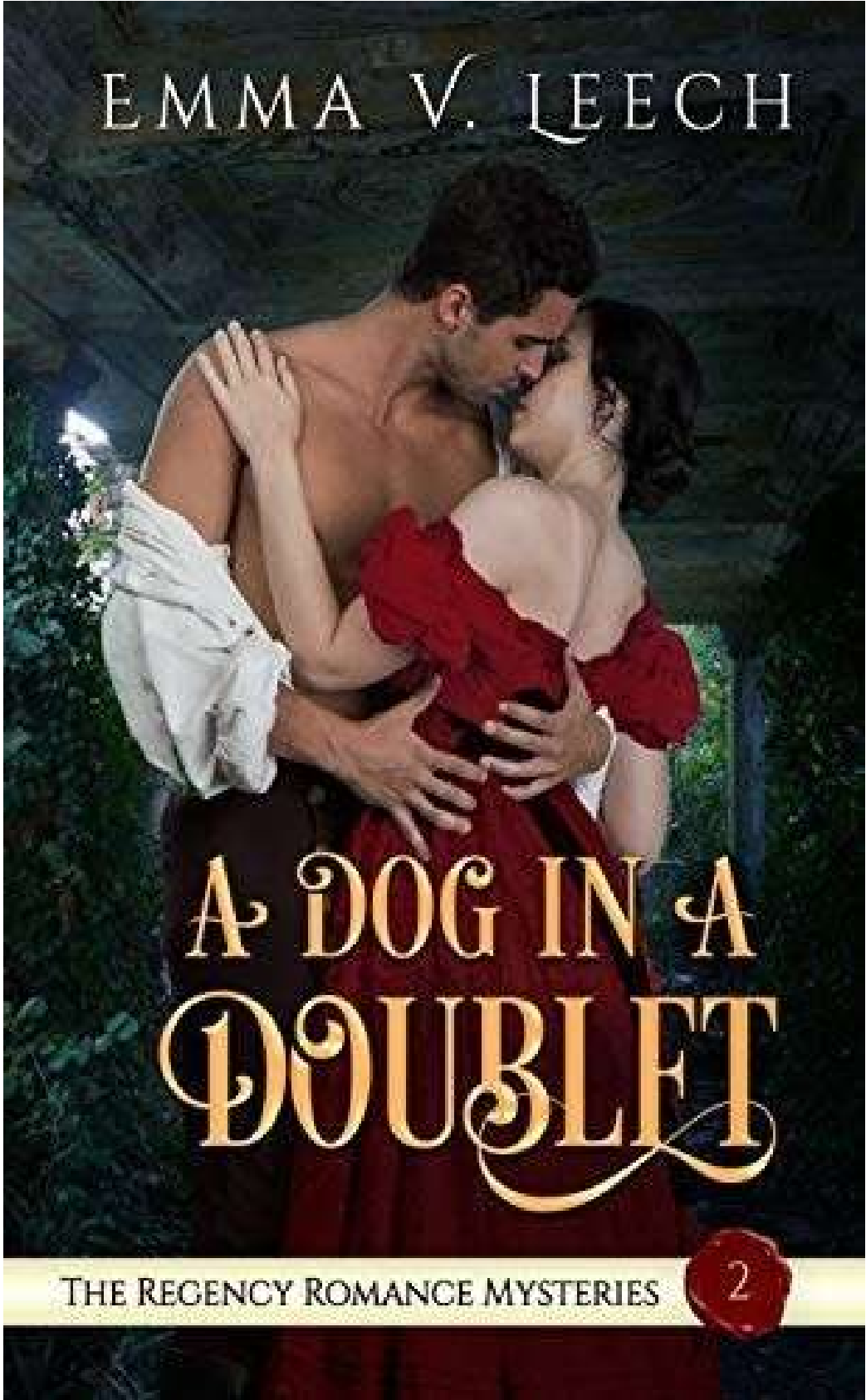
Mas quando um objeto imóvel encontra um desafio irresistível, as faíscas estão destinadas a voar, mas será que elas irão incendiar tudo ao seu redor?

[Acertando as Contas com o Diabo](#)

Gosta de Romances Regenciais com reviravoltas?

O Lorde Indomável

Romances Regenciais de Mistério – Livro 2

The background of the book cover is a romantic illustration of a man and a woman in Regency-era clothing. The man is shirtless, and the woman is wearing a red off-the-shoulder dress with white lace sleeves. They are embracing and about to kiss in a garden setting at night, with a small light source visible in the background.

EMMA V. LEECH

A DOG IN A
DOUBLET

THE REGENCY ROMANCE MYSTERIES

2

Um homem com um passado

Harry Browning era uma criança de rua órfã, e na manhã em que se deparou com o idoso Alexander Preston, o Visconde Stamford, agarrado a uma parede rochosa íngreme, ele não acreditou no destino. Mas os destinos têm planos para Harry, quer ele acredite ou não, e ele não está inteiramente certo se os aprecia.

Como recompensa por sua bravura, e em um momento incomum de caridade, o avaro Lorde Stamford o acolhe. Ele é ensinado a ler, a administrar a vasta e deteriorada propriedade, e a se comportar como um cavalheiro, mas Harry sabe que isso é algo que ele nunca será verdadeiramente.

Fugindo de um passado sombrio, seu futuro está se tornando cada vez mais complexo quando ele se vê preso em uma teia de ciúme e vingança.

Uma jovem intrépida

A tentação, na forma da encantadora Senhorita Clarinda Bow, é uma ameaça constante à sua paz de espírito, tentando-o a ser algo que ele não é. Mas quando o velho morre, seu testamento tem uma exigência surpreendente, e os destinos podem dar a Harry a chance de ter tudo o que sempre desejou, incluindo Clara, se ele ousar.

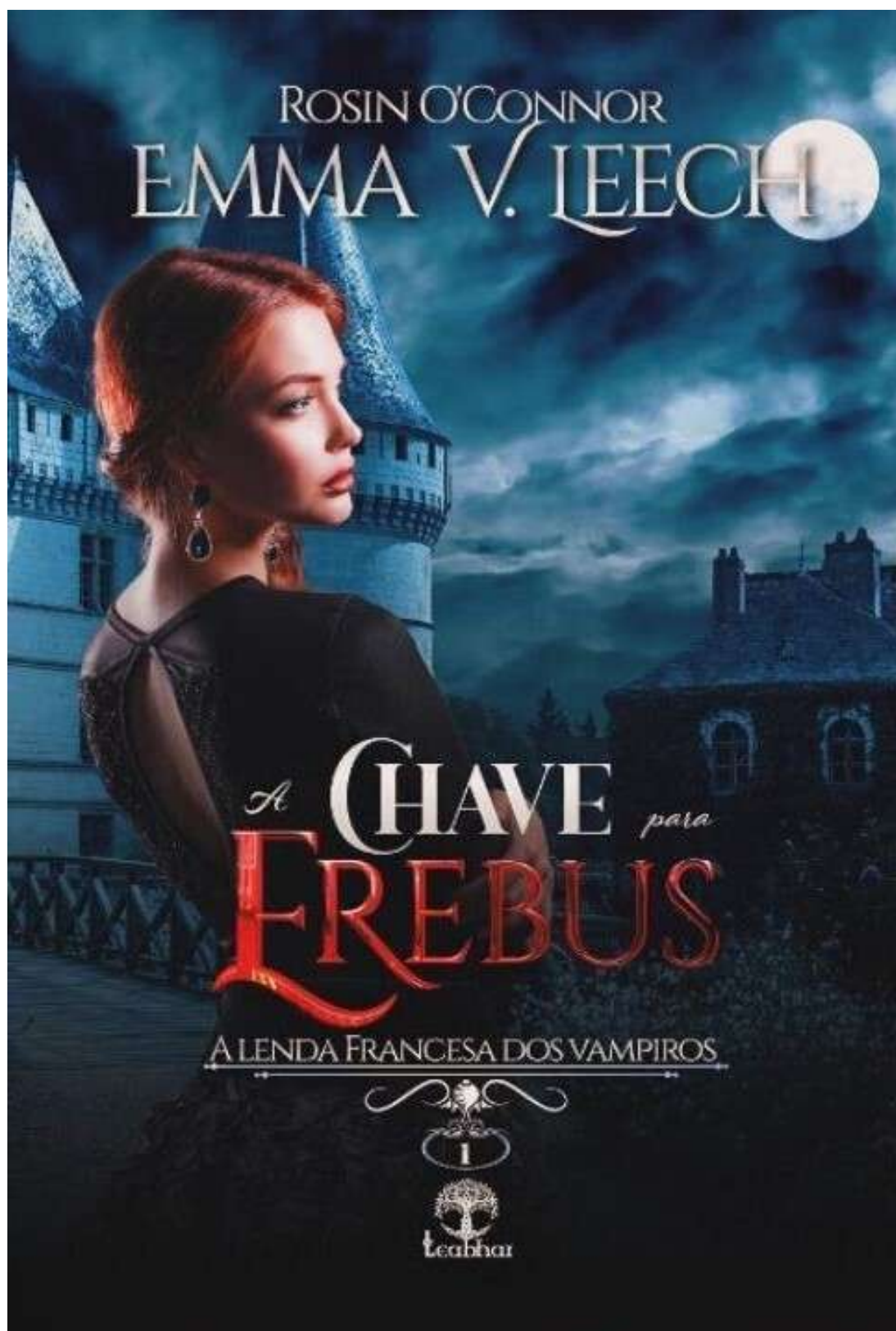
E à medida que aqueles próximos à família Preston começam a morrer, Harry pode não ter escolha.

[O Lorde Indomável](#)

Perca-se no mundo paranormal de Emma com a série A Lenda Francesa do Vampiro...

A Chave para Erebus

A Lenda Francesa do Vampiro – Livro 1



A verdade pode matar você.

Quando criança, é levada para longe para uma vida em que os vampiros, faes e outras criaturas míticas são reais e traíçoeiras. Ao regressar à França rural, Jéhenne Corbeaux, a bela jovem bruxa, está totalmente despreparada para viver com a sua excêntrica avó.

Lançada de cabeça em um mundo sobre o qual ela nada sabe, procura descobrir a verdade sobre si mesma. Nessa jornada, descobre segredos mais chocantes do que qualquer coisa que jamais poderia ter imaginado e conclui que não é, de forma alguma, impotente para proteger aqueles que ama.

No entanto, apesar das terríveis advertências de sua avó, é inexoravelmente atraída pela figura sombria e aterrorizante de Corvus, um antigo vampiro e mestre da vasta família Albinus.

Jéhenne está prestes a encontrar as respostas que buscava e a descobrir que Corvus não somente é muito mais perigoso do que ela jamais poderia imaginar, mas também que ele detém muito mais do que a chave do seu coração...

Disponível na Amazon [A Chave para Erebus](#)

Confira a emocionante série de fantasia de Emma, aclamada pelo Kirkus Reviews como *"uma fantasia encantadora com uma heroína simpática, intriga romântica, e floreios narrativos inteligentes"*.

O Príncipe Sombrio

A Lenda Francesa dos Fae – Livro 1

EMMA V. LEECH



O Príncipe
SOMBRIO

A LENDA FRANCESA DOS FAE
Faint text in a stylized font, likely a subtitle or description of the book's content.



leabhar

EMMA V. LEECH



O Príncipe
SOMBRIO

A LENDA FRANCESA DOS FAE
ᚱ-ᚲᚲᚰᚰᚰ ᚱᚲᚲᚲᚲᚲᚲᚲᚲᚲ ᚲᚲᚲᚲ ᚱᚲᚲᚲ

1



Leabhar

EMMA V. LEECH



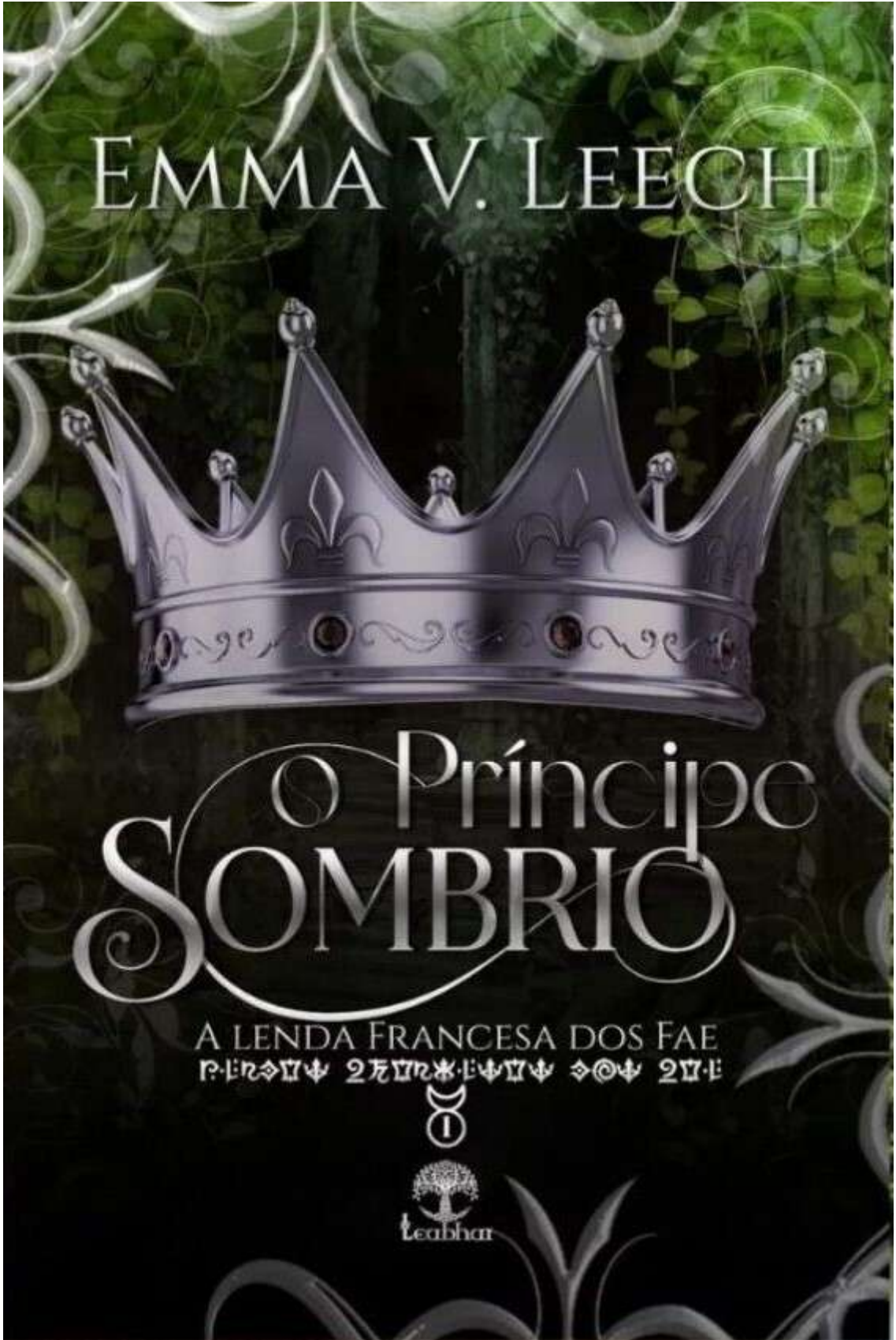
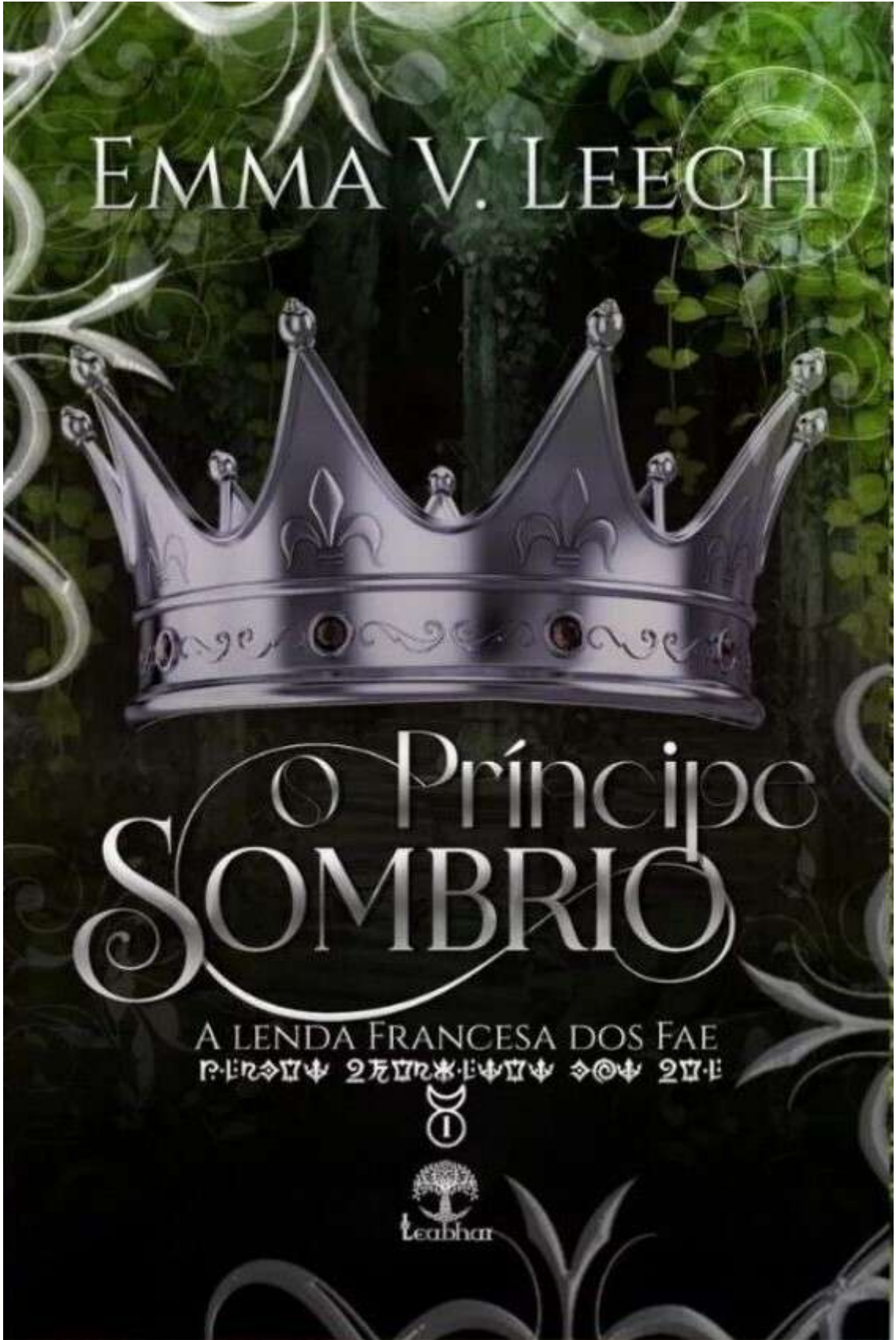
O Príncipe
SOMBRIO

A LENDA FRANCESA DOS FAE
ᚱᚲᚢᚰᚱᚢᚱ ᚹᚢᚰᚢᚱᚢᚱᚢᚱᚢᚱ ᚢᚢᚢᚢ ᚹᚢᚱᚢ

1



Leabhar



*Dois Príncipes Fae
Uma Mulher Humana
E um mundo pronto para separá-los.*

Laen Braed é o Príncipe dos Dark Fae, com um temperamento e uma reputação que combinam com seus olhos negros e um coração que despreza a raça humana. Quando é enviado de volta, através dos portões sagrados entre os reinos, para recuperar um antigo artefato Fae, ele volta para casa com muito mais do que esperava.

Corin Albrecht, o mais poderoso príncipe Fae já nascido. Dizem que seus olhos dourados são uma dádiva dos deuses, e o destino o chama. Com um amor profundo pelo mundo humano, seu relacionamento com Laen está sendo destruído pelos preconceitos de seu amigo.

Océane DeBeauvoir é uma artista e encadernadora que sempre confiou em sua imaginação fértil para superar uma vida infeliz e sem aventuras. Um punhal com joias exposto em um museu próximo chega às manchetes com especulações sobre uma outra raça, os Fae. Mas a descoberta também inspira Océane a criar uma extraordinária obra de arte que não pode ser confinada às páginas de um livro.

Com dois homens poderosos disputando sua atenção e a amizade deles chegando ao limite, Océane precisa decidir em quem confiar... e qual deles é realmente o Príncipe Sombrio.

O homem dos seus sonhos está chegando... ou são os seus pesadelos que ele visita? Descubra no primeiro livro da Lenda Francesa dos Fae.

Disponível na Amazon [O Príncipe Sombrio](#)

Quer mais Emma?

Se você gostou deste livro, por favor, apoie essa autora independente e reserve um momento para deixar algumas palavras em uma avaliação. *Obrigada!*

Para manter-se informado sobre ofertas especiais e ofertas gratuitas (o que faço regularmente), siga-me em:

<https://www.bookbub.com/authors/emma-v-leech>

Para saber mais e receber notícias prévias do primeiro capítulo dos meus próximos trabalhos, entre no meu site e inscreva-se na newsletter:

<http://www.emmavleech.com/>

Ou siga-me aqui:

<http://viewauthor.at/EmmaVLeechAmazon>

[1] O nome "Darling Bertie" é um trocadilho com o sobrenome do personagem "Darling" e o adjetivo "darling", que em português pode ser traduzido como "estimado, querido, etc". [2] "Enforcado por um cordeiro ou uma ovelha", provérbio da Coleção de John Ray, de 1678, que significa "ser punido por algo grande ou pequeno." [3] Behemoth (Beemote) = criatura gigante ou monstruosa, citada na Bíblia. Estudiosos especulam que a criatura foi inspirada no hipopótamo, contudo, a natureza exata da criatura é vaga.

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

[O Duque Coríntio](#)

[Capítulo 1](#)

[Sobre Mim!](#)

[Outras obras de Emma V. Leech](#)

[Audiobooks \(títulos disponíveis apenas em inglês\)](#)

[Agradecimentos](#)

[Desafiando um Duque](#)

[Ousando Ser Indecente](#)

[Acertando as Contas com o Diabo](#)

[O Lorde Indomável](#)

[A Chave para Erebus](#)

[O Príncipe Sombrio](#)

[Quer mais Emma?](#)

